

Andrea Medrado

Carla Baiense

Patrícia Saldanha

(Comissão Organizadora)

Anais do VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano

**Midiatização e Sociedade Conectada:
Espaços e Memórias do Cotidiano**

1ª Edição
Niterói/RJ
2018

Anais do VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano

Anais do VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano
14, 15 ,16 de maio de 2018

ORGANIZAÇÃO GERAL

Denise Tavares

Marcella Tovar

Raquel Terto

COLABORAÇÃO

Fred Carvalho

Letycia Nascimento

VII Seminário Mídia e Cotidiano (7.,2018: Niterói, RJ)

Anais do VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano –
Midiatização e Sociedade Conectada: Espaços e Memórias do Cotidiano. Dias 14, 15 e 16
de maio de 2018, Niterói, RJ, Brasil. Organizadores: Denise Tavares, Marcella Tovar e
Raquel Terto.

ISBN: 978-85-94029-15-7

Evento realizado pela Pós-Graduação Mídia e Cotidiano (PPGMC – UFF) da
Universidade Federal Fluminense – UFF, com apoio da CAPES e FAPERJ.

1. Mídia e Cotidiano; 2. Comunicação; 3.Midiatização; 4. Sociedade; 5.Memória e Espaço

Niterói/ RJ
2018

VII Seminário Internacional de Pesquisa em Mídia e Cotidiano **Midiatização e Sociedade Conectada:** *Espaços e Memórias do Cotidiano*

O VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano, com o tema “Midiatização e sociedade conectada: espaços e memórias do cotidiano” tem como objetivo compartilhar as pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano e promover o intercâmbio científico com outros pesquisadores nacionais e internacionais.

Período

14 a 16 de maio de 2018

Local

Instituto de Artes e Comunicação Social – Rua Prof. Lara Vilela 126,
São Domingos – Niterói – RJ
Telefones: (21) 2629-2598/2629-2640

Organização

- Programa de Pós-Graduação em mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC UFF)
- Arts and Humanities Research Council (Reino Unido) – Rede eVozes (eVoices Network)

Apoios



Tema Geral

Midiatização e Sociedade Conectada: Espaços e Memórias do Cotidiano.

Área de Concentração do PPGMC

Compreende dialeticamente as relações entre mídia e vida cotidiana, analisando as contradições e potencialidades dos discursos midiáticos, sua influência ideológica, seus referenciais culturais e sua incorporação/transformação pelas práticas sociais. Abrange estudos articulados de suportes, produtos e processos na área de Comunicação e suas vertentes, que instrumentalizam práticas sociodiscursivas.

Resumo

O VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano – Mídia e Democracia: linguagens, políticas e tecnologias em contexto de convergência tem como finalidade aprofundar e divulgar as investigações desenvolvidas no âmbito do Laboratório de Pesquisas Aplicadas em Mídia e Cotidiano (LaPA) do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (nível Mestrado, aprovado pela Capes em março de 2011). Visa também fomentar o intercâmbio de experiências e conhecimentos com pesquisadores e estudantes brasileiros e estrangeiros que desenvolvem projetos de pesquisa. Para tanto, o Seminário estrutura-se em Grupos de Trabalho com apresentações individuais e coordenadas, palestras e debates de pesquisadores renomados das áreas afins. O evento estimula a participação de alunos de graduação e pós-graduação, com a perspectiva de sedimentar tanto o interesse pela pesquisa quanto atividades acadêmicas, especialmente no recorte sintetizado pelo título deste VI Seminário.

Palavras-chaves

Mídia e Cotidiano; Comunicação; Midiatização; Sociedade; Memória e Espaço

SUMÁRIO GERAL

| | |
|--|-----|
| Visão geral dos Grupos de Trabalho | 6 |
| Programação | 8 |
| Resumos Grupo de Trabalho 1 | 16 |
| Resumos Grupo de Trabalho 2 | 23 |
| Resumos Grupo de Trabalho 3 – Sessão 1 | 28 |
| Resumos Grupo de Trabalho 3 – Sessão 2 | 34 |
| Resumos Grupo de Trabalho 3 – Sessão 3 | 40 |
| Textos completos GT1 | 46 |
| Textos completos GT2 | 210 |
| Textos completos GT3 | 394 |

Grupos de Trabalho (visão geral)

GT1 – Mídia e discursos narrativos: informar, educar, entreter

Ementa:

Qual o papel dos discursos midiáticos na construção de narrativas no âmbito da educação? Qual a relação entre informação e formação, quando buscamos nas mídias recursos e linguagens com objetivos educacionais? O lúdico é um elemento motivacional ou intrínseco às narrativas midiáticas? Educação e ludicidade se articulam na formação dos sujeitos? Estas e outras questões que considerem o papel informacional das mídias, sua vertente educativa e a ludificação dos meios, no âmbito dos discursos narrativos, são possibilidades de contribuições a este GT.

Coordenadores: Alexandre Farbiarz e Walcea Barreto Alves

Apoio: Leandro Marlon Barbosa Assis

GT2 - Mídia e política: vozes, resistências, projetos

Ementa:

Compreende a apresentação de pesquisas que abordam a crescente mediação e midiaticização das narrativas e disputas simbólicas e políticas, com ênfase na presença cotidiana das redes sociotécnicas. Parte de atuações e articulações contra-hegemônicas ou não-hegemônicas, buscando identificar sujeitos sociais organizados em grupos, organizações e movimentos, além de ações coletivas diversas pela perspectiva da competência crítica em seus modos de fazer e lidar com processos midiáticos hegemônicos e com a apropriação das TICs, através da realização de iniciativas de comunicação popular e comunitária.

Coordenadores: Adilson Cabral, Pablo Nabarrete Bastos e Marco Schneider

Apoio: Gabriel Faza e Felipe Santos

GT3 - Mídia e práticas sociais: representações, memórias, personagens

Ementa:

Estudos relativos à análise de práticas sociais, à produção de sentidos e à construção de identidade e memória social, a partir da relação entre agentes sociais e as mídias, em diferentes suportes. Também aborda os processos de produção/resgate/preservação de

memórias e seus efeitos sobre o presente. As investigações podem abordar linguagens, representações, práticas discursivas, produtos e processos culturais em circulação, novas abordagens e metodologias, bem como fenômenos ligados ao consumo cotidiano das mídias e às narrativas transmidiáticas e suas comunidades discursivas.

Coordenadoras: Carla Baiense, Larissa Moraes, Denise Tavares e Patrícia Maurício Carvalho

Vice-Coordenadoras: Flávia Clemente e Ana Paula Bragaglia

Apoio: Maria Cristina Amaral, Patrícia Fernandes, Any Cometti

Programação

Dia 14/05

MANHÃ

A partir das 09h00 -Credenciamento e Pré-eventos Rede eVozes (no Museu da Maré)

10h00 às 12h00 – Atividade Cultural Rede eVozes (Visita ao Museu da Maré)

12h00 às 14h00 – Almoço

TARDE

14h00 às 16h00 – Pré-evento Rede eVozes (no Museu da Maré)

“Ativismo em redes globais: Quem somos, o que fazemos e como juntar-se a nós”

Darren Lilleker, Isabella Rega, Eve Wagem, Miguel Raimilla, Andrea Medrado, Renata Souza (Rede eVozes)

A Rede eVozes (eVoices Redressing Marginality) reúne uma rede global de pesquisadores e comunicadores com o objetivo de explorar as maneiras em que as mídias digitais vêm sendo utilizadas por grupos marginalizados para fazer ecoar suas vozes além das fronteiras de suas comunidades, contribuindo para promover a inclusão social. A rede visa compartilhar conhecimentos acerca de estratégias bem sucedidas para combater a marginalização. Para isso, busca compreender usos emblemáticos das mídias digitais para superar desigualdades e mover processos de transformação cultural em três países principais: o Brasil, a Síria e o Quênia.

Adilson Cabral, Carla Baiense, Denise Tavares, Pablo Nabarrete Bastos, Simone do Vale (Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano /PPGMC UFF)

O PPGMC abarca estudos voltados para as relações entre mídia e vida cotidiana, analisando as contradições e potencialidades dos discursos midiáticos, sua influência ideológica, seus referenciais culturais e sua incorporação/transformação pelas práticas sociais. Seu corpo docente conta hoje com 15 professores permanentes, 2 colaboradores e 2 pós-doutorandas. O programa também conta com corpo discente composto por alunos de várias partes do país, provenientes das áreas de comunicação, mas também de Educação e Ciências Sociais, entre outras.

Casa Brota, Complexo do Alemão

Casa colaborativa, localizada no Complexo do Alemão, que trabalha com entretenimento, hospedagem sustentável, comunicação, inovação e empreendedorismo.

DefeZap

Projeto para a região metropolitana do Rio de Janeiro com o objetivo de reagir à violência de Estado. Ao enviar uma mensagem via Whatsapp, os cidadãos podem obter orientações sobre o que fazer diante de um caso de violação de direitos.

Coletivo Maré Vive

Coletivo que utiliza as redes sociais para realizar um trabalho de comunicação comunitária, abordando questões cotidianas e se engajando na luta pelos direitos humanos, pela valorização da cultura e da memória da Maré e contra a violência de Estado.

REMUS RJ, Inês Gouveia (Rede de Museologia Social)

A rede tem intenção de criar condições para a cooperação, a troca de saberes e a ação compartilhada, afirmando o desejo de (re) construção crítica da história, da memória, e a valorização de expressões culturais de povos, comunidades, grupos e movimentos sociais do Rio de Janeiro.

Cláudia Rose Ribeiro (Museu da Maré)

Coordenadora do Museu da Maré, primeiro museu em favela do país, e gestora da Casa de Cultura da Maré, ambos do Rio de Janeiro. Formada em História, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tem especialização em Bens Culturais e Projetos Sociais pela Fundação Getúlio Vargas. Fundadora do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), no qual atua como diretora, concentrando sua área de interesse na interface memória, identidade e favela. É professora de História na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro.

Mediadora: Cláudia Rose, Museu da Maré.

16h30 – Retorno para a UFF

17h20 às 18h30 – Abertura dos Trabalhos

Diretor do Instituto de Artes e Comunicação Social; Coordenadora da Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano; Chefe do Departamento de Comunicação Social.

18h30 às 20h30 – Mesa de Abertura do VII Seminário Sociedade Conectada: Lutas e resistências cotidianas

Cicília Peruzzo, Pesquisadora da comunicação popular e comunitária

Possui graduação em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação Social Anhembí, mestrado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e pós-

doutorado pela Universidad Nacional Autónoma de México. Pesquisadora da área da comunicação, nas linhas popular, comunitária, alternativa e mídia local, além de Relações Públicas, na perspectiva crítica e dos movimentos sociais. Foi coordenadora do Grupo de Trabalho Comunicação e Culturas Populares da Intercom, do Grupo de Trabalho Comunicación Popular, Comunitária y Ciudadanía da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC) e do GTComunicação e Cidadania da Associação Brasileira de Programas de Pós-Graduação em Comunicação(Compós). Coordena o Núcleo de Estudos da Comunicação Comunitária e Local (COMUNI) e o Grupo de Pesquisa Comunicação, Responsabilidade Social e Cidadania (Abracorp). Pesquisadora PQ 1C. Membro do Comitê de Assessoramento de Artes, Ciências da Informação e Comunicação (AC) do CNPq (2016-2018).

Claudia Magallanes-Blanco (Universidad Iberoamericana Puebla, Mexico)

Claudia Magallanes-Blanco possui doutorado pela Universidade de Western Sydney, na Austrália. Atualmente, é professora e pesquisadora da Universidad Iberoamericana Puebla, México, vinculada ao Programa de Mestrado em “Comunicación y Cambio Social” (Comunicação e Transformação Social), programa de Pós-Graduação que é reconhecido com o padrão de qualidade do Conselho Mexicano de Ciência e Tecnologia, CONACYT, do qual é fundadora. É membro do Sistema Nacional de Investigadores do México desde 2006. Suas áreas de investigação são meios de comunicação indígenas, comunicação para transformação social, comunicação comunitária, movimentos sociais e lutas e resistências contra os projetos extrativistas. Atualmente é co-presidente da Seção de Comunicação Comunitária e Mídia Alternativa da Associação Internacional para a Pesquisa em Mídia e Comunicação (IAMCR). É cofundadora da Rede Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento e Transformação Social – REDECAMBIO. Tem atuado como autora, editora e coeditora em diversos números em revistas internacionais sobre comunicação para a transformação social, movimentos sociais e meios digitais e conhecimentos indígenas. É co-editora do livro “Miradas Propias. Pueblos indígenas, comunicación y medios en la sociedad global”.

Mediadora: Denise Tavares, Programa de Pósgraduação em Mídia e Cotidiano, Universidade Federal Fluminense

Dia 15/05

MANHÃ

A partir das 8h00 – Credenciamento

09h00 às 13h00 – Atividades dos Grupos de Trabalho e oficinas (ver informações sobre oficinas no final do programa)

13h00 às 14h00 - Intervalo para almoço

14h00 às 16h00 - Mesa com convidados

“Midiatização do Cotidiano: visões, questões”

Muniz Sodré (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista de produtividade em pesquisa 1A e pesquisador da University of Tampere, Finlândia. Possui graduação em Direito pela Universidade Federal da Bahia, mestrado em Sociologia da Informação e Comunicação - Université de Paris IV (Paris-Sorbonne) e doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi Presidente da Fundação Biblioteca Nacional de 2005 a 2011, órgão vinculado ao Ministério da Cultura. Possui cerca de 30 livros publicados nas áreas de Comunicação e Cultura, entre eles, “Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede (2002)” e “Cidade dos artistas: cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro” (2004).

Laan Mendes de Barros (Universidade Estadual Paulista)

Jornalista e Editor, possui graduação em Educação Artística e Artes Plásticas pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (1978), mestrado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (1988), doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1994) e pós-doutorado na Université Stendhal – Grenoble 3, na França (2008). Atualmente é professor assistente doutor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – FAAC – UNESP. Na educação superior, atua no ensino e na pesquisa em Comunicação Social, com ênfase em Teoria da Comunicação e Metodologia da Pesquisa, trabalhando principalmente com os seguintes temas: epistemologia e teoria da comunicação, comunicação e cultura, comunicação e experiência estética e música e mídia.

Mediadora: Patrícia Saldanha, Programa de PósGraduação em Mídia e Cotidiano, Universidade Federal Fluminense

16h00 às 16h30 – Coffee break

16h30 às 18h30 - Mesa com Convidados

“Mídia e memória: disputas, construções”

Christina Musse (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Possui mestrado e doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professora do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), onde exerce o cargo de Chefe do Departamento de Práticas Profissionais e Conteúdos Estratégicos. É membro permanente do Programa da Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, onde é vice-coordenadora do PPGCOM-UFJF. Professora visitante da Universidade de Paris VIII, Saint-Denis, na França, onde ministrou aulas, participou de seminários e atuou junto aos professores Anne-Marie Autissier e Alain Sinou, do Instituto de Estudos Europeus. É autora dos livros: “Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora” (2007), “Memórias possíveis: personagens da televisão em Juiz de Fora” (2011). É líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cidade, Memória do PPGCOM/UFJF. Tem experiência na área de comunicação com ênfase em videodifusão, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação, cultura, memória, cidade, identidade e televisão. Também já atuou como apresentadora do programa semanal Panorama Entrevista, veiculado pela TV Panorama, hoje, TV Integração, emissora afiliada à Rede Globo. Na emissora, foi responsável pelo projeto de curso de treinamento básico em Telejornalismo, que capacitou dezenas de estudantes da UFJF nas áreas de produção, reportagem, edição e apresentação de TV.

Marcelo Ridenti (Universidade Estadual de Campinas)

Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Professor Titular do Departamento de Sociologia do IFCH/UNICAMP e Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1B. Possui Pós-doutorado na EHESS, Paris, e foi Professor Visitante da Universidade Columbia, em Nova Iorque. Foi docente na UNESP/Araraquara e da UEL. Tem experiência na área de Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura, arte, política e ditadura militar no Brasil. Autor de vários livros, capítulos de livros e artigos no Brasil e no exterior, entre eles, “Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política” (2010), “Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à Era da TV” (2014). Foi Secretário Executivo da ANPOCS (2004-2008). Integrou órgãos de avaliação no CNPq (2010-2013) e na FAPESP (2006-2012).

Mediador: João Batista de Abreu, Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano, Universidade Federal Fluminense.

Dia 16/05

A partir das 8h00 - Credenciamento

09h00 às 13h00 – Atividades dos Grupos de Trabalho e oficinas (ver informações sobre oficinas no final do programa)

13h00 às 14h00 - Intervalo para almoço

14h00 às 16h00 - Mesa com convidados

“Sociedade Conectada e Direitos Humanos: táticas e estratégias no cenário atual”

Orlando Berti (Universidade Estadual do Piauí)

Professor e Coordenador do curso de Comunicação Social e Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Pós-doutor em Comunicação, Cidadania e região pela UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. Doutor em Comunicação Social pela UMESP, estudando comunicação comunitária e tecnologias. Atualmente, é vice-presidente da Rede Brasileira de Mídia Cidadã. Pesquisa fenômenos comunicacionais ligados ao sertão nordestino (semiárido), em especial, o piauiense, com interfaces entre desenvolvimento, cidadania, redes digitais e direitos humanos. É militante social em movimentos em redes voltados para educação e cidadania no Nordeste do Brasil.

Ricardo Pimenta (IBICT)

Doutor em Memória Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de Produtividade e Pesquisador Associado do Instituto Brasileiro de Informação e Ciência da Tecnologia (IBICT). Professor permanente do Programa de Pósgraduação em Ciência da Informação (PPGCI/IBICT – UFRJ) e Professor Colaborador do Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde (COC/FIOCRUZ). Tem interesse no campo de análise sobre informação, memória e seus lugares/dispositivos; aspectos políticos e econômicos do controle da informação; seus mecanismos de vigilância; e ciberespaço em perspectiva sociológica e histórica. Possui interesse nas reflexões concernentes ao papel do documento e da tecnologia para os estudos sobre a memória e as humanidades digitais.

Mediadora: Carla Baiense, Programa de PósGraduação em Mídia e Cotidiano, Universidade Federal Fluminense

16h00 às 16h30 – Coffee break

16h30 às 18h30 – Encerramento Rede eVozes - Por uma Comunicação Sem Fronteiras

Darren Lilleker (Bournemouth University)

Professor Associado da Escola de Mídia da Bournemouth University. Diretor do Centro de Pesquisas para a Comunicação Pública (Centre for Public Communication Research). Darren é especialista em engajamento público na política, estudando, em especial, como o engajamento público pode ser potencializado e facilitado através de inovações tecnológicas. Ele é autor de diversos artigos científicos e livros, entre eles, “Key Concepts in Political Communication” (2006), “Political Communication and Cognition” (2014) e “Political Campaigning, Elections and the Internet” (2011). Também co-editou os livros “The Marketing of Political Parties” (2006), “Voters or Consumers” (2008) e “Political Marketing in Comparative Perspective” (2005).

Isabella Rega (Bournemouth University)

Doutora em Ciências da Comunicação e Mestre em Comunicação Intercultural pela Università Della Svizzera Italiana (USI). Sua tese de doutorado analisou o papel dos telecentros para o desenvolvimento sócio-econômico. Atualmente, é professora de Tecnologias Digitais e Educação no Centro de Excelência em Práticas Midiáticas da Bournemouth University e integrante do Centro de Mídia Cívica (Civic Media Hub) na mesma instituição. Sua pesquisa e atuação profissional são voltadas para as Tecnologias da Informação e da Comunicação para o Desenvolvimento (ICT4D), analisando questões de aprendizagem e acesso na África do Sul, Brasil e Moçambique. Ela é cofundadora da Associazione Seed, uma organização sem fins lucrativos que promove a utilização de tecnologias educacionais. Isabella também é coinvestigadora da Rede eVozes.

Miguel Raimilla (TCF Sparklab)

Empreendedor Social e Diretor Executivo da Sparklab, Telecentre Foundation (TCF), sediada em São Francisco, Estados Unidos. Criador e curador de conteúdo e metodologias de treinamento. Líder na aplicação do conceito de Tecnologias da Informação e da Comunicação para o Desenvolvimento (ICT4D) voltadas para comunidades rurais e marginalizadas em diversos países.

Everlyne Wagemma (PAWA 254)

Gerente de Projetos com vasta experiência em administração para o desenvolvimento social em diversos campos de atuação. No momento, seu maior foco é o “ativismo”, atuando na organização PAWA254. Seu trabalho envolve o desenvolvimento de talentos criativos e a utilização de diversas formas artísticas para abordar questões de governança, constitucionalismo e prestação de serviços no Quênia. Seus interesses de pesquisa estão voltados para a economia criativa na África Oriental.

Mediadora: Andrea Medrado, Programa de PósGraduação em Mídia e Cotidiano, Universidade Federal Fluminense e Co-Investigadora da Rede eVozes.

18h30 às 21h30 – Coquetel de Encerramento

Temas, datas e horários das Oficinas

“Smartphone Video: autonomia na produção publicitária social” (conduzido pelo Professor Guilherme Lima, LACCOPS/UFF)

Data e horário: 15 de maio de 9h às 11h

“‘Ativismo’: O papel da arte e da criatividade para combater a marginalização social” (conduzido por Everlyne Wagem, PAWA 254, Quênia)

Data e horário: 15 de maio de 11h às 13h

“Oportunidades de financiamento e estratégias de storytelling para grupos comunitários e projetos sociais” (conduzido por Miguel Raimilla, TCF Sparklab, Estados Unidos)

Data e horário: 16 de maio de 9h às 11h

“Vídeo e mídias sociais para a proteção de direitos humanos”(conduzido por membros do Coletivo Maré Vive)

Data e horário: 16 de maio de 11h às 13h

SUMÁRIO

Resumos do Grupo de Trabalho 1

- ADLER ARIEL MORENO MENDES
- BIBIANA MAIA
- ELIJERTON ROGÉRIO CHAVES VERA
- FÁBIO CARVALHO PIMENTA
- FERNANDO ALVES DA SILVA FILHO
- JÉSSICA BAPTISTA DOS SANTOS VENTURA
- LEANDRO MARLON BARBOSA ASSIS, ALEXANDRE FARBIARZ
- LÍVIA MARIA CRUZ
- MÁRCIA MARIA E SILVA
- MARINA SILVA BRAUNA
- MICHELLE OLIVEIRA VALLE
- RAFAEL TORRES SOBREIRA
- RODRIGO MORAES BITTENCOURT SCISINIO ALONSO
- SÉRGIO LUIZ ALVES DA ROCHA
- TALITA SOUZA MAGNOLO
- KAREN DE PAULA SANTOS

GT1 – Mídia e Discursos Narrativos: informar, educar, entreter

Coordenadores: Alexandre Farbiarz e Walcea Barreto Alves

Apoio: Leandro Marlon Barbosa Assis

“Não é apenas um jogo: o game League of Legends como rede social na internet”

ADLER ARIEL MORENO MENDES

Resumo: Os jogos estão inseridos na cultura humana há muito tempo. Como aponta Huizinga (2007), a maioria das culturas apresentam práticas lúdicas dentro dos seus rituais. Assim como os jogos, as redes sociais estão presentes no universo humano desde as mais antigas relações. Hoje, entretanto, vivemos um período em que a cultura digital se apropria das relações que eram tidas dentro do universo físico e as transporta para o meio digital. Pensando na relação entre jogos e redes sociais e utilizando de autores como Raquel Recuero (2014) e Luis Martino (2017), busca-se compreender no presente artigo se o game League of Legends (LoL) pode ser uma forma de rede social na internet.

“Educação e jornalismo ambiental: novas práticas para uma cobertura crítica sobre o desenvolvimento sustentável.”

BIBIANA MAIA

Resumo: Este trabalho pretende apresentar proposta de investigação de caminhos de uma Educação Ambiental voltada para jornalistas a fim de sensibilizar e capacitar os profissionais da imprensa. Desta forma, entendemos que podemos trazer novas perspectivas a fim de saciar os objetivos do Jornalismo Ambiental. A relevância da nossa pesquisa é grande, visto que esta área do jornalismo ainda carece de pesquisas e práticas voltadas para o ensino e para a rotina de trabalho. Um exemplo desta incipiência no campo é que a primeira disciplina de Jornalismo Ambiental do país data de 2004. Nossa proposta é refletir sobre o papel da Educação Ambiental e como ela pode ajudar a construir um Jornalismo Ambiental que possa fazer narrativas na busca da implementação dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, considerando que o jornalista é parte da construção da notícia e da própria realidade.

“Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. O discurso jornalístico situado entre o medo e a utopia.”

ELIJERTON ROGÉRIO CHAVES VERAS

Resumo: O artigo discorre sobre o processo de vinculação do medo e da utopia à administração das relações de classes na atualidade. A metodologia é ensaística e apresenta, inicialmente, um movimento teórico-conceitual para demonstrar as conexões de poder entre os donos de emissoras de TVs, os âncoras de telejornais e os telespectadores. As bases teóricas principais são: Mikhail Bakhtin, Michel Foucault, Thomas Hobbes, Thomas Morus, Jacques Lacan, Charles Taylor, Sigmund Freud e Zygmunt Bauman.

“O papel da TV na educação informal em tempos de interatividade midiática: o percurso lúdico na construção do cotidiano infantil.”

FÁBIO CARVALHO PIMENTA

Resumo: O presente artigo tem por objetivo identificar o papel da TV na educação informal e a influência do discurso midiático no cotidiano infantil. Para atingir tal objetivo, serão apresentados elementos distintivos entre educação formal, não formal e informal, destacando nesta última a utilização da TV como ferramenta de disseminação do conhecimento no universo infantil. Da mesma forma, será considerada a ludicidade inerente aos meios audiovisuais e sua relação com a assimilação de conteúdos. De forma comparativa, serão abordados conteúdos nacionais e estrangeiros, dando destaque ao viés didático-pedagógico dessas produções. Serão apresentados por fim, fundamentos teóricos da educação e da comunicação, que servirão de base para um futuro aprofundamento sobre o assunto.

“Superaventuras como ferramenta de Alfabetização Científica.”

FERNANDO ALVES DA SILVA FILHO

Resumo: As Superaventuras, histórias fictícias protagonizadas por super-heróis/heroínas, por quase 80 anos têm sido uma das grandes paixões de leitores e telespectadores de diferentes idades e diferentes gêneros por todo o mundo. Como desafio, esse trabalho de pesquisa - ainda em andamento - tem como tema as representações sociais de ciência e cientistas existentes nas superaventuras. Com o objetivo de procurar estereótipos científicos nas histórias de super-heróis que possibilitem pensamentos e reflexões sobre a produção de práticas, materiais acadêmicos e educativos de forma atrativa para diferentes públicos e audiências. Analisamos referenciais bibliográficos tanto da área de superaventuras (quadrinhos, séries, filmes, livros e outros), quanto da divulgação e popularização da ciência, traçando paralelos que possam colaborar na compreensão de como a ciência e cientistas são apresentados aos públicos nesse tipo de mídias.

“Como saber se as roupas que você compra provêm de trabalho escravo? Um estudo de caso sobre o aplicativo* Moda livre.”

JÉSSICA BAPTISTA DOS SANTOS VENTURA

Resumo: O modelo de produção adotado pela indústria da moda, Fast fashion, tem motivado um consumo exagerado de mercadorias que provoca malefícios ao meio ambiente. O papel social da mídia é informar sobre as consequências dessas compras irrefletidas que acarretam prejuízo à natureza. No presente trabalho, faremos um estudo de caso sobre o aplicativo* Moda livre. Para o referencial teórico, foram utilizados os autores Baudrillard (1995), Canclini (2004), Levy (1999), Lipovetsky (1989), Kellner (2001) e Fletcher e Grose (2011).

“Technology is, in itself not a revolution”: dinâmicas de poder na sociedade midiaticizada e o papel da Educação”.

LEANDRO MARLON BARBOSA ASSIS, ALEXANDRE FARBIARZ

Resumo: A partir da premissa de que as mídias digitais são um dos pontos de força do sistema capitalista para o aumento da lucratividade e a necessidade de padronizar as práticas e as reflexões sobre elas, o artigo se propõe a problematizar o papel da Educação crítica para as Mídias no contexto em que a sociedade está mais midiaticizada. Deste modo, a pesquisa busca compreender as estruturas de poder vigentes na implantação do uso de mídias digitais na escola a partir da reflexão sobre as práticas cotidianas e das políticas públicas que se vinculam a elas, tendo como considerações parciais a importância de uma reflexão política do processo educacional.

“Educativa sem ser panfletária: A Malhação de Cao Hamburger e sua celebração da diferença”

LÍVIA MARIA CRUZ

Resumo: A proposta deste trabalho é discutir a importância que a temporada “Malhação: viva a diferença” (2017- 2018), escrita por Cao Hamburger, trouxe não só para a história da atração, como para a história da televisão brasileira. Protagonizada pela primeira vez por cinco meninas, ao invés do clássico triângulo amoroso, a temporada discutiu temas relevantes com muita naturalidade e sem cair nas armadilhas que muitas obras ficcionais que utilizam do chamado merchandising social caem. Ou seja, com seu texto sem parecer forçado ou panfletário.

“Novas tecnologias e múltiplas linguagens na formação docente”

MÁRCIA MARIA E SILVA

Resumo: O presente trabalho analisa a disciplina Comunicação e Linguagem I do curso de Pedagogia/UFF, considerando a contribuição das novas tecnologias de informação e comunicação na articulação teoria-prática docente, conteúdo-forma implicada nos procedimentos didáticos para a formação humana. Dialogamos com Volochínov (2013) sobre linguagem e discurso. Candau & Leite (2007), e Geraldi (2010) contribuem no debate sobre a organização e realização da aula. Pretto (2011), Lemos (2004), Castells (2005) Sodré (2012) e Santaella (2012, 2013) contribuem para a reflexão sobre novas tecnologias, educação e sociedade. Esperamos que os processos formativos para a docência estejam abertos a múltiplas interações horizontalizadas, que abram caminhos imprevisíveis, encontrem diferentes soluções e pontos de partida, que se disponibilizem a outras ordenações, criativas, vivas, que permitam outros fluxos, que favoreçam a produção e circulação de diferentes saberes.

“Discurso midiático versus discurso organizacional: sobreposição de narrativas”

MARINA SILVA BRAUNA

Resumo: A partir do pressuposto de que o discurso midiático tende a sobrepor o discurso da organização durante uma crise organizacional, este estudo discute a aparente influência do discurso midiático no processo informacional dos públicos envolvidos na crise. Também se discute aqui a verossimilhança que o discurso midiático aparenta ter em contrapartida ao descrédito atribuído ao discurso organizacional durante a crise. Por ter provocado a crise, a organização perde sua credibilidade e o discurso organizacional sua eficiência informacional. Este estudo, assim, propõe discutir a influência do discurso midiático em detrimento do discurso organizacional em relação a uma crise organizacional. Parte-se do pressuposto de que a imprensa e a organização (ambas interessadas na crise) produzem as suas respectivas narrativas e discursos, a fim de atender às suas próprias demandas: moldar a percepção dos públicos envolvidos na crise a respeito da postura da organização.

“Literacia Midiática: o Facebook como meio de conhecimento”.

MICHELLE OLIVEIRA VALLE

Resumo: A Era Digital trouxe mudanças à vida da sociedade, quebrou paradigmas comunicacionais e hábitos de consumo. Como parte dessa transformação, as redes sociais ganharam o mundo. Em ritmo crescente, pessoas e organizações valem-se de recursos disponíveis no - ou acessáveis a partir do - ambiente digital para resolver questões de seu interesse. Isto exige a mobilização de competências

para procurar e trocar informações, e também para interagir com outras pessoas nesses ambientes. Assim, neste artigo, a partir de revisão de literatura, propõe uma reflexão sobre a plataforma Facebook- acerca de literacia midiática, à luz de espaço público.

“Intimidade compartilhada: discursos, práticas e resistências cotidianas ao assédio da indústria de alta tecnologia e das mídias digitais”.

RAFAEL TORRES SOBREIRA

Resumo: O artigo aborda a questão da privacidade do consumidor das mídias locativas sob a ótica do usuário, hipossuficiente diante do mercado: de que forma o bombardeio de estímulos proporcionados pela indústria modifica ou não a forma como o consumidor lida com a própria intimidade e sua abertura ao mercado e à “sociedade” online no cotidiano.

“Kids React To Metallica: Uma análise sob a perspectiva de Mídia e Cotidiano.”

RODRIGO MORAES BITTENCOURT SCISINIO ALONSO

Resumo: Este artigo propõe algumas reflexões sobre a construção e reafirmação de significados relacionados ao Heavy Metal a partir do vídeo “How Kids React to Metallica” ou “Reações das Crianças ao Metallica”. O vídeo mostra como certos estigmas e preconceitos já estão inseridos no imaginário infantil, ao mesmo tempo que propõe uma abordagem diferenciada das mídias de massa, criando a possibilidade de mostrar o Heavy Metal como um gênero musical acessível a qualquer idade. Para isso, adotamos alguns pressupostos teórico-metodológicos de Agnes Heller (1970), Mafesolli (1995), Kellner (2001) e Lévy (1999). Seguindo uma postura crítica, saliento que este trabalho não pretende generalizar resultados, mas detectar tendências e vislumbrar possibilidades em um determinado contexto com base em uma amostra de elementos discursivos e visuais utilizados no corpus. Investigaremos, portanto, o tipo de informação fixada na produção de sentido, em nível verbal e visual.

“Jovens, cultura digital e cultura letrada.”

SÉRGIO LUIZ ALVES DA ROCHA

Resumo: Desde a difusão do livro a partir da invenção da imprensa, a lógica estruturadora deste artefato cultural, modelou as características da instituição escolar. Se a difusão do livro impresso nos legou um determinado modelo de escola, as novas modalidades de comunicação impactam a instituição escolar e as suas práticas. Buscamos identificar de que modo os alunos apropriam-se dos conteúdos e atividades escolares através da mediação das novas tecnologias de comunicação e informação; de que modo os conteúdos e práticas escolares são ressignificadas a partir das mediações destas novas tecnologias de comunicação; quais os usos e sentidos construídos pelos alunos, quais as modificações em curso nestas apropriações, entre outras questões, entre outras questões.

“A construção narrativa no mundo do entretenimento: a revista “Intervalo” enquanto porta-voz dos produtos midiáticos dos anos 1960”.

TALITA SOUZA MAGNOLO

Resumo: Este trabalho tem como principal objetivo analisar, através da metodologia de Análise Crítica da Narrativa, proposta por Luiz Gonzaga Motta, como a revista “Intervalo” da editora Abril se comportou como porta-voz e disseminadora da programação televisiva da década de 1960. Além disso, busca-se entender como o semanário contribuiu para a construção de um novo público leitor, já

que foi a primeira revista a falar exclusivamente sobre televisão no Brasil e construiu a relação com seus leitores através de suas seções fixas. Esta pesquisa será embasada em autores como Marialva Barbosa (2010), Alexandre Bergamo (2010), Luiz Gonzaga Motta (2013) e Marcos Napolitano (2001). É importante ressaltar que a recuperação da história da revista, bem como o entendimento de seu posicionamento editorial e principais características de produção foi possível através da realização de entrevistas – embasadas na metodologia da História Oral de Paul Thompson (1992) - com ex-funcionários da “Intervalo”.

“A representação das favelas nas mídias: da cartografia tradicional às tecnologias locativas”.

KAREN DE PAULA SANTOS

Resumo: O artigo analisa as representações das favelas do Rio de Janeiro a partir de um estudo exploratório sobre os silenciamentos discursivos e espaciais nos mapas e nas tecnologias que envolvem, sobretudo, o recurso da geolocalização. Utilizando como metodologia a revisão bibliográfica, busca-se compreender o contexto histórico-social de representação da favela por meio das reflexões de Lícia Valladares (2005) e a construção discursiva destas áreas frente a este contexto, a partir de Eni Orlandi (2004).

SUMÁRIO

Resumos do Grupo de Trabalho 2

- ANA PAULA MIRANDA COSTA BERGAMI
- ANA PAULA MULLER
- ANDERSON ANTONIO ANDREATA
- CARLA PATRÍCIA SERQUEIRA LIMA
- FLÁVIO AMARAL E VICTOR PIMENTA BUENO
- GUILHERME POPOLIN
- HELLEN RODRIGUES ARANTES
- JAQUELINE SUAREZ BASTOS, FAFATE COSTA
- KARINA SILVA DOS SANTOS
- LARISSA DE OLIVEIRA CESAR
- LETYCIA GOMES NASCIMENTO
- LUCIANA BITTENCOURT
- MARCO TÚLIO PENA CÂMARA
- MARIA CRISTINA GUIMARÃES ROSA DO AMARAL
- RENATA PALITÓ DE CARVALHO
- ROSANGELA DE JESUS FERNANDES
- TATIANE BOMFIM
- TATIANA DA SILVA LIMA

GT2 – Mídia e Política: vozes, resistências, projetos

Coordenadores: Adilson Cabral, Pablo Nabarrete Bastos e Marco Schneider

Apoio: Gabriel Faza e Felipe Santos

“Midiativismo no Facebook: O coletivo Ninja ES e as narrativas independentes durante a ocupação de escolas no Espírito Santo”

ANA PAULA MIRANDA COSTA BERGAMI

Resumo: O artigo estabelece uma análise da produção de narrativas biopolíticas do coletivo de mídia independente Ninja ES no Facebook em outubro, novembro e dezembro de 2016, meses em que as escolas públicas do Espírito Santo e a sede da Secretaria de Estado da Educação (Sedu) permaneceram ocupadas pelos secundaristas. O trabalho traz uma coleta de dados da fanpage dos midiativistas no Facebook, sendo que, a partir dos resultados, foram identificados os sintagmas e as categorias de postagem mais frequentes, evidenciando o respectivo desenvolvimento temático das narrativas do período. O objetivo é analisar os recursos usados para criar as narrativas biopolíticas do movimento estudantil, que traziam um viés mais contestador com um sentido contra-hegemônico ao que era veiculado na imprensa capixaba

“Maternidade Real: a maternidade política mediada pelo ativismo digital materno.”

ANA PAULA MULLER

Resumo: O objetivo deste artigo é compreender o conceito de “maternidade real” a partir do ativismo digital materno. Para isto, foi realizada uma imersão no universo dos blogs de maternidade que apresentam viés político. Neste trabalho, foram escolhidas duas páginas que são consideradas expoentes deste movimento de mães em rede – Cientista que virou mãe e Mãe Preta - com o propósito de buscar um sentido para a ideia do exercício da maternidade na contemporaneidade. O caminho para esta construção leva em consideração dois pilares: o da desarticulação da hegemonia do discurso romântico-materno construído pela mídia e o da reivindicação de direitos subtraídos nas atividades cotidianas levando em consideração o recorte interseccional.

“Entre a lei, a expectativa e a prática: a incipiente comunicação pública no Brasil e os reflexos da política neoliberal na EBC após 2016.”

ANDERSON ANTONIO ANDREATA

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre políticas de comunicação, numa perspectiva entre o que é colocado em lei, a expectativa da sociedade civil e a prática do fazer comunicação pública. O conteúdo leva em consideração de que maneira a interferência política neoliberal pós 2016 tem levado a novos cenários que enfraquecem as perspectivas de uma comunicação pública no Brasil. A partir de levantamento bibliográfico, documental e acompanhamento de iniciativas de resistências por conta de servidores da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) para garantia da comunicação pública, o trabalho busca entender a distância entre expectativa e realidade no que diz respeito a esse tema.

“Do relato no WhatsApp à intervenção urbana pelo direito à cidade – o uso da internet como estratégia política em experiências feministas.”

CARLA PATRÍCIA SERQUEIRA LIMA

Resumo: O trabalho discute o potencial das relações sociais midiáticas no combate às opressões contra as mulheres no espaço urbano. O estudo analisa a experiência do coletivo feminista de intervenções urbanas Severinas, criado em março de 2018, em Maceió (AL), a construção da plataforma Chega de Fiu Fiu pelo coletivo Think Olga, em 2014, e a mobilização de mães nas redes sociais contra os impedimentos que enfrentam na hora de amamentar seus filhos em público. Com o aporte teórico de Milton Santos, Manuel Castells e David Harvey, o uso da internet, principalmente das redes sociais, nestas iniciativas feministas, será avaliado como estratégia de reivindicação do direito à cidade.

“Midiatizando performances da representatividade: A abordagem do futebol gay pelo GloboEsporte.com.”

FLÁVIO AMARAL E VICTOR PIMENTA BUENO

Resumo: O presente artigo faz parte de um projeto de pesquisa na área de Comunicação e de uma dissertação no campo da Sociologia que estudam a relação de homens homossexuais com o futebol, terreno hegemonicamente heteronormativo. Serão apresentados e discutidos conceitos teóricos que envolvem a relação do atleta amador homossexual com este esporte e a presença do futebol gay na mídia. Os objetivos são discutir as bases teóricas que envolvem a presença de homens gays em uma liga nacional de futebol amador e gerar debate sobre a linguagem utilizada por portais ao noticiar a primeira Champions LiGay. A relevância acadêmica do trabalho é a observação de como a presença midiática de uma competição entre homossexuais atua na difusão da representatividade LGBT+. O ineditismo do tema deve-se à recente expansão do “futebol gay”, que configura, segundo seus líderes, uma cultura própria no meio esportivo.

“Meme como linguagem: o reforço de estereótipos e o discurso de ódio na internet”.

GUILHERME POPOLIN

Resumo: Os memes se configuram como uma linguagem da internet. Os memes políticos da internet (CHAGAS, 2017) produzem sentido e emitem opiniões em sites de rede social. O meme também é utilizado para reforçar estereótipos e reproduzir discursos de ódio. Este artigo analisa memes de discussão pública (CHAGAS, 2016) como um instrumento de reforço de estereótipos (BURKE, 2004) sobre os direitos humanos, por meio da banalidade do mal (ARENDDT, 2013). Os objetos foram coletados em uma página do site de rede social *O Retrógrado*, que se identifica politicamente como uma página de direita.

“O verdadeiro custo da moda: um estudo sobre como os discursos publicitários utilizados pelas marcas constroem grandes reputações e reforçam o consumo exacerbado”

HELLEN RODRIGUES ARANTES

Resumo: O objetivo desse artigo, que é parte de uma pesquisa de mestrado em fase inicial, é compreender as consequências da indústria Fashion contemporânea e entender até que ponto, as marcas usam a comunicação para maximizar a sua reputação e mercado consumidor mesmo cercadas por problemas sociais. A reflexão se dá a partir do documentário “The True Cost” articulada com os conceitos de autores como Bauman (1999) e Lipovetsky (2009). Serão usados como corpus, os discursos publicitários da campanha outono/inverno de 2017 das marcas Chanel e Marisa. Assim,

trata-se de um trabalho teórico, cuja discussão está ancorada na perspectiva crítica da Publicidade Social. Para tal, também trabalharemos com uma análise semiótica vinculada às possibilidades do consumo consciente.

“Mídia independente: atuação e desafios de sobrevivência na cobertura de manifestações no Rio de Janeiro.”

JAQUELINE SUAREZ BASTOS, FAFATE COSTA

Resumo:O presente artigo versa sobre a atuação da mídia independente na cobertura de manifestações populares no Rio de Janeiro, tendo como objetos centrais do estudo os midiativistas e coletivos autônomos de comunicação. Este trabalho integra uma pesquisa mais densa, que resultou na produção de um livro-reportagem como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da UFRRJ. Neste recorte, apresentaremos a Mídia Independente Coletiva, grupo que atuou por quase cinco anos nos protestos cariocas. A intenção é discutir seu modelo de atuação e os desafios de sua continuidade em vista da ausência de financiamento e da desmobilização dos colaboradores.

“A comunicação sindical no Facebook: um estudo de caso do Sindicato dos Comerciários do Rio de Janeiro”.

KARINA SILVA DOS SANTOS

Resumo:Esta pesquisa se propõe a analisar as mídias digitais enquanto canal de circulação de informação política e ferramenta estratégica de engajamento e disseminação de questões políticas. Para tanto, parte do estudo de caso da relação do Sindicato dos Comerciários do Rio de Janeiro com os trabalhadores nas mídias digitais, que possui atualmente a página sindical mais acessada do Rio de Janeiro. O pretendido com o estudo de caso é, a partir da observação participante específica, compreender as dinâmicas possíveis nesse ambiente virtual para a comunicação sindical e a relação com o trabalhador. O estudo, de maneira geral, busca investigar como os sindicatos estão se apropriando das plataformas digitais e como as mídias digitais corporativas podem contribuir para a participação política dos trabalhadores.

“ESQUERDA DO CAPETA: Malafaia e a retórica do asco contra a corrente política no Twitter”.

LARISSA DE OLIVEIRA CESAR

Resumo:O trabalho pretende investigar a retórica política do asco contra a corrente política de esquerda no perfil oficial do pastor evangélico neopentecostal Silas Malafaia no Twitter durante o período que compreende as eleições municipais cariocas do ano de 2016. Para isso, será utilizada análise de conteúdo com abordagem qualitativa e quantitativa, permitindo analisar o volume de dados, bem como a revisão bibliográfica, com embasamento teórico estruturante do nojo como emoção política e hierárquica, por meio do uso de conceitos de Muller (1997) e Nussbaum (2006).

“Maraká de Branco: as Novas Tecnologias da Informação no processo de resistência indígena.”

LETYCIA GOMES NASCIMENTO

Resumo: Utilizando-se dos conceitos de Representação Social, Artes de Fazer e Comunicação étnica, este artigo faz um resgate ao debate inicial realizado em outra produção da autora, sobre a Comunicação Étnica feita pela Web Rádio Yandê, ao passo que vislumbra novos caminhos para compreender como tais conceitos podem ser utilizados para entender a importância das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) para formação de caminhos que levem a uma comunicação mais representativa para grupos minoritários, como os povos originários. Além disso, apresentamos um panorama atual do acesso à internet e as TICs no Brasil. Os autores centrais trabalhados são Michel de Certeau (2014), Erving Goffman (2014), Jesús Martín-Barbero (2004) e James C. Scott (2013).

“Mídia e Proteção Social: reflexões sobre a regulamentação da publicidade infantil no Brasil.”

LUCIANA BITTENCOURT

Resumo: O artigo analisa a importância da atuação da sociedade civil na constituição de estratégias de proteção aos direitos de crianças a partir da regulamentação da publicidade infantil no Brasil. Para isso, é necessário o entendimento de conceitos que demonstrem a influência da mídia no desenvolvimento dos indivíduos já na infância. Sua metodologia baseia-se em pesquisa bibliográfica, documental e o levantamento de entidades e legislações que reforçam a necessidade de um novo olhar para essa questão.

“Somos parte disso também”: o jornalismo laboratorial como alternativa à representatividade local.”

MARCO TÚLIO PENA CÂMARA

Resumo: O rompimento da barragem da empresa Samarco (Vale/BHP) causou a destruição do subdistrito de Bento Rodrigues, pertencente à Mariana. Veículos midiáticos de todo o país pautavam o maior desastre socioambiental do Brasil. Na cidade, destaque para a cobertura dos produtos laboratoriais do curso de Jornalismo da UFOP, com angulações locais e abordagens que se diferenciaram da grande mídia. Este artigo busca analisar a cobertura feita pelo jornal-laboratório Lampião, como mídia local contra-hegemônica. Para tanto, buscamos o conceito de jornalismo local (CAMPONEZ, 2002) e a prática laboratorial (MIRANDA E MILATI, 2013). Percebemos que a abordagem local deu maior ênfase às pessoas atingidas e demonstrou preocupação maior com assuntos que afetavam diretamente na vida dos moradores.

“Caneta desmanipuladora, midiativismo e a crítica à imprensa.”

MARIA CRISTINA GUIMARÃES ROSA DO AMARAL

Resumo: Esse artigo faz parte de uma pesquisa sobre novas formas de produzir e disseminar informação jornalística, e que estuda a página do Facebook Caneta Desmanipuladora, atuante na crítica à imprensa. Aqui, nos propomos a abordar dois aspectos cruciais da pesquisa que, embora vindo de pontas distintas, convergem para compor condições constitutivas da página no que tange ao seu posicionamento junto ao cenário do novo jornalismo pós-industrial: como a midiaticização da sociedade afeta o jornalismo e como, na visão dos participantes/seguidores da página, as fronteiras entre ativismo e jornalismo se tornaram tênues. Como metodologia, além da revisão bibliográfica, abordando os conceitos de midiaticização e midiativismo, foi realizada uma pesquisa do tipo survey com os integrantes do grupo Caneta Desmanipuladora – o Rascunho.

“Fala Coroado, unidos pelo bairro! Um estudo das formas de comunicação comunitária nas mídias sociais em São Gonçalo”.

RENATA PALITÓ DE CARVALHO

Resumo: O objetivo do artigo é analisar incidências de comunicação comunitária na página “Fala Coroado”, no município de São Gonçalo, a partir da sociabilidade e engajamento desencadeados na página por moradores locais em torno das questões políticas e sociais da região do Coroado. O artigo assume uma metodologia que compreende uma pesquisa bibliográfica, bem como uma análise exploratória dos comentários dos atores sociais/usuários acerca dos assuntos e categorias-chave de incidências de comunicação comunitária e práticas cidadãs, a partir dos temas cotidianos abordados na página, durante o período de maio a outubro de 2016

“Radiotube: rede social onde se pode substituir selfies e viralização, por diversidade e cidadania”.

ROSANGELA DE JESUS FERNANDES

Resumo: O presente artigo, considerando os tempos de midiatização, com a viralização de conteúdos sendo objetivo perseguido por uma multidão que circula no mundo virtual em busca de fama, dinheiro e votos, se dedica a refletir sobre uma rede social exclusiva para a cidadania que navega na contramão da sociedade do espetáculo que hoje domina a internet; da intolerância que se multiplica nos últimos anos; e se diferencia das Praças de Mercado que controlam o mundo virtual. O Radiotube, rede social exclusiva para conteúdos de cidadania, tem foco na diversidade, em produções experimentais e compartilhadas não com o objetivo de multiplicar seguidores, curtidas e compartilhamentos, mas de sintonizar as diferentes realidades brasileiras da comunicação popular.

“Educação em touch screen: os (des) caminhos do “sistema-mundo” de Leman.”

TATIANE BOMFIM

Resumo: A pesquisa procura estabelecer o lugar da comunicação com a entrada das novas tecnologias na educação a partir de questionamentos de fundo ontológico e epistemológico. Dedicar-se a investigar o atravessamento das diversas plataformas comunicacionais multimídia no discurso educacional e na capacitação cognitiva. Desse modo, faremos um levantamento bibliográfico para buscar entender de que modo que o novo reordenamento político-econômico vigente modifica as relações professor-aluno-tecnologia, utilizando por discurso democratizante de experimentação de produção cultural. Filósofos da educação como Paulo Freire, ou da comunicação, como Muniz Sodré e Paula Sibília colaboraram também para esta aproximação, porém essas transformações abalaram paradigmas e modelos do sistema educacional, a pesquisa bibliográfica será usada para fundamentar e estruturar a imbricação desses dois campos: Comunicação e Educação.

“Complexo do Alemão: as veias abertas da comunicação de sobrevivência de favelas na disputa de sentidos e narrativas de guerra e paz”

TATIANA DA SILVA LIMA

Resumo: Busca-se analisar a produção de sentido e a disputa de narrativas do fluxo informativo produzido por atores locais de favelas no Rio de Janeiro. A partir de uma comunicação de sobrevivência construtora de uma nova forma de atuação de comunicação comunitária e popular que desloca a hegemonia das velhas mídias em decorrência da metodologia que questiona o lugar de fala da Grande mídia sobre o cotidiano da favela em intervenções midiáticas discursivas no Facebook e nas ruas pela apropriação das TICs.

SUMÁRIO

Resumos do Grupo de Trabalho 3

GT3 – Mídia e práticas sociais: representações, memórias, personagens

Coordenadoras Sessão 1: Denise Tavares e Flávia Clemente

Apoio: Patrícia Fernandes

SESSÃO 1

- ALEXANDRE FREITAS CAMPOS/ DIEGO CÓRDOBA DE OLIVEIRA E SILVA/LARISSA CAMPOS DE MEDEIROS
- MIRIAN ARANHA SAMPAIO
- LEOPOLDO GUILHERME PIO
- LUCAS DE ALMEIDA
- VALÉRIA FABRI CARNEIRO MARQUES/ CHRISTINA FERRAZ MUSSE/ VIVIAN MARILIA OLIVEIRA ARMOND
- WAGNER ALEXANDRE SILVA
- ANA CAROLINA B. ANDRADE
- DAYANA S. DE SOUZA
- TATIANA MIRANDA/ CARLOS FIALHO
- LUIZA CUNHA BARATA
- JESIEL CARVALHO LIMA DE ARAUJO
- PATRÍCIA FERNANDES VIANA FRANCO CASTRO
- FERNANDA ANGELO COSTANTINO
- LETICIA MOREIRA
- FLORA VIGUINI DO AMARAL
- MARCELLA VIEIRA
- RAYANA MICCOLIS CARLOS
- LILIAN TUFVESSON
- MANUELA ARRUDA GALINDO

Sessão 1

“Facebook como ferramenta de divulgação científica: análise das fanpages de institutos de pesquisa do Rio de Janeiro”

ALEXANDRE FREITAS CAMPOS
DIEGO CÓRDOBA DE OLIVEIRA E SILVA
LARISSA CAMPOS DE MEDEIROS

Resumo: Este trabalho pretende analisar como institutos públicos de pesquisa vêm se adequando às novas plataformas de mídias sociais, em tempos em que as mesmas ganham cada vez mais força na formação da opinião pública. Valendo-se da análise de conteúdo e usando como diretriz o Manual de Orientação para Atuação em Mídias Sociais, da Secretaria de Comunicação Social do Governo Federal, registramos nesta pesquisa algumas considerações sobre como é feita a divulgação das seguintes instituições: Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF); Centro de Tecnologia Mineral (Cetem); Instituto Nacional de Tecnologia (INT); Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast); Observatório Nacional (ON) - todas unidades de pesquisa vinculadas ao Ministério de Ciência e Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC).

“Publicidade de Medicamentos: A ação de formadores de opinião e seus impactos no cotidiano no caso Anador”

MIRIAN ARANHA SAMPAIO

Resumo: A Publicidade de medicamentos de venda livre, aquela que pode ser direcionada para o grande público através dos mais diversos suportes midiáticos, desde que seguindo a legislação específica, se utiliza das mais diversas estratégias para se aproximar dos pacientes, com emprego de linguagens e métodos que se aproximem das realidades dos contextos em questão. Uma delas, a utilização de formadores de opinião, é frequentemente acionada. As peças que serão abordadas neste artigo referem-se ao medicamento Anador, com sua campanha “age em minutos”, realizada na rede social Instagram, com quatro formadores de opinião postando em seus próprios perfis.

“Espelhos obscuros, memórias espectrais: Sobre esquecimento e experiência de tempo em Black Mirror”

LEOPOLDO GUILHERME PIO

Resumo: Neste ensaio pretendo discutir a relação entre memória e esquecimento na sociedade contemporânea, tendo como pretexto a análise de dois episódios do seriado Black Mirror: *The Entire history of you* e *Be right back*. Parto do pressuposto de que a proliferação das tecnologias digitais alteram significativamente os modos de produção, armazenamento e classificação dos registros do passado e consequentemente, de nosso regime de historicidade (ou seja, nosso modo de relacionar passado, presente e futuro). Discuto algumas das características da produção e difusão de memória no contexto das redes sociotécnicas contemporâneas, considerando o impacto das novas tecnologias sobre nosso modo de elaborar e descartar o passado, a partir das reflexões de Walter Benjamin, Giorgio Agambem, François Hartog e Beatriz Sarlo. As hipóteses propostas neste trabalho tem intuito de provocar os pesquisadores da área de comunicação quanto ao modo pelo qual as mídias digitais lidam com o tempo social e a memória sociotecnológica.

“Tatuagens para quem é obcecado por viagens: corpos, memórias e representações nas interações através das redes sociais da *Hostelworld*”

LUCAS DE ALMEIDA

Resumo: Com o aporte de Bauman (2008), Santaella (2004), Sibilia (2008) e Siqueira (2015), este texto versa sobre a (super)exposição das subjetividades nas redes sociais eletrônicas e, em especial, faz referência aos corpos e tatuagens do público que interage com a empresa *Hostelworld* através de seus canais de comunicação. Além disso, é dada ênfase para a exploração das memórias e emoções atreladas às viagens, nesse emaranhado complexo das mídias que permeiam nossos cotidianos.

“Documentário na web: Características do gênero *websérie* documental no *YouTube*”

VALÉRIA FABRI CARNEIRO MARQUES

CHRISTINA FERRAZ MUSSE

VIVIAN MARILIA OLIVEIRA ARMOND

Resumo: Este trabalho realiza um estudo teórico sobre os conteúdos audiovisuais seriados na *web* e tem como objetivo central contribuir para o aprofundamento da discussão sobre este tipo de narrativa, revelando suas potencialidades e características. Busca-se, também, fazer uma reflexão sobre a plataforma de conteúdos audiovisuais *YouTube*, entendendo-a como uma produtora de memória. Para isso utiliza-se o exemplo da *websérie* "Cinema de rua em Juiz de Fora".

“O colecionismo como recurso de aproximação ao onírico”

WAGNER ALEXANDRE SILVA

Resumo: O artigo a ser desenvolvido terá por objetivo promover uma análise dos objetos colecionáveis produzidos na contemporaneidade, sob a ótica das ideias de “olimpismo” apresentadas por Edgar Morin (2002), “hibridismo cultura” de Canclini (2011) e a tentativa de aproximação ao onírico por meio da aquisição de objetos inspirados ou baseados em personagens e universos ficcionais trazidos pelas narrativas midiáticas contemporâneas e a (re)construção de memórias a partir da prática do colecionismo.

“Ostentação de Views: contribuições do canal “Kondzilla” para a afirmação da identidade cultural do funk ostentação.”

ANA CAROLINA B. ANDRADE

Resumo: A proposta é refletir sobre o papel do canal Kondzilla como um público, no âmbito de suas contribuições para a percepção e o alcance da causa do *Funk Ostentação*. A reflexão se ampara em estudos sobre os usos da comunicação para mobilização social, na formação e movimentação de públicos, para situar o *Funk Ostentação* como um *movimento cultural epolítico*, com uma *causa concreta* e *públicos mobilizados* que compartilham a responsabilidade pela representação da ideologia em questão. Com o intuito de observar a apropriação de tecnologias de comunicação por um público para a conquista de espaço na mídia e no imaginário social, o trabalho sugere a observação de dois vídeos do canal e do documentário “Funk Ostentação” como forma de identificar traços que revelam a história e a cultura dos atores, formam a identidade do movimento *Funk Ostentação*, e causam a percepção e o engajamento de públicos.

“Quando existir no espaço acadêmico é resistência: identidade, gênero e raça, um olhar sobre a Página Preta e Acadêmica”

DAYANA S. DE SOUZA

Resumo: Através de uma análise da página no Facebook "Preta e Acadêmica", esse artigo visa iniciar uma discussão e reflexão sobre a trajetória de mulheres negras na Universidade e a construção de identidade dessas pessoas no âmbito acadêmico. Objetivamos observar, por um viés interseccional, como se dá essa dinâmica e a representação, bem como, muitas vezes, essas experiências tem um teor político de militância, por questões de vivência e sobrevivência. O que a presença da mulher negra na universidade representa para si mesma? Como os percalços causam diferenças profundas entre mulheres intelectuais brancas e intelectuais negras?

“Mulheres Grisalhas e Solidariedade Feminina na Internet”

TATIANA MIRANDA

CARLOS FIALHO

Resumo: Realizamos uma pesquisa com 80 mulheres grisalhas sobre suas motivações para assumir os cabelos brancos. Convidamos uma parte das entrevistadas através do grupo do Facebook “Tenho cabelos brancos, e daí?” que mostra uma forte atuação das mulheres grisalhas no processo de apoiar as demais mulheres em seu processo de transição para os cabelos brancos. A solidariedade entre as usuárias elabora conteúdos que ajudam a criar novas formas de lidar com o envelhecimento e discursos alternativos sobre beleza.

"Territórios midiáticos e mídia tática no contexto da favela da Providência, após as remoções"

LUIZA CUNHA BARATA

Resumo: Para tornar-se sede da Olimpíada, o Rio de Janeiro precisou passar por uma verdadeira readequação do espaço urbano. Apesar de tal processo ter promovido diferentes impactos, as narrativas da mídia corporativa estiveram muito focadas em destacar tais mudanças de maneira positiva, o que nem sempre se concretizou desta forma para todos. O objetivo deste artigo é percorrer, por meio da etnografia, territórios midiáticos e casos de mídia tática de grupos favelados que ainda vivem consequências deste reordenamento.

"Riscando o Círculo Mágico: a criação de lugares através da apropriação feita pela atividade lúdica"

JESIEL CARVALHO LIMA DE ARAUJO

Resumo: Este trabalho busca articular o aporte teórico do Círculo Mágico com as teorias de Marc Augé de lugar e não-lugar. Fazendo um recorte sobre grupos de jogadores de jogos de mesa modernos (JDMM), farei considerações de como através do uso de táticas (CERTEAU, 2003) essas pessoas conseguem transformar não-lugares em lugares. O caso a ser considerado para esta articulação será um evento de JDMM chamado Fábrica das Peças, que acontece semanalmente no espaço da praça de alimentação do Shopping Nova América, em Del Castilho, zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

“Unidos da Netflix’: Cotidiano e apropriação criativa de elementos culturais entre 'Netflixers' ”

PATRÍCIA FERNANDES VIANA FRANCO CASTRO

Resumo: A proposta desse artigo é refletir sobre a apropriação criativa do consumo cultural pela perspectiva das artes de fazer de Certeau. Para tal, faz-se uma breve análise de inspiração netnográfica a partir dos top comments de dois posts temáticos de carnaval, da página @NetflixBrasil, na rede social digital Facebook, observando-se questões intrínsecas ao método e apropriações daquele ambiente online feitas por seus usuários.

"A performance de si no aplicativo Tinder: a percepção das mulheres acerca das narrativas dos usuários homens na plataforma"

FERNANDA ANGELO COSTANTINO

Resumo: O trabalho busca discutir a performance de si no aplicativo Tinder, com foco principalmente no conceito de gerenciamento da impressão elaborado por Erving Goffman (2002), e a partir de um recorte metodológico e teórico voltado para como as mulheres recebem as narrativas dos usuários homens no programa. Para a elaboração deste trabalho, foram analisados 100 perfis de usuários homens e realizadas entrevistas semiestruturadas com oito usuárias mulheres, a partir de uma perspectiva etnográfica.

"Homem de Deus e das Redes Sociais? A comunicação e a interação mediadas do Papa Francisco com seus fiéis através do Instagram"

LETICIA MOREIRA

Resumo: Na contemporaneidade, a velocidade no cotidiano e a exaltação da racionalidade moldam o ritmo da vida dos sujeitos, trazendo um desafio persuasivo para as religiões. Nesse cenário, o Papa Francisco representa uma figura emblemática, assumindo um papel de comunicador e utilizando os novos meios digitais para se aproximar dos católicos. Assim, o objetivo principal deste estudo é analisar de que formas o Papa contribui para a construção de um novo relacionamento entre a Igreja Católica e os fiéis. Através de uma pesquisa netnográfica (KOZINETS, 2014), identificou-se que a Igreja modificou, ao longo dos anos, sua relação com os meios de comunicação e o seu atual líder tem conseguido se aproximar dos fiéis e de pessoas que não seguem a religião, mediante suas postagens no Instagram, que abordam tanto assuntos religiosos quanto sociopolíticos.

"O retorno do autor: financeiro e pessoal"

FLORA VIGUINI DO AMARAL

Resumo: Após o corte epistemológico do final do século XX, em que o autor foi afastado do papel de detentor do sentido de sua obra, na contemporaneidade, essa figura volta à ribalta por meio de um “retorno” financeiro e pessoal graças à autoficção, prática literária moderna que se tornou febre entre escritores. Assim, eles se colocam em cena, usando a vida como matéria literária, expondo a intimidade e transitando entre fronteiras do público e do privado. Mais do que escritores, também são personagens midiáticos.

“Dom Paulo Evaristo Arns: morte, memória e celebração no site e nas redes sociais do Instituto Vladimir Herzog”

MARCELLA VIEIRA

Resumo: Este trabalho pretende abordar as produções e os trabalhos de memória empreendidos pelo Instituto Vladimir Herzog sobre Dom Paulo Evaristo Arns desde sua morte, em dezembro de 2016. Analisamos como determinadas informações relacionadas ao cardeal no site oficial do Instituto e em suas páginas em redes sociais podem funcionar como estratégias para promover o alargamento da circulação de narrativas sobre Arns, além de fortalecer sua permanência como personagem simbólico de resistência à ditadura.

"Espelho, espelho meu: quem é mais fã que eu? : Uma breve análise sobre o grupo de facebook 'Marvel & DC Tretas' "

RAYANA MICCOLIS CARLOS

Resumo: Neste trabalho, buscamos compreender a dinâmica articulada diariamente pelos fãs no grupo de Facebook 'Marvel & DC Tretas', buscando explorar a rivalidade que se constrói no mundo virtual dos fandoms e o que isso significa para a identidade de seus participantes. O objetivo desse artigo é enriquecer os debates sobre as interações em comunidades virtuais ao explorar essas disputas, metodologicamente inspirados na netnografia, sob a perspectiva da distinção e gosto defendido pelos próprios fãs através dos memes em defesa dos seus fandoms e identidades.

"Através dos espelhos escuros: Black Mirror e a visão contemporânea narcísica, monitorada e docilizada"

LILIAN TUFVESSON

Resumo: Articulando conceitos propostos por Freud em O mal-estar na civilização, no século XX, com as análises elaboradas por Jonathan Crary em 24/7 - Capitalismo tardio e os fins do sono, no século XXI, este artigo busca refletir sobre a constituição de subjetividades contemporâneas diante das telas de dispositivos digitais. As reflexões sobre a visão narcísica, monitorada e docilizada, contemplando efeitos éticos e políticos, encontram inspiração também no episódio *Nosedive* ("Queda livre") da série *Black Mirror*.

"Aplicativos de conteúdo efêmero e subjetividade contemporânea"

MANUELA ARRUDA GALINDO

Resumo: Este artigo pretende abordar, a partir de um viés genealógico, a emergência e disseminação de ferramentas em redes sociais cuja característica comum é o fato de que o conteúdo publicado desaparece em 24h. A dinâmica proposta por esse tipo de recurso supõe, suscita e estimula formas específicas de criar imagens e relatos de si, diretamente relacionadas às configurações das subjetividades contemporâneas. O desejo de visibilidade se articula à lógica do espetáculo, na tentativa de fazer uma curadoria da imagem de si visível nas telas. O apagamento em 24h emerge como estratégia de controle, pois permite medir continuamente as visualizações das publicações, além de restringir a repercussão negativa no caso de performance falha. Por outro lado, o mesmo apagamento demanda a visualização contínua e urgente das publicações por parte dos usuários, estimulando-os a continuar online por mais tempo.

Sessão 2

Coordenadoras Sessão 2: Larissa Morais e Patrícia Carvalho

Apoio: Any Cometti

- ISABELLA DE SOUSA GONÇALVES
- LEYLIANNE ALVES
- RAMSÉS ALBERTONI BARBOSA E CHRISTINA FERRAZ MUSSE
- ADRIANA GUIMARÃES MOREIRA
- FLÁVIA DE ALMEIDA MOURA
- DEIVSON MENDES SANTOS
- ROSANA BERJAGA MENDEZ
- ROBERTO FALCÃO
- HELCIO HERBERT NETO
- MARYELLEN BADARAU E SANDRA RAQUEW DOS SANTOS AZEVÊDO
- MAÍSA GOULART, IARA SCHIAVI E RAMÓN GARCÍA FERNÁNDEZ
- LUIZA GOULD DE SOUZA
- RUHAN VICTOR OLIVEIRA DOS SANTOS E MARIA BEATRIZ CAMPOS
- MÔNICA CHAVES
- ANA CAROLINA SEABRA
- SILVANA GOBBI MARTINHO
- BRENA PIRES

SESSÃO 2

“Por trás de um arquivo: uma análise da cobertura do *The New York Times* sobre a ditadura militar no Brasil, em 1964”

ISABELLA DE SOUSA GONÇALVES

Resumo: A partir do arquivo do *New York Times*, que possui as matérias publicadas em toda a sua história disponíveis online, o artigo procura analisar a cobertura sobre o período ditatorial brasileiro, feita pelo *New York Times* (NYT), em 1964. Para tanto, foram selecionados artigos, a partir das palavras-chave *Brazil* e *dictatorship*. Posteriormente, optou-se pela metodologia da análise de conteúdo, proposta por Bardin (2001), sendo criadas categorias e subcategorias, através do *corpus* selecionado. A partir de tal pesquisa, procurou-se entender se o jornal contribuiu para a construção do imaginário contra o comunismo, presente naquela época.

“Edson Luís ontem e hoje: a (re)construção midiática da memória de um personagem da ditadura”

LEYLIANNE ALVEZ VIEIRA

Resumo: Edson Luís de Lima Souto foi um jovem pobre em busca de uma vida melhor, morto em meio aos embates do movimento estudantil contra a ditadura militar em 1968. Imediatamente após o ocorrido, o estudante, que não levantava qualquer bandeira política, era encarado como um símbolo da violência e da resistência. No dia seguinte, era capa de jornais em todo o país. Após 50 anos, é tido como um personagem-chave que levou às grandes manifestações de 1968, chegando à edição do Ato Institucional Nº5. Em 2018, com a execução da vereadora do PSOL Marielle Franco em março, a imagem de Edson Luís voltou a fazer parte de manifestações de contestação ao atual governo. Propomos analisar a retomada deste personagem pelas mídias e a forma como vem sendo construída a memória que dele possuímos.

“Informação clandestina: resgatando as estratégias narrativas”

RAMSÉS ALBERTONI BARBOSA

CHRISTINA FERRAZ MUSSE

Resumo: A pesquisa investiga as ruínas e os rastros discursivos da história de resistência ao golpe civil-militar de 1964, no Brasil, por parte de militantes políticos na cidade de Juiz de Fora, durante as décadas de 1960 e 1970, cujas formas narrativas foram capazes de se entranhar pelas frestas dos discursos hegemônicos e escaparem ao seu controle, conseguindo, assim, o intuito de dizer o que fora proibido, porquanto o passado funciona como âncora identitária. Ao emprendermos a perquirição dos sentidos do silêncio como algo que significa e que se distingue do implícito, que precisa do “dito” para colocar-se sob o sentido, foi-nos possível pensar o silêncio como agente da censura que diz respeito ao que não pode ser enunciado em determinadas circunstâncias.

“Rio Media Center: comunicação e produção de sentido do projeto de transformação urbana da Cidade Olímpica nos Jogos Rio 2016”

ADRIANA GUIMARÃES MOREIRA

Resumo: O artigo analisa como o Rio Media Center (RMC), centro de imprensa do Rio de Janeiro para os Jogos Olímpicos, foi um instrumento de mediação da cidade com o grande público por meio da mídia. Os conceitos da comunicação organizacional mostram que o RMC utilizou a assessoria de imprensa para valorizar o projeto de transformação urbana impulsionado pelo megaevento esportivo. Mesmo diante de um cenário complexo nas três esferas de governo durante os Jogos, a estratégia de comunicação, pautada pelo discurso da marca “Cidade Olímpica”, criou uma narrativa para a produção de sentido em torno das intervenções urbanas a partir de uma conexão de identidade local dentro de um evento global.

“Mídia, trabalho e direitos humanos: apontamentos metodológicos para um estudo comparativo entre Brasil e Angola”

FLÁVIA DE ALMEIDA MOURA

Resumo: O trabalho busca compreender, em perspectiva comparada, questões relacionadas às representações midiáticas acerca da precarização do trabalho nos contextos brasileiro e angolano na contemporaneidade. Para a realização do presente estudo, construímos uma abordagem metodológica que parte de um levantamento de materiais jornalísticos que tratam da temática do trabalho nos dois contextos. Nesta comunicação, apresentamos parte do *corpus* documental da mídia angolana, que está em construção, com alguns apontamentos para o trabalho de campo. Acreditamos que a mídia participa da constituição das representações sobre trabalho e direitos humanos junto aos grupos estudados.

“Representações do risco de exposição ao benzeno no Brasil: de quem é a culpa?”

DEIVSON MENDES SANTOS

Resumo: O artigo traz discussões preliminares de uma pesquisa de Mestrado que está em curso pela Fiocruz. O estudo analisa uma campanha de comunicação desenvolvida por sindicatos e órgãos públicos, no período de 1991 a 1994, para tratar do benzenismo no Brasil: a Operação Caça Benzeno. Observa estratégias discursivas que sindicatos e órgãos públicos usam para sugerir ao trabalhador um protagonismo de intervenção no trabalho. A hipótese é que as práticas comunicativas dessas instituições representam processos de responsabilização individual que podem culpabilizar o trabalhador pelos riscos ocupacionais e possíveis adoecimentos inerentes às condições laborais. O texto apresenta algumas perspectivas sobre a noção de risco e propõe uma reflexão sobre discursos moralizantes dos processos de saúde/doença e suas apropriações em diferentes práticas sociais.

“Consumo e indústria cultural em Cuba: El Paquete Semanal e os desafios da Televisão nacional”

ROSANA BERJAGA MÉNDEZ

Resumo:

Filmes, seriados, reality shows e etc. são hoje distribuídos informalmente em Cuba através de pendrives, HDDs ou DVDs a preços baixos, como parte de um produto denominado Pacote Semanal. A popularização desse fenômeno tem reconfigurado gradativamente a relação entre a audiência e a grade doméstica, comprometendo o lugar da televisão. Refletimos aqui sobre consumo cultural informal em Cuba e os desafios que estas novas formas de acesso aos materiais trazem para o sistema de comunicação nacional.

“Copa do Mundo: o estrangeiro na Amazônia e sua representação no jornal ‘A Crítica’”

ROBERTO FALCÃO

Resumo: Este trabalho estuda o caderno de esportes do jornal *A Crítica*, do Amazonas, no período de disputa da Copa do Mundo Brasil 2014, com destaque para o exame das seis matérias em que há protagonismo da questão da identidade nacional na interação entre habitante local e visitante estrangeiro. A identificação das matérias reflete a lógica da imprensa regional na cobertura de um megaevento esportivo de interesse global a partir da análise de textos e fotos. Neste trabalho, também é examinada a contribuição do futebol na construção da identidade nacional, e discutida ainda a atuação do diário no âmbito regional.

“Liberdade interpretativa e jornalismo esportivo no Brasil: um universo para pesquisa”

HELICIO HERBERT MOREIRA DA SILVA NETO

Resumo: Apesar de avanços nas pesquisas sobre o universo futebolístico, a liberdade interpretativa concedida aos jornalistas esportivos é pouco investigada em pesquisas sobre a realidade do Brasil. Colunistas, cronistas e comentaristas conseguiram manter, principalmente nas últimas oito décadas, espaços em publicações e na programação de radiodifusão para se portarem como analistas do noticiário. Portanto, é necessário avaliar como se consolidou essa prática na imprensa brasileira.

"A construção de um olhar sobre o cotidiano nas colunas de opinião produzidas por mulheres"

MARYELLEN BĂDĂRĂU E SANDRA RAQUEW DOS SANTOS AZEVEDO

Resumo: A partir da centralização do poder dos meios de comunicação de massa, a mediação na construção das narrativas do cotidiano veio a ser inevitável, valorando as práticas e estruturas do jornalismo de uma forma material e simbólica. Entre essas estruturas privilegiadas está a coluna de opinião. Sendo assim, este trabalho buscou analisar o agendamento das colunas produzidas por mulheres na cidade de João Pessoa, buscando entender, através de uma análise de conteúdo, que temáticas as escritoras abordam e como constituem uma visão do cotidiano social a partir das práticas de agendamento dos conteúdos jornalísticos. A coluna está inserida em um espaço de alta credibilidade dentro do jornal e as mulheres que atuam nesse ambiente articulam a agenda midiática com a agenda pública ao passo que exercem seu papel de produtoras de sentidos sociais, em um lugar de fala e representação.

“Teoria do agendamento e o dogmatismo da ortodoxia em economia: Uma abordagem interdisciplinar”

MAÍSA GOULART, IARA SCHIAVI E RAMÓN GARCÍA-FERNÁNDEZ

Resumo: O objetivo do presente paper é analisar, utilizando-se de uma ótica interdisciplinar, os conceitos de hegemonia, de Gramsci e a teoria da agenda, de Shaw e McCombs, oriunda das pesquisas em comunicação e relacioná-los com o dogmatismo em economia. Pressupõe-se que a mainstream da Economia possa ser hegemônica, além de ser entendido como uma agenda única no campo, negando a pluralidade nesse campo da Ciência. Serão expostos os conceitos de hegemonia e a teoria da agenda, com uma recuperação histórica de sua formulação e principais expoentes. Posteriormente, apresentam-se as agendas em economia que resultaram na consolidação da agenda neoclássica. A recuperação histórica do pensamento econômico visa embasar como se deu a construção da hegemonia em um campo do conhecimento a partir de uma trajetória na qual pensadores considerados contrários pelo mainstream são marginalizados.

"Noticiabilidade do ‘ordinário’: vozes possíveis e caminhos possíveis de serem trilhados na reportagem social"

LUIZA GOULD

Resumo: A partir do entendimento de personagens ‘ordinários’ como homens e mulheres comuns, desconhecidos cujas histórias ainda não ganharam atenção da sociedade, segundo define Michel de Certeau, pretendemos neste artigo analisar de que forma critérios de noticiabilidade e condições de produção interferem na escolha de tais indivíduos como pauta e na sua representação. Para tanto, o gênero buscado dentro do jornalismo será a reportagem e, mais especificamente, a reportagem de cunho social, conforme classificação de Ana Beatriz Magno.

“Todas as notícias na palma da mão: o uso do celular nas práticas jornalísticas”

RUHAN VICTOR OLIVEIRA DOS SANTOS E MARIA BEATRIZ CAMPOS

Resumo: Em uma sociedade cada vez mais conectada e online, a expansão do uso de smartphones mostra o seu impacto nas práticas jornalísticas. O celular, que antes tinha o papel de estabelecer a comunicação interpessoal, hoje se apresenta como um equipamento com múltiplas funções, podendo auxiliar diretamente na construção e divulgação de notícias. O conceito de jornalismo móvel vem ganhando espaço e os veículos de comunicação precisam se adaptar à ubiquidade que este tipo de comunicação exige.

"Mais rápido e mais devagar: como o paradoxo da aceleração afeta o ciclo de notícias do jornalismo"

MÔNICA CHAVES

Resumo: Partindo de visões recentes sobre a contemporaneidade – que descrevem nosso tempo como feito de impulso para o progresso, de prontidão e de controles –, este artigo apresentará a noção de Robert Colville do paradoxo da aceleração. O conceito emerge a partir da constatação de que nossa cultura vem se tornando simultaneamente mais rápida e mais complexa, mais superficial e com mais qualidade. Estes aparentes antagonismos, que acabam se revelando como complementaridades dialógicas, serão analisados no campo do jornalismo e ilustrados por meio de iniciativas recentes que têm construído uma articulação, intencional ou não, entre os serviços de notícias instantâneas e as análises editoriais aprofundadas, criando ao mesmo tempo agilidade e contexto para as notícias diárias.

“Mudanças e novas percepções do cotidiano: Uma construção midiática da qualidade de vida para o consumo”

ANA CAROLINA AFONSO SEABRA DOS SANTOS

Resumo: O Rio de Janeiro é uma cidade praiana e que destaca o culto ao corpo e é um cenário relevante para o estudo de como a comunicação aborda e desenvolve o termo “Qualidade de Vida” (QV) no cotidiano, incentivando a prática de atividades físicas e ainda interferindo na maneira de viver e de consumir de cada indivíduo. Determinadas marcas e/ou instituições incentivam a prática de atividade física para enfatizar formas de consumo e os relacionam, direta e indiretamente, a promoção de QV. A proposta desse artigo é fazer uma reflexão crítica de sobre o cotidiano e a construção midiática da qualidade de vida para o consumo através da análise feita na “Revista O2”, criada em 2003 e especializada em corridas de rua, que fala sobre atividades físicas, orientações alimentares, nos meses de janeiro e fevereiro de 2017.

"Os limites da visibilidade: um estudo sobre projetos sociais em Niterói, São Gonçalo e Rio de Janeiro"

PAULA DE FRANCA FREITAS E SILVANA GOBBI MARTINHO

Resumo: O trabalho tem como objetivo analisar os limites e as dificuldades vivenciados por projetos sociais, das comunidades periféricas de Niterói e São Gonçalo, na divulgação e midiáticação de seu conteúdo para ganhar visibilidade e novos parceiros. Para realizar este estudo acompanhamos as reuniões de criação e articulação da Rede Criativa, rede que, desde 2016, reúne cerca de 30 artesãos autônomos de comunidades de Niterói, São Gonçalo e Rio de Janeiro, com o objetivo de fortalecer seu potencial empreendedor para a geração de renda. Percebeu-se que apesar das possibilidades oferecidas pelas NTCIs a falta de recursos ainda aparece como um obstaculizador para a visibilidade dos projetos sociais.

"A notícia na apresentação dos telejornais: a novela da vida real"

BRENA GOMES CHAVES PIRES

Resumo: A pesquisa analisa a apresentação em telejornalismo como a novela da vida real destacando os elementos que compõem a apresentação como parte integrante da mensagem jornalística transmitida ao telespectador. O objeto de análise é o Jornal Nacional apresentado por Fátima Bernardes e William Bonner no período de 22 de setembro à 27 de novembro de 2008. Os recursos analisados são a fala, a voz, as expressões faciais e os gestos dos apresentadores assim como todos os elementos que fazem parte deste cenário como o estúdio, a vestimenta e etc. O objetivo é mostrar a relação entre novela e jornalismo partindo da ideia de que tudo na mensagem televisiva é produção. A realidade jornalística é construída assim como os capítulos de uma telenovela.

Sessão 3

Coordenadoras Sessão 3: Carla Baiense e Ana Paula Bragaglia

Apoio: Maria Cristina Amaral

- OHANA BOY
- ALINA RANI SOARES
- VINICIUS FERREIRA RIBEIRO CORDÃO
- RODRIGO MORELATO
- SORAIA MELO
- RAQUEL DORNELAS
- GEISA RODRIGUES LEITE DA SILVA
- JANAINA ANDRADE
- JOSÉ OTAVIO LOBO NAME
- RODRIGO PIQUET
- IGOR LACERDA E CAROLINA ALVES FONTENELLE
- DANIEL DE MACÊDO E MÁRCIA NUNES VIDAL
- TATIANA SICILIANO, VALMIR MORATELLI E ANA PAULA GONÇALVES
- REGINA CARMELA
- ANA CAROLINA COMETTI OLIOZ
- MARCELLA RODRIGUES TOVAR DA SILVA
- ÉRICA OLIVEIRA FORTUNA
- JOÃO FLÁVIO MENEZES AMARAL
- MELLYNA ANDRÉA REIS DOS SANTOS BORGES
- PAMELA PASSOS MASCARENHAS, LILIAN WILSON TROPIANO E LUCIANA A. C. RIBEIRO

SESSÃO 3

“O perigo da história única na abertura das Olimpíadas Rio 2016 - uma breve análise do discurso de celebração das diferenças da “rainha da diversidade” Regina Casé”

OHANA BOY OLIVEIRA

Resumo: Com uma perspectiva interdisciplinar inspirada pelos estudos culturais, discutimos a complexidade das representações na Abertura Oficial das Olimpíadas Rio 2016 a partir da aparição de Regina Casé no evento e seu reconhecimento como “rainha da diversidade” pela imprensa internacional. Para analisar o discurso de celebração das diferenças, relacionamos as discussões de Stuart Hall sobre a cultura como arena de disputas; as considerações de Homi K. Bhabha sobre a construção de estereótipos; e as reflexões de Chimamanda Ngozi Adichie sobre o perigo da história única; com uma breve trajetória televisiva de Regina Casé, atriz e apresentadora de programas da Rede Globo. As discussões são atravessadas pelos ensinamentos de Jesús Martín-Barbero sobre mediação, pensando a relação entre cultura, comunicação e política.

“Perenidade do discurso anticomunismo na política brasileira: reflexões a partir de fala à Comissão de Defesa de Direitos da Mulher”

ALINA RANI SOARES

Resumo: O trabalho pretende estabelecer comparação entre os símbolos utilizados no discurso contra a esquerda no século XX e a fala do padre Paulo Ricardo na Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher. Metodologicamente partiremos da análise de conteúdo, aparada por categorias prévias do discurso anticomunista. Procuramos as representações constantes, sob hipótese que o anticomunismo se configura como tradição política, que mobiliza representações e memórias sociais.

“ChanacomChana: o primeiro capítulo da história da imprensa lésbica brasileira”

VINICIUS FERREIRA RIBEIRO CORDÃO

Resumo: A presente pesquisa narra a história, a partir do enfoque comunicacional, do jornal lésbico ChanacomChana. A publicação, lançada em São Paulo em 1981, é tida como pioneira do segmento no país. Através do resgate do circuito comunicacional do impresso buscamos perceber as diversas dimensões das práticas e dos processos desse fazer jornalístico, suas formas de produção e consumo.

“Olhares da Misericórdia: relatos sobre midiatização, memória e lugar”

RODRIGO ROSSI MORELATO

Resumo: Este trabalho investiga relações entre o neotribalismo, novas políticas públicas no campo da cultura e processos de midiatização do espaço e da memória presentes na cidade do Rio de Janeiro. Nossa descrição se concentra nas vicissitudes de uma agregação social ambientalista “verdejante” atuante na Serra da Misericórdia (Zona Norte) desde os anos 1990 cuja auto-reflexividade se manifesta em pequenas narrativas audiovisuais e posts em redes sociais realizados por essa comunidade emocional.

Jovens Memórias das Periferias: Intercâmbio Brasil Colômbia

SORAIA MELO

Resumo: A dissertação Jovens memórias das periferias: intercâmbio Brasil Colômbia está vinculada ao curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC). Neste estudo são apresentadas imagens e memórias produzidas por

jovens que vivenciam a periferia da cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, e de Medellín, na Colômbia, tendo a fotografia como instrumento de afeto e diálogo. Um convite para ler e ouvir as imagens de quem narra pela fotografia, observar a representação da cidade, o espaço urbano e as periferias, semelhanças e conflitos entre duas cidades, dois países e o cotidiano de quem os habita. Acredito ainda que a experiência Colombiana em transformar a memória e a restauração dos conflitos em ações e políticas públicas representa também uma inspiração para a gestão de políticas semelhantes no Brasil.

“De qual mulher estamos falando? Representação e o ideal de feminino em notícias brasileiras sobre o crime sexual”

RAQUEL DORNELAS

Resumo: O trabalho pretende analisar a representação da mulher vítima de crime sexual nos enunciados de O Estado de São Paulo e do Jornal do Brasil em dois momentos distintos da nossa história: 1910 e 2010. Para investigar os intervalos separados por um século, acionaremos as discussões de representação social, bem como as noções de feminino e condição feminina. A intenção é mapear possíveis sentidos e gramáticas morais que orbitam em torno dos relatos nas duas ocasiões.

“Marielle Franco na mídia: estratégias de apagamento da potência da preta, favelada e homosexual”

GEISA RODRIGUES

Resumo: A presente comunicação se dedicará à análise das estratégias discursivas utilizadas por parte da mídia hegemônica no caso Marielle Franco, considerando, principalmente, a destituição da potência política das bandeiras levantadas pela vereadora. Se nas redes sociais e na mídia alternativa há um esforço em demarcar a luta e o perfil identitário ligado às minorias como fator desencadeador do crime, tais elementos parecem ser apagados e colocados à margem por grande parte da mídia tradicional, num esforço de neutralização da potência política do seu lugar de fala. Desta forma, a mídia tradicional *ressignifica* a trajetória da vereadora, romantizando-a e interpretando-a a partir de um posicionamento correspondente ao poder hegemônico e ao atual governo pós-impeachment.

“Frida entre nós: uma celebridade em (mega)exposição”

JANAINA FEITOZA ALVES DE ANDRADE

Resumo: *Frida Kahlo-conexões entre mulheres surrealistas no México*, primeira megaexposição da artista no Brasil, teve 900 mil visitantes e foi uma das mostras mais visitadas no mundo em 2016. Foram produzidas inúmeras narrativas na mídia sobre o evento, Frida Kahlo e sua relação com temas contemporâneos. Com a análise dessas narrativas, busca-se entender o processo de consagração e os sentidos associados à imagem de Frida, ao consumo de sua autobiografia e à ressignificação de sua memória no contemporâneo, entendendo a exposição como um lugar de síntese midiática, que elabora um novo capítulo da sua biografia sem fim.

“Memória, história e narrativa”

JOSÉ OTAVIO LOBO NAME

Resumo: Neste artigo farei uma revisão descritiva do documentário "O que é meu vem a mim" (2016), de minha autoria, formulando questões sobre memória e história, e narrativa. A partir, principalmente, das ideias de Halbwachs, Fentress e Wickham, e Pollak, o trabalho investiga como o audiovisual passa a fazer parte das experiências de vida do indivíduo, ao mesmo tempo que cria artifícios de memória que formatam as lembranças. O filme parte de uma entrevista do Mestre Ricardo Sales da Banda de Congo Amores da Lua, de Vitória, ES, e, além do depoimento sobre seu trabalho e

a fundação da banda por sua família, traz imagens dos principais rituais do congo: Cortada do Mastro, Puxada do Barco e Fincada do Mastro de São Benedito.

"A ação infocomunicacional e a atuação de Mário Juruna para a emancipação política dos povos indígenas"

RODRIGO PIQUET SABOIA DE MELLO

Resumo: Uma das questões problematizadoras quanto ao engajamento dos povos indígenas é no que tange a ação infocomunicacional. Quanto ao empoderamento dos povos indígenas, é importante destacar a atuação de Mário Juruna, primeiro e único deputado federal indígena do Brasil. Também se faz necessário realçar o assentamento da pauta política indígena nos anos 1980 e a importância do registro documentário para a emergência de grupos não hegemônicos. Por fim, outro ponto de destaque neste trabalho é a atuação do Conselho Indigenista Missionário – CIMI no papel de articulador da insurgência dos movimentos indígenas durante a Ditadura Militar brasileira.

“Cinema e juventude: a representação dos jovens de favela nos filmes 5x Favela – Agora por nós mesmos e Maré – nossa história de amor”

IGOR LACERDA E CAROL FONTENELLE

Resumo: O cotidiano de moradores de favela é tema em diversos filmes brasileiros. Este artigo percebe o cinema como um instrumento capaz de representar determinado período e, assim, busca compreender a imagem que é construída de jovens em produtos contemporâneos como 5x Favela - agora por nós mesmos (2010) e Maré, nossa história de amor (2007). Sendo assim, pretende investigar e explorar as representações sociais da juventude de favela em filmes contemporâneos a fim de observar as diferentes visões que se tem deste grupo, de suas relações e do seu universo. A análise parte da visão de Jovchelovitch (2000) de que tais representações “re-constróem” a realidade e possuem caráter produtor de sentido, expressando o trabalho do psiquismo humano sobre o mundo, e recorre a autores como Hall (2015) e Bauman (2005) para compreender as identidades dos dias atuais e o sentimento de pertencimento aos seus locais e aos círculos culturais.

"Das ruas vão às bancas: memórias e representações do jornalismo sobre as ocupações estudantis de 2016 nas universidades cearenses"

DANIEL PAIVA DE MACEDO JÚNIOR E MÁRCIA VIDAL NUNES

Resumo: O Brasil que viveu golpe na democracia em 2016 viu, no mesmo ano, levante marcado por ocupações estudantis. Interpretar os atos de insurgência e o radical de ação direta promovido nas universidades perpassa pela compreensão das narrativas sociais que compõem a memória social. Os jornais, como documentos públicos que circulam nas ruas e permitem ao leitor acessar uma compreensão possível do mundo, constroem histórias sobre os eventos que rompem a lógica cotidiana. Por isso, nos debruçamos neste trabalho a compilar e analisar a representação produzida pelas produções jornalísticas sobre as ocupações universitárias de 2016 no Ceará.

“Negros de novela: balanço racial em debate na TV Globo de Escrava Isaura, Lado a Lado e O outro lado do Paraíso”

TATIANA SICILIANO, VALMIR MORATELLI, ANA PAULA GONÇALVES

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre transformações nas representações de tramas escravocratas e pós-abolicionistas de grande repercussão, para entender o contexto histórico no momento em que trataram da questão racial. Dessa forma, se propõe examinar para onde caminha a discussão do racismo na telenovela brasileira na atualidade, tendo como linha histórica a comparação entre as ficções televisivas: “Escrava Isaura” (1976/ 2004), “Lado a Lado” (2012) e “O Outro Lado do Paraíso” (2017).

"Memórias mediadas pelo audiovisual: uma interseção entre passado, presente e futuro"

REGINA CARMELA

Resumo: Verifica-se na atualidade uma explosão do uso do audiovisual por meio das redes sociais. Concomitante a este fenômeno, percebe-se também a criação de inúmeras imagens relativas às experiências cotidianas que são, instantaneamente compartilhadas, principalmente, por celulares. Essa produção, armazenamento e difusão dos instantes vividos, significativos ou não, mas selecionados à luz da percepção do momento, alimentam o campo de estudos da memória social. Nesse trabalho buscamos alinhar os estudos da memória social e cultural, pelo viés da antropologia digital. Esta última, dialoga perfeitamente com os eventos comunicacionais da atualidade, e ambas nos ajudam a refletir panoramicamente, sobre os processos de construção da memória individual, social e cultural, e as representações dessas experiências e criações sociais.

"Chegou o carnaval e, dessa vez, ela desfilou: análise comparativa da exibição das musas, passistas e rainha de bateria da Mangueira no desfile de 2016 nas TVs Brasil e Globo"

ANA CAROLINA COMETTI OLIOZI

Resumo: Este trabalho é uma parte da análise que realizarei por completo na minha dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (UFF). A pesquisa visa uma análise de conteúdo completa da cobertura do desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro das TVs Globo (desfile oficial) e Brasil (desfile das campeãs), entre 2016 e 2018. Neste artigo, analiso a exibição das passistas, musas e rainha de bateria, especificamente o desfile da escola campeã do ano de 2016, a Estação Primeira de Mangueira. Para entender o funcionamento midiático da TV, temos como base Martín-Barbero e Rey (2004), Kellner (2001). Já para dissertar sobre a produção de sentido, consultamos França (2006) e Machado (2000).

Rede Mocaronga no YouTube: cotidiano, história e autorrepresentação das juventudes ribeirinhas do Pará

MARCELLA TOVAR

Resumo: A Rede Mocaronga de Comunicação Popular é um instrumento da organização não-governamental Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental, nome fantasia do Projeto Saúde & Alegria. Ao encontrar uma situação em que muitas doenças poderiam ser evitadas, o Saúde e Alegria, além do atendimento médico, incorporou a comunicação ao seu cotidiano. Tendo como referencial teórico o conceito de cotidiano de Agnes Heller, este estudo propõe-se a compreenderem que medida a autorrepresentação audiovisual fomentada pela Mocaronga permite a construção de novas biografias da juventude da floresta.

"Representações do "menor de idade": contribuição da mídia em práticas sociais que modificam a circulação pela cidade do Rio de Janeiro"

ÉRICA OLIVEIRA FORTUNA

Resumo

O objetivo deste artigo é investigar a produção de sentidos da redução da maioria penal na cobertura jornalística do *O Globo*, utilizando casos de violência urbana com grande repercussão midiática em 2015. Nosso recorte recobre as reportagens sobre o ciclista morto em decorrência de um assalto na Lagoa Rodrigo de Freitas e dos arrastões na zona sul carioca, ambos em 2015. Queremos analisar a construção social do criminoso - com base nos estudos de Michel Misse (2008) - para entender as representações oferecidas pela mídia que se formam sobre o "menor de idade". Partimos da hipótese que o processo cíclico (RICOEUR, 1994) das narrativas jornalísticas gera uma sensação permanente

de medo e insegurança que estigmatiza o jovem “menor de idade” negro e pobre como o “principal responsável” pela “onda de violência” que supostamente acomete a cidade do Rio de Janeiro, reverberando nas práticas sociais e na circulação de pessoas.

“Representações Socioespaciais, Poder Simbólico e Gentrificação: compreendendo o papel da mídia na produção de cidades segregadas”

JOÃO FLÁVIO MENEZES AMARAL

Resumo: A gentrificação é um fenômeno de urgência global. Apesar de abordada pelas disciplinas dos estudos urbanos, entendemos que o debate sobre esse processo complexo pode ser enriquecido com contribuições das ciências da comunicação. A partir de teorias sociais da cultura, mídia, poder simbólico e representações sociais (BOURDIEU, THOMPSON, MOSCOVICI, HOIJER) buscamos possibilidades de pensar a gentrificação a partir do estreitamento das relações da comunicação com a temática da urbanização.

“Futebol na Baixada Fluminense: perspectivas sobre consumo, representação e território”

MELLYNA ANDRÉA REIS DOS SANTOS BORGES

Resumo: O sonho da ascensão social domina o imaginário de milhares de meninos que moram nas favelas, subúrbios e rincões do Brasil. E o futebol é visto por eles como uma estratégia para alcançar este lugar. A partir de uma reflexão sociocultural, a proposta deste artigo – que é fruto de uma pesquisa de mestrado em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense sobre futebol e práticas sociais –, é discutir as tensões e contrastes no território da Baixada Fluminense a partir do consumo de produtos da Adidas e Nike pelos jogadores das categorias de base do Nova Iguaçu Futebol Clube.

“‘Choque de Cultura’ e o fim do cânone: o motorista de van como crítico de cinema no humor de ficção da sociedade midiaticizada”

LILIAN WILSON TROPANO, LUCIANA A. C. RIBEIRO E PAMELA PASSOS MASCARENHAS

Resumo: A partir da análise do programa Choque de Cultura, recente fenômeno viral na internet, veiculado pelo OmeleteTV na rede social Youtube, pretendemos discutir o processo de midiaticização social e conceitos como cultura, poder simbólico e crítica social no âmbito da representação. Partindo do estudo da persona do trabalhador brasileiro como crítico de cinema na esfera do humor, propomos uma reflexão sobre a função da crítica da arte na contemporaneidade, baseada em revisão bibliográfica e análise do discurso do episódio “Marvel x DC”, que em seis dias de exibição.

SUMÁRIO

Textos completos – GT1

| | |
|--|-----|
| • ADLER ARIEL MORENO MENDES | 47 |
| • BIBIANA MAIA | 57 |
| • ELIJERTON ROGÉRIO CHAVES VERAS..... | 65 |
| • FÁBIO CARVALHO PIMENTA | 74 |
| • FERNANDO ALVES DA SILVA FILHO | 81 |
| • JÉSSICA BAPTISTA DOS SANTOS VENTURA | 90 |
| • KAREN DE PAULA SANTO | 98 |
| • LEANDRO MARLON BARBOSA ASSIS, ALEXANDRE FARBIARZ | 110 |
| • LÍVIA MARIA CRUZ | 122 |
| • MÁRCIA MARIA E SILVA | 134 |
| • MARINA SILVA BRAUNA | 146 |
| • MICHELLE OLIVEIRA VALLE | 155 |
| • RAFAEL TORRES SOBREIRA | 163 |
| • RODRIGO MORAES BITTENCOURT SCISINIO ALONSO | 171 |
| • SÉRGIO LUIZ ALVES DA ROCHA | 185 |
| • TALITA SOUZA MAGNOLO | 196 |

**Não é apenas um jogo:
o game League of Legends como rede social na internet**
ADLER ARIEL MORENO MENDES (PPGMC/UFF)

Resumo:

Os jogos estão inseridos na cultura humana há muito tempo. Como aponta Huizinga (2007), a maioria das culturas apresentam práticas lúdicas dentro dos seus rituais. Assim como os jogos, as redes sociais estão presentes no universo humano desde as mais antigas relações. Hoje, entretanto, vivemos um período em que a cultura digital se apropria das relações que eram tidas dentro do universo físico e as transporta para o meio digital. Pensando na relação entre jogos e redes sociais e utilizando de autores como Raquel Recuero (2014) e Luis Martino (2017), busca-se compreender no presente artigo se o game League of Legends (LoL) pode ser uma forma de rede social na internet.

1. Introdução

O ato de jogar, de brincar ou as práticas lúdicas se alteraram com o passar do tempo. Os *games* nada mais são do que a modernização dessas práticas, tendo deixado de ser uma simples forma de diversão adolescente (FALCÃO; FERREIRA, 2016). Como exemplo, coloco aqui a pesquisa feita pelo NPD Group¹ mostrando que 82% da população brasileira entre 13 e 59 anos jogam algum game nos mais diversos consoles, sejam de mesa, computadores ou celulares.

Esse período também é marcado pela convergência midiática no quesito relacionamento. Conhecer nova pessoas não está na obrigatoriedade de sair de casa, a utilização dos sites de encontro amoroso são soluções usadas por muitas pessoas. Agora, novos amigos não são feitos somente no trabalho, na escola ou na igreja, mas na internet, em grupos do facebook de interesse comum ou dentro dos jogos digitais.

É essa última que pretendo usar como escopo do artigo. Com objetivo central de entender se o *game League of Legend*² pode ser visto como uma rede social digital, se apresentará relações dentro do jogo e do “ambiente do jogo” (em fóruns, na plataforma Twitch, nos encontros físicos, entre outros), comparando com o que fundamenta as redes sociais, segundo autores como Raquel Recuero (2014) Luis Mauro Sá Martino (2015). A questão é pertinente para a área da comunicação, pois os jogos (sejam digitais ou físicos) estão inseridos no cotidiano não mais somente entre as crianças, ou seja, eles não são apenas vistos como uma prática não séria ou brincadeira de criança. Eles estão presentes desde sociedades primitivas dentro dos rituais, servem como ludicidade para comunidades em diferentes partes do globo e são identidades culturais, como veremos no próximo item.

2. Os jogos como cultura

“O jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana.” (HUIZINGA, 2007, p.3). Dessa maneira começa Johan Huizinga em seu livro *Homo Ludens*, para apresentar ao longo da sua pesquisa a análise de diversas características da prática lúdica e como esta se relaciona com a cultura e com diversas civilizações primitivas e contemporâneas.

O brincar está presente entre os animais. Observo através de pesquisas feitas por Brown (2009), Huizinga (2007), Juul (2005) e Behncke (2011) que a brincadeira entre os animais é algo fundamental para a manutenção das relações entre eles. Como afirma Stuart Brown (2009) os animais não possuem muito tempo livre, pois precisam competir por alimentos, competir com outras espécies por espaço e competir para se reproduzir. Ainda assim, encontram tempo para uma prática que, muitas vezes na sociedade humana, é vista como desnecessária e não importante, o brincar. Conversando com cientistas que observaram o comportamento de ursos no Alasca, Brown (2009) afirma que os ursos que brincavam eram aqueles com mais chances de sobreviver. O motivo para isso acontecer está no fato da brincadeira ativar a parte do cérebro ligada à cognição, despertar a curiosidade e melhorar habilidades. Quanto a nós, seres humanos, acontece algo parecido quando brincamos ou jogamos:

Nos sentimos mais otimistas e criativos. Nos divertimos com novidades – nova moda, novo carro, nova piada. E através dessa busca do novo, nos sentimos atraídos para situações que testam habilidades, mesmo não sendo utilizadas agora, podem nos ser importantes no futuro. (BROWN, 2009, p.43)³.

Os macacos bonobos é outro grupo de animais que tem a brincadeira como uma parte fundamental para o convívio entre os seres dessa espécie. Segundo Isabel Behncke (2011)⁴, junto com os chimpanzés, eles são os parentes mais próximos dos seres humanos. A sociedade dos bonobos é organizada através de uma fêmea que é posta na liderança do grupo, do apoio mútuo entre os integrantes e da extrema tolerância entre os membros (tanto que a violência nunca foi registrada pelos cientistas). A brincadeira para os bonobos é fundamental para a extensão dos vínculos sociais e para perpetuar a tolerância. Isso porque através da brincadeira, eles **aprendem** como confiar um nos outros e suas regras sociais.

A privação do brincar pode ser responsável por diversos transtornos futuros. Apresento a história do estudante americano Charles Whitman que no ano de 1966 matou 15 pessoas e feriu outras 31 ao subir em uma torre na Universidade do Texas. Stuart Brown (2009) que estudou o caso na época do ocorrido observou que a infância do atirador foi privada pelo pai, que o colocou dentro de uma “bolha”. Em muitos momentos da vida de Charlie, não foram encontradas uma imaginação de *flow* livre, que ocorre espontaneamente em uma criança naturalmente divertida e educada. As trocas abertas que começam na brincadeira paralela pré-escolar, o espectro ampliado de dar e receber – oferecido nos jogos – de pegar e a variedade de escolhas que o jogo mais complexo proporciona não faziam parte do seu repertório (BROWN, 2009, p.96). Esse, contudo, é um caso extremo que a falta do brincar proporciona para a criança. Utilizo aqui para ilustrar o argumento de que a lucidez assume um papel essencial para a saúde psicológica dos indivíduos. Normalmente, a criança apresenta outros níveis de dificuldade em relacionamentos sociais como imaturidade, falta de cognição, diminuição na criatividade, entre outros.

Com as mudanças na sociedade contemporânea, os jogos deixaram de ser exclusivamente aqueles praticados “de maneira física”. Hoje temos, também, os *games* como nova maneira de brincar e de jogar. Juul (2005) afirma que mesmo tendo atributos técnicos marcantes, os jogos digitais não

abandonaram a ideia do jogo clássico, pois o ideal de regras, resultados, esforços dos jogadores ou vínculos entre jogadores se mantêm.

Através de Huizinga (2007), mostro a importância nas relações humanas apoiadas pelo caráter lúdico encontrado nos rituais. “Os participantes do ritual estão certos de que o ato concretiza e efetua uma certa beatificação, faz surgir uma ordem de coisas mais elevada do que aquela que habitualmente vivem” (2007, p. 17). Em outras palavras, o ritual é uma representação para que se atinja um objetivo comum, por exemplo, a celebração da festa da pisa da uva. Esse hábito servia e ainda serve não só como técnica para melhor esmagamento da uva, mas como uma celebração que une a comunidade ao redor de música, festa e tradição. De acordo com as crenças dos praticantes, garantirá uma futura colheita próspera.

Os romanos também davam aos rituais grande importância e não somente era um ato de tradição, mas um ato lúdico. A necessidade do povo romano pela diversão se expressa na frase *panem et circenses*. Viver com o circo⁵ era tão necessário quanto viver com pão, pois os jogos assumiam um valor sagrado e o direito que o povo tinha sobre eles era, conseqüentemente, sagrado. (*idem*, p. 198).

Outra característica do lúdico que vai além da esfera da diversão por si só é a competição. Aqui ressalto o termo encontrado no *Homo Ludens* (2007) chamado *potlatch*. Uma festa na qual dois grupos fazem ofertas a outro grupo, com a ideia de mostrar a superioridade de um em relação ao outro com o ganhar sendo o principal objetivo. A prática é séria e muitas das vezes assumia contornos funestos e fatais.

O lúdico também é encontrado nos rituais em que a máscara é utilizada. Quem usa a máscara se porta como o feiticeiro ao passo que o outro, quem assiste a cerimônia, se porta como o enfeitado. Algo parecido acontece em nossa sociedade contemporânea ocidental durante o natal. Quando um parente se fantasia, encena e finge ser Papai Noel (feiticeiro), dá presente a uma criança da família (enfeitado) e as demais pessoas na “cerimônia” fingem acreditar que de fato o fantasiado é Papai Noel⁶.

Meu objetivo aqui não me alongar com exemplos sobre cultura e ludicidade. Uso os exemplos acima para mostrar que há necessidade humana de práticas lúdicas e de brincadeiras. É nesse ponto que coloco o jogo, primeiramente jogos de tabuleiro e, considerando o período atual de relações pautadas no meio digital, os *games*. Ambos criam relações, vínculos e afetos entre os participantes. Como aponta Callois (1990, p.62): “Normalmente, o jogo surge como ocupação de pequenos grupos de iniciados ou de aficionados, que se entregam, num local fixado e por alguns instantes, ao seu passatempo favorito”.

A isso ligo o conceito de subcultura proposto por diversos autores, mas destaco aqui na visão de Haenfler (2013). De acordo com esse autor, a subcultura é “uma rede social relativamente difusa tendo uma identidade compartilhada, significados distintivos em torno de certas ideias, práticas e objetos com uma sensação de marginalização ou resistência a uma sociedade convencional percebida” (HAENFLER, 2013, n.p, tradução nossa)⁷.

Para continuar explorando o conceito e permitir identificar um grupo de subcultura, Haenfler (2013) aponta algumas características que, geralmente, aparecem nesses grupos subculturais. A) “rede difusa”, ou seja, apresenta uma pequena liderança formal (quando possui alguma), pequena organização burocrática, pequena ou nenhuma lista de membros em comparativo com outras áreas da sociedade como escola, política ou grupos civis. B) compartilhamento identitário, reconhecer nos outros traços semelhantes o que permite sentir conexão. Soma-se a essas duas uma noção de compartilhamento de significados distintos. Dessa forma, os grupos compartilham ideias, valores, práticas e objetos. C) o caráter de resistência associado ao grupo da subcultura, pois é antagônico em relação a uma “sociedade normal”, nega, resiste e foge da cultura *mainstream*. D) marginalização, aquela característica compartilhada entre os subculturistas, pelo fato de estarem fora de um padrão comum da sociedade. Essa marginalização, ainda que não seja estrutural, mas possuidora de um caráter de escolha por parte dos subculturistas.

Esse conceito é diversas vezes aplicado em estudos que tenham como objeto feminismos, roqueiros, motoqueiros ou *gamers*. Dentro dos *gamers*, posso apresentar essas características, juntando ao que Haenfler (2013) aponta como sendo práticas comuns em grupos subculturais, como vocabulário especializado. Dentro dos *games* vemos o uso de termos próprios e cada jogo possui sua própria rede de termos. No *game League of Legends* um termo comum é o *Feedar*, para quando um jogador morre para o inimigo facilmente e diversas vezes durante a partida. O vocabulário, como apresentarei no próximo item, é um dos pontos mais importante para definir o ambiente dos *games* como sendo uma rede social.

3. Seria o *League of Legends* uma rede social?

Para começar a responder essa pergunta, questiono: O que é rede social? O pesquisador britânico J.A. Barnes, em 1954, observou uma ilha com cerca de 4.600 habitantes na Noruega em que se dividia em duas atividades básicas: a pesca e a agricultura. Dessas atividades Barnes identificou um campo que liga agricultura e pesca, formando teias de relações entre os indivíduos praticantes dessas atividades, que nem sempre possuem contato direto ou se conhecem. Relação esta batizada por Barnes como Rede Social. Através dessa rede, observou as características das ligações, quais são os laços e relacionamentos entre as pessoas e a afetação na vida cotidiana das mesmas. A descrição dessa pesquisa, cujo conceito foi resgatado na contemporaneidade, aparece no livro do Luís Mauro Sá Martino (2017, p. 60-62), que busca fazer um compilado com as principais teorias das mídias sociais.

Tomando essa definição inicial como ponto de partida, busco identificar de que maneiras o *League of Legends* representa uma rede social. Michael Sacks e Nikki Graves, como nos apresenta Martino (*idem*), afirmam que uma das primeiras características a se observar numa rede é o número de conexões dos seus participantes e a capacidade que estes têm em adquirir informações a partir dos seus contatos. Uma rede não precisa ser composta somente por “amigos próximos”, mas de pessoas com uma certa distância, que ajudarão em necessidades futuras.

Segundo Raquel Recuero (2014b), rede social na internet é formada por relações entre atores e suas conexões. Para a autora, os atores são os nós, ou seja, as pessoas envolvidas na rede. Não haveria rede somente com os atores, para esta ser constituída é necessário que haja conexão, seja por meio de interações ou laços sociais. A interação, na visão da pesquisadora brasileira, seria a matéria-prima, pois depende da reação do outro, que pode ser realizada através da conversação mediada pelo computador, como veremos mais à frente. Os laços sociais, que também são partes na categorização do que é rede social na internet, seria a relação entre os atores que fazem parte da rede, não obrigatoriamente sendo constituídos somente por aqueles laços de proximidade, mas a laços com certo distanciamento, mas com sentimento de pertencimento, por exemplo.

A essa ideia, podemos associar o autor Mark Granovetter que se propôs a defender a força existente nos laços. Segundo o sociólogo americano, quando duas pessoas se conectam, mais próximas ficam uma da outra, ou seja, com o aumento do grau de intimidade, por exemplo, essa relação se torna um laço forte. Entretanto, o que diferencia as redes são os laços fracos, uma rede de pessoas que não possuem relação próxima. Segundo Dora Kauffman (2012) “esses laços são fundamentais para a disseminação da inovação, por serem redes constituídas de indivíduos com experiências e formações diversas”. Como consequência, indivíduos com mais “laços fracos” conseguem mais informações externas, sem ficar limitado a um grupo, diferente daqueles que se relacionam somente com os “laços fortes”.

De acordo com Clay Shirky (2008), o que importa numa rede não são o número de pessoas, mas o número de ligações possíveis entre as pessoas. Se um grupo com quatro pessoas (A, B, C e D) for formado, há seis ligações possíveis (ab, ac, ad, bc, bd, cd), mas se uma nova pessoa entrar nesse grupo (E), dez ligações poderão ser feitas (ab, ac, ad, ae, bc, bd, be, cd, ce, de). Quanto mais pessoas entrarem, mais ligações poderão ser feitas, mesmo que essas pessoas não tenham intimidade ou não sejam próximas, o potencial de informação que pode circular entre o grupo é maior.

Apresento essa ideia com os jogos como pano de fundo. Isso porque, dentro de uma comunidade virtual, o interesse comum em determinado assunto é um dos principais motivos para vínculos dentro das redes sociais. Então, se uma pessoa além de jogar *League of Legends* com grupo de amigos (laços fortes), participar de um grupo no *facebook*, com pessoas desconhecidas (laços fracos) será enriquecedor para a troca de informação e desenvolvimento nas habilidades do jogo, nas relações pessoais, na criatividade e em diversas outras áreas. Soma-se à ideia da força dos laços fracos, a “economia da dádiva”⁸, apresentada por Silveira (2008). A ideia desse conceito é que a troca e compartilhamento, oferece possibilidades diversas de interação, gerando uma economia (economia essa que difere dos habituais como aquelas pautadas no consumo, na produção e no lucro) (MARTINO, 2017, p. 47). Assim, podemos observar que quanto maior é o número de laços (tanto fortes como fracos) e quanto mais disposta estiver a pessoa em compartilhar com outros as informações que possui, maior será a troca entre o grupo.

Não é só de laços, entretanto, que busco caracterizar as redes sociais digitais e ligar com os jogos digitais. Uso também a conversação como parte fundamental de qualquer interação social, inclusive naquelas baseadas no meio digital. Essa conversação dentro dessas relações digitais, são chamadas por alguns autores de comunicação mediada por computador (CMC). Dentre diversas definições que se alteraram ao passar do tempo, Raquel Recuero (2014a, p.25)⁹ defende uma visão tríplice, ou seja, aquele que abrange o CMC como “(...) linguística de estrutura e organização; aspectos culturais das apropriações; e os efeitos dessas trocas a partir desses dois elementos”.

A linguagem, faz parte da maior parcela de interação dentro da CMC. Na maioria dos casos a troca nessa conversação é escrita, mas acaba assumindo uma oralidade. Por exemplo, ao invés de em uma CMC os atores usarem verbos como “escrevi”, “li”, “digitei” há o uso de “falei”, “disse”, “ouvi” (HERRING, 2010 *apud* RECUERO, 2014a, p. 32). Além disso, a transformação da língua falada em língua escrita, perde determinadas características, como entonação, observação da linguagem corporal, tom de voz ou pausas na fala. Para sanar um possível problema, os agentes da conversa criaram caracteres simbólicos (emojis), repetição de letra para criar uma entonação e onomatopeias. Importante destacar, que dependendo do ambiente digital, essas apropriações mudam, ou seja, uma conversa em um aplicativo de relacionamento é diferente de uma conversa em um jogo.

A maneira de se falar em uma rede social, por exemplo, é um dos fatores que formam as características dessa rede social. Assim, uma *hashtag* (#) se torna uma característica do site de rede social *Twitter*, um depoimento no perfil de alguém uma característica do site da rede social *Orkut*, o *like* se liga às características do site de rede social *Facebook* ou *YouTube*, o uso de palavras como “vac”, “Kappa”, “Fedar” ao ambiente dos *games*.

Um outro fato que permeia as CMC é a relação não entre atores, mas a relação entre as redes sociais. As conversações nas redes sociais se apresentam como “multimodais”. Isso acontece porque as conversações não ocorrem em somente uma plataforma, mas diversas plataformas (mesmo que independentes), muitas das vezes de maneira simultânea (RECUERO, 2014a, p. 156). Em outras palavras, enquanto uma pessoa está discutindo no *Twitter* com um integrante da rede social, pode estar, no mesmo tempo, conversando com uma terceira pessoa sobre essa discussão, mas em mensagem privada via *Facebook*.

Dentro dos *games* isso acontece, também. O jogador, além de utilizar dos sites de rede social já consagrados, como *Twitter*, *Whatsapp* ou *Facebook*, possui diversos sites de rede sociais desenvolvidos propriamente para o *game*, criando um sistema próprio de relações voltadas para a prática do jogo. A isso chamo de ambiente dos *gamers*. Os ambientes são os seguintes:

- a) *In-game*: A relação que se dá dentro do jogo. Se divide em duas partes a relação estabelecida com a partida em andamento e dentro da interface do jogo, sem nenhuma partida acontecendo.
- b) *Sites de compra de jogos*: Atualmente, grande parte dos jogadores optam por comprar o jogo em sites que armazenam o mesmo na nuvem. Esses sites também funcionam como

um marcador específico dos *games* mais jogados, horas gastas em cada jogo, quantidade de jogos comprados, tarefas executadas de cada game, bate-papo, fóruns, etc. Temos como exemplo a *Steam*, *Origin* e *Uplay*, para citar alguns.

- c) *Fóruns dos jogos*: São sites dedicados ao debate público sobre determinado assunto. A maioria dos jogos tem o seu próprio fórum, no qual o jogador pesquisa sobre solução de problema, dicas para melhorar sua técnica no jogo, conversa sobre possíveis melhoras do *game*, ente outras questões.
- d) *Plataforma para assistir jogos (livestreaming)*: São sites dedicados a transmitir *games*, geralmente ao vivo. Uma pessoa se dedica a mostrar o jogo para um público que interage simultaneamente através de um site. Atualmente, o mais famoso é a Twitch, com o *YouTube* também se encaixando nessa categoria.
- e) *Canais de conversa*: Para melhorar o desempenho em determinada partida, foi criado sites de conversa específicos para jogadores. A ideia é que uma equipe possa se manter em contato enquanto joga determinado *game* para ajudar na vitória do time. Os mais famosos são *Discord* e *TeamSpeak* (TS).

Tomando por base Raquel Recuero (2014ab) e algumas características que ela aponta como sendo constituintes da CMC faço abaixo apanhando de características gerais que compõem as CMC e suas relações com o ambiente dos *gamers*:

- a) *Simétrica*: Para que uma pessoa adicione outra, é necessário que haja aceite do convite de amizade, ou seja, ambas precisam concordar. Comum no *Facebook*;
- b) *Assimétrica*: Não é necessário que uma adicione a outra, não há necessidade de reciprocidade. Basta que uma siga as atualizações da outra. Comum no *Twitter*;
- c) *Síncrona*: Há uma conversa simultânea, ou seja, as respostas da interação são dadas no mesmo momento que são feitas. Comum no *Whatsapp*;
- d) *Assíncrona*: Não há simultaneidade na interação, ou seja, as respostas podem ser dadas ao longo de horas ou dias. Comum nos e-mails;
- e) *Associativo*: Formado por “laços fracos”, ou seja, não alto grau de intimidade na relação. Comum nos *games*;
- f) *Relacional*: Relação formada por “laços fortes”, ou seja, com um grau de conhecimento e intimidade grande. Comum no *Facebook*, principalmente em conversas privadas;
- g) *Público*: Quando a conversa pode ser vista por todos, não só dos atores participantes. Comum nos antigos depoimentos do *Orkut*;
- h) *Privado*: Quando a conversa é exclusiva de, no mínimo, duas pessoas, sem interferência de outros atores não aceitos naquele vínculo. Comum no *Whatsapp*;
- i) *Anônimo*: Quando a pessoa não mostra a verdadeira identidade, mas um apelido ou fotos ilustrativas. Comum no *games*;

- j) *Conhecido*: Quando a pessoa mostra a real identidade, com nome verdadeiro, foto pessoal, apresenta os reais gostos, entre outras características. Comum a maioria dos perfis no *Facebook*;

Destaco que essas características não são fixas. Em outras palavras, é possível que o anonimato esteja vinculado ao *Facebook* (exemplo dos perfis *fakes*). O que busco, entretanto, é apresentar as características mais marcantes de cada rede social digital.

Tabela 1 – Ambiente dos *gamers* e suas características na rede social

| | | | | | | |
|---------------------------------------|-----------------|-------------|------------|-------------|---------|-----------|
| <i>In-game</i> | Durante partida | Assimétrico | Síncrono | Associativo | Privado | Anônimo |
| | Na interface | Simétrico | Síncrono | Relacional | Privado | Anônimo |
| <i>Sites de compra de jogos</i> | | Simétrico | Assíncrono | Relacional | Privado | Anônimo |
| <i>Fóruns dos jogos</i> | | Assimétrico | Assíncrono | Associativo | Público | Anônimo |
| <i>Plataforma para assistir jogos</i> | | Assimétrico | Síncrono | Associativo | Público | Anônimo |
| <i>Canais de conversa</i> | | Simétrico | Síncrono | Relacional | Privado | Conhecido |

Assim como nas redes sociais tradicionais as características não são fixas, quando se trata dos *games*, também não proponho uma fixação nas características. Por exemplo, é possível que durante uma partida se jogue somente com amigos que tenham certo grau de intimidade, com isso invés de assimétrico, a relação *in-game* durante a partida se torna simétrico e, conseqüentemente a relação se torna relacional. Assim como em sites de compra de jogos a relação, mesmo que simétrico, pode se apresentar associativo, ou seja, se adiciona uma pessoa na *Steam* para que ambos possam jogar juntos, mas sem grau de intimidade.

4. Considerações finais

Observando as características da conversação mediada por computador e tomando esta como base das características formadoras da rede social na internet, posso propor uma visão final sobre o *League of Legends* ser, de fato, uma rede social digital.

Dito isso, tomando inicialmente o entendimento da rede social com a visão de Barnes (*apud* MARTINO, 2017) concluo que o LoL é um site de rede social. Isso porque o autor aponta as relações existentes na ilha de Bremnes pautadas em três campos (constituído na agricultura, pesca e a ligação entre esses dois) e chamando a relação que sai dessas ligações e suas afetações na vida cotidiana como sendo rede social. A esse ponto de vista, podemos unir a pesquisadora brasileira Raquel Recuero

(2014b), pois no modo de entender da mesma, uma rede social na internet se assemelha a que Barnes apresenta, sendo constituída por atores e suas relações.

O *gamer* ao se relacionar em diferentes canais (multimodalidade) apresenta redes próprias, desenvolvidas para a manutenção do jogo. Esse ambiente *game* e o *League of Legends* possuem suas próprias características, ou seja, suas próprias simetrias ou assimetrias, formas de criação de laços, anonimatos, conhecimentos, entre outras.

Um outro ponto que coloco como sendo prova da constituição do LoL como rede social são os elementos da linguagem que saem entre os atores e as interações. Assim como o *Twitter* possui a *hashttag* (#) ou *Facebook* e o *YouTube* o curtir, o jogo possui termos que na maioria dos casos somente os praticantes podem compreender como *Gank*, *Fedar*, *Farm* ou *GG*, só para citar alguns. Soma-se a isso, a conversa entre o grupo durante o jogo que pode se relacionar com acontecimentos em outras redes formadoras do ambiente *gamer*.

A ideia no artigo foi apresentar elementos constituintes de uma rede social na internet, exemplificando com autores que estudaram essa rede, com destaque para Raquel Recuero (2014) e Luis Martino (2015) e, com isso, facilitar compreensão do *game* e mostrar que o mesmo é uma rede social na internet.

5. Referências bibliográficas

BROWN, Stuart. **Play**: How it shapes the brain, opens the imagination, and invigorates the Soul. Londres: Penguin Publishing Group, 2009. Edição do Kindle.

CALLOIS, Roger. **Os jogos e os homens**: a máscara e a vertigem. Lisboa: Cotovia, 1990.

Disponível em: <https://www.npd.com/wps/portal/npd/us/news/press-releases/2015/new-report-from-the-npd-group-provides-in-depth-view-of-brazils-gaming-population/> Acesso em: 19 de janeiro de 2018.

FERREIRA, Emmanuel; FALCÃO, Thiago. Atravessando as bordas do círculo mágico: imersão, atenção e videogames. **Revista Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 13, n. 36, p. 73-93, Jan./abr. 2016.

GRANOVETTER, Mark. “The strenght os weak ties: a network theory revisited. **Sociological Theory**, vol.1, 1983, p. 201 – 233.

_____. “The strenght os weak ties”. **American Journal of sociology**, vol. 78 (6), mai./1973.

HAENFLER, Ross. **Subcultures**: The basics. Londres: Routledge, 2013.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2017.

JUUL, Jasper. **Half-real**: video games between real rules and fictional worlds. Cambridge: MIT Press Books; 2005.

KAUFMAN, Dora. A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 23, p. 207-218, jun. 2012.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis: Vozes, 2015.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2014a.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014b.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo**: o poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública. **Além das redes de colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Orgs. Sérgio Amadeu da Silveira e Nelson De Luca Pretto. Salvador: Edufba, 2008.

Notas.

¹Disponível em: <https://www.npd.com/wps/portal/npd/us/news/press-releases/2015/new-report-from-the-npd-group-provides-in-depth-view-of-brazils-gaming-population/> Acesso em: 19 de janeiro de 2018. Acesso em: 31 de março de 2018

²*League of Legends* ou LoL é um game online, no qual dois times se dividem, com cinco personagens para cada lado, cujo objetivo é destruir torres de defesa adversária até chegar na base inimiga que também deve ser destruída. Cada um dos cinco jogadores/jogadoras tem uma função diferente dentro da partida, que é definida previamente e elaborada com a escolha dos personagens que possuem características e poderes diferentes.

³ Em tradução livre de: “We feel more optimistic and more creative. We revel in novelties—a new fashion, new car, a new joke. And through our embrace of the new we are attracted to situations that test skills we do not need now, but may need in the future.

⁴ Disponível em:

https://www.ted.com/talks/isabel_behncke_evolution_s_gift_of_play_from_bonobo_apes_to_humans?language=pt-br#t-90016 Acesso em: 02 de abril de 2018.

⁵ Circo aqui não assume o sentido adquirido com o passar do tempo, de bufonaria, subvenção ou política de “compensação” para o proletariado se manter “calmo”, sem risco de se revoltar contra, como nos mostra Huizinga (2007).

⁶ Aqui entra uma outra questão ligada ao lúdico. Aqueles que mesmo sabendo quem está por trás da máscara não denunciam a identidade, pois seriam “estraga prazeres” e destruiriam o sentimento de ludicidade da prática. Destruição essa que seria prejuízo tanto para o “feiticeiro” como para o “enfeitado” (HUIZINGA, 2007).

⁷ Texto original: “A relatively diffuse social network having a shared identity, distinctive meanings around certain ideas, practices, and objects and a sense of marginalization from or resistance to a perceived conventional society.”

⁸ “A economia da dádiva” está intimamente ligada ao capital social que alguns autores citam como parte fundamental das Redes Sociais Digitais, inclusive Raquel Recuero (2014a, p. 136) afirma que “o capital social é pensado como constituído de recursos coletivamente construídos relacionados ao pertencimento da rede, valores esses que podem ser individualmente apropriados”.

⁹ Essa definição de Recuero tem como base a visão de Susan Herring (1996), que destaca a característica principal da CMC como sendo realizada através do computador como mediador sem deixar de dar a devida importância aos aspectos culturais, sociais e a linguística que surge dessa comunicação. Entretanto, a autora define sua visão, juntando à definição de Steven Jones (1995) que defende a CMC como não sendo exclusivamente construída por meio da tecnologia.

Breve biografia

Mestrando no PPG Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense.

E-mail: mendes.adler@gmail.com



Educação e jornalismo ambiental: novas práticas para uma cobertura crítica sobre o desenvolvimento sustentável

BIBIANA MAIA (UFRRJ)

Resumo:

Este trabalho pretende apresentar proposta de investigação de caminhos de uma Educação Ambiental voltada para jornalistas a fim de sensibilizar e capacitar os profissionais da imprensa. Desta forma, entendemos que podemos trazer novas perspectivas a fim de saciar os objetivos do Jornalismo Ambiental. A relevância da nossa pesquisa é grande, visto que esta área do jornalismo ainda carece de pesquisas e práticas voltadas para o ensino e para a rotina de trabalho. Um exemplo desta incipiência no campo é que a primeira disciplina de Jornalismo Ambiental do país data de 2004. Nossa proposta é refletir sobre o papel da Educação Ambiental e como ela pode ajudar a construir um Jornalismo Ambiental que possa fazer narrativas na busca da implementação dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, considerando que o jornalista é parte da construção da notícia e da própria realidade.

Palavras-chave: Educação ambiental; jornalismo ambiental; desenvolvimento sustentável; sustentabilidade, Agenda 2030

1. Introdução

A proposta desta pesquisa se envereda por um olhar interdisciplinar, articulando os saberes da Educação Ambiental e do Jornalismo Ambiental. Nosso tema é uma educação sensibilizadora e crítica voltada para os profissionais de imprensa, sobre o desenvolvimento sustentável. Para isso, é preciso, antes de tudo, entender que estes conceitos têm diferentes definições, segundo as concorrentes que dele se apropriam.

Tomaremos como desenvolvimento sustentável, a princípio, aquela definição consolidada no relatório “Nosso futuro comum”, conhecido como Relatório de Brundtland, levando o nome da médica Gro Harlem Brundtland, mestre em saúde pública e ex-Primeira Ministra da Noruega, que estabeleceu e presidiu a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Publicado em 1987, ele define o desenvolvimento sustentável como o “desenvolvimento que encontra as necessidades atuais sem comprometer a habilidade das futuras gerações de atender suas próprias necessidades” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2017). É, como veremos com o desenvolvimento da pesquisa, um conceito amplo e em disputa por diversas perspectivas, que questionam que tipo de desenvolvimento é este, e para quem ele é destinado.

Esta definição, que compreende que o desenvolvimento sustentável tem três pilares, econômico, social e ambiental, é a que norteia a Agenda 2030, documento da Organização das Nações Unidas assinado na Conferência das Partes, em Nova Iorque, em 2015. O plano de ação reúne 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável, esmiuçados em 169 metas a serem cumpridas pelos países signatários até o ano de 2030 (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2015, p.1).

Apesar de todos os temas da agenda se relacionarem com a nossa pesquisa, acreditamos que o ODS que tem maior aderência é o número 4, “Educação”. Ele propõe “assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2015, p.23). A princípio, pode-se pensar que é

voltado apenas para a educação básica de crianças e jovens, no entanto, no item 4.3 do documento, é destacada a busca pelo ensino superior de qualidade, e no 4.7 a garantia de que os alunos adquiram “conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável”. Já no 4.b, destaca-se ainda a importância de bolsas de estudo para comunicação, demonstrando a necessidade de uma Educação Ambiental voltada para profissionais desta área, como os jornalistas (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2015, p.23).

Desta forma, precisamos de uma educação não apenas sobre o desenvolvimento sustentável, voltada para a tomada de consciência, mas também para o desenvolvimento sustentável, buscando caminhos que vão além da discussão teórica (GADOTTI, p.67). Para cumprir este objetivo, a Educação Ambiental “assume cada vez mais uma função transformadora, na qual a co-responsabilização dos indivíduos torna-se um objetivo essencial” (JACOBI, 2003, p. 193). Entendemos a Educação Ambiental como ferramenta transformadora da nossa perspectiva diante do mundo em que vivemos, e, como veremos, o jornalista é parte fundamental da construção de uma sociedade calcada no desenvolvimento sustentável. Dentro do jornalismo, entendemos que o Jornalismo Ambiental seria o campo que dialoga com a Educação Ambiental. Sua conceituação, assim como desenvolvimento sustentável, é ampla e provoca debates. Bueno (2005, p.29) define que ele tem uma “visão inter e multidisciplinar, que extrapola os limites dos cadernos e das editorias, porque a fragmentação imposta pelo sistema de produção jornalística fragiliza a cobertura de temas ambientais”. Desta forma, “está comprometido com a qualidade de vida e o exercício da cidadania” (BUENO, 2005, p.29).

Já Bacchetta demonstra que a diferença está presente não apenas no olhar, mas no próprio processo: “el periodismo ambiental adquiere su verdadero perfil en la investigación. En primer lugar, por la complejidad de los temas ambientales, que exigen interrelacionar una diversidad de aspectos científicos, económicos, sociales, culturales, etc” (2008, p.84). Nas palavras de Miriam Santini Abreu, o Jornalismo Ambiental “precisa formar uma consciência crítica, buscando na singularidade dos lugares, nas particularidades do espaço geográfico, a singularidade da narrativa e das experiências humanas” (2006, p.159).

Entendemos que o Jornalismo Ambiental está comprometido com a qualidade de vida da sociedade e, para isto, tem uma visão ampla e investigadora, que consegue conectar os temas ambientais, sociais e econômicos, colaborando para a formação de uma consciência crítica de seu público. Ele permite, como expressam Girardi e Schwaab, um “elo com os pressupostos da educação ambiental, que tem como principal objetivo o pleno exercício da cidadania e o acesso à informação de modo a subsidiar um modo de pensar sistêmico” (2008, p.18).

Nossa pesquisa é guiada por um problema de conhecimento (BRAGA, 2005, p. 290): como podemos sensibilizar e capacitar jornalistas a efetuarem uma cobertura crítica sobre desenvolvimento sustentável? Vamos estudar como aplicar a Educação Ambiental voltada para estes profissionais, refletindo posteriormente sobre seus processos produtivos. Os estudos teóricos ainda são recentes,

visto que a primeira disciplina universitária foi criada em 2004, pela professora Ilza Maria Tourinho Girardi, na UFRGS (GIRARDI; CAMANA; LOOSE, 2015, p.363).

Girardi participou, em 1990, da criação do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul, criado para preparar os profissionais para a cobertura da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992 (2004, p.204). A autora desde então dá palestras e cursos, e buscou junto a UFRGS a criação da disciplina jornalismo ambiental, que seria oferecida oficialmente pela primeira vez em 2004, e, diante do interesse dos alunos, ela decidiu ensinar o conteúdo na disciplina Laboratório de Pesquisa, no ano anterior (2004, p.205). A ementa foi dividida em duas partes: visões de mundo, com as correntes de pensamento, e temas prioritários, como transgênicos (2004, p.209). Como prática, foi feita uma visita ao Parque Nacional dos Aparados da Serra, onde foram apuradas reportagens como trabalho final.

O objetivo de Girardi era despertar para uma consciência, respeitando a autonomia e as histórias dos alunos, de forma prazerosa. Para isso, ela relata que lançou mão de experimentos como uma aula com danças sagradas e circulares (GIRARDI, 2004, p.210). Como resultado do trabalho, Girardi observa que “os estudantes compreenderam que o jornalismo pode desempenhar papel importante no processo de educação ambiental (...), produzindo informações que contribuam com a construção do conhecimento e tomada de consciência da população acerca dos problemas ambientais” (2004, p.211).

Esta iniciativa espalha frutos pelo país, como, por exemplo, oferecimento semestral da disciplina com Trigueiro, na PUC-Rio, no Rio de Janeiro, e, conforme relato de experiência do estágio em docência de Gonçalves, na UFPE, em Pernambuco. Neste último, a autora conta que o processo se dividiu em duas etapas: fundamentação teórica e análise crítica de reportagens, e posteriormente a produção de material jornalístico, por meio de uma oficina, que culminou em um jornal, uma exposição fotográfica e um site (GONÇALVES, 2009, p.1). No processo, “os alunos deveriam ser levados a conhecer o pensamento dos autores contemporâneos que tem buscado discutir o tema. E posteriormente orientados a inserir a variável ambiental nas práticas rotineiras das atividades do jornalismo impresso” (GONÇALVES, 2009, p.1).

A relevância do projeto é grande, pois ainda há escassez de referências bibliográficas na área de Jornalismo Ambiental. Girardi, Camana e Loose (2015, p.367) mostram em pesquisa sobre dissertações e teses que, entre 1987 e 2010, foram 101 trabalhos sobre o tema. Em pesquisa nossa realizada no mesmo site, em novembro de 2017, com uso da palavra-chave jornalismo ambiental, filtrando de 2011 a 2017, e utilizando como áreas de conhecimento comunicação e jornalismo e editoração, obtivemos 1124 resultados, o que pode demonstrar um crescimento no interesse. É preciso destacar, no entanto, que não houve tempo para checar os resumos, a exemplo do artigo mencionado, para selecionar melhor aqueles trabalhos que tinham a temática como eixo central.

Do total pesquisado por Girardi, Camana e Loose (2015, p.367), a maior parte se dedica ao produto e não ao processo jornalístico. Não chegou a 20 o número de pesquisas voltadas para a rotina

produtiva, relacionamento com fontes e percepções dos profissionais, ou seja, o ao processo jornalístico. No ano com maior produção acadêmica, em 2008, houve 13 pesquisas neste sentido.

O artigo ainda mostra que há um problema de conceituação nos estudos, que não distinguem Jornalismo Ambiental de jornalismo de meio ambiente (GIRARDI; CAMANA; LOOSE, 2015, p.380). O primeiro, como entendemos, seria definido pela já citada cobertura sistêmica, investigadora e crítica, conectando os pilares do desenvolvimento sustentável, nele é preciso “propor-se política, social e culturalmente engajado” (BUENO, 2007, p.29). No segundo, o meio ambiente aparece retratado sem considerar interações sociais e econômicas.

Estudo sobre os trabalhos apresentados no Intercom, congresso da área de comunicação, entre 2003 e 2012, também traz um panorama da produção acadêmica que envolve o binômio jornalismo e meio ambiente. Lima (et al, 2015, p.242) mostra que de 332 trabalhos apresentados nos Grupos de Pesquisa (GPs) reunidos sob Divisões Temáticas (DTs), 32% estavam relacionados com a temática ambiental. Destes, 14% abordaram jornalismo e meio ambiente, sendo apenas oito debruçando-se sobre questões voltadas às práticas jornalísticas (LIMA, et al, 2015, p.247).

Neste panorama, podemos perceber que a pesquisa sobre Jornalismo Ambiental ainda é incipiente, necessita de mais produção. O foco maior é para a análise do produto final da atividade jornalística, e não para os processos anteriores a ele. Na nossa visão, é importante atuar antes do processo para que exista uma mudança no resultado do trabalho do jornalista.

Com este trabalho, pretendemos estudar a Educação Ambiental voltada para os profissionais de imprensa, para que possam empregar o Jornalismo Ambiental em seus processos. Desta investigação, esperamos que o arcabouço teórico indique caminhos para que possamos avançar no ensino do jornalismo ambiental.

2. Objetivos

2.1. Geral

Propor caminhos para a formação do profissional de imprensa para que ele realize coberturas críticas sobre o desenvolvimento sustentável, a partir da perspectiva teórica da Educação Ambiental e do Jornalismo Ambiental.

2.2. Específicos

- Aprofundar fundamentos teóricos da Educação Ambiental e do Jornalismo Ambiental;
- Analisar ementas dos cursos de jornalismo;
- Realizar entrevistas com profissionais e analisá-las;
- Disponibilizar a pesquisa para a sociedade.

3. Materiais e métodos

3.1. Fundamentação teórica

É preciso realizar uma investigação teórica sobre os principais conceitos que permeiam este trabalho (Educação Ambiental, Jornalismo Ambiental e desenvolvimento sustentável) a fim de entender o cenário que envolve o cotidiano do profissional para engajá-lo. Vamos utilizar tanto referências do campo da educação, como Gadotti (2008), assim como das teorias do jornalismo, como Traquina (2005).

Neste novo paradigma, Gadotti apresenta seis eixos importantes para repensar a educação diante do desafio do desenvolvimento sustentável: educar para pensar globalmente, educar os sentimentos, ensinar a identidade terrena, formar a consciência planetária, formar para a compreensão e educar para a simplicidade voluntária (2008, p.75). Com esta estratégia, seria possível uma reaproximação da relação homem-natureza, tantas vezes descolada.

É uma perspectiva de mudança de estilo de vida, um estilo sustentável no qual humano e ambiente vivem em harmonia com as tecnologias apropriadas, economias baseadas na cooperação e o empenho individual no processo, considerando a paz e a justiça para manter o equilíbrio das nossas necessidades com as das futuras gerações (GADOTTI, 2008, p.75). Um objetivo ambicioso, que se apresenta como ideal a ser perseguido em busca da qualidade de vida para a nossa sociedade.

Dentro das teorias construcionistas do jornalismo, não há como perceber uma distinção entre a realidade e as notícias, porque estas ajudam a construir esta realidade (TRAQUINA, 2005, p. 168). Dentre estas correntes de pensamento, as que mais se aproximam deste projeto são as transorganizacionais, que compreendem que há complexos processos de interação social entre agentes sociais (TRAQUINA, 2005, p. 173). Os jornalistas não estão passivos, são parte ativa na construção das histórias, onde existe uma significativa importância da estrutura organizacional, assim como todo o processo da rotina jornalística e a interação com as fontes (TRAQUINA, 2005, p.174-175).

É interessante ainda, dentro deste contexto, apresentar o debate sobre objetividade. Abreu (2006, p.165) diz que o sujeito-jornalista tem duas ilusões: “a de que detém os sentidos da palavra e a de que pode/deve ser objetivo”. Há ainda no campo uma defesa de exercer militância e “repudiar a neutralidade, tomar partido” (BUENO, 2007, p. 21). Dornelles (2008, p.53) corrobora a visão e defende que se não houver “um olhar multi e interdisciplinar, politicamente engajado, planetariamente comprometido, temos uma reportagem que falseia os interesses da maioria”.

Traquina (2005, p.210) aponta que em uma sociedade democrática com o surgimento de ferramentas como a internet, cresce o acesso à informação e a oportunidade de ouvir vozes alternativas. Entendemos que é discutível o quanto deste oceano de informações acrescenta aos debates da sociedade, principalmente sobre o desenvolvimento sustentável, porém este paradigma possibilita menos controle político e maior disputa do campo jornalístico por diversos setores.

Compreendemos que, considerando que o jornalista é parte ativa deste processo de construção da notícia e da própria realidade, e que o campo jornalístico está em crescente disputa, uma sociedade comprometida com o conceito de desenvolvimento sustentável precisa ter jornalistas que tragam a perspectiva da Educação Ambiental para seu processo de trabalho.

Podemos revisitar o conceito de gatekeeper de David White, que entende o processo de informação é fruto de diversas escolhas subjetivas do jornalista, passando por gates, (TRAQUINA, 2005, p.151), ressignificando-o com uma metodologia da Educação Ambiental para que, neste fluxo de decisões, este novo gatekeeper faça escolhas na cobertura que contribuam para caminhos do desenvolvimento sustentável, entendendo aqui o conceito como um modelo de sociedade que busque a qualidade de vida da população.

3.2. Metodologia

Sendo uma pesquisa no campo das ciências sociais, compreendemos que os dados são nossa própria construção a partir das construções de outros, e fazer uma análise é escolher entre estruturas de significação e determinar sua base social e sua importância (GEERTZ, 1978, p. 19). São interpretações que consistem “em tentar salvar o 'dito' num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis” (GEERTZ, 1978, p. 31). É importante entender isso, pois a pesquisa não é neutra, e está estabelecida em construção de dados a partir da interpretação de discursos.

Pela autora ter formação e experiência jornalística, existe ainda o desafio da distância social e psicológica (VELHO, 1981, 124). É necessário fazer um esforço, pois aquilo que “sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas até certo ponto, conhecido” (VELHO, 1981, p. 127). Sabemos que há uma interpretação dos dados, e a minha subjetividade está presente (VELHO, 1981, 130).

Nossa pesquisa terá como abordagem o método dedutivo, que parte de teorias para os fenômenos particulares (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 106), partindo de um todo para entender como aplicar a Educação Ambiental voltada para jornalistas, considerando o viés do desenvolvimento sustentável e os processos da atividade jornalística.

Faremos uma pesquisa bibliográfica (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.181), para tomar conhecimento daquilo relevante sobre o tema, e de campo (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.186), para levantar mais informações sobre o assunto. Nossa pesquisa de campo será do tipo exploratória, uma pesquisa cujo objetivo é a formulação de desenvolver hipóteses para clarificar conceitos, através de entrevistas (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.188).

Vamos, no primeiro momento, fazer um levantamento bibliográfico sobre Educação Ambiental, Jornalismo Ambiental e desenvolvimento sustentável, para realizar nossa fundamentação teórica. Consolidada esta fase, partiremos para entrevistas com professores de jornalismo e profissionais de imprensa (tanto a grande mídia como a especializada), para entender tanto as dificuldades acerca do envolvimento com o tema, como colocar em práticas os ideais do Jornalismo Ambiental. Este roteiro ainda será construído, a partir da leitura de referencial teórico.

Com este material, esperamos estar com arcabouço teórico necessário para dar início à proposta de produto final, um material que socialize o desenvolvimento sustentável para jornalistas na cobertura sobre o tema.

4. Resultados esperados

Com esta pesquisa, pretendemos compreender como alcançar e sensibilizar jornalistas para que se interessem pela temática do desenvolvimento sustentável com visão crítica, para que colaborem nas investigações de caminhos para atingir os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, que constam na Agenda 2030.

Para isto, a Educação Ambiental será o caminho para engajar estes profissionais a repensarem a sua perspectiva, e encontrarem no seu cotidiano uma forma de aplicar a visão sistêmica do Jornalismo Ambiental. A Educação Ambiental será o eixo que guiará a mudança de paradigma de reflexão, propondo um outro olhar diante das coberturas.

5. Referências bibliográficas

ABREU, Miriam Santini. **Quando a palavra sustenta a farsa: o discurso jornalístico do desenvolvimento sustentável**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

BACCHETTA, Victor. El periodismo de la sustentabilidad. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni. **Jornalismo ambiental: Desafios e reflexões**. Florianópolis: Dom Quixote, 2008. p. 84-88.

BRAGA, José Luiz. **Para começar um projeto de pesquisa**. Comunicação & Educação, [s.l.], v. 10, n. 3, p.288-296, 30 dez. 2005. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Morojoara Editorial, 2007.

DORNELLES, Beatriz. O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e ambiental. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni. **Jornalismo ambiental: Desafios e reflexões**. Florianópolis: Dom Quixote, 2008. p. 43-55.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade**. São Paulo: Editora e livraria Instituto Paulo Freire. 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1978.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. **Ecojornalismo e Educação Ambiental: a experiência de implantação da Disciplina de Jornalismo Ambiental na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**. Em Questão, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 203-213, jan./jun. 2004.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; CAMANA, Ângela; LOOSE, Eloisa Beling. **Panorama da pesquisa em Jornalismo Ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses entre 1987 e 2010**. Intexto, [s.l.], n. 34, p.362-384, 17 dez. 2015. Faculdade de Biblioteconomia Comunicacao.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni. **As razões de um conceito. Jornalismo ambiental: Desafios e reflexões**. Florianópolis: Dom Quixote, 2008. p. 15-22.

GONÇALVES, Janayde de Castro. Práticas experimentais em Jornalismo Ambiental: ensinar e aprender no estágio em docência. In: XII ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE

JORNALISMO, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos.2009, Belo Horizonte. Relato de Experiência. Belo Horizonte: Fnpj, 2009. p. 1 - 5.

JACOBI, Pedro. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, [s.l.], n. 118, p.189-206, mar. 2003. FapUNIFESP (SciELO).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 1991.

LIMA, Myrian del Vecchio de et al. **Jornalismo e meio ambiente: apontamentos sobre dez anos de produção acadêmica nos eventos da Intercom**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, [s.l.], v. 38, n. 2, p.231-252, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO).

MORE: **Mecanismo online para referências, versão 2.0**. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013. Disponível em: < <http://www.more.ufsc.br/> >. Acesso em: 6 nov. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Agenda 2030**. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 3 nov. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **A ONU e o meio ambiente**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/>>. Acesso em: 3 nov. 2017.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

Breve biografia

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

E-mail: bibianaamaia@gmail.com



Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

O discurso jornalístico situado entre o medo e a utopia

ELIJERTON ROGÉRIO CHAVES VERAS (PPGMC/UFF)

Resumo:

O artigo discorre sobre o processo de vinculação do medo e da utopia à administração das relações de classes na atualidade. A metodologia é ensaística e apresenta, inicialmente, um movimento teórico-conceitual para demonstrar as conexões de poder entre os donos de emissoras de TVs, os âncoras de telejornais e os telespectadores. As bases teóricas principais são: Mikhail Bakhtin, Michel Foucault, Thomas Hobbes, Thomas Morus, Jacques Lacan, Charles Taylor, Sigmund Freud e Zygmunt Bauman. *Palavras-chave:* Poder; Medo; Utopia; Felicidade; Televisão.

1. Introdução

Os âncoras de telejornais, interlocutores entre as produções de notícias e as suas veiculações, têm as suas relações de trabalho reformuladas e administradas a partir da existência de um controle orquestrado e estruturado em relações de poder mantidas através do medo e da utopia.

Tal estrutura, no que concerne o peso do arbitramento sofrido pela classe aqui em questão, evidencia as imagens desses profissionais de comunicação encerradas na legitimação de referenciais de verdade, inteligência, poder, felicidade e beleza.

Esses registros são ordenados através da dialógica do "medo e da utopia". Sobre o primeiro conceito, na constante ameaça de demissões ou retaliações profissionais. Sobre o segundo, na possibilidade de emparelhamento econômico/social com a elite detentora dos meios de comunicação.

Assim, diante de um apertado controle ideológico são percebidas relações de controle que objetivam apagar qualquer desajuste, por parte dos âncoras, na reprodução dos textos jornalísticos. Logo, o profissional com liberdade de fala, expressão de sofrimento, de descontentamento ou sentimentalismo com o conteúdo noticiado é retaliado imediatamente com punições ou até mesmo demissão.

Em referência ao surgimento dessa reformulação de poder, é observada, também, que ela é distribuída através de uma importância desmedida nas ações individuais (a meritocracia da ascensão do homem jornalista/artista que venceu na vida pelo seu próprio esforço) e na negação das responsabilidades com o outro. Ou seja, ela se fortalece na ausência do dever com o coletivo e no compromisso do empreendimento consigo mesmo.

Todavia, ainda que o empreendimento seja consigo mesmo, esses jornalistas não se anulam em suas relações externas, eles se evidenciam e marcam território entre dois grupos de desiguais. Como ferida fresca separam em extremidades uma elite, que detém o domínio patrimonial dos meios de comunicação de massa e poder político/econômico, de um bloco que vive à margem de um consumo que só se completa no seguimento do baixo grau de qualidade, dado através de sua ínfima participação nos "capitais econômico, social e cultural".

Sobre o estrato que financia os seus posicionamentos sociais, as suas relações se dão com pouca margem de negociação. Mesmo com posições que lhes permitem emanar um poder de fala que, quase sempre são decodificados como verdades inquestionáveis, eles têm os seus discursos pessoais silenciados diante dos objetivos de comunicação das instituições televisivas.

Tais instituições formatam e impõem os seus discursos a esses profissionais (sem espaço para contestação) que, por sua vez, legitimam tais ideias a partir de suas relações de poder com os telespectadores. Assim, esses jornalistas são apenas os interlocutores e tradutores dessas ideias, digam-se "hegemônicas". Logo, qualquer tentativa de enquadrá-los como sujeitos dessa produção anula a relação de assujeitamento que os atravessa, haja vista que como entremeio dessa comunicação, eles são os primeiros afetados por tais discursos.

Essa relação de poder não é mediada unicamente pelo fator econômico. Se assim fosse, as permutas de emissoras eram constantes e um jornalista não criaria o vínculo que o torna quase indissociável de uma determinada rede de televisão. Também não se pode excluir a liberdade que cada profissional tem de trocar de empresa de acordo com os seus objetivos. Todavia, o cerne da questão é a forma como a elite faz a manutenção de seu poder ideológico. Ela garante a fidelidade dos âncoras através do medo e da utopia. Sobre o medo, na disseminação do pavor da perda da credibilidade ao ser remanejado para outra posição ou ser desligado da emissora; sobre a utopia, na demonstração da possibilidade de ascensão ao seu estrato social.

Em síntese, é percebido, no que diz respeito às instituições televisivas, que o prestígio ou "Capital Simbólico" de seus grandes empresários é legitimado pela fala de uma classe, a jornalística (âncoras de telejornais), que não se enquadra, inteiramente, nem nos que dominam e nem nos dominados. Todavia, serve de uma espécie de entremeio, de interlocutor e tradutor de um discurso, "hegemônico", que se vale do pavor ideológico de não escorregar inteiramente para o segundo lado e do desejo utópico de alçar voo ao primeiro.

Diante disso, partindo da hipótese inicial de que as relações de poder e de assujeitamento, que se tecem com e através da classe jornalística, têm as suas gêneses na elite detentora dos meios de comunicação de massa, surge a seguinte indagação: quais são as condições, aparatos ou dispositivos de poder que promovem a manutenção dos aspectos subjetivos imputados à classe jornalística, sob a ordem dialógica do medo e do desejo, e a sua reverberação no processo de codificação da mensagem televisiva, no que se referem à dicotomia de classes, legitimação de fala e produção de verdades?

2. A tão sonhada felicidade.

O termo felicidade teve um papel fundamental em boa parte da filosofia antiga, pois a busca por respostas sobre o que é a vida e qual seria a melhor forma de viver esteve bem presente em sua história, principalmente, desde Sócrates na Grécia antiga. O questionamento ético sobre a melhor forma de se viver, no que diz respeito ao pensamento dos estoicos, por exemplo, destacou a relevância da felicidade na vida humana. Hadot (2010).

Logo, não muito diferente da atualidade, a postura socrática de busca por respostas sobre a melhor forma de vida estava voltada à preparação de seus seguidores para enfrentar as dificuldades da existência humana. Todavia, segundo Reale e Antiseri (2007), essa busca se fundamentava na proposta de guiar o homem para aquilo que é considerado a excelência humana e consequentemente a sua plena realização como ser humano.

Mas, vale ressaltar que, tal excelência humana não estava ancorada na construção individual do ser para consigo mesmo como objetivo final. Ela não comungava com a objetivação do dever baseado em tipos de princípios, nem nas consequências de quebra desses mesmos que resultam em uma ética de enobrecimento egoística. Pelo contrário, ela se tecia naquilo que condizia com um afastamento do sujeito individualizado para abarcar a busca pela a harmonia com o todo e para o todo.

Michel Foucault, em "História da Sexualidade 3. O cuidado de si", aborda a ética a partir de um hábito de si voltada à prática da liberdade imbricada na fundamentação da condição ontológica do meio social. Ou seja, o cuidado de si é uma maneira do indivíduo constituir sua subjetividade, compreendendo por subjetividade "a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo." (FOUCAULT, 2004, p. 236), a partir do reconhecimento de si mesmo como sujeito levado a se observar, a se analisar e se reconhecer como ator de seus próprios prazeres e desejos.

Esse cuidado de si, segundo o autor, não constitui um exercício da solidão, mas sim uma verdadeira prática social, pois todo exercício dessa prática se faz sob o apelo a um outro indivíduo. Assim, pode-se perceber que a forma de cuidado de si abarca, nas relações com os outros, uma dupla forma de tutela que parte inicialmente de si e reverbera naturalmente no outro. Como demonstra o autor: "não se deve fazer passar o cuidado dos outros na frente do cuidado de si; o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária" (FOUCAULT, 2006, p. 271).

FREIRE FILHO (2010) aborda o termo felicidade a partir de diferentes áreas do conhecimento. No entanto, para dialogar com a comunicação, ele perpassa, principalmente, a filosofia e a psicanálise, para dessa forma, pensar os diferentes pontos de vista e conceitos diversos como individualismo, autonomia, disciplina, cidadania, modelos psicanalíticos etc.

Assim, é percebido que, os seus objetivos não se lançam nem sobre uma historicização do termo nem no desdobramento daquilo que poderia ser uma investigação sobre os segredos do estado de felicidade. Todavia, o autor segue no empenho de "examinar os impactos na configuração da subjetividade e da sociedade gerados por investimentos maciços em versões específicas da vida feliz, em detrimento de outros itinerários propostos no passado ou aventados, sem grande ressonância, na atualidade" (FREIRE FILHO, 2010, p. 22).

Em um contexto mais direto, o autor aborda, de forma crítica, uma crescente e promissora indústria do bem-estar. A mesma que se consolidou através de técnicas de persuasão, livros, filmes

etc. e que intenta, sem nenhuma modéstia, ensinar aos indivíduos como alcançar a felicidade e manter o pensamento positivo.

Diante dessa abordagem, o estudo atravessa os conceitos da psicologia positiva (felicidade como resultado benéfico) e a proposta de responsabilidade individual, por essa busca, como reflexo do pensamento neoliberal. Isto é, segundo essas duas óticas o sujeito é imbuído de uma necessidade imperativa de governar a si mesmo, sempre e continuamente, na direção da potencialização da sua felicidade individual. Uma gestão da felicidade instrumentalizada dada a partir de uma ordem que tira o direito a tudo aquilo que se opõe ao conceito atual de felicidade.

Logo, a partir dessa gestão, a felicidade se reduz a uma espécie de índice a ser maximizado. O seu núcleo migra do direito ao dever (FREIRE-FILHO, 2010) e surge um indivíduo atravessado por um individualismo exacerbado que tem como única finalidade a manutenção do si mesmo.

Segundo Taylor (1997), existem duas facetas desse novo individualismo. O desprendimento do indivíduo do todo que lhe subtrai como elemento de uma ordem significativa maior. Seus propósitos e satisfações devem ser descobertos dentro dele próprio. Ou seja, ele está sozinho. Em segundo lugar, o enquadramento desse indivíduo em um quadro de soberania, que “por natureza” não deve obediência à autoridade alguma. (TAYLOR, 1997, p.251).

Todavia, no que diz respeito ao objeto de estudo, é no estreitamento do empenho de potencialização do ideal de felicidade que os âncoras dos telejornais são analisados. Ou seja, sob a imposição de uma representação estilizada e ímpar construída com e através deles para fomentar crenças, verdades, poder, beleza e saúde. Todos alicerçados em um ideal de felicidade a ser não apenas repetido, mas imperativamente vivido.

Não há o entendimento de uma menor importância das ações direcionada aos telespectadores. Mas, por uma questão intencional, a prioridade se tece nas ações apontadas para os âncoras dos telejornais. Logo, depois da decisão sobre qual conceito de felicidade seguir, ou em qual bojo de subjetividades poderia se enquadrar, busca-se analisar tal termo sobre aquilo que Zygmunt Bauman (2009, p. 05) indaga: "O que há de errado com a felicidade?".

Diante dessa indagação, sem uma averiguação mais profunda sobre o autor aqui apresentado, lança-se mão de rachar ao meio a palavra fidelidade, para dessa forma, discorrer sobre aquilo que ela tem de histórico e concreto, além de suas implicações nos contextos psicológicos.

Para tal empreendimento foi analisada a ruptura do termo felicidade¹embasado em dois conceitos da psicanálise: "O Gozo e a Pulsão", para dessa forma, estruturar a contextualização da ruptura pretendida a partir do medo e da utopia.

O psicanalista francês Jacques Lacan usa a metáfora do incesto edipiano de Freud para descrever o gozo. Assim, o termo em alemão das Ding, que significa a coisa, representa o papel da figura da mãe como objeto que se relaciona com o filho, o sujeito agente do incesto. O autor afirma que “o Bem Soberano”, que é o objeto do incesto é um bem interdito porque o sujeito “não pode suportar o extremo do bem que pode trazer-lhe das Ding” (LACAN, 2008, p. 88). Ou seja, o "Bem

Soberano" acabaria transformando-se no mal e em fonte de sofrimento no sujeito, dada sua incapacidade natural de suportar Das Ding.

No que implica o termo em questão, embora seja um dos conceitos fundamentais em Lacan, ele é permeado de dificuldades de definição. No entanto, o autor se inspira, em Freud (1920/1976), para então dizer que é algo "além do princípio do prazer" que se remete à "pulsão de morte". Ou seja, um impulso desenfreado para o prazer que gera repetição e sensações devastadoras que podem por em xeque o próprio equilíbrio dos indivíduos. (LACAN, 1992, p. 46).

Segundo Freire Filho (2010, p. 02) tanto nos relatos comerciais quanto nos acadêmicos, a felicidade é conceituada como uma condição profunda de "equilíbrio, contentamento e autorrealização". Ora, a primeira vista, pode-se entender que há uma contradição entre o que seria felicidade nos dias atuais e o princípio do gozo. No entanto, entendendo a felicidade não como resultado do movimento natural de causa e efeito, mas como um construto de eficácia com o ideal de comercialização de uma forma de representatividade social, ela pode ser enquadrada como esse objeto que vai além do prazer. Ou seja, como algo consumível que não se esgota e se manifesta, continuamente, na busca pela eterna reformulação desse mesmo prazer.

A pulsão, segundo Lacan (2008), não tem por função atingir uma hipotética satisfação definitiva sobre o objeto. A obtenção dessa satisfação se dá no movimento repetido dentro de um circuito fechado em torno desse mesmo objeto. Assim, segundo o autor, essa satisfação via repetição é o gozo.

Diante disso, no que diz respeito à felicidade e os conceitos de pulsão e gozo, percebe-se a existência de uma espécie de servidão psíquica que se concentra em um eixo imaginário que delibera a busca incessante por algo que está situado em um ideal inalcançável.

Todavia, como o termo aqui em questão não pode ser representado como algo inalcançável, ele precisa ser resignificado. Pelo menos se apresentar como algo passível de repetição. Logo, para isso, ele deve, primeiramente, ser talhado em seu primeiro objeto. Os âncoras dos telejornais.

Para isso, não basta apenas trabalhar no nível de contratos empregatícios, mas adentrar algo muito mais valorativo e punitivo do que o simples manejo da admissão/demissão. É a partir da complexidade da administração dessa mão de obra, expressão mais elevada do ideal de felicidade, que se postula a rachadura do termo citado em duas direções: o medo e a utopia.

3. O medo e a utopia

Segundo Hobbes (2003), sobre o "estado de natureza" e a violência entre os homens, o que existe é a condição de igualdade no medo. Um medo disseminado tanto no imaginário quanto sob as condições físicas de combates e armamentos. Ou seja, que vai da opressão psicológica ao temor dos mais fortes sobre as perdas da vida e dos bens.

O autor é defensor da ideia do "Contrato Social". De um pacto capaz de manter a paz entre os homens em que, segundo ele, o medo é o motor chave para a necessidade desse contrato. Logo, a legitimação desse documento só é possível através desse sentimento, haja vista as intermináveis

competições pela honra e pela dignidade que atravessam a existência humana. (HOBBS: 2003, p. 122).

Dessa forma, o medo é entendido como parte integrante de um contrato que intenta uma organização social que se mantém com e através dele. Com ele, sobre o distanciamento do retorno ao estado de natureza; Através dele, sob a vergonha e a punição da quebra do contrato.

De acordo com Bauman (2006) o medo é derivado da sensação de insegurança e vulnerabilidade dadas pela incerteza produzida pela incapacidade de ler e classificar uma situação. Ou seja, sob uma estrutura social e mental que suscita no sentimento de perigo. Assim,

Uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o “medo derivado” adquire a capacidade de autopropulsão. (BAUMAN, 2006, p.9)

O autor também discorre sobre a existência de três tipos de perigos que reverberam em medo nos indivíduos: o medo de não conseguir garantir o futuro (de não conseguir trabalhar ou ter qualquer tipo de sustento), o medo de não conseguir se fixar na estrutura social (de perder a posição que se ocupa, de cair para posições vulneráveis) e o medo em torno da integridade física.

Assim, o medo, segundo os autores aqui abordados, é disposto em duas vertentes que podem ser conjugadas: na dependência do contrato social, mantido sobre o repúdio ao estado de natureza/legitimação dada pela manutenção do medo da quebra desse mesmo contrato e derivado da sensação de insegurança e vulnerabilidade que resulta em uma possível docilidade dada pelo medo de perder a posição ocupada etc.

Sobre a utopia, segue-se na abordagem de Thomas Morus (2004). Segundo o autor, é uma ilha afastada do continente europeu. Essa ilha abarca a sociedade ideal, inatingível, que traduz um estado de bem-estar dos seres humanos. Ou seja, utopia é entendida como um sonho, algo do plano do quimérico, do irrealizável.

Assim, segundo o autor, o objeto da utopia é o relato da vida feliz em uma ilha apresentada como o mais desejável dos oásis possíveis. A capital dessa ilha era Amaurota. "Alaopolitas", “cidadãos sem cidade”, eram os seus habitantes. Os governantes eram os "ademus", “aqueles que não têm povo” (MORUS, 2004, p 60).

Diante disso, duas questões se apresentam na concepção de utopia do autor: Uma que abarca uma crítica ao real e outra que o recria. Sobre a primeira, na representação do real como aquilo que é externo e difere da mente humana. Sobre a segunda, sobre um real que é criado tão somente na mente humana. Assim, a utopia segundo Morus (2004), é o resultado desses dois tipos de trabalhos mentais, na medida em que parte do concreto percebido para criar algo que jamais fora percebido.

4. Felicidade, medo, utopia e ideologias.

Diante da concepção de utopia e dos conceitos de medo abordados por Bauman e Hobbes, pode-se buscar relacionar os dois termos com as questões históricas e concretas que endossam o termo felicidade. Para isso, o termo é analisado a partir do conceito de ideologia de Bakhtin (1999).

Dentro desse contexto, o autor considera que a palavra ocupa o papel de fenômeno ideológico por excelência, pois se trata de um veículo de comunicação da vida cotidiana, intrinsecamente ligada aos processos de produção e às esferas das diversas ideologias especializadas.

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (Bakhtin, 1999, p. 36).

Conforme o filósofo, os enunciados são construídos a partir da interação verbal e exprimem e realimentam a ideologia do cotidiano que se expressa através de nossos atos, gestos ou palavras, refletindo na cristalização dos sistemas ideológicos. Dessa forma, a concretização da palavra como signo ideológico aconteceria no fluxo da interação verbal, transformando-se ou ganhando novos significados dependendo do contexto em que surge a palavra.

Tais interações não são estáticas. Elas transformam e se transformam mutuamente, ainda que em graus diferentes. Logo, segundo o autor, tais mudanças, no que tangem as condições culturais, históricas, sociais e políticas interferem diretamente na constituição do signo ideológico. Ou seja, há um movimento de alterações mútuas fomentado pela ação do indivíduo sob o contexto histórico que ele está inserido.

Contudo, as ideologias, derivam de um consenso da sociedade ou de determinada classe social, na qual afloram tais signos ideológicos. Diante desse quadro, pode-se dizer que, para Bakhtin (1999), a atividade mental do indivíduo, bem como sua expressão exterior, formam-se a partir do território social, resultando a enunciação como expressão verbal socialmente dirigida.

É a partir dessa formulação de terminação do indivíduo sobre as suas condições sociais que os conceitos de medo e utopia se imbricam naquilo que envolvem os dispositivos de manutenção de submissão subjetiva dos âncoras dos telejornais.

Dessa forma, somente analisando o termo a partir do estudo das relações, das práticas e das ligações que são associados aos acontecimentos, é que é possível construir formas de entendimento histórico sobre o termo felicidade. Ou como diz Michel Foucault (2013, pg.40) "o problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros".

Em síntese, analisando quais são os aparatos que possibilitam a concretização da subjetivação dos âncoras e as condições de poder que proporcionam o imperativo de domínio dos proprietários dos meios de comunicação sobre essa mesma classe, percebe-se que o assujeitamento dos jornalistas é dado a partir de dispositivos de prestígios imputados através do medo da perda da posição social/poder econômico e do desejo utópico instigados ou na estabilização da segurança da profissão ou na pretensa elevação à classe proprietária.

5. Considerações finais

Em síntese, no que referente às relações de poder entre os proprietários das instituições televisivas e os âncoras de telejornais, é entendido que o manejo do medo e da utopia, como forma de administrar um discurso de classe, vai além de um simples desejo mercadológico. Tal realidade se fortalece a partir de dispositivos de poder que se costuram através das condições sociais dos jornalistas e esquemas psicológicos estrategicamente orquestrados.

Tais condições apresentam um equilíbrio artificial que culmina na lógica liberal da imagem de autorrealização e sucesso individual, para desse modo, apontar para um movimento de dominação que se constrói a partir de duas vertentes: os processos de assujeitamento - imperativamente direcionados aos âncoras de telejornais através do medo e da utopia; e a crença no discurso da emissora de televisão - ideologicamente direcionada aos telespectadores e legitimada a partir dos referenciais de verdade, inteligência, poder, felicidade e beleza, representados pelos jornalistas que compõem os telejornais das grandes emissoras de televisão.

6. Referências Bibliográficas:

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. **Medo líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 26ª ed. São Paulo: Graal. 2013.

_____. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos (v.V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In.: **Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FREIRE FILHO, João. **Fazendo Pessoas Felizes: O poder moral dos relatos midiáticos**. Trabalho apresentado ao GT Comunicação e Sociabilidade, do XIX Encontro da

Compós, na PUC-RJ, em junho de 2010. Disponível em: http://compos.com.pucrio.br/media/gt4_joao_freire_filho.pdf.

Acesso em: 10 de Set. 2016.

_____. **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

FREUD, S. (1976). **Além do princípio de prazer** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1920)

HADOT, P. O que é a filosofia antiga? 4. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

HOBBS, Thomas. (1588-1679) **Leviatã. Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil.** Organizado por Richard Tuck; tradução João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva, Claudia Berliner. Ed. brasileira supervisionada por Eunice Ostrensky. São Paulo: Marins Fontes, 2003.

LACAN, Jacques. (1959-1960) **Seminário, livro VII: A ética da psicanálise.** Versão brasileira: Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar - Ed. 2008.

_____. (1969-1970). **Seminário, Livro XVII: O avesso da psicanálise.** Versão brasileira: Ary Roitman. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1992.

MORUS, Thomas. **Utopia I.** Prefácio: João Almino; Tradução: Anah de Melo FrancoBrasília. Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais. 2004.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia: filosofia pagã antiga.** Guia para eficiência nos estudos. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

TAYLOR, Charles. **As Fontes do Self: a construção da identidade moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 1997.

Breve biografia

Mestre em Mídia e Cotidiano (PPGMC) - Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro do Laccops (Laboratório de Investigação em Comunicação Comunitária e Publicidade Social).

E-mail: elijertom@gmail.com



O papel da TV na educação informal em tempos de interatividade midiática: o percurso lúdico na construção do cotidiano infantil

FÁBIO CARVALHO PIMENTA

Resumo

O presente artigo tem por objetivo identificar o papel da TV na educação informal e a influência do discurso midiático no cotidiano infantil. Para atingir tal objetivo, serão apresentados elementos distintivos entre educação formal, não formal e informal, destacando nesta última a utilização da TV como ferramenta de disseminação do conhecimento no universo infantil. Da mesma forma, será considerada a ludicidade inerente aos meios audiovisuais e sua relação com a assimilação de conteúdos. De forma comparativa, serão abordados conteúdos nacionais e estrangeiros, dando destaque ao viés didático-pedagógico dessas produções. Serão apresentados por fim, fundamentos teóricos da educação e da comunicação, que servirão de base para um futuro aprofundamento sobre o assunto.

Palavras-chave: Educação; mídia; cotidiano; infantil; audiovisual.

1. Introdução

Entender a mídia como um simples canal de informação é reduzir o seu alcance e minimizar a sua abrangência. Segundo Todd Gitlin (2003, p.14-15), sociólogo americano e escritor referência em *mass media*, mais do que canais, “as mídias são meios que visam saciar a nossa fome de sons e imagens, de estímulos e sensações”. Segundo o autor, “as mídias transformam o nosso mundo familiar”.

Seguindo esta vertente, o presente artigo pretende apresentar diversas mídias, e em especial a televisão, tão presente nos lares brasileiros, não apenas como um simples canal de comunicação ou meio de entretenimento, mas também como meio de educação informal, tendo como foco o desenvolvimento infantil.

Assim, podemos dizer inicialmente que a presença midiática pode ser sentida no ambiente familiar como um todo e ainda mais quando nos referimos ao cotidiano infantil. Estímulos diversos, provenientes de fontes variadas invadem cotidianamente nossas casas e conseqüentemente o universo infantil, tendo a TV, geralmente, um papel de destaque no contexto brasileiro.

Segundo Douglas Kellner (2001, p. 9), acadêmico e estudioso sobre estudos culturais,

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, moldando opiniões políticas e comportamentos sociais e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. (KELLNER, 2001, p. 9)

Dentro deste contexto não podemos ter exemplo melhor de suscetibilidade à mídia do que a criança em idade pré-escolar. Cotidianamente a identidade da criança é influenciada também pela mídia, que modela a sua visão de mundo e seus valores. Assim, usar as mídias como um meio de educação, ainda que de maneira informal, é um avanço no que diz respeito à formação infantil.

Sobre este aspecto, o teórico em educação Luiz Carlos Libâneo (2010, p. 26)preceitua que não há uma forma única ou um único modelo de educação. A escola não é o único lugar em que a

educação acontece e, em alguns casos, talvez nem seja o melhor ambiente. Vemos nas casas, nas ruas, na televisão, na Internet, exemplos que demonstram as várias formas de aprender, ensinar, informar e formar cidadãos.

De acordo com o Ministério da Educação e Cultura (BRASIL, 1999), dispomos de três tipos de educação: a formal, a não formal e a informal. A educação formal é quando há a intenção de ensinar e há a estrutura específica para este fim, como é o caso da escola, além de outras instituições de ensino, como a academia, cursos e etc. A educação não formal é quando há a intenção de ensinar, mas não há a estrutura formal de ensino, como ocorre quando um pai ensina algo para o filho, ou um profissional ensina um serviço a outro no ambiente de trabalho, como exemplos. Já a educação informal, foco do presente artigo, se caracteriza por ser incidental, ou seja, uma educação que ocorre no nosso dia-a-dia, fora das escolas e de entidades organizadas. É nesse ponto que as mídias e em particular a televisão atuam na vida da criança. De forma incidental ela pode e deve ser utilizada para disseminar uma educação informal que vai desde o aprendizado de práticas do dia-a-dia, através de exemplos e repetições, até a disseminação da cultura geral. De forma lúdica e muito competente, alguns canais de TV já dispõem de um viés didático-pedagógico apurado, apresentando um conteúdo diferenciado (JORGE, 2004), buscando o desenvolvimento intelectual da faixa etária pré-escolar.

Em tempos de interatividade latente, apesar de não ser a única fonte de informação e formação, a televisão continua sendo um dos primeiros meios de comunicação que a criança tem acesso, principalmente na realidade brasileira, e, usá-la como um ambiente virtual de aprendizagem é uma quebra de paradigma, pois tira da TV o dogma de ser prejudicial ao desenvolvimento infantil.

A jornalista e professora Wanda Jorge (2004) reforça, em seu artigo, o entendimento de que a grande maioria das pesquisas brasileiras que trata sobre a influência da mídia eletrônica na formação da criança está extremamente focada no viés da psicopedagogia e totalmente desligada das questões pertinentes à programação e, por conta disso, acaba contribuindo pouco para a melhora da qualidade dos programas infantis. Da mesma forma, a autora ressalta que, no Brasil, os produtores e programadores de TV são levados a medir a programação apenas por meio de dados quantitativos, sem se preocuparem com o conteúdo em si. De forma comparativa, a autora esclarece que no exterior a pesquisa acadêmica está mais focada na qualidade das produções, o que é muito benéfico para o público infantil de uma maneira geral.

Devemos lembrar que em um passado recente, surgiram diversas pesquisas que tinham como principal viés criticar a televisão e a sua relação com o universo infantil. Apesar destas pesquisas apresentarem diversas questões pertinentes, relacionadas aos excessos praticados no cotidiano das famílias brasileiras, em nenhum momento levavam em consideração de forma veemente o potencial educativo deste meio e a possibilidade de se confeccionar um material lúdico, de qualidade e apropriado para ser absorvido pelo público infantil.

Na contramão desse raciocínio, este artigo tem o condão de levantar a reflexão no sentido de apresentar a TV como uma ferramenta educativa, interativa, lúdica e parceira da educação formal,

além de identificar o papel transformador da mídia televisiva, tendo como foco a educação informal no cotidiano infantil, identificar comparativamente o papel da TV e de outras mídias interativas no cotidiano infantil e identificar, por meio de estudo comparativo, produções nacionais e estrangeiras que visam propiciar a disseminação de conteúdo voltado especificamente para a educação infantil informal.

Também propõe-se apresentar o caráter didático-pedagógico incidental dos programas infantis, indo além do propósito comercial, exemplificando como o audiovisual pode ser utilizado como ferramenta lúdica no processo de ensino-aprendizagem infantil e analisar a utilização da televisão como ambiente virtual de aprendizado, demonstrando a sua eficácia para o desenvolvimento intelectual na faixa etária pré-escolar.

2. A TV no Brasil

No Brasil, a partir da década de 1950, o número de televisores vendidos aumentou exponencialmente. Estudos feitos pelo professor Renato Ortiz, e publicado em sua obra intitulada “A Moderna Tradição Brasileira”, demonstrou que nos anos 50 tínhamos, em uso no Brasil, cerca de 2 aparelhos receptores de TV. Em 1960 eram cerca de 760, 4.931 aparelhos em 1970 e 19.602 em 1980. (ORTIZ, 1988. p. 129-130). Em 2016, levando-se em consideração o senso demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 97,2% dos lares brasileiros possuíam televisores, totalizando 102,633 milhões de aparelhos, em 67,373 milhões de domicílios. Diante desses números, podemos pressupor que a TV ainda é, mesmo com toda a tecnologia disponível, um meio de comunicação expressivo, o que a coloca como um poderoso veículo de disseminação cultural, histórico e social. Conforme pode ser constatado através dos dados estatísticos, hoje a TV possui uma grande abrangência e consegue atrair um público cativo com produções muito bem elaboradas, do ponto de vista do entretenimento. Desta forma, ela se mantém no centro, dentre as outras mídias, influenciando a todos e principalmente as crianças em seu ambiente doméstico, dividindo e compartilhando esta influência com a família - principal influenciadora - e a escola, em um terceiro momento.

Ao focar especificamente nas produções brasileiras, apesar desta possuir um conteúdo de qualidade inquestionável, verifica-se a priorização do entretenimento e da busca pela audiência em detrimento da qualidade educativa, o que pode ser considerado um equívoco, tendo em vista a chegada de um grande número de produções estrangeiras ao Brasil. Considerando esse fluxo, que ocorre prioritariamente nas Tvs fechadas, percebe-se que a qualidade educativa do material estrangeiro, que tem um forte viés didático-pedagógico, não o torna de maneira alguma menos atrativo que as produções nacionais. Pelo contrário, os tornam mais atraentes e inseridos na realidade infantil.

A partir dessa observação, a presente pesquisa tenta entender o porquê da discrepância entre as produções brasileiras e as produções estrangeiras do ponto de vista pedagógico. Sabe-se que o Brasil tem tecnologia, leis de incentivo, material humano de qualidade e criativo, no entanto, não verificamos

dentro desse contexto a criação de um elo consistente entre o entretenimento e a educação. Outra questão é com relação ao marco legal, ou seja, apesar de ter sido colocado na legislação brasileira de forma clara um dispositivo que aborda o caráter educativo das produções televisivas, não percebemos no Brasil o cumprimento a esta determinação de forma integral. No mais vale a discussão com relação a existência ou não de equipes preparadas para estabelecer um viés educacional nas produções nacionais.

Todas essas premissas nos levam a questionar como as produções estrangeiras conseguem unir a excelência educacional e o aspecto comercial? Em que momento isso acontece? Existe uma equipe multidisciplinar que auxilia a equipe técnica e criativa? Existe uma legislação específica para isso? De modo comparativo, pretende-se entender a realidade brasileira e demonstrar como uma produção bem acurada pode ensinar crianças de idade pré-escolar, assim como os telecursos conseguem ensinar os adultos.

3. A Aprendizagem pelo Cotidiano: aspetos legais

Com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e informação, instalou-se no cotidiano das famílias brasileiras, mídias diversas e cada vez mais interativas. Segundo Douglas Kellner (2001, p. 10), a cultura da mídia também é uma cultura que explora uma tecnologia avançada, produzindo com isso, novos tipos de sociedade, novas formas de educar, novas configurações e princípios organizadores. Ressalta-se, no entanto, que mesmo com todo o avanço tecnológico, variadas mídias e interatividade crescente, a televisão continua se afirmando como uma ferramenta audiovisual poderosa do ponto de vista comercial, informativo e educacional.

Levando em consideração a área educacional e questões psicopedagógicas, com a leitura de diversos artigos da área de educação, verificou-se que de fato há uma relação direta entre a produções audiovisual e a construção do cotidiano do público telespectador infantil. Uma relação que vai além do entretenimento, quando nos deparamos com produções que zelam pela excelência pedagógica e de conteúdo. Nesse momento, percorremos artigos como a “mídia para criança e o adolescente”, de Wanda Jorge (2004) e “a TV e os vários olhares da criança”, da psicóloga e professora Lauren Colvara (2007), da UNIFEI, dentre outros. Essa construção pode ser sentida mais firmemente se destacarmos como amostra o público infantil na faixa etária de 2 à 6 anos, sendo esta delimitada pela legislação brasileira (BRASIL, 1996) como idade pré-escolar.

Além de aspectos educacionais, a aprendizagem e a construção do cotidiano infantil também pode ser moldado por diretrizes legais e, no caso em tela, preceitos que regulamentam a televisão como meio de comunicação, tendo como fundamento originário a Constituição da República Federativa do Brasil, e suas respectivas leis e decretos como, por exemplo, o Decreto-Lei nº 236/67 que, em seu parágrafo único do artigo 67, estabelece dentre as exigências legais e regulamentares, que a TV deve possuir “finalidades educacionais, culturais e morais” (SANTOS, 1.991, p. 119).

Deve ser ressaltado, no entanto, que o caráter educacional que se quer estabelecer a partir desta pesquisa não tem correlação com o que a legislação chama de televisão educativa. A televisão educativa prevista no artigo 13 do Decreto-Lei acima citado tem um caráter não comercial. O estudo em voga pretende analisar a inserção de programas educativos em canais eminentemente comerciais e seus benefícios na formação do cotidiano infantil.

Nesse sentido o artigo 13 do Decreto-Lei nº 236/67 diz que,

Art 13. A televisão educativa se destinará à divulgação de programas educacionais, mediante a transmissão de aulas, conferências, palestras e debates.

Parágrafo único. A televisão educativa não tem caráter comercial, sendo vedada a transmissão de qualquer propaganda, direta ou indiretamente, bem como o patrocínio dos programas transmitidos, mesmo que nenhuma propaganda seja feita através dos mesmos.

Já o artigo 67 diz que

Art. 67. A perempção da concessão ou autorização será declarada pelo Presidente da República, precedendo parecer do Conselho Nacional de Telecomunicações, se a concessionária ou permissionária decair do direito à renovação.

Parágrafo único. O direito à renovação decorre do cumprimento pela empresa, de seu contrato de concessão ou permissão, das exigências legais e regulamentares, bem como das finalidades educacionais, culturais e morais a que se obrigou, e de persistirem a possibilidade técnica e o interesse público em sua existência.

4. A TV e os Fundamentos Teóricos da Educação e da Comunicação

Tendo os pressupostos legais como ponto de partida, e a citação clara de que a televisão possui efetivamente um propósito educacional, nos vemos impelidos a passar pelas teorias e fundamentos da educação, tendo como guia os autores Jean Piaget e Lev Semenovitch Vygotsky (OSTERMANN, 2010). Para avançar um pouco mais em um determinado campo de conhecimento, mostra-se necessário primeiramente conhecer o que já foi realizado por outros pesquisadores e até que fronteiras do conhecimento eles chegaram. Assim, sempre que necessário, serão consultados teóricos e filósofos da educação, como Edgar Morin, Moacir Gadotti, Dermeval Saviani, dentre outros.

Especificamente com relação a TV, a pesquisa nos leva a Muniz Sodré, um dos maiores especialistas no assunto, e toda a sua literatura especializada. Desde os anos 80, quando a TV começou a ser estigmatizada por atuar como uma “babá eletrônica”, Muniz Sodré já esmiuçava essa mídia em todos os seus aspectos, considerando sua função social, manipuladora de massas e sua influência no cotidiano das pessoas.

A influência da TV na cultura brasileira, também se mostra de maneira bastante coesa no arcabouço teórico apresentado por Sérgio Miceli. Grande teórico e pesquisador dos meios de comunicação de massa, em especial a TV, Miceli analisa o Estado e a cultura no Brasil desde os anos 70, bem como a manipulação social por meio de modas, mitos, elite e a produção cultural como um todo.

Conforme colocado anteriormente, no Brasil, existe uma abundante literatura com viés crítico negativo relacionado à TV. No entanto, fugindo deste clichê, artigos como o de Wanda Jorge (2004) e dissertações como a de Lauren Colvara (2007) demonstram que temos que lançar no meio acadêmico e quem sabe, posteriormente no meio comercial, um novo olhar com relação à mídia televisiva, levando-se em consideração o que já acontece em diversos outros países.

Outros autores utilizados no escopo desta pesquisa, foram Kellner (2001), Gitlin (2003) - que criticam, mas também mostram o valor da mídia televisiva - e o professor Alexandre Farbiarz, da UFF, principalmente no que se refere a utilização das plataformas virtuais de estudo a distância, dentre as quais a TV se enquadra, apresentando um grande leque de opções que vão desde telecursos até didáticas mais atuais, que se aproveitam da exequível interatividade da TV digital.

Dessa forma, busca-se inicialmente, com base nos teóricos e teorias acima descritas, instrumentalizar o meio TV como catalisador de conhecimento desde a infância, base para as demais mídias presentes no cotidiano infantil.

5. Considerações Finais

Verifica-se com a explanação acima que ainda temos um longo caminho pela frente a fim de moldar uma pesquisa mais robusta com relação ao assunto, de forma a desmistificar o caráter prejudicial da TV no cotidiano infantil. Nesse primeiro momento o que percebemos é a existência de uma mudança tecnológica, social e cultural que apesar de profunda, mantém a TV como principal meio de comunicação e fez com que ela se tornasse quase unanimidade nos lares brasileiros. Assim não temos hoje como ignorar a sua influência no dia-a-dia do cidadão.

Da mesma forma percebemos que, hoje, diferentemente de épocas passadas, a TV não pode mais ser considerada um simples meio eletrônico, estático, em que as pessoas de maneira inerte assistem aos programas que lhes são impostos. Hoje, a TV vai além do convencional, englobando aplicativos diversos que vão desde canais de filmes, até conteúdos específicos para uma determinada faixa etária.

Mesmo comparando a TV com outros meios eletrônicos com os quais as crianças também estão conectadas, podemos observar que mídias como *smartphones*, *tablets* apresentam aplicativos, que já estão disponíveis nas *smartTVs*, como Netflix e You Tube, por exemplo. Da mesma forma que nas mídias móveis, o telespectador da televisão tem acesso a diversos programas e ainda pode dispor da programação convencional, que os outros dispositivos não possuem. Assim, considerando que a idade aqui estudada vai de 2 a 6 anos, em um primeiro momento a televisão se torna ainda mais adequada para a reprodução desse conteúdo, tendo em vista a dificuldade de manipulação dos outros meios de comunicação. Como exemplo, para acessar *smartphones* e *tablets* a criança precisa geralmente da presença de um adulto para desbloquear o aparelho, ou iniciar um aplicativo, o que na TV isso não acontece, tornando-a mais acessível.

No Brasil, considerando que os índices de audiência prevalecem diante das normas de *broadcasting* estabelecidos em Lei, infelizmente, na concepção das produtoras e emissoras de TV, basta o entretenimento puro e simples. Assim, o enorme potencial educacional desta mídia permanece ignorado, porém latente, enquanto outras mídias vão preenchendo este espaço pela educação não formal. Deve-se ressaltar que o potencial existe. Produtoras e emissoras internacionais, mais comprometidas com o papel educacional da televisão, apresentam produtos tão importantes para a educação informal como interessantes como entretenimento, sendo, inclusive, aproveitados comercialmente mundo afora. Temos exemplos como Esquadrão Bizarro (Sinking Ship/ TVOKids), Doki (Discovery Channel/ Discovery Kids), Bubble Guppies (Disney Channel), Sid O Cientista (TVE), dentre outros. Muitos dos desenhos apresentados pelos canais fechados, são apresentados em TV aberta, também.

A discussão deve se manter, para que a qualidade da programação televisiva seja questionada e os órgãos reguladores e as produtoras provocados.

6. Referências bibliográficas

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMEC). **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano** - 1. Artes de Fazer. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- COLVARA, Lauren F. **A TV e os vários olhares da criança**. 2007. 215f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo, 2007.
- GANDRA, Alana. Uso do Celular e acesso a internet são tendência no Brasil. Agência Brasil IBGE. Disponível em <http://agenciabrasil.etc.com.br/economia/noticia/2018-02/uso-de-celular-e-acesso-internet-sao-tendencias-crescentes-no-brasil> Acesso em 23 jul. 2018
- GITLIN, Todd. **Mídias sem limite**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- JORGE, Wanda. **Mídia para criança e o adolescente**. Revista Ciência e Cultura. vol.56 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2004. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252004000100038&lng=pt&nrm=iso Acesso em 13 set. 2017.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MORAES, Dênis de. **Crítica da mídia & hegemonia cultural**. Rio de Janeiro: Mauad X : FAPERJ, 2016.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira** - cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- OSTERMANN, Fernanda; CAVALCANTI, Cláudio José H. **Teorias de Aprendizagem** – texto introdutório. UFRGS, 2010.

PIMENTA, Fábio C. **Construção da Cidadania em Tempos de Globalização**. In: IV SIDTecS - Simpósio de Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade, 2014, Itajubá. Anais do IV SIDTecS - Simpósio de Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade, 2014. v. 4.

RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

SANTOS, Reinaldo. **Vade-mécum da Comunicação**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ed. Trabalhistas, 1991.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho** - Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Estratégias Sensíveis, As** – Afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

SODRÉ, Nelson W. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. Ed. Bertrand Brasil S.A., 1989.

Superaventuras como ferramenta de Alfabetização Científica

FERNANDO ALVES DA SILVA FILHO

Resumo

As Superaventuras, histórias fictícias protagonizadas por super-heróis/heroínas, por quase 80 anos têm sido uma das grandes paixões de leitores e telespectadores de diferentes idades e diferentes gêneros por todo o mundo. Como desafio, esse trabalho de pesquisa - ainda em andamento - tem como tema as representações sociais de ciência e cientistas existentes nas superaventuras. Com o objetivo de procurar estereótipos científicos nas histórias de super-heróis que possibilitem pensamentos e reflexões sobre a produção de práticas, materiais acadêmicos e educativos de forma atrativa para diferentes públicos e audiências. Analisamos referenciais bibliográficos tanto da área de superaventuras (quadrinhos, séries, filmes, livros e outros), quanto da divulgação e popularização da ciência, traçando paralelos que possam colaborar na compreensão de como a ciência e cientistas são apresentados aos públicos nesse tipo de mídias.

Palavras-chave: superaventuras; Divulgação científica; Alfabetização científica; Super-heróis; Representação Social.

1. Introdução

Este trabalho não pretende aprofundar nos conceitos apresentados no decorrer do texto, apenas pontuá-los. Entendendo que o projeto de pesquisa está em andamento. Atualmente, encerrando a fase de busca e seleção bibliográfica, construção do arcabouço teórico e delimitação do corpus de pesquisa. Pensando em conceitos como revolução científica (KUHN, 1998), caixa preta (LUNA, 2013), caixa de vidro (CASTELFRANCHI, 2007), jornada do herói (CAMPBELL, 1990), currículo espiral (BRUNER, 1960) e motivado pela grande popularidade dos filmes de super-heróis no início do século XXI, especialmente, nas produções do Universo Cinematográfico Marvel (COSTA, 2013), tal pesquisa visa compreender como as superaventuras transmitem conhecimento científico, tecnológico e acadêmico aos diferentes tipos de públicos. Aproximando a ficção apresentada nas diversas mídias -

HQs, filmes, séries, livros, jogos, animações - com a realidade vivenciada nos campos teóricos da comunidade científica.

Logicamente que a grande aceitação que as adaptações de quadrinhos estão tendo de espectadores e da própria indústria se deve ao desempenho nas bilheteiras e a produções, em sua maioria, eficientes, com bons roteiros, atores e fidelidade à identidade dos personagens. A questão financeira é de suma importância para a continuidade desses filmes visto que a reprodução do que ocorre nas páginas das HQs para a tela do cinema exige uma quantia altamente relevante de gastos em efeitos especiais. (COSTA, 2013. p. 3)

Usando as seguintes palavras chaves no banco de teses e dissertações da CAPES: super heróis, super herói, super heroínas, super heroína, superaventuras, superaventura, ciência, popularização científica, divulgação científica; até o presente momento, foram encontrados 102 trabalhos, 22 teses e 80 dissertações. No intuito de analisar e entender as motivações mediadoras da ficção ao real: questões técnicas, éticas e cotidianas relacionadas ao desenvolvimento de ciência e tecnologias nas histórias de super heróis, que por cerca de 80 anos tem mantido um público fiel desde sua criação em meados do século XX. E tem no século XXI, audiências crescentes.

Superaventuras são histórias de seres super que possuem características únicas além do potencial de seres humanos comuns. Nascidas no final da década de 1930 nos Estados Unidos, no formato de histórias em quadrinhos com a criação de Super-homem pela dupla Joe Shuster e Jerry Siegel (GRESH; WEINBERG, 2002; ROBB, 2017). Inspirados em mitologias, quadrinhos de ficção científica, de detetives, de horror e em acontecimentos do cenário social da época, as superaventuras poderiam conter tanto elementos mágicos e fantasiosos, como conceitos científicos característicos que estivessem em discussão em determinado momento da sociedade. Lois Gresh e Robert Weinberg nos falam que "HQs de super-heróis permanecem divididas em duas categorias: heróis e heroínas potencializados pela ciência; e suas contrapartes, cruzados fantasiados presenteados pela magia" (2002, p. XVI - XVII). Durante os processos criativos envolvidos na concepção de superaventuras, roteiristas e desenhistas mesclam formas, textos e contextos cotidianos com elementos idealizados em um movimento convergente entre imaginário e real no intuito de cativar públicos (COMIC BOOK Superheroes Unmasked, 2003; SUPERHEROES Decoded, 2017). Seguindo códigos, conjunto de técnicas, métodos e traços condizentes com as respostas apresentadas nas vendas anteriores, ou seja, com base na adesão dos públicos e audiências.

Ao lado de mitos e lendas, personagens do folclore ajudaram a dar forma aos arquétipos do super-herói. Os super-heróis costumam seguir um código, um conjunto de regras de comportamento que os obriga a lutar em nome dos pobres, tiranizados e oprimidos, e contra os criminosos e malfeitores. [...] Histórias de super-homens, humanos dotados de poderes além dos meros mortais, são tão antigas quanto a história da humanidade. (ROBB, 2017. p. 22)

As histórias de super heróis estão permeadas de princípios científicos que podem ser classificados como objetos de investigação do multiverso científico, afinal não é culpa da natureza ter sido dividida em disciplinas - sociologia, psicologia, física, astronomia, história, filosofia, medicina, etc... Gresh e Weinberg (2002) argumentam que histórias ficcionais são extrapolações do "E se? E se

alienígenas hostis visitarem a Terra? E se viagem no tempo fosse possível?" E não é exatamente assim que surgem as monografias, os artigos e as dissertações e teses acadêmicas?

Uma premissa improvável é feita ou uma conjectura não comprovada é assumida pelo bem de uma boa história. Um bom escritor pode pegar uma única premissa e construir uma história inteira, ou mesmo uma série de histórias, baseadas em uma extrapolação lógica dos eventos ou das ideias. E, então existem os quadrinhos. (GRESH; WEINBERG, 2002 p. 107-108).

O pesquisador levanta uma hipótese (um E se...?), tem um ou múltiplos objetivos, usa uma metodologia para contar como desenvolveu os caminhos de pensamento/ações dessa hipótese para chegar ou não nos objetivos. E, por fim, concluir se suas premissas eram improváveis ou não? Talvez, no final das contas, existam proximidades e paralelos entre Superaventuras e Divulgação Científica! Se pensarmos que fenômenos encontrados em tais gêneros discursivos extrapolam a compreensão e a capacidade dos seres humanos comuns.

Durante os processos históricos de transformações dos conhecimentos - que até certo momento foram considerados fictícios (o que era, até então, fora da realidade do homem) - estes foram sendo transformados em ciência comprovada durante os períodos de transformação, discussões e estabelecimento de novas práticas, que ficam caracterizados como Revolução Científica (KUHN, 1998) de um ciclo paradigmático. Através de seus estudos: Galileu Galilei, Isaac Newton, René Descartes, Nicolau Copérnico, Francis Bacon, Francesco Redi e Louis Pasteur; responderam "E Se?" potenciais que são utilizados, difundidos e ensinados ainda no século XXI. Transformaram a ficção imaginada em ciência comprovada, o saber científico em saber cotidiano na prática, a quebra de paradigmas.

A transição de um paradigma em crise para um novo, do qual pode surgir uma nova tradição de ciência normal, está longe de ser um processo cumulativo obtido através de uma articulação do velho paradigma. É antes uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios, reconstrução que altera algumas das generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muitos de seus métodos e aplicações. (KUHN, 1998, p. 116)

Em seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, Thomas Kuhn (1998) através de sua *Perspectiva Historicista* organiza a ciência em ciclos paradigmáticos ou ciclo de Kuhn: estabelecimento de um paradigma; ciência normal; crise; ciência extraordinária; revolução científica e estabelecimento de um novo paradigma. Sendo esta uma atividade concreta com peculiaridades e características próprias mutáveis com o passar do tempo, representações culturais e sociais. Pode-se entender ciência e tecnologia como um conjunto de métodos para estudar fenômenos, aproximando-os de conhecimentos replicáveis, com fidedignidade e sustentação teórica, transformá-los em fatos que respondam e/ou ajudem a entender o mundo em que vivemos. E a esse conjunto de métodos ao qual as diferentes formas de pensar os fenômenos naturais, as criações, as relações e práticas humanas são analogamente comparados a caixas pretas.

Latour, porém, está mais interessado nos objetos do primeiro tipo, antes de se fechar a "caixa-preta" – termo que toma de empréstimo da cibernética sempre que um

conjunto de comandos se revela complexo demais, e é substituído por “uma caixinha preta a respeito da qual não é preciso saber nada, senão o que nela entra e o que dela sai”. (LUNA, 2013. p. 7)

Em sua tese de doutorado *As Serpentes e o Bastão* Juri Castelfranchi (2008) fala sobre a caixa de vidro de conhecimento baseadas na caixa-preta de Bruno Latour,

Por sinal, Latour (2005) enfatiza como o processo de fechamento da caixa preta seja, na verdade, dinâmico, nunca acabado, fruto de um esforço constante e de práticas complexas de negociação. Minha proposta de tratar a caixa preta como sendo de vidro, no entanto, significa focar na análise de como, quando e quanto tais processos de construção da caixa preta podem ser percebidos e influenciados por grupos sociais e sujeitos considerados não-especialistas, não pertencentes a ciência. (CASTELFRANCHI, 2008, p. 14)

Castelfranchi (2017) certa vez explicou como a ciência por muito tempo moldou, padronizou e encaixotou os conhecimentos e os colocou em pedestais anticontestação. Quando na verdade essas caixas deveriam estar abertas disponibilizadas para constante exame, modificação e inovação. O que é a ciência, se não fruto da imaginação, criatividade e capacidade humana de decodificar e compreender a natureza que nos cerca? Porém, para exercer essa capacidade de decodificação e compreensão de signos, símbolos e sistemas de conhecimentos, são necessários instrumentos, ferramentas cognitivas capazes de viabilizar as decodificações de conceitos complexos sejam estes científico-acadêmicos ou ideários do senso comum, sejam reais ou imaginários. Para isso é necessário definirmos o que podemos chamar de real, considerado verdade, e o que podemos chamar de imaginário.

Cesar Candiotto (2010) diz que,

De Descartes a Husserl, passando pela crítica kantiana, a verdade é reconhecida como objeto privilegiado da filosofia e propriedade do sujeito, tanto como consciência transcendental quanto como atividade empírica. No entanto, na arqueologia do saber de Foucault, aquilo normalmente designado de verdadeiro se refere ao jogo de regras discursivas que confere legitimidade a saberes diferentes em uma época determinada [...] vinculado à produção de discursos qualificados como verdadeiros que se impõem mediante a desqualificação de outros, tidos como falsos [...] os discursos verdadeiros auxiliam o sujeito a se autoconstituir como objeto de saber possível a partir de práticas de si livremente escolhidas. (CANDIOTTO, 2010. capa traseira).

Entretanto, nem tudo que é imaginário é completamente falso, pois o conceito de imaginário passa pela criatividade de pessoas reais, de pessoas verdadeiras e a aceitação de histórias narrativas criadas com analogias, alegorias e metacriações para traduzir conceitos verdadeiros. Porém complexos e de difícil entendimento aos ouvidos de públicos não especializados em determinados assuntos ou em processos de aprendizagem.

...ficção e realidade são mescladas inconscientemente pelos produtores das histórias da superaventuras acabam sendo expressas na ficção. Uma vez que seus produtores se tratam de seres humanos reais, estes, por sua vez, sofrem influências do contexto histórico em que vivem e expressam inconscientemente na ficção o modo como a sociedade está determinada a existir. Enfim, sendo as histórias de superaventura partes integrantes da sociedade, então, torna-se fundamental encará-las, não mais como questões supérfluas, mas sim leituras sérias, através das quais podemos, inclusive, proporcionar reflexões sobre a essência da sociedade em que vivemos,

percebendo assim que, nas aventuras vividas pelos super-heróis, há muito mais momentos de realidade que propriamente de ficção. (VIANA& REBLIN (Org.), 2011. p. 118)

É nesse contexto de construção do imaginário para o real que a Jornada do Herói, conceito criado por Joseph Campbell (1990) autor de *O Herói de Mil Faces* em 1949, converge com o conceito de super-heróis. Para escritores, pesquisadores e historiados das superaventuras (COMIC BOOK Superheroes Unmasked, 2003; SUPERHEROS Decoded, 2017) a base para a continuidade e crescimento desse gênero narrativo em diferentes épocas, alcançando diferentes públicos é o fator de adaptabilidade dos super-heróis, ou como são denominados os mitos da era contemporânea (COSTA, 2013; ROBB, 2017). As histórias seguem uma estrutura temática pautada em uma incrível jornada cíclica e a partir dessa prática de escrita, desenvolveu-se um estilo de pesquisar a estrutura de mitos, lendas e fábulas, afim de analisar e estruturar histórias modernas, roteiros de filmes/desenhos, histórias em quadrinho e jogos na era contemporânea, baseados no que ficou conhecido como Monomito ou A Jornada do Herói (CAMPBELL, 1990).

Enraizadas nos mitos e lendas do passado antigo, as histórias sem fim dos super-heróis modernos têm a mesmíssima função em nossa sociedade tecnológica que tinham em tempos ancestrais. A humanidade continua precisando desses mitos para entender o mundo. Como naquelas histórias antigas, as vidas dos super-heróis passam por infinitas variações e recontagens, mas os indivíduos em si permanecem fiéis às suas facetas principais, não importa quantos artistas diferentes os modifiquem para melhor ajustá-los a cada época. (ROBB, 2017. p. 296)

Segundo o estudo de Campbell, todas as histórias consistem de um herói¹(Ex. O Batman, O Capitão América) ou grupo de pessoas (Ex. A Liga da Justiça, Os Vingadores) como as figuras centrais da narrativa e todas as histórias acontecem a partir dos atos praticados pelo/s herói/s. Sendo que esse personagem central, de seu ponto de partida passará por doze etapas (Fig. 1) até chegar ao final de sua jornada. Em um processo de crescimento, amadurecimento e formativo assim como os próprios seres humanos e sua jornada para viver em sociedade, a formação do cidadão é um processo longo, trabalhoso, minucioso e que requer enfrentar obstáculos e superá-los para atingir um novo estágio, uma nova série de escolhas, desafios e situações provocativas que poderão fazer emergir as diferenças nos caminhos escolhidos por cada indivíduo em sua singularidade.

A estrutura narrativa clássica das superaventuras podem ser analisadas e encaixadas nesses doze passos, começando pelas histórias de origens dos super-heróis, como ganharam seus poderes, como tiveram que fugir de seus planetas natais ou como enfrentaram uma situação única que modificou-os fisicamente e/ou psicologicamente, sendo que em casos de personagens como Hulk (radiação gamma), Flash (estudos de elementos químicos), Quarteto Fantástico (corrida espacial), Dr. Manhattan (estudos de efeitos nucleares), entre outros, são acontecimentos científicos que deram "errado", mas refletiam estudos em andamento na época em que foram originadas as histórias e os personagens. E por terem sido disponibilizadas a um custo baixa por muito tempo, as HQs como veículos de informação e comunicação, foram usados como meios para disseminar discursos e narrativas sobre os mais variados temas, desde a guerra, passando por questões socioculturais até popularização de conceitos científicos.

Comunicação não é uma expressão de pensamentos e sentimentos secundário a esses pensamentos e sentimentos. A ação subjacente a eles é uma ação comunicativa, mesmo que possa ser instrumental ou puramente ritualística. Isto modifica ou cria uma realidade e é convertido em uma prática que objetiva pensamentos e sentimentos assim que eles são comunicados e compartilhados. Nossa vida cotidiana é entrelaçada com a de outras pessoas que agem sobre nós. (MOSCOVICI, 1988. p. 229)



Fig. 1 A Jornada do Herói. Disponível em:

<http://www.heroisemitos.com.br/2012/12/a-jornada-do-heroi.html>

Enquanto Campbell, via a construção de narrativas como ciclos, ou uma sucessão de fatos que tinham início, meio e fim, para então se iniciar novamente. O psicólogo Jerome Bruner (1960) entendia o processo de aprendizagem como uma espiral ascendente (Fig. 2), em que o aprendiz estaria sempre em contato com as mesmas narrativas, porém em graus de dificuldades mais elevados. Em outras palavras, ao invés de sermos ensinados fatos pontuais, seria mais intuitivo sermos ensinados estruturas cognitivas "Entendo a estrutura de um assunto é entendê-lo de uma forma que permite muitos outros assuntos de serem relacionadas a isso de forma significativa. Para aprender estrutura em suma, é aprender como as coisas estão relacionadas."⁴(BRUNER, 1960. p. 7)

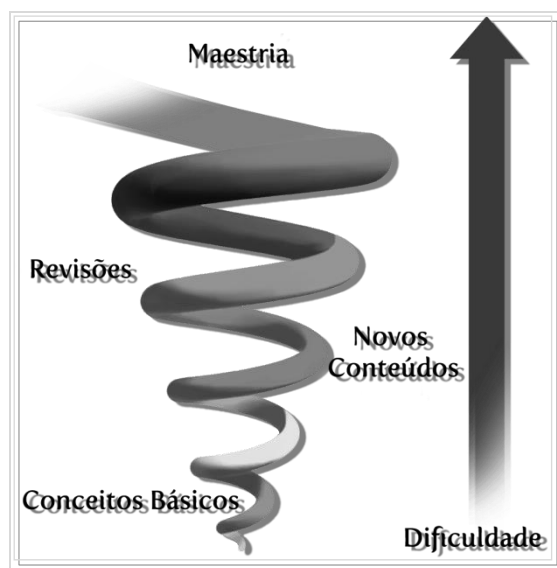


Fig. 2 Currículo em espiral

<http://www.oexplorador.com.br/117232/>

Serge Moscovici (1988; 2015), explica isso de forma bastante coerente em sua Teoria das Representações Sociais (2015) indicando que existem construções de conceitos individuais e construção de conceitos sociais, que funcionam em constante transformação criando realidades que podem variar de grupos para grupos de pessoas, dentro de uma mesma sociedade conforme as ideias são disseminadas e ressignificadas de acordo com os símbolos e signos historicamente cristalizados na estrutura cognitiva social. O que segundo Moscovici, os conceitos de ancoragem - formação de signos e conhecimentos prévios inconscientes - e objetivação - reconhecimento consciente das representações sociais formalizadas - são os mecanismos ilustrativos para se entender a sociedade como uma realidade em si.

Existem duas maneiras pelas quais uma representação pode constituir algo real. Por um lado, como linguagem ou símbolos, é performativo; em virtude de ser compartilhado, define uma determinada situação. *(que concorda com as estruturas de contar histórias de Campbell)*³. Nós nos comportamos em concordância com um líder carismático como se ele tivesse uma qualidade definida. Isso o coloca sob a obrigação de se apresentar e falar como é prescrito para ele. Por outro lado, uma representação é construtiva na medida em que seleciona e relaciona pessoas, objetos de maneira a atender às expectativas do grupo, permitindo que ele se comunique e aja de acordo com os conceitos e imagens compartilhados. *(que vai de encontro ao esquema em espiral de Bruner)*⁴(MOSCOVICI, 1988. p. 230)⁵

Os dois conceitos, narrativo (storytelling) de Campbell e espiral de Bruner, não são antagônicos, são complementares. No sentido em que o ritmo de aprendizagem é progressivo, porém sem fechar ciclos, são contínuos e cumulativos. É na esteira desses pensamentos que chegamos ao Universo Cinematográfico Marvel, um empreendimento, do Marvel Studios (COSTA, 2013. p. 10). O objetivo inicial da Marvel Comics foi uma aposta de recriar o universo expandido dos quadrinhos, a união sequencial de histórias interligadas de vários super-heróis culminando em grandes eventos, adaptando

os roteiros em produções com alto investimento financeiro e qualidade tecnológica, dentre elas filmes e séries televisivas, recontando as narrativas criadas nas décadas anteriores com modelagem atualizada pelos avanços científicos, visuais e tecnológicos alcançados no século XXI.

Foi necessário chegar ao século XXI para os efeitos visuais alcançarem um estágio onde aquilo que sempre aconteceu nas páginas de gibis pudesse ser levado com autenticidade à tela. Agora, os maiores públicos dos super-heróis estão nos cinemas e na televisão, e não lendo as revistas em quadrinho de onde eles vieram. (ROBB, 2017. p. 13)

Fazendo leituras e análise de conteúdos entre filmes da década de 1970 e filmes lançados no Universo Cinematográfico Marvel, com enfoque nas representações de ciência e cientistas existentes nos filmes a serem analisados. O estudo pretende colaborar na produção de práticas e conteúdos que possam vir a serem incorporados aos currículos acadêmicos de instituições formais de educação, adaptáveis a espaços de educação não formais. Pensando sempre em estratégias para o fortalecimento do interesse de públicos e audiências, ditas leigas, porém familiarizadas com as idealizações apresentadas nos universos ficcionais dos super heróis, para as práticas da comunidade científica. Sendo as superaventuras as âncoras de ponto de partida para estudos futuros, além de entretenimento casual ou prática de lazer. Assim, levantando discussões de como a ficção, que possui por objetivo o entretenimento, possa ter papel na divulgação de argumentos, desenvolvimentos e possibilidades nos campos científicos e tecnológicos, oferecendo mais sentidos aos vários E Se? do senso comum.

2. Referências bibliográficas

BRUNER, J. **The Process of Education**. Cambridge. Harvard University Press, 1960.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CASTELFRANCHI, Juri. **As serpentes e o bastão: tecnociência, neoliberalismo e inexorabilidade**. UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2008.

COMIC BOOK Superheroes Unmasked. Direção: Stephen KROOPNICK. Produção: James Grant GOLDIN. Intérpretes: Peta WILSON, Denny O'NEILL e Jim STERANKO. [S.1]: History Channel. 2003. 90 min. Colorido.

COSTA, RobsonSantos. **Memória de gênero e discurso nas adaptações cinematográficas de histórias em quadrinhos. 2ª Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos**. Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 20 a 23/ago, 2013.

GRESH, Lois; WEINBERG, Robert. **The Science of Superheroes**. Wiley Publishers, New Jersey, 2002.

LUNA, Leticia. **A ciência em ação de Bruno Latour**. Instituto Humanas Unisinos, Cadernos IHU ideias, ano 11 nº 192, Rio Grande do Sul, Brasil, 2013.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 5ª edição, 1998.

MOSCOVICI, S. **Notes towards a description of Social Representations**. European Journal of Social Psychology, Vol. 18, 1988. 211-250.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais - Investigação em psicologia social**. 11ª Edição. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SUPERHEROES Decoded. Direção: Josh MENSCH. Produção: Kristen BURNS; Jeremy CHILNICK, et al. Intérpretes: Kevin CONROY e Steve ENGLEHART. [S.l.]: History Channel. 2017. (168 min - EP. 1 84 min, EP. 2 84 min), Colorido.

VIANA & REBLIN (Org.) **Super-Heróis, Cultura e Sociedade: Aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos**. Idéias&Letras, São Paulo, 2011.

Notas

¹Figura principal da história, podendo ser um ser humano ou não, um único ser ou um grupo.

² Tradução livre do autor "Grasping the structure of a subject is understanding it in a way that permits many other things to be related to it meaningfully. To learn structure, in short, is to learn how things are related."

³Grifo do autor que vós escreve salientando a questão da educação pontual, em que o conteúdo ensinado visa concluir estágios específicos, o tal estudar para passar.

⁴Grifo do autor que vós escreve salientando a questão da educação espiral, em que o conteúdo ensinado visa o entendimento do corpo social no qual aprendiz, mestre e acontecimentos estão entremeados em fluxo contínuo, o estudar para entender contextos.

⁵ Tradução livre do autor: "There are two ways in which a representation can constitute something real. On the one hand, like language or symbols, it is performative; by virtue of being shared, it defines a given situation. We behave towards a charismatic leader as though he had a definite quality. This puts him under the obligation of presenting himself and speaking as is prescribed for him. On the other hand, a representation is constructive to the extent that it selects and relates persons, objects in such a way as to meet the stipulation of the group, enabling it to communicate and act in keeping with shared concepts and images."

Breve biografia

Mestrando do Programa de Pós Graduação em Divulgação da ciência, tecnologia e saúde da Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ.

E-mail: bomfasf@hotmail.com



Como saber se as roupas que você compra provêm de trabalho escravo? Um estudo de caso sobre o aplicativo¹ Moda livre.

JÉSSICA BAPTISTA DOS SANTOS VENTURA

Resumo

O modelo de produção adotado pela indústria da moda, Fast fashion, tem motivado um consumo exagerado de mercadorias que provoca malefícios ao meio ambiente. O papel social da mídia é informar sobre as consequências dessas compras irrefletidas que acarretam prejuízo à natureza. No presente trabalho, faremos um estudo de caso sobre o aplicativo* Moda livre. Para o referencial teórico, foram utilizados os autores Baudrillard (1995), Canclini (2004), Levy (1999), Lipovetsky (1989), Kellner (2001) e Fletcher e Grose (2011).

Palavras-chave: Moda; Mídia; *Fast fashion*; Moda livre; Consumo consciente.

1. Introdução:

O consumo desenfreado de mercadorias tem gerado resultados catastróficos para o meio ambiente. Para manter os altos níveis de produção, ocorre a exploração excessiva dos recursos naturais. A indústria têxtil, por exemplo, ao fabricar novos produtos para atender as necessidades dos consumidores, acaba por contaminar rios e afluentes com produtos químicos, utilizados para tingimento de peças, além da produção de tecidos que não se desintegram no meio ambiente como é o caso do poliéster. Segundo informações retiradas do site de notícias BBC, o poliéster, por exemplo, que é a fibra sintética mais usada na indústria têxtil, gasta 70 milhões de barris de petróleo para ser produzido, além de demorar cerca de 200 anos para se decompor. A viscose, outro tipo de tecido feito da celulose, provoca a derrubada de 70 milhões de árvores anualmente.

Mesmo diante de dados tão alarmantes, o maior dano provocado pela indústria da moda está ligado ao modo de produção conhecido como Fast fashion, uma moda rápida e barata que multiplica os problemas ambientais. As lojas de departamento que costumam vender este tipo de moda promovem coleções em um ritmo acelerado para que o consumidor possa sempre encontrar algo novo por um preço acessível. Para abastecer as lojas com novidades semanais, as marcas de moda contratam trabalhadores em países onde a mão de obra oferecida é barata e as leis trabalhistas não funcionam. A consequência são as tragédias como o desabamento de um prédio em Bangladesh, de acordo com informações do site de notícias G1, cerca de 1.133 pessoas morreram², o edifício abrigava cinco fábricas de confecção de roupas e, entre os destroços, era possível encontrar etiquetas das grandes marcas de Fast fashion.

Diante deste cenário, os meios de comunicação têm o papel de denunciar, através de reportagens, a exploração e o desrespeito aos direitos humanos praticados pelas redes de Fast fashion. Além dos meios tradicionais de comunicação, as mídias sociais representam uma ferramenta comunicacional que facilita a relação cada vez mais pessoal entre consumidores e as empresas de

moda. No presente trabalho, faremos uma leitura sobre como funciona o aplicativo Moda livre criado pela ONG Repórter livre³.

O aplicativo Moda livre avalia as ações de coibição do trabalho escravo na indústria têxtil, além de oferecer ao consumidor informações sobre as marcas envolvidas em casos de trabalho escravo na indústria do vestuário no Brasil. O aplicativo é gratuito e existe desde 2013. O Moda livre monitora cerca de 119 marcas nacionais e internacionais. Segundo informações retiradas do próprio aplicativo, o objetivo é trazer informação para que os consumidores façam escolhas de forma consciente.

A metodologia de caráter exploratório tomara como base a ênfase qualitativa. Nos propomos a realizar um estudo de caso a partir da investigação de como funciona o aplicativo e a avaliação das marcas, além de fazer uma leitura dos comentários dos internautas sobre a utilidade do aplicativo na hora de ir às compras. Segundo Yin (2001, p.32): “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definido”. Yin (2001) enfatiza ser a estratégia mais escolhida quando é preciso responder a questões do tipo “como” e “por quê” e quando o pesquisador possui pouco controle sobre os eventos pesquisados. Goode e Hatt (1979, p. 421-422) definem o estudo de caso como um método de olhar para a realidade social. “Não é uma técnica específica, é um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado”.

A fim de selecionar o referencial teórico para a construção do trabalho de investigação, tendo em vista autores que regimentam um olhar sobre a tríade: consumo consciente, moda e mídia, através de conceitos que discutam a questão da sociedade do consumo, relação entre moda e efêmero, uso das redes sociais como ativismo, sustentabilidade e cultura da mídia. Para tal, foram utilizados os autores Baudrillard (1995), Canclini (2004), Levy (1999), Lipovetsky (1989), Kellner (2001), Fletcher e Grose (2011). O objetivo deste trabalho se concentra em compreender o papel social da mídia na construção de uma moda ética, a partir da informação promovida pelo aplicativo Moda livre.

2. Consumo de moda na contemporaneidade

Vivemos submersos em uma sociedade regida pelo sistema capitalista, onde o papel social exercido pelos indivíduos está diretamente relacionado ao consumo de bens, ou seja, o consumo rege as relações na sociedade nas mais diversas esferas. Compreender essa lógica nos auxilia no entendimento sobre a conexão que estabelecemos com as mercadorias. Para iniciar a discussão tomamos como referência o pensador francês Jean Baudrillard que na década de 70 escreveu a obra A Sociedade de consumo. Neste trabalho, o autor se debruça sobre a temática do consumo, especialmente em sua ligação com os meios de comunicação de massa.

Para Baudrillard (1995), a leitura que a mídia faz do social transforma o valor de uso dos objetos em valor de signo, a noção de utilidade de origem racionalista é substituída numa funcionalidade de origem social, a posse dos objetos confere ao portador signos que são lidos socialmente pelos demais indivíduos.

Nesse sentido, segundo o autor, o consumo de objetos desempenha o papel de significar algo, servindo como mecanismo de integração social. Os signos atribuídos aos bens de consumo comunicam e essa linguagem do consumo rege as relações entre os indivíduos.

Em *O império do efêmero* (1989), o filósofo francês Gilles Lipovetsky afirma que a moda e o consumo se associam para o estabelecimento de um fluxo de imagens-signos. O que importa já não é a utilidade da mercadoria, mas a sedução. Há, portanto, uma incorporação sistemática da dimensão estética na elaboração dos produtos sociais. Para o autor, uma sociedade que sacraliza a mudança, o prazer e as novidades torna a moda uma exigência de massa.

A moda vestuária é, portanto, resultado de um vasto simbolismo que incorpora valores estéticos que seduzem o consumidor não mais interessado na utilidade da compra, mas no prazer de possuir um novo bem. Na sociedade de consumo (Baudrillard, 1995), as mercadorias são produzidas em massa para atender uma demanda sempre crescente de indivíduos ávidos pelo consumo de novidades.

Para responder essa demanda da sociedade contemporânea, as indústrias se adequaram a um ritmo de produção acelerado. Foi o que ocorreu, por exemplo, com a indústria têxtil que passou a produzir roupas em uma demanda jamais vista anteriormente, gerando o que conhecemos atualmente como *Fast fashion*. “É o tempo da *Fast fashion*, da criatividade e da inovação em fluxo contínuo, mas também das *microtrends*, das mil novas tendências apresentadas a cada dia, quase em tempo real” (Lipovetsky e Serroy, 2015, p.26)

O modelo de negócios *Fast fashion* depende da eficiência em fornecimento e produção em termos de custo e tempo de comercialização dos produtos. Nessa lógica, muitas vezes o consumidor possui um comportamento de compras irrefletido, o que acaba gerando o desperdício, o acúmulo de lixo têxtil, a poluição do meio ambiente e o estímulo à exploração do trabalho. Além disso, esse consumismo determina o grau de inclusão ou exclusão social, a felicidade e a infelicidade, numa lógica em que a pessoa é aquilo que ela tem, ou aquilo que ela consome.

Na tentativa de frear o consumo de moda em massa, surge o movimento de consumidores que promovem o *Slow fashion*⁴, uma lógica inversa à praticada pelo *Fast fashion*, que tem a intenção de devolver a responsabilidade tanto ao consumidor quanto ao produtor. “A moda lenta representa uma flagrante ruptura com as práticas atuais do setor e com os valores e objetivos da moda rápida” (Fletcher e Groose, 2011, p.128).

Nasce como uma mudança de mentalidade na forma de consumir moda, pois produz peças atemporais e procura reutilizar tecidos que são descartados pela indústria. Foi inspirado no Slow food, termo proposto em 1986, pelo jornalista italiano Carlo Petrini, em oposição ao Fast food. Nesse tipo de produção, a cadeia produtiva têxtil opera e produz em proporções menores, obedecendo a princípios éticos e sustentáveis, o que implica no valor final mais alto do produto, aplicando-se a prática do comércio justo⁵ (Fair trade), promovendo o encontro de produtores responsáveis e consumidores éticos.

3. Mídia, moda e ativismo

Notícias envolvendo trabalho análogo à escravidão na indústria da moda são cada vez mais comuns nos meios de comunicação. A falta de transparência das marcas quanto ao processo de fabricação das roupas passa a ser questionada por consumidores que desejam saber a procedência do que vestem. Em uma cultura regida pela mídia como a nossa, o uso das redes sociais torna-se uma ferramenta importante de ativismo e boicote às empresas que se negam a mudar suas práticas de produção.

O antropólogo Nestor Garcia Canclini, em *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da Globalização* (2004) discute a relação entre cidadania e consumo em tempos de globalização. Para o autor, é por meio do consumo que se cria um sentimento de pertencimento, o ato de consumir significa participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo.

Nesse sentido, ao selecionar e se apropriar dos bens, o indivíduo mostra quem é pelo que consome, conferindo a si mesmo uma identidade de consumidor. Essa identidade permite que o indivíduo se sinta pertencente à sociedade regida pelas práticas de consumo. Uma vez que opte por não entrar nessa lógica de pertencimento, se sentirá excluído pelos demais.

Outro ponto levantado pelo autor na obra acima citada diz respeito ao papel dos cidadãos que, informados sobre as consequências do consumismo, se organizam em grupos para apoiar lutassociais e discutir mudanças na maneira de consumir que resultaria na transformação das formas já estabelecidas de exercer cidadania.

Nesse processo de revisão dos hábitos de consumo, a mídia é apropriada por estes grupos como espaço de ativismo e reflexão. É o que acontece, por exemplo, no ciberespaço, onde os internautas utilizam as redes sociais para questionar e cobrar das marcas de moda um processo produtivo transparente sobre a confecção das peças de roupas vendidas.

Para o filósofo francês Pierry Levy (1999), a cibercultura é um espaço desterritorializado, onde a produção de novas relações de comunicação e de conhecimento, isto é, as relações dialógicas estabelecidas na rede promovem a construção de laços sociais. Segundo o autor, o ciberespaço promove a criação de comunidades virtuais e essas comunidades de interação na internet são “construídas sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projeto, em um processo mútuo de cooperação e troca” (Levy, 1999, p. 127).

De acordo com o autor, o virtual amplia os espaços e as temporalidades, modificando as relações sociais que se davam apenas de forma presencial. Como consequência, a criação de laços sociais online promove o surgimento de comunidades virtuais que são os ambientes socioculturais desenvolvidos em rede e que produzem uma cultura colaborativa, em que a produção do conhecimento compartilhado proporciona a interação social e a inteligência coletiva⁶.

Outro autor que contribui para a discussão sobre o papel da mídia é Douglas Kellner (2001) que em sua obra *A cultura da mídia* propõe uma leitura crítica dos produtos culturais midiáticos. O autor

indica que no futuro a mídia poderá se tornar um elemento de transformação social. “A intensificação do ativismo na mídia poderia ampliar significativamente a democracia, com a proliferação de novas ideias e com a possibilidade de manifestação das opiniões até agora silenciadas ou marginalizadas” (Kellner, 2001, p. 426).

Assim sendo, o autor coloca a importância do ativismo nos meios de comunicação que resultaria na reconfiguração de seus usos com o intuito de informar e esclarecer, e não de apenas manipular os indivíduos. O esclarecimento social resultante concede aos cidadãos o poder de escolha crítica sobre as questões apresentadas pela mídia.

4. Por uma moda livre de trabalho escravo: Um estudo de caso do *Moda livre*

O aplicativo *Moda livre* foi criado pela ONG *Repórter Brasil*⁷ que, desde 2009, acompanha a fiscalização do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) nas confecções têxteis espalhadas por todo o Brasil, por meio de matérias jornalísticas a ONG denuncia o trabalho análogo a escravidão praticado pelas marcas. A criação e desenvolvimento do aplicativo foi uma maneira encontrada pela ONG de aproximar o mercado de moda e os consumidores. O *Moda livre* existe desde 2013 e monitora atualmente 119 marcas de roupa nacionais e internacionais. O aplicativo é gratuito e está disponível na *Apple store* e no *Google play*.

Ao instalar o aplicativo, o usuário tem acesso as marcas de roupas avaliadas; matérias sobre trabalho escravo nas empresas do setor da moda; uma explicação sobre o que é trabalho escravo; informações sobre a ONG *Repórter Brasil* e a explicação sobre a metodologia empregada para a avaliação das marcas.

A metodologia utilizada pelo aplicativo é o procedimento de coleta e análise de dados, baseados em um questionário distribuído para as marcas que são avaliadas por sua conduta por meio de respostas que valem pontos. Depois de analisadas as respostas pela equipe do aplicativo, as marcas recebem uma pontuação que as classifica em três categorias de cores: na cor verde estão as empresas que atingiram ao menos 75% da pontuação máxima, indicando marcas que demonstram mecanismos de acompanhamento sobre sua cadeia de produção e possuem um histórico favorável em relação ao tema, ou seja, a melhor avaliação que a empresa pode receber; empresas classificadas na cor amarela atingiram de 50% a 75% da pontuação máxima e demonstram mecanismos de acompanhamento da cadeia produtiva, mas têm histórico desfavorável que pode envolver trabalho escravo e/ou a necessidade de aprimorar seus mecanismos de monitoramento. Por último, a cor vermelha, na qual estão as empresas que pontuaram menos de 50% consideradas pelo aplicativo como empresas que demonstram não acompanhar a produção e ao mesmo tempo têm histórico desfavorável com relação ao tema. Também estão nesta categoria empresas que não se disponibilizaram a responder ao questionário.

Com o intuito de manifestar transparência, o aplicativo disponibiliza um *link* com a íntegra dos questionários e a explicação detalhada do sistema de pontuação e de classificação das marcas. O acesso a essa informação está disponível no perfil de cada marca avaliada. O usuário, ao clicar no

questionário, é encaminhado para a página da ONG *Repórter Brasil*. O questionário tem uma média de oito páginas e as respostas são de múltipla escolha.

No questionário, encontramos quatro indicadores de conduta que são: políticas, monitoramento, transparência e histórico. Os indicadores avaliam, respectivamente, compromissos assumidos pelas empresas para combater o trabalho escravo em sua cadeia de fornecimento; medidas adotadas para fiscalizar os fornecedores e combater o trabalho escravo; ações tomadas para comunicar aos clientes o que tem sido feito para monitorar fornecedores e combater o trabalho escravo e por último um resumo do envolvimento das empresas em casos de trabalho escravo.

A mais recente atualização do aplicativo ocorreu em dezembro de 2017⁸. Foram incorporadas 17 novas marcas, tais como: *Reserva, Hope, Rainha, Timberland*, entre outras. Atualmente, o *Moda livre* conta com 119 marcas nacionais e internacionais, onde 53 estão no grupo de pior avaliação, 44 tiveram a avaliação intermediária, enquanto 22 tiveram a melhor avaliação.

Para esta pesquisa, optamos realizar a leitura do aplicativo pela loja da *Play store*, uma vez que a quantidade de comentários avaliando o desempenho do *app* é quantitativamente mais expressivo do que na *Apple Store*.⁹ Das 1.079 avaliações do aplicativo, elegemos os comentários ocorridos entre janeiro e junho de 2018 que somam um total de 24 avaliações. A partir da leitura dos comentários, destacamos as questões que aparecem de forma recorrente. Os usuários reclamam sobre problemas com a instalação do aplicativo no aparelho de celular. Segue abaixo alguns comentários na íntegra:

Comentário: O App apresenta o problema de não querer carregar as informações por causa de falha de conexão, sendo que esta está boa. Baixei em outro aparelho e o mesmo ocorreu. Espero que o problema seja resolvido logo, já que a ideia do aplicativo é única e muito legal.

Comentário: Está dando erro de conexão, não atende a proposta se não conecta.

Comentário: Sempre apresenta o erro de que não é possível encontrar as informações. Já reinstalei o App, mas o problema persiste.

Outra demanda observada é o método de avaliação do aplicativo que utiliza questionários respondidos pelas empresas sem uma investigação mais profunda da veracidade das respostas. Segundo os critérios de avaliação do *Moda livre*, marcas que não respondem o questionário são classificadas com a cor vermelha que indica pior avaliação. Sobre esse assunto, destacamos os comentários abaixo:

Comentário: seria melhor se diferenciasse nas avaliações as marcas que realmente possuem histórico de escravidão daquelas que não responderam os questionários, mas ainda não têm algo comprovado.

Comentário: Não dá para levar a sério um app que dá verde para Nike e Adidas...

Comentário: O aplicativo está desatualizado. Nele a Zara consta como sinal amarelo, e obviamente deveria estar em vermelho. A Dudalina consta como verde, mas hoje faz parte da Restoque, que já foi alvo de investigações. A Nike com sinal verde também é bem questionável, faltam fontes que dêem segurança para as informações. Não basta dizer que a empresa afirma ter políticas contra escravidão, porque na prática não costuma ser efetivo.

Por último, consideramos os comentários que elogiam a proposta da criação do aplicativo que facilita as compras, uma vez que o consumidor, munido de informação, pode optar por uma escolha mais consciente. Abaixo podemos observar os comentários que apoiam a proposta do aplicativo:

Comentário: Ajuda a escolher melhor, conscientemente.

Comentário: Valeu muito apenas instalar esse app. Tive acesso a informações que não encontramos facilmente.

Comentário: App fantástico para quem quer mudar a maneira de consumir, pelo menos das roupas. Me ajuda sempre, eu já entro nas lojas abrindo ele e se a marca tem abordagem positiva sobre sua cadeia de produção, compro. Se não tem, ou foi atuada por trabalho em condição análoga a de escravo, dou feedback para o gerente da loja e me retiro. Obrigada, repórter Brasil!!

A partir dos comentários destacados e de uma breve descrição do funcionamento do aplicativo, podemos observar que a proposta do *app* é válida, uma vez que permite informar ao cidadão sobre as marcas de moda e as relações trabalhistas estabelecidas com os funcionários que prestam esse serviço. Para Canclini (2004), deve existir informação confiável sobre a qualidade dos produtos e essa informação deve ser perceptível aos consumidores. Munidos de informação, a escolha do consumidor por determinada marca de moda torna-se mais criteriosa.

Outra questão observada a partir da leitura dos comentários diz respeito aos problemas práticos de instalação do aplicativo em *smartphones* e a dificuldade de conexão para carregar o conteúdo do *app*. Um dos comentários destacados¹⁰ para este estudo aponta que o aplicativo não atinge o objetivo para o qual foi criado, se as pessoas não conseguem acessá-lo. Entre os usuários que conseguem acessar o conteúdo do aplicativo, muitos elogiam a iniciativa e a eficiência na hora de ir às compras. Um dos usuários afirma que procura o gerente da loja para informar que a marca está envolvida com trabalho análogo à escravidão.

Sobre as empresas que não respeitam as leis trabalhistas, alguns usuários questionam a metodologia utilizada para avaliar as marcas que são classificadas com a pior avaliação, apenas por não responderem ao questionário proposto pelo aplicativo ou ainda classificar com melhor avaliação empresas que são denunciadas constantemente pela mídia.

5. Considerações finais

A questão norteadora desta pesquisa buscou compreender se, de fato, as informações disponíveis no aplicativo *Moda livre* contribuem para a construção de uma moda ética. A partir dos comentários destacados, observamos que o *app* atende em alguns aspectos e precisa ser melhorado em outros, mas que, de fato, se configura como uma proposta válida para levar os consumidores à reflexão sobre suas escolhas.

Em uma sociedade regida pela lógica do consumo, questionar a procedência do que é consumido é um importante passo. Diante da notícia, por exemplo, de trabalho análogo à escravidão associado à determinada empresa o consumidor pode se questionar se deve ou não consumir os seus produtos. Esse poder de escolha é importante para reavaliar a forma de produção atual da indústria têxtil.

Outro ponto considerado é que a gratuidade do *app* possibilita que mais cidadãos tenham acesso às informações relativas à mão de obra utilizada pelas marcas de moda nacionais e internacionais na confecção das roupas. É possível perceber também, através da avaliação de quem usa o aplicativo, que

este é uma ferramenta necessária para orientar o consumo, mas que precisa de ajustes. Alguns desses ajustes solicitados pelos usuários foram destacados nesta pesquisa. A questão é saber se de fato as avaliações dos usuários são levadas em conta para o aperfeiçoamento do aplicativo.

Reconhecemos que, para um melhor aprofundamento sobre o consumo de moda na contemporaneidade, é necessário retomar algumas questões pouco exploradas nesta pesquisa como, por exemplo, a definição de trabalho análogo à escravidão entre outros temas pertinentes sobre o assunto. O objetivo deste trabalho se concentrou em destacar a importância do papel social da mídia em informar os cidadãos que consomem marcas de moda. Para isso, destacamos um aplicativo que avalia as empresas do universo *Fashion*. É importante salientar que não há impedimento para que, em estudos posteriores, outras questões pertinentes sejam revistas com mais atenção.

6. Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos Ed. Lisboa: Edições 70, 1995. CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

FLETCHER, Kate; GROSE, Lynda. **Moda e Sustentabilidade: Design para mudança**. São Paulo, Ed. SENAC São Paulo, 2011. LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. São Paulo: Edusc, 2001.

Notas

¹Informações retiradas do site <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-39253994>> Acessado em: 17.03.2018

²Informações retiradas do site < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/05/numero-de-vitima-em-desabamento-de-predio-em-bangladesh-chega-a-922.html>> Acessado em: 11.03.2018.

³Fundada por jornalistas, cientistas sociais e educadores com o objetivo de fomentar a reflexão e ação sobre a violação aos direitos fundamentais dos povos e trabalhadores no Brasil.

⁴Moda lenta.

⁵Surgido nos anos 1960, é um movimento internacional que procura gerar benefício a quem realmente produz.

⁶Termo conceituado por Pierre Levy (1999) que observa a capacidade que usuários de comunidades virtuais têm de compartilhar conhecimentos.

⁷Fundada em 2001 por jornalistas, pesquisadores e educadores, tem como objetivo identificar e denunciar situações que prejudiquem os trabalhadores e o meio ambiente.

⁸Acesso em: 12.07.2018 < <http://reporterbrasil.org.br/2017/12/com-animale-e-a-brand-brasil-registra-37-marcas-de-moda-envolvidas-com-trabalho-escravo-nos-ultimos-oito-anos/>>.

⁹ Na *Apple Store* são 80 comentários enquanto na *Play store* foram 1.079 comentários.

¹⁰ Comentário: “Está dando erro de conexão, não atende a proposta se não conecta.”

Breve biografia

Jéssica Baptista, mestranda do PPGCOM da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.



A representação das favelas nas mídias: da cartografia tradicional às tecnologias locativas

KAREN DE PAULA SANTOS

Resumo:

O artigo analisa as representações das favelas do Rio de Janeiro a partir de um estudo exploratório sobre os silenciamentos discursivos e espaciais nos mapas e nas tecnologias que envolvem, sobretudo, o recurso da geolocalização. Utilizando como metodologia a revisão bibliográfica, busca-se compreender o contexto histórico-social de representação da favela por meio das reflexões de Lícia Valladares (2005) e a construção discursiva destas áreas frente a este contexto, a partir de Eni Orlandi (2004).

Palavras-chave: Cartografia; Favela; Representação; Geolocalização; Aplicativo.

1. Introdução

Pode-se observar em vários aspectos da vida cotidiana os modos com os quais o desenvolvimento tecnológico modificou a forma como os sujeitos interagem entre si, consomem e desempenham as mais variadas atividades. A união de recursos locativos como a geolocalização¹ e a realidade aumentada² integram as mecânicas de aplicativos, desde jogos digitais, como Pokémon Go, até mapas virtuais, como Google Maps³ e o Rock In Rio Go (RIR Go), um aplicativo que direcionava e localizava os participantes da edição de 2017 do festival por entre os ambientes da Cidade do Rock. Além disso, grandes volumes de informações migraram dos livros e da materialidade do papel para as plataformas digitais, da mesma forma que itens como mapas, jogos digitais, MP3, *gps*, entre outros transformaram-se em aplicativos ou foram incluídos como ferramentas já pertencentes aos aparelhos *smartphone*.

Nesse processo de transição e “mutação” para o virtual muitos foram os aprimoramentos realizados, principalmente em função de fatores visuais, estéticos e mercadológicos. Em contrapartida a esta repaginação, é notável a ausência de atualizações e reflexões no que se refere ao conteúdo que permeia os novos aparatos tecnológicos e ao impacto social, negativo ou positivo, que eles podem vir a desempenhar. Há uma mudança referente ao meio e ao formato com que as informações são apresentadas, porém a mensagem permanece sendo a mesma que perdura e se cristaliza durante os anos. Uma exemplificação disto são os padrões hegemônicos de representação cartográfica utilizados nos mapas físicos e posteriormente digitais, que excluem ou não ilustram determinadas localidades, como ocorre com favelas e áreas periféricas.

Em um cenário como o atual, em que a geolocalização é amplamente utilizada por aplicativos a partir de poucas bases cartográficas catalogadas e disponíveis, a existência ou não de uma região,

mesmo que apenas virtualmente, implica também nas dinâmicas de sociabilidade, interação e ocupação que ocorrem nestes locais.

Para uma compreensão mais clara deste fenômeno, neste artigo será analisada a representação — ou não representação — das favelas nos mapas e, posteriormente, nos aplicativos de localização e no *game* Pokémon Go, que também utiliza a mesma tecnologia de georreferenciação do *Google Maps*. Utilizando como metodologia a pesquisa bibliográfica, discutiremos ainda sobre a importância da superação desta realidade e a potencialidade de ressignificar a favela, tanto nos discursos comunicacionais quanto na reinserção do espaço que ela representa nos mapas físicos e digitais.

Buscaremos, também, aliar as mecânicas do jogo Pokémon Go e do aplicativo Rock In Rio Go, para uma proposta de pré-projeto experimental e exploratório acerca da criação de mapas turísticos das favelas que também utilizem recursos como a geolocalização e a realidade aumentada. Assim, promovendo um estímulo às visitas e atividades turísticas na região através da inserção destes espaços digitalmente, a partir de um novo modo de representação deste território.

2. Aplicabilidade das tecnologias em Pokémon Go e a dinâmica em relação às áreas periféricas

O desenvolvimento de novas tecnologias possui estreita relação com o conceito de ubiquidade, que pode ser compreendido através da definição de computação ubíqua elaborada pelo pesquisador Mark Weiser, em 1991. Para o autor, os computadores estariam presentes no cotidiano dos usuários de forma integrada ao viver humano, de tal modo que a presença dos dispositivos não seria claramente perceptível no cotidiano (ATEM; AZEVEDO; OLIVEIRA, 2013, p. 2). Aliadas à transmissão de dados em plataformas móveis, as tecnologias ubíquas e locativas – como a geolocalização e a realidade aumentada – incorporam uma parcela dos dispositivos eletrônicos atuais, alcançando desde aplicativos para plataformas móveis até o universo dos jogos eletrônicos, sobretudo os jogos pervasivos, que, a partir de recursos locativos, permitem uma imersão maior dos usuários.

Baseada na expansão da realidade virtual, a classificação como “pervasivo” está atrelada à “fusão com o espaço físico, geralmente urbano, além de uma alternância fluida entre as fronteiras da realidade e da ficcionalidade” (OLIVEIRA, 2016, p. 24). O usuário, assim, passa a compreender o ambiente virtual como uma extensão do real, sendo válida também a lógica oposta, onde a experiência de acesso aos aparatos tecnológicos passa a ser permeada por características do cotidiano. Por sobrepor elementos digitais à instância do real, a utilização destas tecnologias aponta também para a capacidade de levar novos significados ao espaço físico da cidade, alterando dinâmicas de mobilidade e espacialidade.

Um dos aplicativos que utilizam as mídias locativas em sua mecânica de funcionamento é o jogo Pokémon Go. O *game* consiste em um aplicativo gratuito e voltado para plataformas móveis, como *smartphone* e tablet, que apresenta como ponto principal a integração entre os recursos de geolocalização e realidade aumentada. O jogo tem origem na franquia homônima de animes⁴ e se baseia na coleta de seres Pokémon, dispostos em locais aleatórios, e itens especiais, presentes em

pontos geográficos específicos chamados *Pokéstops*⁵; além disso há a possibilidade de evolução do Pokémon, combate nos Ginásios⁶ e participação em equipes.

Pelo fato de ser ter sido desenvolvido com base em dados cartográficos mapeados anteriormente e com a mesma tecnologia e informações utilizadas no Google Maps, — Pokémon Go foi desenvolvido pelo laboratório Niantic, empresa que teve origem através do Google — o *game* possui um mapa “semelhante” ao espaço real das cidades, utilizando também imagens *geotag*⁷ do Google Earth para identificação de locais específicos, como *Pokéstops* e Ginásios.

Em termos práticos, a experiência de Pokémon Go está relacionada de modo intrínseco aos locais em que são dispostos os elementos do jogo, de modo que, para avançar os níveis no universo virtual, o usuário deve deslocar-se fisicamente para interagir com itens nas áreas mapeadas.

Em sua proposta de jogo, exposta na descrição oficial do aplicativo⁸, é visível um projeto em que a interatividade esteja presente nas proximidades onde o jogador reside: “*Pokémon are out there, and you need to find them. As you walk around a neighborhood, your smartphone will vibrate when there’s a Pokémon nearby*”.⁹Entretanto, indo além dos grandes centros urbanos, há diversos espaços que, apesar de mapeados, não integram, de fato, a plataforma de Pokémon Go; subúrbios, zonas rurais e favelas são áreas nas quais os jogadores devem percorrer longas distâncias até encontrar elementos de interação.

No caso das favelas, abordando especificamente a cidade do Rio de Janeiro, a questão apresenta ainda mais complexidades, pois, com um mapeamento por satélite recente, muitos destes espaços são apresentados como locais vazios, apenas com relevo e sem qualquer demarcação ilustrativa que expresse zoneamentos ou habitações.

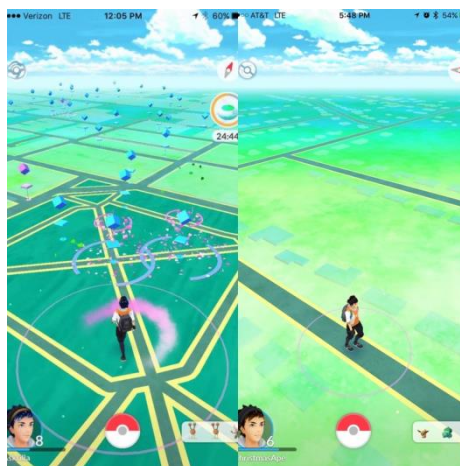


Imagem 1: Comparação entre a quantidade de elementos interativos do jogo em uma região metropolitana e periférica.¹⁰

Segundo a matéria¹¹ do portal Agência de Notícia das Favelas (ANF), há mais de 1000 favelas no Rio de Janeiro, onde residem cerca de 2 milhões de cariocas, e apenas 0,001% destes territórios integram o banco de dados do Google Maps. Neste contexto, voltando o olhar às representações dos ambientes em Pokémon Go, “quando favelas e bairros da periferia são incluídos na base de dados do

aplicativo, acabam sendo pouco aproveitados”¹², pois, mesmo quando são inseridas no mapa, não há disponibilidade de recursos do jogo na região.

3. As representações imaginárias e cartográficas acerca das favelas

Em seu livro “A invenção da favela: do mito de origem a favela.com” (2005), Licia Valladares aborda, entre outros tópicos, as dinâmicas de estudo do objeto “favela” ao longo dos anos. Fruto de um processo migratório sem qualquer coordenação do Estado, para Valladares, essas regiões foram negligenciadas e associadas à pobreza, desordem e “vadiagem”, permanecendo anos sem assistência governamental nos âmbitos econômicos, espaciais e culturais. Segundo a autora, o vagaroso processo de valorização da favela teve como pontos-chave as ações da Igreja Católica, a política trabalhista da Era Vargas — desvinculando a ideia da favela como local de não-trabalho — e os inúmeros estudos e pesquisas promovidos pelas universidades brasileiras sobre o tema.

Dos anos 1970 até os nossos dias, multiplicaram-se trabalhos e pesquisas, resultados, ao mesmo tempo, de uma agenda universitária explícita, das necessidades de planejamento e de uma política científica de estímulo à pesquisa, que atribui uma atenção contínua à pobreza urbana ou temas a ela diretamente associados. A favela se tornou um tema da moda, inclusive para ONGs, cada vez mais mobilizadas para intervir nesse tipo de bairro popular. (VALLADARES, 2005, p. 119)

Não obstante às iniciativas que evidenciam sua importância, a favela, até os presentes dias, ainda permanece sendo vista como um problema habitacional, que deve ser silenciado por meio de remoções ou da ocultação de sua existência, seja por meio de barreiras de isolamento¹³, como os tapumes que encobriram a Favela da Maré, na Linha Vermelha, Rio de Janeiro, ou da tentativa de supressão de sua existência no ambiente digital.

O portal Rio On Watch— Rio Olympics Neighborhood Watch: Comunidades do Rio de Olho nas Olimpíadas — pontua na matéria “A importância e os desafios de colocar as favelas no mapa”¹⁴ que as discussões em torno do espaço das favelas cariocas só ganharam maior destaque devido à Copa do Mundo e aos Jogos Olímpicos, a partir de projetos que colocavam determinadas comunidades em pauta, tais como o “*Beyond the map*”¹⁵ e o “Tá no mapa”¹⁶, — ambas as iniciativas são dirigidas também pelo Google — que buscaram mapear e apresentar o espaço de algumas favelas cariocas ao mundo. O contraditório, segundo o portal, é que, anteriormente, a empresa de buscas suprimiu a palavra “favela” das pesquisas na plataforma *Maps*. Ao buscar pelo termo, os locais corretos não eram apresentados como resultados e, quando havia uma determinação geográfica correta, o mapeamento não havia sido realizado e apenas uma área homogênea e sem detalhamento era exibida.

Outro ponto de análise são as atualizações realizadas nas localidades presentes nos mapas digitais; segundo a matéria do Rio On Watch, as imagens do Google Street View referentes ao trecho da Favela da Maré, na Avenida Brasil, são de 2011, já as imagens da entrada do Morro da Providência são de 2012, enquanto o Santa Marta e o Vidigal nem ao menos possuíam imagens no Street View. O texto cita ainda o depoimento do morador e guia local do Santa Marta, Paulinho Otaviano, concedida

ao documentário “Todo mapa tem um discurso”: “O fato de não estar no mapa, dá uma sensação excludente. De que a gente não faz parte da cidade”.

Em seu livro “Cidade dos sentidos” (2004), a pesquisadora Eni Orlandi aborda no capítulo “A desorganização cotidiana” os diferentes discursos assumidos pelos sujeitos acerca da cidade e os processos de significação produzidos ao longo do tempo sobre os espaços. A discussão promovida no texto possui como ponto de partida as “falas desorganizadas”, lugares onde há uma carência de sentidos que transcendam o imaginário urbano, preenchendo, assim, a vida social com o “real concreto” (ORLANDI, 2004, p. 69) das cidades.

Com a cautela de não generalizar suas características, as favelas podem ser consideradas, em muitos casos, como um exemplo de “fala desorganizada”, onde se originam discursos alternativos ao hegemônico. A partir do desenvolvimento promovido pelos seus próprios moradores diante da falta de assistência pública, estes espaços produziram novos sentidos em relação à organização urbana da cidade; sentidos estes que, segundo Orlandi, funcionam como uma forma de resistência ao já significado.

Para a autora, a imagem das cidades é perpassada por discursos urbanizados, onde se estabelece uma definição padrão, aprisionada na “materialidade significativa da cidade pelo discurso (do) urbano que a imobiliza no enquadramento” (ORLANDI, 2004, p. 66); assim, excluem-se manifestações alternativas, como as favelas e tantas outras articulações urbanas. Esta delimitação do que é ou não legitimamente parte da cidade, afeta também quem é considerado um legítimo cidadão. O trecho citado anteriormente, no qual o guia Paulinho Otaviano fala sobre a ausência do Morro do Santa Marta dos mapas — o local só foi inserido em 2015¹⁷— exemplifica este processo, no qual o entrevistado manifesta a sensação de segregação e não pertencimento.

A inexistência das favelas nos mapas digitais e o estranhamento decorrente desta falta configuram uma espécie de “incompreensão”, fenômeno citado por Orlandi (2004) como resultante da ruptura de discursos políticos, históricos e linguísticos. Desse processo, originam-se ainda outras “falas desorganizadas”, como é o caso do projeto “Caminos de la Villa”¹⁸, uma mobilização dos moradores das favelas de Buenos Aires para mapeá-las, e a iniciativa “Maré no mapa”¹⁹, que recolheu e organizou dados cartográficos, criando um guia de ruas do Complexo da Maré.

Se, por um lado, o não mapeamento das favelas e a ausência de representação nos mapas de Pokémon Go possibilita um terreno fértil para o surgimento de novos deslocamentos de sentido, em contrapartida, alimenta um círculo vicioso da negligência a determinados espaços. Se não houve um interesse anterior para que as favelas fossem mapeadas e, conseqüentemente, estivessem no jogo, através de um discurso implícito de irrelevância, o resultado da ausência destes espaços reitera este mesmo discurso, limitando a vivência, os sentidos e as práticas de ocupação e espacialidade.

Estabelecendo um paralelo com os preceitos de Foucault, nota-se que os imaginários e proposições que estabelecem como cada lugar é significado caracterizam um tipo de “saber” geográfico, determinando o que é inserido ou não nos mapas. No capítulo “Verdade e poder”, Foucault

explicita que o discurso da “verdade” baseia-se em uma relação de poder, e não apenas de sentidos, onde as falas vistas como legítimas são respaldadas e pautadas por estruturas regulamentares, a partir de dinâmicas econômicas e políticas. Desse modo, os discursos resultantes da confluência entre saber e poder orientam a vida social, de acordo com os interesses dominantes. Para o autor, “a ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem.” (FOUCAULT, 1992, p.14)

No artigo “Mapas, saber e poder” (2009), de Brian Harley, os mapas são definidos como ferramentas de “saber associado ao poder” (HARLEY, 2009, p. 4), atravessados por uma classificação científica que certificam as “verdades” neles contidas perante a sociedade.

A cartografia pode ser também uma forma de conhecimento e uma forma de poder. Assim como o historiador pinta a paisagem do passado com as cores do presente, o geômetra, conscientemente ou não, não reproduz somente o entorno em sentido abstrato, mas também os imperativos territoriais de um sistema político (HARLEY, 2009, p. 3).

Em matéria²⁰ ao site BBC Brasil, Alexander Kent, Professor de geografia da universidade britânica Canterbury Christ Church, pontua que, de modo geral, os locais não catalogados cartograficamente são ignorados pelo Estado ou se recusam a ter seu território mapeado. Segundo o Professor, "Longe de ser algo que só representa objetivamente o que está no solo, a pessoa que faz o mapa tem o poder de influir no que acontece ou não acontece no local"²¹.

Nesse panorama, a representação da favela no jogo e os recursos disponibilizados em Pokémon Go são apenas a “ponta do *iceberg*”. Não só pelo fato do espaço da favela não possuir os itens e elementos virtuais que permitem uma completa experiência do *game*; nestes locais, a não representação da geografia da favela nos mapas de Pokémon Go — e do Google Maps — evidencia o não reconhecimento como um espaço legítimo e que de fato é habitável e habitado.



Imagem 2: Postagem feita por jogador de Pokémon Go.²²

Tal falta de reconhecimento e outras formas de cristalização de sentidos das favelas são assinaladas por Lícia Valladares (2005) através de três conjuntos de padronizações, denominadas por ela como “dogmas”. Apesar de sua argumentação basear-se em “dogmas” elaborados no campo das ciências sociais, pode-se observar que os mesmos já-ditos são reverberados em outras instâncias da sociedade, que evidenciam a representatividade da favela por meio de lugares-comuns e a “convergência de um certo número de características básicas atribuídas à favela carioca” (VALLADARES, 2005, p. 149).

O primeiro “dogma” é apresentado pela autora como uma espécie de caráter específico da favela e das idiossincrasias de seus moradores, onde os discursos jurídicos, geográficos e políticos lá vigentes possuem características próprias e contrastantes da sociedade como um todo. Esta visão compõe um posicionamento em que a definição do espaço é “fora da realidade e das normas urbanas, sem ruas bem traçadas, com poucos ou ausentes serviços e equipamentos coletivos” (VALLADARES, 2005, p. 149), de forma que a favela constituiria um local à parte da cidade.

Esta especificidade pode ser observada nas situações mencionadas anteriormente em relação aos debates sobre o mapeamento das “áreas periféricas” e a negligência em colocá-las nos mapas; “ora, se a favela constitui um território com aplicações jurídicas, demográficas, políticas, geográficas e sociais diferentes, não há a necessidade de integrá-la ao resto da cidade”, poderiam justificar os responsáveis pela elaboração dos diversos mapas digitais. Deve-se considerar, no entanto, que as características de formação das favelas configuram alternativas para solucionar as consequências da não assistência do Estado e de formas anteriores de negligência pelas instituições públicas e particulares.

Além dessa questão, é importante compreender que as cidades em sua totalidade, principalmente as metrópoles, são compostas por diversas áreas/regiões/zonas, cada qual com suas peculiaridades e influenciando-se mutuamente; sendo assim, é um erro considerar as favelas como pontos isolados e com características totalmente singulares. O tema da inserção das favelas nos mapas e em pautas sociais não deve ser considerado apenas uma medida de inclusão, mas sim uma função de responsabilidade com toda a conjuntura social da cidade, que será beneficiada com a integração dos espaços.

Ao abordar o segundo “dogma”, a autora questiona a percepção da favela como local com maior incidência de pobreza, desigualdade, exclusão e violência; de modo que “enquanto território da pobreza, a favela passou a simbolizar o território dos problemas sociais, numa associação do espaço físico ao tecido social” (VALLADARES, 2005, p. 151). Esse processo de associação da criminalidade às regiões vistas como pobres estabelece um limite onde há caos e desordem e onde predomina a “paz e tranquilidade”. Mesmo com variações regionais, a alta incidência de crimes é presente em toda a cidade do Rio de Janeiro, entretanto, principalmente nas favelas, esta problemática é encarada como um obstáculo que impede medidas de desenvolvimento — como o mapeamento e o serviço dos correios — e não como uma questão a ser solucionada para que se potencializem os aspectos positivos destes locais.

Por fim, o terceiro “dogma” consiste na homogeneização do objeto favela, em que se “reconhece e trata a favela como um tipo no singular e não na sua diversidade” (VALLADARES, 2005, p. 152), sendo analisada genericamente do mesmo modo, independente de qual localidade está sendo observada. Um dos prejuízos provocados por este “dogma” é que a perda do aspecto plural faz com que a eficácia da aplicabilidade de projetos nas favelas seja comprometida, pois não se leva em consideração as características e potências de cada ambiente específico.

Para Valladares (2005), são problemáticas também as abordagens realizadas por muitos pesquisadores, que delimitam comparações entre grupos de favelas e as outras áreas da cidade; o enfoque comparativo entre favelas e não-favelas polariza as regiões e reafirma o processo de afastamento entre a favela e o “asfalto”, decorrente de uma exclusão social já existente, conforme Ribeiro e Lago (2001 apud Valladares, 2005). Este terceiro item reafirma, portanto, os “dogmas” anteriores, atribuindo às inúmeras favelas os mesmos arquétipos, como a especificidade em relação à cidade e o predomínio da violência, pobreza, irregularidade, entre tantas outras mazelas.

A principal crítica da autora (2005) baseia-se na construção destes “dogmas” a partir da repetição de representações, que estabelecem estereótipos, estigmatizam a compreensão da favela como um todo e limitam as particularidades de cada comunidade. Em relação ao objeto Pokémon Go, as cristalizações destes “dogmas” provavelmente foram um fator fundamental para o “esquecimento” das áreas periféricas. Perguntamo-nos: “Por que apenas estas áreas foram excluídas?”, “Não havia uma outra forma de representação, além de apenas vegetação ou um espaço borrado, que remetesse a um local ocupado com ruas?”, “Não houve uma preocupação com os milhares de usuários do serviço de mapas ou do *game* que seriam prejudicados e o sentimento de exclusão que poderia ser causado?”, questionamentos estes que, até o momento, permanecem sem resposta.

4. A inserção das favelas na cartografia turística

Eni Orlandi (2004) defende que os meios de comunicação têm a potencialidade de promover a discussão em busca de soluções que favoreçam o “sujeito urbano” (ORLANDI, 2004, p. 65), mas a estrutura midiática “[...] em geral, não reflete sobre os processos de significação sociais, ela os reflete, no sentido de efeito de retorno automático, de espelhar.” (ibid, p. 66). Os mapas, do mesmo modo, tem sua responsabilidade na produção e reflexão de imaginários, levando em consideração o caráter científico e utilitário atribuído a eles na representação do cotidiano.

Historicamente, o silenciamento das favelas antecede a representação das mesmas no âmbito digital. No Rio de Janeiro, os territórios referentes a elas são “apagados” discursivamente das narrativas da cidade, em uma série de ocorrências que se perpetua ao longo dos anos (FERRAZ; LEME; MAIA, 2018).

Em 2009, o jornalista esportivo Juca Kfoury denunciou a remoção das favelas da cidade no vídeo promocional da cidade para o Comitê Olímpico Internacional. No Complexo da Maré, em 2010, foi construída uma barreira acústica e visual ao longo da Linha Vermelha, via expressa que liga o Aeroporto Internacional Tom Jobim ao

Centro, Zona Sul e Barra da Tijuca; a obra foi duramente criticada. Ativistas acreditam que o muro foi construído para esconder a favela. O Censo 2010 identificou 1.071 favelas no Rio, todas excluídas dos mapas cadastrais oficiais do município. Em 2012, desse montante apenas as 38 favelas que possuíam UPP foram incorporadas pelo Instituto Pereira Passos à base corporativa de logradouros da Prefeitura. Usa-se aqui o termo “apaga” para se referir a estas e outras formas de esconder as favelas das representações da cidade do Rio. (FERRAZ; LEME; MAIA, 2018, p. 60)

Um exemplo mais recente deste fato pôde ser observada nos mapas turísticos do Rio de Janeiro, produzidos a partir de uma iniciativa da Prefeitura da cidade e distribuídos aos visitantes em setembro de 2017. Nestes, localidades como Rocinha, Cantagalo, Babilônia, Chapéu Mangueira e Dona Marta, áreas que já integram o circuito do turismo carioca, foram suprimidas e substituídas por borrões ou ilustrações de relevo e vegetação²³. De acordo com matéria do portal da Folha de São Paulo²⁴, as mesmas configurações dos mapas são utilizadas desde a Copa das Confederações (2013) e os Jogos Olímpicos (2016), porém, só após a circulação realizada em 2017, o conteúdo foi contestado pela opinião pública. Neste caso, nota-se que, além das implicações políticas, sociais e discursivas já citadas neste artigo e que ocorrem a curto ou longo prazo, a exclusão dos mapas acarreta outros efeitos imediatos no que tange às dinâmicas de visibilidade e visitação das favelas. É possível se pensar na importância destas inserções quando se reflete sobre como o turismo local pode ser afetado, impactando os negócios comunitários, a economia e o desenvolvimento da região — que poderia e deveria se beneficiar também de políticas públicas de desenvolvimento social e incentivo às atividades turísticas, assim como as outras áreas. Aqui, por questões de limitação textual, não discutiremos sobre a espetacularização da favela e de seus moradores, que ocorre em determinadas visitas turísticas às comunidades. Buscamos trazer à tona uma perspectiva de desenvolvimento, pertencimento e representação legítima que poderia surgir através de um modelo de turismo no qual as favelas integrem os mapas e possam ser integradas de fato à cidade, tendo seu cotidiano compartilhado e vivenciado sem as mediações e edições criadas a partir dos “dogmas” e discursos hegemônicos.

A partir de uma perspectiva de transformação e ressignificação através da reinserção cartográfica nos mapas de turismo, propomos aqui a criação de um aplicativo baseado em um mapa turístico das favelas. Para tanto, a idealização deste pré-projeto prevê como base as mecânicas do *game* Pokémon Go e do aplicativo Rock In Rio Go (RIR Go) — um mapa interativo da Cidade do Rock que direcionava e orientava os visitantes às atrações durante a edição de 2017 do festival. A idealização deste poderia ser classificada como um modelo alternativo de publicidade, definido por Casaqui (2011) como “publicização”, buscando incentivar às visitas aos locais a partir de um mapa interativo no qual são oferecidas coordenadas de distância e localização ao visitantes, juntamente às informações sobre os pontos turísticos selecionados.

Embora baseie-se, em certa medida, em uma estratégia utilizada pelo mercado comercial tradicional, nossa proposta é voltada ao campo da publicidade comunitária, que, segundo Saldanha (2016, p. 7), “também tem objetivo comercial, mas prima pela renda digna para seus componentes sem

exploração do trabalhador, muito pelo contrário, tem como intuito aquecer a economia e os produtores locais fortalecendo a comunidade e valorizando o trabalho da/pela e para a comunidade”.

A composição do mapa utilizaria os recursos de geolocalização e realidade aumentada para o direcionamento espacial através de elementos virtuais que indicariam a distância e informações até a chegada ao ponto turístico. Com inspiração no aplicativo RiR Go, para um modo de localização mais detalhada, o usuário poderia apontar a câmera do celular e, por meio de uma visualização em primeira pessoa, receber as orientações direcionais e de distância até os destinos através de elementos de realidade aumentada, conforme vídeo explicativo do RiR Go²⁵. Ao chegar ao local, a idealização é baseada nas *Pokéstops* de Pokémon Go, de forma que seriam exibidas imagens das fachadas ou símbolos relacionados, acompanhados de uma descrição na parte superior da tela.



Imagem 3: Ilustração comparativa entre uma captura de tela de Pokémon Go e um layout semelhante para alguns pontos turísticos do Complexo da Maré, em um app turístico (na imagem, o Museu da Maré e o Centro de Artes da Maré).

De que maneira seria possível viabilizar e implementar estas iniciativas alternativas sem a interferência de posicionamentos hegemônicos é um dos desafios levantados através deste pré-projeto. Trata-se de uma proposta inicial, que, frente a uma questão tão complexa, não busca se apresentar como solução finalizada ou uma panaceia, mas sim como uma possível linha de fuga a ser desenvolvida, para a atualização dos sentidos relacionados às favelas e com a possibilidade de aplicação a diversas localidades.

5. Considerações finais

Muito além de ilustrações ou borrões que compõem ou não os mapas, as representações das favelas na cartografia possuem relação com o próprio discurso social, político e midiático que é construído acerca destas localidades. Vistas sob uma ótica de desordem, pobreza e violência à parte do conjunto urbano, conforme apontam os “dogmas” explicitados por Valladares (2005), as favelas são silenciadas e ocultadas não só dos mapas, mas em relação a toda a estrutura social da cidade. Conforme a reflexão de Félix (2009, p. 12): “Nas cartografias midiáticas, as áreas de risco perdem o estatuto de bairro e se integram à cidade pela exclusão. Territórios proibidos, representam o medo difuso que assola a vida contemporânea”.

Em sua obra, Orlandi (2004) defende como solução a esses discursos preponderantes, a atualização dos sentidos que foram previamente estabelecidos, no que tange, principalmente, às narrativas da mídia. A autora ressalva que não é a comunicação a agente responsável pela criação dos imaginários relativos à cidade, como o de violência; entretanto, a forma com que o discurso tem sido construído pela mídia apenas reitera os já-ditos — a favela vista como um território irregular, indesejado, violento e isolado — de modo que não se analisam as causas e efeitos destes “dogmas”.

Assim, é imprescindível desconstruir inúmeras afirmações previamente estabelecidas sobre as favelas, seja por meio de políticas públicas adequadas, novas abordagens midiáticas ou de iniciativas que façam emergir outros significados, muitas vezes ocultos diante das narrativas hegemônicas, sobre estas áreas. Mesmo sendo referente à representação gráfica em um *game*, esse processo “dogmático” afeta não só os discursos geográficos, mas principalmente os sociais, que identificam e caracterizam os residentes da favela - cidadãos, jogadores de Pokémon Go e integrantes da cidade.

6. Referências bibliográficas

ATEM, Guilherme Nery; AZEVEDO, OLIVEIRA, Thaianne Moreira; AZEVEDO, Sandro Torres. **Ciberpublicidade: discurso, experiência e consumo na cultura transmidiática**. Rio de Janeiro: E-Papers/FAPERJ, 2014.

CASAQUI, Vander. Por uma teoria da publicização: transformações no processo publicitário. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 38, n. 36, p. 131-151. 2011.

FELIX, Carla. **Territórios proibidos: mídia e subjetividade na favela da Maré**. 2009. Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

FERRAZ, Nicoli Santos; LEME, Fernando Betim Paes; MAIA, Flavia Neves. Histórico da representação das favelas cariocas em mapas. **Arquiteturarevista** (Unisinos) v. 14, n. 1, p. 59-72, jan/jun. 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do poder**. 10. ed. Rio de Janeiro. Graal, 1992.

HARLEY, Brian. **Mapas, saber e poder**. *Confins* [Online], 5. 2009. Disponível em <<https://journals.openedition.org/confins/5724>>. Acesso em 25 de julho de 2018.

OLIVEIRA, Thaianne Moreira. **As premissas da publicidade pervasiva: apropriações das lógicas dos jogos pervasivos no consumo da experiência**. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2016.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Cidade dos sentidos**. Pontes, 2004.

SALDANHA, Patrícia Gonçalves. **Publicidade Comunitária em São Tomé e Príncipe: estratégia de resistência e ferramenta de inclusão a partir da apropriação da comunidade**. Compós: 2005.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela**. com. FGV, 2005.

Notas

¹Tecnologia de referência geográfica que determina o posicionamento do(s) dispositivo(s) utilizado(s), situando o usuário e estabelecendo uma dinâmica de acordo com as coordenadas recebidas.

²Tecnologia que sobrepõe elementos virtuais ao real, possibilitando uma visualização interativa entre estas instâncias.

³Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/google-maps-ganha-realidade-aumentada-tipo-pokemon-go-e-vai-mostrar-qualrestaurante-esta-bombando.ghtml>> Acesso em 03 de junho de 2018.

⁴Desenhos animados de origem japonesa.

⁵Locais virtuais onde se pode coletar itens e pontos para progresso no jogo.

⁶Locais virtuais onde os jogadores disputam em combates.

⁷Serviço de marcação geográfica em que é possível acrescentar informações virtuais às fotos e outros arquivos.

⁸Disponível em <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.nianticlabs.pokemongo&hl=pt_BR> Acesso em 15 de junho de 2018.

⁹“Os Pokémon estão lá fora e você precisa achá-los. Enquanto anda pela vizinhança, seu smartphone vibrará quando tiver um Pokémon por perto e então mire e jogue uma PokéBola para pegá-lo.”

¹⁰Imagem disponível em <https://www.reddit.com/r/gaming/comments/4sdjd5/pokemon_go_in_the_city_vs_pokemon_go_in_the/> Acesso em 20 de junho de 2018

¹¹Disponível em <<http://www.anf.org.br/pokemon-go-a-vida-nada-facil-dos-jogadores-de-favela/>> Acesso em 20 de junho de 2018.

¹²Trecho disponível em <<http://www.anf.org.br/pokemon-go-a-vida-nada-facil-dos-jogadores-de-favela/>> Acesso em 20 de junho de 2018.

¹³Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,rio-poe-barreiras-acusticas-na-frente-de-favelas,523193>>

¹⁴Disponível em <<http://rionwatch.org.br/?p=23070>> Acesso em 20 de junho de 2018.

¹⁵Disponível em <<https://beyondthemap.withgoogle.com/en-us/beyond-the-map/>> Acesso em 22 de junho de 2018.

¹⁶Disponível em <<http://www.tanomapa.org/>> Acesso em 05 de junho de 2018

¹⁷Disponível em <<http://vejario.abril.com.br/cidades/morro-santa-marta-entra-no-google-maps/>> Acesso em 05 de maio de 2018.

¹⁸Disponível em <<http://outracidade.uol.com.br/acao-coletiva-coloca-favelas-de-buenos-aires-no-mapa/>> Acesso em 05 de maio de 2018.

¹⁹Disponível em <<http://redesdamare.org.br/blog/noticias/versao-atualizada-do-guia-de-ruas-da-mare/>> Acesso em 05 de maio de 2018.

²⁰Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141203_vert_fut_mapas_dg> Acesso em 14 de maio de 2018.

²¹*id, ibid*

²²Na imagem consta o texto: “Eu moro no morro e aqui não tem #PokemonGo. No jogo, somos mostrados como um grande espaço verde, vazio e inútil. Na favela, somos esquecidos pelo Estado, pelo Google, pela Niantic, pela sociedade e por você. Reflita.” Disponível em <<http://www.naomecritica.com.br/pokemon-go-e-uma-nova-exclusao-social/>> Acesso em 12 de março de 2018.

²³Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/09/1917463-prefeitura-do-rio-mantem-favelas-fora-de-mapas-oficiais-dados-a-turistas.shtml>> Acesso em 10 de julho de 2018

²⁴Idem.

²⁵Vídeo informativo disponível em: <https://www.facebook.com/RockInRio/videos/vb.142258389139112/1596551533709783/?type=3&theater> Acesso em 16 de maio de 2018.

Breve biografia

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF).

E-mail: Karen.ed@hotmail.com.



**“Technology is, in itself not a revolution”:
dinâmicas de poder na sociedade midiaticizada e o papel da Educação**

LEANDRO MARLON BARBOSA ASSIS ; ALEXANDRE FARBIARZ

Resumo

A partir da premissa de que as mídias digitais são um dos pontos de força do sistema capitalista para o aumento da lucratividade e a necessidade de padronizar as práticas e as reflexões sobre elas, o artigo se propõe a problematizar o papel da Educação crítica para as Mídias no contexto em que a sociedade está mais midiaticizada. Deste modo, a pesquisa busca compreender as estruturas de poder vigentes na implantação do uso de mídias digitais na escola a partir da reflexão sobre as práticas cotidianas e das políticas públicas que se vinculam a elas, tendo como considerações parciais a importância de uma reflexão política do processo educacional.

Palavras-chave: Educação crítica para as Mídias; Midiaticização; Vigilância; Hegemonia.

1. Introdução

O mundo contemporâneo é dominado pelo fluxo constante de informações e pela evolução tecnológica. As pessoas que habitam o cenário urbano e utilizam das tecnologias, têm acesso às novas tecnologias cada vez mais amplificado e difundido sem, contudo, perceber sua submissão irrefletida ao controle e à vigilância inerente a elas. Afinal, quantos não foram os anúncios de eletrodomésticos que recebemos por e-mail ou mesmo nos nossos perfis virtuais que correspondiam exatamente ao que pesquisamos horas antes ou mesmo conversamos com nossos familiares? Quantas não são as mensagens que recebemos sobre produtos prontos para serem consumidos e, na mesma medida, prontos ao descarte? Será que os movimentos sociais originados pelas redes sociais permaneceram como força motriz na sociedade?

A partir da premissa de que (1) as tecnologias são um dos pontos de força de sistema capitalista para submissão ao aumento da lucratividade e de que (2) há por parte deste mesmo sistema capitalista uma necessidade de padronizar o uso e o pensamento sobre essas tecnologias, este artigo se propõe a analisar as maneiras em que a Educação crítica para as Mídias pode atuar nesse contexto.

O texto versa, portanto, sobre como a vida midiaticizada é pensada e pode ser inserida nas escolas da contemporaneidade. A partir dessa reflexão, procura-se problematizar o uso das tecnologias como sinônimo de empoderamento dos atores sociais ao considerar o controle/vigilância sobre a vida a partir

das mídias. Deste modo, compreender as estruturas de poder vigentes na implantação de políticas educacionais que inserem as tecnologias nas escolas possibilita uma educação para o século XXI menos instrumental e mais crítica.

Para tal proposta, precisamos compreender o funcionamento da vida contemporânea inserida no fluxo midiático. Segundo Muniz Sodré (2012), a mídia gera uma nova qualificação da vida que tem costume, conduta e cognição que fetichizam as realidade e tornam tudo parte do mercado. Ao introduzir sua compreensão, Sodré coloca que a passagem da comunicação centralizada, vertical e unidirecional para uma pautada pela interatividade e multimodalidade é característica possível pela aceleração da expansão do capital no processo da globalização, gerando, a partir das palavras de Jonathan Crary (2014, p. 2), uma “imposição ao corpo humano de um modelo maquínico de duração e eficiência”.

Por esta compreensão, Sodré (2012) sugere o abandono da ideia metafórica de rede, visto que o importante reside na aceleração dos processos. Aqui, portanto, o autor diferencia a comunicação enquanto vinculação social da compreensão que temos hoje em dia como um processo circulatório de produtos informacionais integrado ao plano sistêmico da estrutura do poder. Contudo, há autores como Manuel Castells (2013) que consideram a internet como um ponto de atuação dos movimentos sociais por compreender que o papel dela é fundamental.

[Essa] compreensão [...] tem sido obscurecida por um debate sem sentido [...] ao negar que as tecnologias estejam na raiz dos movimentos sociais. Isso é óbvio. Nem a internet nem qualquer outra tecnologia, nesse sentido, pode ser fonte de causação social. Os movimentos sociais surgem na contradição e dos conflitos de sociedades específicas, e expressam as revoltas e os projetos das pessoas resultantes de sua experiência multidimensional. (*Ibid.*, p. 4)

Assim, a partir das interpretações de Laan Barros (2012), compreendemos a proximidade do argumentado por Sodré (2012) e Castells (2013) com o proposto por Fausto Neto. Segundo Barros (2012), a sociedade da midiatização sustenta-se na ideia de que a “cultura midiática se concerte na referência sobre a qual a estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade” (*Id.*, p. 101).

Deste modo, a compreensão que adotamos sobre o termo midiatização parte das aproximações recentes entre a linha institucionalista e a linha socioconstrutivista dos estudos anglo-saxões. O que era apontado como a principal diferenciação residia no controle sobre outros campos sociais (institucionalista) ou na construção comunicativa da realidade por meios de um processo (socioconstrutivista). Portanto, a partir das leituras de Suélen Franco e André Leão (2016), compreendemos o conceito de “força moldante” de Andreas Hepp como a compreensão da mídia tanto quanto institucionalização quanto reificação da comunicação, aproximando aspectos das duas vertentes mencionadas.

Segundo o conceito de “força moldante”, portanto, a aproximação permitiria um avanço nas pesquisas, já que as linhas versam sobre relações de poder. Conforme apontam Franco e Leão, a necessidade dos estudos sobre midiatização se faz por conta da expansão de tecnologias comunicativas

e as mudanças ocorridas de tal avanço – proposição que passa ao largo das interpretações de Castells (2013), por exemplo.

Nesta compreensão, apropriando-nos de Stig Hjarvard (2014), a mídiatização acaba por atravessar quase todas as instituições sociais e culturais. Atualmente, conseqüentemente, a mídiatização ocorre por uma infinidade de espaços sociais e culturais. Assim, há a necessidade de se refletir dialeticamente sobre como a mídia transforma e é transformada nesse ciclo social – justificando nossa posição favorável à compreensão de Hepp (FRANCO; LEÃO, 2016) no que concerne a abranger a mídiatização a partir de um sentido mais amplo.

Em linhas gerais, os estudos anglo-saxões e os estudos latino-americanos se aproximam por suas diferenciações e suas semelhanças. O que fica, portanto, para nossa compreensão, reside na mídiatização como uma construção comunicativa que se vincula a outros campos de saber por um processo interacional que gera novos sentidos através de uma mediação exacerbada pelas tecnologias.

2. O poder das mídias

Compreender as redes sociais como neutras ou sem levar em conta as estruturas de poder, pode ser compreendido como um uso otimista das tecnologias. Pierre Levy (1998), nesta linha argumentativa, defende que a prosperidade depende da capacidade de navegar no “espaço do saber”, compreendido como um quarto espaço antropológico, ou seja, “um sistema de proximidade (espaço) próprio do mundo humano (antropológico) e, portanto, dependente de técnicas de significações, da linguagem da cultura, das convenções, das representações e das emoções humanas” (*Ibid.*, p. 22). O entendimento que leva à elaboração da proposta do espaço de saber,

[se deve] à velocidade de evolução dos saberes, à massa de pessoas convocadas a aprender e produzir novos conhecimentos e, enfim, ao surgimento de novas ferramentas [...] que podem fazer surgir, por trás do nevoeiro informacional, paisagens inéditas e distintas, identidades singulares, específicas desse espaço, novas figuras sócio-históricas (*Ibid.*, p. 24-25)

Assim, indo para uma interpretação mais crítica, tal compreensão ignora aspectos do poder e das estruturas sociais das tecnologias e seus usos. Pois,

[...] habitamos um mundo onde a ideia de experiência compartilhada atrofiou onde as gratificações ou recompensas prometidas pelas opções tecnológicas mais recentes, por sua vez, jamais serão alcançadas. Apesar das declarações onipresentes da compatibilidade, ou mesmo harmonia, entre o tempo humano e as temporalidades dos sistemas em rede, disjunções, fraturas e desequilíbrio contínuo compõem a experiência real dessas relações. (CRARY, 2014, p. 16)

Percebe-se, portanto, o afastamento que Levy (1998) aponta como possível na sua fundamentação do espaço de saber. Para Levy, seria possível superar a sociedade do espetáculo para abordar outra era na qual as técnicas de comunicação serviriam para filtrar o fluxo de conhecimentos. Tal divergência reside, essencialmente, na crítica a essa compreensão de que estaríamos noutro momento, pois,

[...] a ideia de que estamos em meio a uma fase de transição, passando de uma ‘era’ a outra, e apenas no começo da nova, é frequentemente repetida. Isso pressupõe um

interlúdio incerto de adaptações sociais e subjetivas que podem se estender por uma ou duas gerações, antes que uma nova era de relativa estabilidade se firme. Uma das consequências de representar a contemporaneidade global como uma nova era tecnológica é a aparente inevitabilidade histórica atribuída a mudanças econômicas de larga escala e a microfenômenos da vida cotidiana. (CRARY, 2014, p.18)

Tal inevitabilidade, apontada por Jonathan Crary, encontra similaridades com o pensamento de Andrew Keen (2012, p. 59), no que concerne ao fato de que “a rede está criando mais conformismo social e mais comportamento de rebanho”. Ou seja, “a verdade trágica é que ficar nu, ser você mesmo, sob os olhares públicos da rede digital nem sempre resulta na derrubada de antigos tabus” (*Ibid.*, p. 63). Neste cenário como um todo, “a rede digital de hoje está transformando a amizade em mercadoria, para que ela se torne, literalmente, a moeda da nova economia social” (*Ibid.*, p. 71).

Essa compreensão crítica destoa do que Henry Jenkins aponta, argumenta Christian Fuchs (2014), já que para Jenkins,

A cultura participativa é um termo que frequentemente é usado para designar o envolvimento de usuários, público, consumidores e fãs na criação de cultura e conteúdo. [...] O modelo de cultura participativa muitas vezes se opõe ao modelo de mídia de massa e de transmissão típico de jornais, rádio e televisão, onde há um remetente e muitos destinatários. Alguns estudiosos argumentam que a cultura e a sociedade se tornam mais democráticas porque os usuários e o público são capazes de produzir a cultura e não apenas ouvir ou assistir sem criar e criar cultura de maneira ativa¹. [Tradução do autor]

Assim, ainda segundo Fuchs, pensar a participação como propõe Jenkins é ignorar aspectos de uma democracia participativa, pois “ignora perguntas sobre as propriedades de plataformas/empresas, tomada de decisão coletiva, lucro, classe e distribuição de material benéfico”² (*Ibid.*, p. 55) [Tradução do autor]. Noutras palavras, “a forma que a inovação assume no capitalismo é a simulação contínua do novo, enquanto as relações de poder e de controle existentes permanecem, na prática as mesmas” (CRARY, 2014, p. 20). Tal análise consiste no fato de que existe uma estreita ligação entre o desenvolvimento das tecnologias com a histórica do capitalismo (FUCHS, 2014, p. 10) – mencionadas também na argumentação de Sodré (2012).

Neste contexto, o uso da dialética permite compreender sobre as condi es humanas e o como fazer/criar um mundo consciente de suas possibilidades. Assim,   possível perceber as contradi es entre polos que possuem suas qualidades e, ainda, lidar e desmascarar os interesses e ideias favoráveis   explora o – ocultadas em autores tidos como “pregadores digitais” (KEEN, 2012, p. 58).

A crítica ideológica quer nos lembrar que tudo o que existe na sociedade   criado pelos seres humanos nas rela es sociais e que as rela es sociais podem ser alteradas. [...] O que significa que quer conscientizar os humanos sobre os problemas que enfrentam na sociedade e as causas desses problemas.³ (FUCHS, 2014, p. 17) [Tradu o do autor].

Por tais pensamentos,   possível afirmar que nem todos têm a mesma capacidade dentro das redes digitais, por existir uma hierarquia que acaba por representar a dinâmica social *offline*. De forma mais perversa, a dinâmica posta   participa o ou mesmo ao engajamento social *online* acaba por gerar uma rede sem atrito que tende a formar o rebanho proposto por Keen (2012). Já que, para o

autor, “essa revolução da mídia social pode representar o mergulho – talvez até uma queda vertiginosa – num círculo vicioso de menos liberdade individual, laços comunais cada vez mais fracos e mais infelicidade” (*Ibid.*, p. 76) onde tal situação leva à criação do “*self* flexível do indivíduo [que] reflete o fluxo perpétuo da miríade de fontes de informação da mídia social” (*Ibid.*, p. 79). Ou seja, a velocidade da vida contemporânea e a superficialidade das conexões levaria ao que Sherry Turkle denomina de “solidão conectada” (MARTINO, 2014, p. 124).

Tal compreensão é possível se cruzarmos o que Luis Martino (2014) pondera sobre a estrutura das redes. Para o autor, “uma rede é formada por atores que, por sua vez, se ligam em nós. [...] Os atores não precisam necessariamente ser humanos: [...] a palavra ‘ator’ [...] está ligada à ação” (*Ibid.*, p. 57). Neste sentido, “não interessa apenas como dois indivíduos se relacionam, mas também a maneira como essa interação interfere nas outras” (*Ibid.*, p. 57). Ou seja, reforça o pensamento de Albert-László Barabási em que nem todos podem ser ouvidos na mesma intensidade nas redes sociais, já que “um pequeno número de nós é responsável por uma quantidade imensa de conexões e que esses nós, uma vez desconectados, levariam junto inúmeros outros, em uma espécie de reação em cadeia sem limites” (MARTINO, 2014, p. 79).

Tal distinção de oportunidades/poderes nas redes sociais pode ser pensada a partir da compreensão de Pierre Mercklé. Segundo a explanação argumentativa de Martino, “as redes sociais são vistas como espaços adequados também à construção de relações de poder pautadas pelo prestígio, na reputação e na quantidade/qualidade dos contatos de seus participantes” (*Ibid.*, p. 72). Ou seja, a noção de capital social é entendida como “a rede de relações de um indivíduo” (*Ibid.*, p; 72) que não percebem mais os efeitos das tecnologias em seu cotidiano, como aponta Barry Wellman (MARTINO, 2014, p. 137).

Em linhas gerais, conforme visto, a mídia exerce um poder que é resultante da dinâmica das estruturas sociais existentes na sociedade. Pensar a tecnologia como um agente da transformação ignora a dinâmica de poder existente na sociedade e, ainda, diminui as pretensões políticas do uso de dados decorrente dela. Portanto, “tecnologia, por si, não é uma revolução”⁴ (FUCHS, 2014, p. 102) [Tradução do autor], já que precisaríamos compreender como usar ou como funcionam as suas dinâmicas (GITELMAN, 2006, p. 8) e, por isso, a Educação crítica para as Mídias surge como possibilidade de rompimento.

3. A Educação pode mudar o mundo?

O papel da escola vem sendo reduzido, na contemporaneidade, à mera reprodução dos valores do capital e manutenção da ordem capitalista. Não acreditamos ser uma posição generalizante se acompanharmos os noticiários sobre o avanço dos cursos de empreendedorismo (como o caso do Sebrae nas escolas de Santa Catarina); ou o fortalecimento dos grandes conglomerados como a Kroton ou o sistema Positivo.

Baseando-nos nas transformações da teoria do Capital Humano, o sistema educacional é pensado a partir da instrumentação/formação dos estudantes para o mercado de trabalho com a

redução de seu papel político e social dentro da coletividade. Assim, a partir das interpretações de Demerval Saviani (2013), as diferenças entre o direito social, o direito civil e o direito político⁵ são turvas. Para o autor, tal divisão não corresponde à complexidade da realidade, já que a Educação seria “condição necessária, ainda que não suficiente, para o exercício de todos os direitos, sejam eles civis, políticos, sociais, econômicos ou de qualquer outra natureza” (*Ibid.*, 745).

A compreensão de Saviani se sustenta pela necessidade de acesso aos códigos escritos e, dentro da abordagem da dissertação em construção, amplia-se pela compreensão da dinâmica comunicacional como um processo de poder instituído socialmente. A projeção mencionada de correspondência se possibilita por Saviani propor sua interpretação baseada na sociedade de informação (expressão que o autor considera mais proveitosa em relação à sociedade do conhecimento). Assim, “a escola se torna ainda mais fundamental [... por] fornecer os elementos que permitam aquele que tem acesso à informação discriminar as informações falsas das verdadeiras” (*Ibid.*, 745)

A proposição de uma escola subserviente aos interesses do capital e sem vínculos com a compreensão da realidade não é recente na história brasileira. Miriam Limoeiro-Cardoso (2001) associa a globalização da economia com a ideologia do pensamento único a partir dos critérios do neoliberalismo/mercado focando, especialmente, na concorrência – marca da década de 1990 no Brasil. A burguesia, inserida na lógica do capitalismo dependente (FERNANDES, 1973), procura alcançar a modernização através da simbiose entre o progresso e a conservação de estruturas anteriores.

Esta configuração de ação se pauta, considerando o pensamento de John Thompson (1998), a partir da disjunção entre o tempo e o espaço no sentido de que um distanciamento espacial não coincide mais com o distanciamento temporal. Em outras palavras, através dos meios técnicos podemos superar longas distâncias a partir de aparelhagens eletrônicas que nos colocam em contato imediato com outras culturas e povos numa relação desproporcional de forças.

A manutenção de elementos não correspondentes a uma modernidade encontra pontos de reflexão no pensamento de Carlos Nelson Coutinho (2006), quando o autor apresenta três possibilidades de interpretação sobre a transição para a modernidade⁶. Segundo Coutinho, o caso brasileiro tem suas próprias particularidades em relação aos modelos propostos. Neste sentido, o Brasil teve sua nação formada a partir das elites que seriam dominantes sem ser dirigentes – ou seja, uma ditadura sem hegemonia. Assim, quando começa a se formar uma sociedade civil no Brasil, por volta dos anos de 1930, tenta-se absorvê-la como subordinada. Em síntese, o Estado se mantém sob a lógica de interesses privados a partir de sua característica patrimonialistas para criar condições favoráveis ao capital privado (*Ibid.*, p. 183) – mantendo a dinâmica do capitalismo dependente de Fernandes (1973).

Neste sentido, não é debater sobre o fracasso ou sucesso da escola ou a má formação dos professores. O ponto chave reside em explicar os problemas sociais em sentido mais amplo e debater as políticas em curso como um fruto de disputa ideológica com determinada visão de mundo.

Tal proposta se coloca pela falsa informação de que existe uma crise no sistema capitalista. A ideia da crise ocorre no sistema de acumulação de capital que não lucra o suficiente e, assim, avança em direção aos direitos trabalhistas para gerar mais lucro para as classes dominantes. Neste sentido, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura declara a década de 2000 como a década da educação através de uma cultura de paz que busca a harmonia entre o Estado, o mercado e a sociedade civil (UNESCO, 2010).

É preciso compreender, portanto, que as carências dos indivíduos não são particulares, mas socioeconômicas. Logo, um debate superficial sobre a questão do trabalho pode se tornar um mero tecnicismo em que se busca adaptar-se às dificuldades a partir de competências a serem desenvolvidas em nome de uma meritocracia que ignora os fatores políticos e sociais da equação.

Desse modo, a interferência dos organismos internacionais (Banco Mundial, Unesco ou o FMI, por exemplo) se faz orientada por um projeto ético-político por meio de financiamentos preocupados com a pobreza (como para estancar o avanço do comunismo, durante a Guerra Fria) em nome da segurança do sistema capitalista. Neste sentido, a educação do século XXI tende a pensar a formação para a adaptação para a conjuntura de desemprego que se institui na política neoliberal.

Portanto, o direito à educação vem sendo esvaziado e ocorre, em contrapartida, um aumento de projetos em que a escola não é mais o único setor responsável pela formação, tendo instituições privadas fornecendo material e formação para uma ‘aceleração’ de conteúdos e/ou pulverizando projetos para ampliar o que se compreende como adequado ao seu funcionamento. Assim, a penetração da dinâmica privada na educação pública amplia os nichos de mercado através de criação de escolas, do trabalho de assessorias e, também, do apostilamento.

4. Educação e Mídias: disputa por poderes

Ao se buscarem a compreensão e a reflexão dialética sobre os diversos processos naturalizados no dia a dia, é possível, então, reconhecer as estruturas de poder e alcançar o conhecimento que diferencia a aparência fetichizada do mundo real. Ou seja, com uma Educação crítica para as Mídias podemos romper com os “espetáculos sedutores [que] fascinam os ingênuos e a sociedade de consumo, envolvendo-os na semiótica de um mundo novo de entretenimento, informação e consumo, que influencia profundamente o pensamento e a ação” (KELLNER, 2004, p.11).

De um lado, “o discurso midiático se propõe a determinar a interpretação dos fatos por intermédio de signos fixos e constantes que tentam proteger de contradições aquilo que está dado e aparece como representação do real, como verdade” (MORAES, 2010, p.95). Do outro, a escola fornece a possibilidade de acessar diversos saberes, “colocando as desigualdades no terreno da inteligência e da cultura” (PIMENTA; PINTO, 2013, p.18) e reconhecendo a luta de classes no interior da comunidade escolar.

Para os grupos hegemônicos, “é muito mais fácil [...] sentir-se em paz com a transmissão ou a reprodução da sua ideologia através de uma máquina do que através do professor” (FREIRE;

GUIMARÃES, 2011, p. 124), ou seja, desmotivar e insinuar o despreparo dos professores é uma de suas estratégias de dominação. Portanto, ao estabelecer o papel da escola no cenário contemporâneo, deve-se perguntar a quem servem as inovações tecnológicas postas às escolas como uma necessidade do mundo. Tal proposta, de cunho marcadamente político, se faz ao considerar como os setores privados têm avançado sobre a Educação, especialmente no campo das Políticas Públicas⁷.

O movimento ‘Todos pela Educação’⁸ (TPE), por exemplo, se coloca como um movimento da sociedade brasileira, porém, ao se analisar o site⁹, apresenta dentre seus organizadores os setores financeiros e hegemônicos da sociedade brasileira. Neste sentido, considerando o analisado por Érika Martins (2016), a lógica modernizadora proposta pelo TPE é engendrada pelos interesses comerciais para geração de mão de obra e pela defesa da esfera privada pelo Estado capitalista.

Isto dito, pela análise de Selma Pimenta e Umberto Pinto (2013), compreende-se a Educação como espaço para formação do ser humano enquanto cidadão e engajado na inserção no/com mundo. Assim, o sujeito estaria apto a “aprender pelo trabalho e não somente para o trabalho” (p. 29). Portanto, uma escola que se oriente pela formação crítica precisa compreender que “educar implica ir além da repetição contingente de um costume pela aceitação dos impulsos de liberdade que transformam *ethos* em *héxis*” (SODRÉ, 2012, p. 85). Pois, “a prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se como sujeito de sua própria destinação histórica” (FREIRE, 2015, p. 11).

O projeto político da pedagogia do capital, portanto, pensa a escola “para desmobilizar eventuais resistências, [onde] o poder hegemônico do conservadorismo se vale da visão, amplamente difundida, que eleva à virtude e sabedorias supremas o acomodamento utilitário [...] às regras do jogo vigente” (SHIROMA, 2002, p. 54). Isto posto, percebe-se que o projeto de uma educação plural e reflexiva fica condicionado aos interesses privados, sem transformar a realidade, como aponta Miriam Cardoso (2001, p. 121) ao afirmar que a utilização da tecnologia não transforma a realidade sem compreender os nexos estruturais.

A hegemonia conservadora forma, assim, “uma espécie de consenso segundo o qual é inútil opor-se às mudanças, já que expressariam legítimas e profundas transformações no sentimento da população, cujo senso comm rendeu-se finalmente à dura e incontornável facilidade da economia” (SHIROMA, 2002, p. 54). Pois, “quando uma sociedade está assim submersa numa ideologia tão poderosamente dominante/dirigente, os campos de percepção e do pensamento nesta sociedade também sofrem a influência de tal ideologia” (CARDOSO, 2001, p. 124).

Entendendo esta disputa a ser enfrentada a partir de uma Educação crítica para as Mídias, salienta-se, assim, que a vida cotidiana se coloca como uma contradição dialética que precisa opor o que se naturaliza a partir e além do entretenimento informacional através das mídias e o que se estabelece como reflexão para transformar o cotidiano. Dessa forma, compreendemos a escola como o espaço de resistência e transformação social que segue tendo este projeto transformador fortemente combatido e desmobilizado pelo projeto hegemônico do capitalismo.

Entretanto, toda a construção pensada para a vida cotidiana, posta pelas forças hegemônicas que possuem “jogos de consenso e dissenso que atravessam e condicionam a produção simbólica na ambiência midiática atual” (MORAES, 2010, p.77), precisa ser considerada pelo, sob os olhos hellerianos, por características¹⁰ que perpassam quaisquer que sejam os modos de produção. Por este pensamento, vista a necessidade de reflexão e pensamento crítico, não se pode absolutizar estas características para não incorrer na alienação da vida cotidiana – possível, então, pela naturalização e pela fetichização da vida a partir do desenvolvimento do capitalismo.

Desta forma, a educação fornece a possibilidade de aproximar o ser humano de sua condição de produtor e agente – coletivamente – da história. Deste modo, a individualização posta pela dinâmica social capitalista particulariza o pensamento e gera uma sensação de imediatismo que fragmenta o ser social em uma pseudoforma de ser.

A perspectiva de um consumo orientado à exibição se faz como escolha teórica pela compreensão de que a dinâmica capitalista imputa desejos extras que, em um fluxo constante e crescente, acaba por soterrar as questões que pautariam uma sociedade civil engajada na solução dos problemas sociais. Neste sentido, o indivíduo afasta-se da responsabilidade pelos outros e da ideia de que pode cometer erros que afetariam a dinâmica social. Portanto, este projeto de sociedade, pautado no consumo, enraíza-se na subjetividade e evita o pensamento futuro em um presenteísmo incompleto que impede o processo de reflexão.

Assim, perceber a ideologia do consumo enquanto uma retórica para mascarar uma dominação nos faz compreender que, sendo uma construção simbólica para manutenção desta sociedade capitalista, acaba por se expressar nas diferentes práticas e seduções hegemônicas. Logo, o discurso midiático afasta a criticidade do movimento de defesa de uma política pública oposta à educação capitalista e orientada para o mercado de trabalho. Ou seja: enfraquece-se a luta por um projeto coletivo – a longo prazo - em nome de uma prática superficial que satisfaz a ética indolor e que não reflete sobre o processo.

Portanto, o mundo real, como descreve Kosik (1995, p. 23),

[...] é o mundo da práxis humana. É a compreensão da realidade humano-social como unidade de produção e produto, de sujeito e objeto, de gênese e estrutura. [...] É um mundo em que as coisas, as relações e os significados são considerados como produtos do homem social, e o próprio homem se revela como sujeito real do mundo social.

Deste modo, reconhecendo o poder estrutural de setores econômicos consolidados pela dinâmica capitalista, precisamos avançar para além do olhar de que a classe operária guiaria um processo de transformação social. Para tal empreendimento, mantendo a base helleriana, a escola se coloca como uma instituição portadora da mudança. Como salienta Dênis de Moraes (2009, p. 34), baseando-se em Leandro Konder e Russel Jacoby,

[...] as utopias são necessárias para reviver a imaginação política da sociedade, desvelando o que se oculta por trás do império do visível e reerguendo convicções e questionamentos que o imediatismo intencional de telas e monitores menospreza ou sufoca.

Em linhas gerais, a escola surge como o espaço potencializador da reflexão, da crítica e da libertação a partir de pequenas conquistas e de questionamentos diversos sobre a vida cotidiana que cada agente do processo educativo carrega junto consigo. Desta forma, é o espaço escolar que possibilita uma consciência transformadora da sociedade e, por conseguinte, garante que a gerência do processo revolucionário se dará fora dos escritórios burocráticos de sindicatos ou líderes envenenados pela naturalidade de práticas postas como rotina.

5. Considerações finais

A proposta de que o espetáculo, guiado pelo contexto de midiatização, segue ampliando seu poderio imagético e, conseqüentemente, propiciando o deslocamento do humano em nós não impede, como salienta Douglas Kellner (2004), que reconheçamos possibilidades de resistência de públicos diversos. Caso contrário, qual seria a necessidade de um trabalho reflexivo-crítico sobre a atual conjuntura escolar brasileira? Ou mesmo, qual seria a motivação de um profissional decidir lecionar numa escola pública com os baixos salários que sustentam o fracasso do modelo público de gerir a Educação?

Portanto, mantendo a ótica contida nas análises de Agnes Heller (2016), a crise da educação pode ser compreendida pela diferente construção cultural dos agentes escolares: passando desde um jovem que vai para a escola em busca da merenda e do almoço que faltam em casa por conta do baixo salário que seus pais recebem; por um professor que fez sua faculdade e hoje encara a sala de aula como mundo de trabalho visando somente o salário ao final do mês para sustentar um consumo desprendido do social e que não paga as contas da casa em que mora com os pais; por uma diretora que não sai de sua sala para resolver os problemas pedagógicos por encarar que a administração e os números são mais importantes dos que as pessoas envolvidas no processo de aprendizagem; chegando aos funcionários terceirizados que não perdem o sorriso na face com seus salários atrasados há mais de três meses.

Ao sinalizarmos as propostas de reflexão sobre o espetáculo contidas em Kellner (2004), pode-se perceber que, mesmo seguindo a linha dos Estudos Culturais, o autor sinaliza como que eles podem fornecer indícios de funcionamento da sociedade atual: o entretenimento, a velocidade e a informação em excesso. Ou seja, se cruzarmos este pensamento com o de Agnes Heller (2016), perceberíamos a proposta da autora de que somente pelo processo de se distanciar e estranhar o naturalizado é que se pode destruir a pseudoconcreticidade (KOSIK, 1995).

Assim, consideramos a escola, a partir do pensamento de Dênis de Moraes (2009), como um dos órgãos formadores de consenso, ou seja, poderíamos questionar as escolhas que fazemos na vida cotidiana e, também, as distorções existentes no interior da sociedade. Conseqüentemente, quando Moraes cita Carlos Nelson Coutinho, pautando-se por teses gramscianas, critica a ideia de que a revolução será um rompante violento como em outros tempos. A transformação, desta forma, será

lenta e gradual com a participação da grande maioria da população, oriunda de instituições diversas, dentre elas a escola, formadas ao longo dos anos.

6. Referências

BARROS, Laan Mendes. Recepção, mediação e midiaticização: conexões entre teorias europeias e latinoamericanas. In: MATTOS, M. A., JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N., (Orgs.). **Mediação e midiaticização**. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 79-105.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. Ideologia da globalização e (des)caminhos da ciência social. In: GENTILLI, Pablo (Org.). **Globalização Excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COUTINHO, Carlos Nelson. O Estado Brasileiro: gênese, crise, alternativas. In: LIMA, Júlio César França; NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Orgs.). **Fundamentos da Educação Escolar no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo Tardio e os fins do sono**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2014.

FERNANDES, Florestan. Capitalismo dependente e sociedade de classes. In: FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

FRANCO, Suelén Matozo; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza. Midiaticização: da disciplina ao controle, um horizonte de reflexão. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, vol. 18, nº 3, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz & Terra, 2015.

_____; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz & Terra, 2011.

FUCHS, Christian. **Social Media: a Critical Introduction**. Londres: SAGE, 2014

GITELMAN, Lisa. **Always already new: media, history and the data of culture**. Massachusetts: MIT Press, 2006.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. São Paulo: Paz & Terra, 2016.

HJAVARD, Stig. Midiaticização: conceituando a mudança social e cultural. **MATRIZES**, vol. 8, nº 1, 2014, pp. 21-44.

KEEN, Andrew. **Vertigem digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. **Líbero**, ano VI, vol. 6, nº 11, 2004.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz & Terra, 1995.

LEVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva: Por uma Antropologia do Ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 8 edicao, 2011. MARTINO, Luis

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARTINS, Erika Moreira. **Todos pela Educação? Como empresários estão determinando a política educacional brasileira**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

MORAES, Dênis de. Imaginário social, hegemonia cultural e comunicação. In: MORAES, Dênis de. **A Batalha da Mídia: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009.

_____. Gramsci e as mutações do visível: comunicação e hegemonia no tempo presente. In: MORAES, Dênis de. **Mutações do visível: da comunicação de massa à comunicação em rede**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; PINTO, Umberto de Andrade (Orgs.). **O papel da escola pública no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SAVIANI, Demerval. Vicissitudes e perspectivas do direito à educação no Brasil: abordagem histórica e situação atual. **Educação e Sociedade**, v. 34, n. 124, 2013.

SHIROMA, Eneida. Os arautos do consenso: anos 1990. In: SHIROMA, Eneida; MORAES, Maria Célia; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1998.

UNESCO. **Cultura de paz: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo**. – Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010.

Notas

¹ “participatory culture is a term is often used for designating the involvement of users, audiences, consumers and fans in the creation of culture and content. [...] The participatory culture model is often opposed to the mass media and broadcasting model typical of newspapers, radio and television, where there is one sender and many recipients. Some scholars argue that culture and society become more democratic because users and audiences are enabled to produce culture themselves and to not just listen or watch without actively making and creating culture” [Texto original]

² “it ignores questions about the ownerships of platforms/companies, collective decision-making, profit, class and the distribution of material benefits” [Texto original]

³ “Ideology critique wants to remind us that everything that exists in society is created by humans in social relationships and that social relationships can be changed. [...] Which means that it wants to make humans conscious of the problems they are facing in society and the causes of those problems” [Texto original]

⁴ “technology is, in itself, not a revolution” [Texto original]

⁵ Saviani (2013) explica a diferença dos direitos apoiado na classificação de Thomas Humphrey, que explica que “[os Direitos Civis] são aqueles ligados ao exercício da liberdade individual, como o direito de ir e vir, o livre pensamento, a celebração de contratos e a aquisição e manutenção da propriedade, assim como o acesso aos instrumentos de defesa de todos os direitos, o que se traduz no direito à justiça. [...] No segundo grupo, o dos direitos políticos, [...] todos os direitos ligados à participação no poder político, o que envolve a prerrogativa de alguém se tornar governante e de escolher quem governa (direito de votar e ser votado). Por fim, os direitos sociais correspondem ao acesso de todos os indivíduos ao nível mínimo de bem-estar possibilidade pelo padrão de civilização vigente” (*Ibid.*, p. 744).

⁶ A primeira é compreendida como a “via prussiana”, proposta por Lênin, em que é “um tipo de transição ao capitalismo que conserva elementos da velha ordem e, nessa medida, tem como pressuposto e como resultando um grande fortalecimento do poder do Estado” (THOMPSON, 1998, p. 174). Uma segunda possibilidade reside na “revolução passiva”, pensada em Gramsci, em que “os processos de transformação em que ocorre uma conciliação entre as facções modernas e atrasadas das classes dominantes, com a explícita tentativa de excluir as camadas populares de uma participação mais ampla em tais processos” (*Ibid.*, p. 174). A terceira, por sua vez, seria a “modernização conservadora” pensada por Barrington Moore Jr., que “embora não cite nem Lênin, nem

Gramsci, Moore Jr. distingue os dois caminhos valendo-se de determinações análogas àquelas apontadas pelos dois marxistas” (*Ibid.*, p. 175).

⁷ O movimento Todo Pela Educação e o Movimento Pela Base Nacional são exemplos objetivos desta penetração dos setores privados na Educação. Como sinaliza Érika Martins (2016), esta ação pauta-se pela dinâmica de *think tanks* que consideram o modo de gestão da iniciativa privada superior e o modelo a ser seguido pelo setor público (p. 13)

⁸ “É um movimento da sociedade brasileira que tem como missão engajar o poder público e a sociedade brasileira no compromisso pela efetivação do direito das crianças e jovens a uma Educação Básica de qualidade. Apartidário e plural, congrega representantes de diferentes setores da sociedade, como gestores públicos, educadores, pais, alunos, pesquisadores, profissionais de imprensa, empresários e as pessoas ou organizações sociais que são comprometidas com a garantia do direito a uma Educação de qualidade.” Cf. <https://www.todospelaeducacao.org.br/>, acesso em 11 ago 2017.

⁹Cf. <https://www.todospelaeducacao.org.br/>, acesso em 11 ago 2017.

¹⁰ As características podem ser colocadas como sendo: heterogeneidade, hierarquia, espontaneidade, economicismo, possuidora de juízos provisórios, probabilística, ultrageneralizante e imitação.

Breve biografia

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense.

E-mail: leandro88marlon@gmail.com.

Educativa sem ser panfletária: A Malhação de Cao Hamburger e sua celebração da diferença¹

LÍVIA MARIA CRUZ

Resumo

A proposta deste trabalho é discutir a importância que a temporada “Malhação: viva a diferença” (2017- 2018), escrita por Cao Hamburger, trouxe não só para a história da atração, como para a história da televisão brasileira. Protagonizada pela primeira vez por cinco meninas, ao invés do clássico triângulo amoroso, a temporada discutiu temas relevantes com muita naturalidade e sem cair nas armadilhas que muitas obras ficcionais que utilizam do chamado *merchandising* social caem. Ou seja, com seu texto sem parecer forçado ou panfletário.

Palavras-chave: Malhação; Televisão; Minorias; Feminismo; Racismo.

Introdução

Desde seu início, na década de 1950 (SIQUEIRA, 1997: 04), as telenovelas se tornaram uma poderosa forma de mediação para a disseminação de padrões culturais - como a concepção de família e gênero - apresentados como modelos a serem seguidos. Tanto tais representações² como a facilidade que elas encontram para disseminar seus conteúdos, fazem com que configurem uma espécie de

comunidade nacional imaginada (ANDERSON, 1991), que produz referências, onde os mais diversos indivíduos se reconhecem e se definem.

A telenovela pode ser vista como matriz do imaginário coletivo³, desempenhando o papel de produtora e refletora de identidades, provocando identificação com uma determinada realidade a partir de seus discursos e representações. Seu conteúdo não procura levar o público à reflexão sobre determinada realidade – pelo contrário, camufla diferenças frente às normas sociais. Assim, a teledramaturgia se encaminha para a eficácia e potencialização do efeito de realidade em relação à construção de representações sociais na mídia televisiva aberta, de massa.

Para o filósofo Douglas Kellner, os meios de comunicação de massa se configuram como “representações que ajudam a construir a visão de mundo do indivíduo, o senso de identidade e sexo, consumando estilos e modos de vida, bem como pensamentos e ações sociopolíticas” (2001: 82), levando às representações uma fixação da ideologia política dominante⁴.

A utilização dos veículos de comunicação como unificador de uma identidade cultural nacional tem seu marco inicial, no Brasil, na era Vargas (SIQUEIRA, 1997: 03). A mídia, a partir de 1930, foi quem deu o tom da identidade nacional, com o rádio e o cinema e é partir da ditadura militar que a televisão assume esse intenso papel na integração e direcionamento do país. Assim, podemos atribuir que o novo tom da identidade nacional, que chega com a televisão durante os governos militares, tem por meio das telenovelas novos espaços para discutir e refletir alguns temas.

Dessa forma, notamos a importância do discurso proferido pelas telenovelas e sua presença no processo de construção e reconstrução das identidades de seus espectadores e brasileiros. Criando um produto nacional muito específico e ajudando a sustentar uma ideia de nação.

Ao compreendermos como as telenovelas possuem um papel importante no imaginário social e no comportamento da sociedade brasileira vamos dissecar um de seus produtos mais específicos, a telenovela seriada *Malhação* (1995-), da Rede Globo de Televisão. O programa, que está há mais de duas décadas no ar, é uma novela voltada para o público infante-juvenil. Seu formato possui temporadas com duração média de 10 meses, sempre com uma nova trama e novos personagens surgindo a cada ciclo.

Exibida de segunda à sexta-feira no horário vespertino, tem como elemento de suas histórias a abordagem de temas importantes tanto do universo jovem (como gravidez precoce, drogas e sexo) como mais abrangentes (corrupção, erro médico e racismo), problematizando-os para seu *target* comercial-demográfico.

Entre 1995 até 1999, a trama criada por Andréa Maltarolli se passava dentro de uma academia homônima e tratava de temas pertinentes ao universo jovem de maneira mais leve e descompromissada. Com o passar do tempo o formato se desgastou, sendo necessário um *reboot* e o programa passou a ter como ambiente central um colégio particular fictício de classe média-alta, o *Múltipla Escolha*.

Criada por Emanuel Jacobina, a agora chamada *Malhação- Múltipla Escolha*, durou até 2009, quando o colégio em que se passam as histórias é fechado e a série sofre um segundo *reboot*. A partir daí, houve uma constante mudança de cenários principais, quase sempre colégios, e ao contrário das duas fases anteriores da novela, houve renovação quase que completa do elenco a cada nova temporada.

Malhação tem como função principal a fidelização do público jovem para o consumo de outros folhetins do canal, por isso da manutenção de sua estrutura dramática por tantos anos. Guardada as devidas proporções, a obra espelha, em uma faixa etária mais jovem, os dramas de uma novela das nove.

Com a fórmula fácil de um triângulo amoroso em que a mocinha e o mocinho têm que enfrentar as armações e intempéries arquitetadas pela terceira vértice do triângulo, a vilã, o programa foi vivendo ano após ano. É necessário ressaltar para aqueles que não assistem a novela, que de fato esta era a fórmula de *Malhação* em quase todas as suas temporadas, por mais de 20 anos. Com o passar dos anos, essa fórmula foi se desgastando e a atração precisava se renovar mais uma vez.

Só que o formato não contava com a mudança de comportamento da audiência a quem eles serviam. Com população jovem, o Brasil é o país que passa mais tempo conectado do mundo⁵, de acordo com estudo da AT Kearney, soma-se a esse dado a pesquisa da FGV que diz que até o final de 2018, o Brasil teve um smartphone por pessoa⁶. O acesso à tecnologia, pulverizou o público cativo da Televisão. O espectador de hoje é bombardeado por informações e oferta de conteúdo de todos os lugares. A Televisão precisa andar com o bonde do tempo, e acompanhar as demandas que sua nova audiência exige.



Figura 1- Logo da Temporada

Por isso, em 2017, *Malhação* recebeu seu *reboot* mais radical. Com o subtítulo de “Viva a diferença” e com o texto assinado pelo premiado Cao Hamburger, conhecido por trabalhos como o programa televisivo educativo “Castelo Rá- Tim- Bum” e o longa metragem “O ano em que meus pais saíram de férias”. Aproveitando que o debate de feminismo, sororidade e representatividade está em voga, o autor fez mudanças significativas no produto: trocou o Rio de Janeiro por São Paulo e,

principalmente, mudou a estrutura da trama, trazendo o encontro e o nascimento de uma amizade entre cinco meninas adolescentes bem diferentes entre si.

Se na temporada anterior (2016- 2017) “Pro dia nascer feliz”, tinha pela primeira vez uma protagonista negra, fato que foi explorado na divulgação para atrair mais público, a temporada foi alvo de críticas por conter diálogos machistas e gordofóbicos⁷, além de não trazer mais mudança nenhuma à fórmula, a nova fase da novela trabalha com personagens multiculturais, assim como a cidade sede São Paulo, reforçando a noção de que representatividade importa, sim. Temas como preconceito, racismo e feminismo aparecem fluidamente no texto, dialogando muito mais com uma linguagem de seriado do que de novela. A atração cresceu em sua dramaturgia, atingindo com seus 22 anos uma maturidade narrativa até então nunca antes vista.

A temporada trouxe um novo frescor à atração e ignorou o mais do mesmo que flertava com a fórmula de tramas pobres para ganhar fácil audiência e, com isso, a temporada chegou a seu fim como uma das temporadas mais aclamadas da história do programa, conseguindo uma audiência alta: com média de 20,4 pontos no ibope da Grande São Paulo e 24 no Rio de Janeiro⁸, resultado que não era visto desde 2009. Uma época que, se pararmos para pensar, não existia Netflix, ainda não havia ocorrido o boom nas assinaturas de TV paga e smartphones eram uma minoria. Esse feito se deve ao fato do produto ser mais conectado com os desejos de uma audiência cada dia mais crítica e que procura (e cobra) sua representatividade na TV.

O sucesso não ficou apenas no elogio de crítica e alta audiência, a temporada ultrapassou fronteiras, levando a atração a ser uma das finalistas (entre quase 400 atrações infanto-juvenis) ao prêmio Jeunesse Internacional⁹, realizado este ano em Munique, na Alemanha e, depois de anos ter uma temporada sendo vendida para exibição em outros países.

Focando então na amizade das cinco protagonistas do sexo feminino e não mais em um triângulo amoroso, a temporada não só trouxe para a televisão aberta a nova onda do feminismo, como também discutiu a importância da escola pública, racismo, autismo, entre outras pautas, sem cair no lugar comum ou parecer panfletária.



Figura 2- As "fives"

A história acompanha as “*fives*”, um grupo de amigas que se conhecem durante um apagão, no metrô de São Paulo. Com personagens bem construídas, Cao Hamburger e seu time de roteiristas, trazem luz a debates importantes através das personagens. Keyla (Gabriela Medvedoski), por exemplo, é uma adolescente grávida que precisa conciliar os estudos, os problemas com a aparência e o peso, além da maternidade. Já Helen (Heslaine Vieira) é uma estudante humilde e brilhante da periferia que no decorrer da novela se vê ganhando uma bolsa de estudos no colégio particular da trama, onde acaba sofrendo discriminação e luta para conquistar seu lugar ali. Benê (Dafne Bozaski) sofre de Asperger, um transtorno do espectro autista que está, entre muitas coisas, diretamente relacionada à sociabilidade.

A partir do que foi citado acima, a importância desta temporada exibida não se deve apenas a qualidade do produto no quesito entretenimento, obviamente, mas a mensagem e os códigos que serão absorvidos por seus consumidores, que no caso são um público em formação ainda. Se antes, mesmo a novela sendo destinada para o mesmo público, as tramas dos personagens muitas vezes não condiziam com a realidade. Era como se os adolescentes da novela vivessem uma realidade de adultos, ou, como foi dito anteriormente, em suas devidas proporções, o drama de uma novela das nove.

E para exemplificar essa afirmação, podemos citar a questão da construção das personagens femininas. Se antes do quinteto protagonista, quem encabeçava a trama principal era um triângulo amoroso formado por duas meninas e um rapaz, a construção base na diferenciação entre elas- mocinhas e vilãs- era a sexualização.

O sexo ganha destaque na hora do desenvolvimento dessas personagens femininas. Enquanto as mocinhas são virgens, para poderem tratar sobre a questão da primeira vez, as vilãs são personagens sexualmente ativas ou que transam de primeira com o mocinho sem muitos problemas. Como Roberta de Andrade afirma no artigo *Entre o dito e o proibido: a sexualidade e o adolescente na soap-opera brasileira* (2005), “em *Malhação*, vemos constantemente que as mocinhas e mocinhos protagonistas da série são exemplares.” Já “a vilã é alguém que traz consigo uma forte sexualidade. (...) Enquanto a protagonista não pode, ela pode tudo” (ANDRADE, 2005: 10 e 11).

Nessa onda, as personagens vilãs tomam rumos problemáticos para conseguir o “amor” do mocinho, como forjar¹⁰ ou engravidar de propósito e inúmeras manipulações, chegando a praticar atos ilícitos, como atentados e sequestros. Por mais que os tipos de atitudes citados sejam recrimináveis e estejam lá para conquistar a reprovação do telespectador, apresentar esse tipo de conteúdo a um público ainda em formação é deveras problemático.

Ao refletirmos sobre a questão do discurso das telenovelas e seus reflexos nos processos de construção e reconstrução das identidades e, ao aproximarmos seus espectadores por atos de identificação ligados à vida cotidiana, através de interação social mediada pelo aparato tecnológico, notamos que os meios de comunicação são capazes de causar forte influência em nossa cultura.

Para reforçar essa argumentação, a linguista Maria Aparecida Baccega (2003) afirma que a televisão não condiciona diretamente o público, mas sim se utiliza de instrumentos próprios, sendo ainda um dos meios de comunicação mais abrangentes. Dessa forma, como o educador José Manuel Moran afirma, a indústria televisiva “reflete, recria e difunde o que se torna importante socialmente tanto ao nível dos acontecimentos (informação) como do imaginário (ficção)” (1991: 05).

A cultura, nesse caso, se torna suporte para podermos compreender e analisar o processo de mediação da recepção dos discursos da telenovela por seus receptores. Assim, enfocando nas práticas sociais e culturais presentes no cotidiano do receptor onde, por meio da mesma, os significados são negociados, interpretados e reelaborados pelos telespectadores durante o processo de mediação da recepção.

De acordo com o filósofo e antropólogo Jesus Martín-Barbero (1997), a recepção dos conteúdos é mediada por práticas cotidianas que estão inseridas na realidade cultural e social do sujeito receptor. São essas práticas que estão constantemente presentes e interferem nas interpretações que os receptores fazem de um conteúdo midiático. Este processo de recepção é único para o receptor, pois está sujeito às suas vivências particulares e grupais. Assim, devemos analisar este processo enxergando todo o processo de recepção, inserindo-o em um contexto mais amplo, o tecido cultural, o qual pertence à sociedade.

A temporada “Viva a diferença”, além de trazer um frescor na mudança de cidade e de núcleo principal, abordagens mais bem desenvolvidas e melhor costuradas na trama em relação a questões sociais, trouxe uma aproximação maior com o universo do adolescente real. Se antes a trama trazia um retrato da juventude através de seus personagens, os quais, de acordo com a educadora Rosa M. Fischer, “(...) reiteravam o quanto o adolescente é um ser de classe média, que se reduz a sexo, a escolhas amorosas, à escola, a conflitos familiares, o quanto também a mídia está ali, autopropondo-se como meio predominante educativo, pedagógico e didático” (2005: 48), na temporada analisada seus personagens demonstram estarem fora dessa caixinha estereotipada. Claro, ainda são jovens, ainda pensam em relacionamentos, escola e passam por conflitos familiares, mas tudo é retratado de uma forma menos artificial, mostrando uma certa consciência maior de tudo que o cerca e seu papel de protagonismo como agente de mudança na sociedade.

Um dos maiores exemplos que “Viva a diferença” traz é a questão da chamada “bolha rompida”, expressão muitas vezes é citada na trama. O elo que as personagens principais criam depois do acontecimento no metrô, fura a bolha em que elas viviam e acabam furando também a das pessoas ao seu redor, dos personagens secundários. Trazendo a aproximação entre os alunos da escola particular (Colégio Grupo) e da escola pública (E. E. Cora Coralina) da trama, ambas residentes do mesmo bairro na capital paulistana: Vila Mariana.

Se antes as desigualdades sociais e outros assuntos que pudessem desencadear reflexões do público telespectador sobre um contexto mais amplo (como histórico, cultural, político e socioeconômico) quase nunca surgiam (e quando se manifestavam eram apenas na forma de um

problema a ser superado naquele momento na trama e/ou era feito de forma deveras superficial), fazendo com que os jovens que frequentavam a academia ou o colégio pareçam terem saído do "mesmo bairro", na temporada escrita por Cao Hamburger, as diferenças sociais fazem parte da realidade dos personagens, levando-os a superá-las, reconhece-las, compreendê-las e questioná-las.

Como exemplo, podemos citar o relacionamento meio "Romeu e Julieta" entre a japonesa de família classe média alta Tina (Ana Hikari) e Anderson (Juan Paiva), jovem da periferia que largou os estudos para virar motoboy. O casal encontra o entrave da mãe da protagonista, uma médica conservadora e por um período da mãe do rapaz, que acredita que os dois são de realidades diferentes e tem medo de seu filho se iludir. A luta do casal para se manterem juntos vai perpassar toda a trama.

Mas o exemplo principal de questionamento sobre diferenças sociais vai se dar através da questão da educação. É através das escolas em que a trama é passada que será debatido um dos maiores abismos existentes no país: a educação. O colégio particular Grupo, criado pelo avô das personagens Lica (Manoela Aliperti) e Clara (Isabella Scherer), é um colégio referência em qualidade de ensino, concebido a partir das melhores teorias pedagógicas e, por mais que seu atual dono, o pai das meninas Edgar (Marcelo Anthony), pensar mais em lucro que qualidade de ensino, o coordenador pedagógico e ex-aluno Bóris (Mouhamed Harfouch) tenta manter a qualidade e credibilidade de sempre da instituição.

A escola pública Cora Coralina, é um colégio público de qualidade. Dirigido pela educadora Dóris (Ana Flávia Cavalcanti), que faz tudo o que está ao seu alcance para manter o nível de qualidade do colégio (mencionado muitas vezes como um exemplo de escola pública que "deu certo"), sofre com a falta de verbas para melhorar as instalações e ganha com a paixão de seu alunos pela escola, que estão sempre dispostos a cuidar da escola. O criador Cao Hamburger, com seu colégio público quase utópico, quis mais do que apontar os problemas na educação pública, quis despertar o quanto pode ser feito por soluções para a escola pública.¹¹ Para ele, um dos caminhos para se obter uma educação pública de qualidade não está só nas mãos dos governantes, mas sim da comunidade de pais, alunos e professores, os principais interessados na melhoria da instituição. Cao não está fora da crista da onda.



Figura 3- "Somos todos Cora": ato de apoio à escola feito pelos próprios alunos

Muito se está sendo discutido sobre isso na conjuntura atual, com a classe média, que perdeu seu poder aquisitivo de antes, vindo a matricular seus filhos em escolas da rede pública¹². O preconceito contra o ensino público vem caindo e a noção de que a educação pública pode ter mais qualidade que muitos colégios da rede privada (essa também é uma questão abordada na temporada)¹³.

Na série, temos dois alunos que saem do Colégio Grupo e migram para o Cora Coralina: a própria herdeira da instituição provada Lica, que cansada de ter sua vida exposta na escola apenas por ser filha do dono, decide ir para o colégio público onde as amigas estudam por acreditar em sua qualidade de ensino e o personagem Juca (Mikael Marmorato), que com o desemprego do pai, precisou fazer essa migração. Ambos os alunos sofrem com a diferença das escolas, mas logo se adaptam e reconhecem a qualidade do ensino do colégio dirigido por Dóris e, no caso de Lica, sua mãe Marta (Malu Galli), acaba se tornando uma militante pela educação pública de qualidade. O inverso também acontece.

Como foi citado anteriormente, outros temas importantes também perpassaram a história, como racismo, homofobia, relacionamentos LGBTQ, assédio, etc. Não faltou assunto para ser abordado, e respeito para abordá-los também, principalmente em relação a comparações com temporadas anteriores. Um grande exemplo disso é a questão do assédio. Se na temporada anterior “Pro dia nascer feliz” o assédio foi apresentado e solucionado de maneira desleixada (com direito a uma solução quase macarrônica, com direito a banho de tinta no assediador- foto abaixo), o tema foi levantado de forma delicada na temporada seguinte.



Figura 4- Montagem feita pelo site Coisas de TV¹⁴ para a questão dos dois assédios em Malhação

K1 (ou Katarine), uma menina extremamente expansiva e articulada de repente começa a ir para a escola cabisbaixa e escondendo o corpo com muito mais roupas que costumava usar. Passa também a evitar conversas e se trancar na biblioteca para fugir das aulas. Keyla observa o comportamento diferente da amiga, e depois de várias tentativas de conversa, a jovem finalmente se abre com a amiga e diz que está sendo assediada pelo namorado da mãe que a conhece desde criança.

Ao ser aconselhada a conversar com a diretora da escola, Dóris, escuta da mesma que precisa denunciar seu assediador. Ao fazer isso não só é desmentida pelo mesmo, como não consegue o apoio da mãe, que acha que se aconteceu algo, foi ela que procurou com o jeito “provocador” dela. K1 acaba indo morar com a tia e só recebe o pedido de perdão da mãe tempos depois.

Em relação ao racismo, a questão apareceu em vários arcos dramáticos, sendo abordado de diversos ângulos e conseguindo um mal estar¹⁵ com a instituição Polícia Militar do Estado de São Paulo que, ao ser representada em uma cena, onde o personagem de Anderson e Tina são abordados por policiais e ameaçados apenas por Anderson ser negro, a instituição lançou uma nota de repúdio ao programa e tentou mover uma ação no Ministério Público¹⁶. Ou Helen que, ao ser agraciada com uma bolsa de estudos no Colégio Grupo, sofre racismo de colegas de sala e da então diretora da escola Malu (Daniela Galli).



Figura 5- Anderson e Tina tomando uma "dura" da PM

Duas outras vezes que o tema foi abordado foi através do personagem Fio (Lucas Pentead). Em uma das vezes o jovem sofre um episódio de racismo e violência ao sair de uma festa em um prédio de área nobre¹⁷ e a outra, mais importante ainda, ele se torna o mediador para expor aos expectadores o genocídio feito contra os jovens negros brasileiros através do assassinato de um conhecido na rua em que mora¹⁸. A novela não só mostrou o preconceito contra negros, mas também às minorias asiáticas. A personagem Tina sempre deixava bem claro seu incômodo quando reduziam sua pessoa aos clichês de sua etnia¹⁹.

Já os episódios de homofobia foram protagonizados por Gabriel (Luís Galves) e Felipe (Gabriel Calamari). O primeiro, homossexual assumido, e o segundo seu amigo, apanham de seus “colegas” de escola na rua, após vários episódios de bullying dentro do ambiente escolar.²⁰ Em tempos em que personagens homossexuais ainda são retratados em núcleos cômicos (como na última novela das 21 horas “Do outro lado do paraíso”²¹) e no país que mais mata LGBTQs no mundo²², retratar um personagem gay, jovem, assumido e bem resolvido com a sua sexualidade, é deveras importante.

Mas a questão das múltiplas sexualidades não foi retratada apenas para mostrar os preconceitos e violências que pessoas não-hétero sofrem. A trama abordou o casal assexual Guto (Bruno Gadiol) e Benê (que tem Asperger e, com isso, tem problemas com contato físico), onde os dois se relacionam sem terem contato sexual. Já o casal Lica e Samantha (Giovanna Grigio) foi o responsável por trazer um relacionamento lésbico (o primeiro) com direito a beijos para a trama da novelinha²³. “Limantha” (como a internet apelidou o casal), que desde o início a trama se apresentava como adeptas da “não rotulação” (onde podemos entendê-las como bissexuais), acaba desenvolvendo um romance, o que foi bem aceito²⁴ por público²⁵ e crítica²⁶, chegando a repercutir no exterior²⁷.



Figura 6- Casal *Limantha*

A temporada de *Cao Hamburger* trouxe um frescor não só ao programa, mas à representação de jovens em programas feitos para jovens. Se nas tramas anteriores, mesmo com algumas tentativas de mudança, os protagonistas encenavam a mesma narrativa e sempre onde, no final de cada temporada, após um teatro de boas e más intenções, “cresciam” e eram expelidos para dar lugar a outros iguais, se tornando “esquecíveis” muitas vezes, a temporada em questão vai permanecer na memória da televisão brasileira. E que seus frutos sejam mais que uma boa audiência e elogios da crítica especializada, mas uma sociedade mais inclusiva e que celebre as diferenças, como o próprio título sugere.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Roberta Manoela. **A sexualidade, o adolescente e o mundo teleficcional: Malhação em destaque**. *Unirevista*, n.3, 2006.

_____, Roberta Manoela. **Entre o dito e o proibido: a sexualidade e o adolescente na soap-opera brasileira**. Fortaleza: Unifor, 2005.

BACZKO, Bronislaw. **Enciclopédia 5– Anthropos– Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional– Casa da Moeda, 1985.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e escola: uma mediação possível?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

FISCHER, Rosa M. Bueno. **Televisão & educação: fluir e pensar a TV**. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2003.

FREIRE, João. **Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias**. In: Congresso Intercom. Rio de Janeiro, 2005.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. **O telespectador frente à televisão: uma exploração do processo de recepção televisiva**. *Communicare*. São Paulo, v.5, n.1, 2005.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LOPES, Maria Immacolata. **Recepção dos meios, classes, poder e estrutura: comunicação e Sociedade**. São Paulo, n.23, 1995.

MORAN, José Manuel. **Como ver televisão: leitura crítica dos meios de comunicação**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OROFINO, Maria Isabel. **A ficção nossa de cada dia: para uma leitura crítica da telenovela pautada por uma teoria das mediações**. *Comunicação e Educação*. São Paulo: Paulinas, v.13, n. 2, 2008.

SIQUEIRA, Denise. **Memória, história e poder: a implantação dos meios de comunicação no Brasil**. Logos, Rio de Janeiro: FCS/UERJ, v.7, n.2, 1997.

TEIXEIRA, Maria Cecília. **Discurso pedagógico: mito e ideologia**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

Notas

¹ Trabalho apresentado no “GT1- Mídia e discursos narrativos: informar, educar, entreter” do VII Seminário de Pesquisas em Mídia e Cotidiano realizado nos dias 14, 15 e 16 de maio de 2018 no Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (IACS/UFF).

² As representações sociais podem ser compreendidas como “uma forma de conhecimento particular de nossa sociedade e irreduzível a qualquer outra”. (Moscovici, 1978: 46)

³ Compreendendo o imaginário como algo formado por imagens, símbolos, mitos, etc. com forte conotação afetiva que existem e circulam por grupos sociais. (Backso, 1985: 297)

⁴ O significado de ideologia se aproxima ao de representação pois tenta de alguma forma buscar coerência, fornecer orientação e justificativa racional para as condutas e comportamentos. E, acaba se utilizando do que chamamos de imaginário social para isto. (TEIXEIRA, 2000: 42)

⁵ <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/brasil-e-o-pais-no-qual-internautas-passam-mais-tempo-online/>> Acesso: 01/06/2018.

⁶ <<http://link.estadao.com.br/noticias/gadget,ate-o-fim-de-2017-brasil-tera-um-smartphone-por-habitante-diz-pesquisa-da-fgv,70001744407>> Acesso:01/06/2018.

⁷ <<https://www.youtube.com/watch?v=27boU1uZ2jo>> Acesso em: 05/06/2018.

⁸ <<https://www.otvfoco.com.br/malhacao-viva-a-diferenca-chega-ao-fim-com-maior-ibope-desde-2009-confira-os-consolidados-desta-segunda-feira-05-03-18/>> Acesso: 14/06/2018.

⁹ <<https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/malhacao-viva-a-diferenca-e-indicada-a-premio-internacional.ghm>> Acesso: 14/06/2018.

¹⁰ Seria injusto não citar que uma personagem secundária em Viva a diferença, a K2 ou Katiane (Carol Macedo) se utiliza dessa tática para tentar voltar com seu ex- namorado. E a reação de sua melhor amiga K1- ou Katarine- (Talita Younan), ao saber da farsa da amiga além de recriminar sua atitude, deixou claro que sua ideia parecia ter saído de uma trama de novela, algo que a própria farsante era bem fã. A diferença para as outras é que por mais que exista uma personagem que tenha esse tipo de atitude, as personagens principais demonstram na prática o conceito de sororidade.

¹¹ <<http://telepadi.folha.uol.com.br/malhacao-viva-diferenca-traz-inspiracoes-para-o-ensino-publico-e-riquezas-das-diferencas/>> Acesso em: 10/06/2018.

¹² <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151117_escola_publica_ru_mdb> Acesso em: 10/06/2018.

¹³ Edgar e sua esposa Manu resolvem criar uma escola privada “caça níquel” no mesmo bairro para abocanhar o público que estuda no Cora Coralina mas tem a possibilidade de pagar uma mensalidade mais baixa e quem está saindo do Grupo pois não consegue mais pagar seu alto valor. O colégio, que ofereceria uma boa infraestrutura mas deixaria a desejar em qualidade de ensino, tendo seu método pedagógico voltado para a utilização de apostilas e transmissão de conhecimento apenas. Nada distante da realidade educacional do país. Também se torna importante lembrar sobre esse arco dramático que Manu, para atrair pais a matricular seus filhos em sua nova escola, a “*The best*”, se utiliza do artifício das *fake news* para desmoralizar o ensino público, em especial o do Cora Coralina e sua diretora Dóris. Com isso, foi abordado este assunto tão importante na atualidade, mostrando para o grande público o que são, como funcionam e para qual propósito funcionam.

¹⁴ <<http://coisasdetv.com/index.php/2017/12/07/malhacao-viva-a-diferenca-assedio/>> Acesso em: 10/06/2018.

¹⁵ <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,cena-de-malhacao-mostra-racismo-da-pm-e-corporacao-faz-criticas,70001821286>> Acessado: 12/06/2018.

¹⁶ <<https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/noticia-da-tv/2017/11/mp-sp-inocenta-globo-de-denegrir-imagem-da-pm-de-sao-paulo-em-cena-de-malhacao.>> Acesso: 12/06/2018

¹⁷ <<https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/noticia-da-tv/2018/02/malhacao-viva-a-diferenca-impacta-mais-uma-vez-a-web-com-cena-forte-de-racismo>> Acesso: 12/06/2018

¹⁸ <<http://valkirias.com.br/malhacao-viva-a-diferenca-um-manifesto-pela-diversidade/>> Acesso: 12/06/2018

¹⁹ <<https://www.geledes.org.br/protagonista-de-malhacao-ana-hikari-sofre-com-racismo-vivi-situacoes-de-chorar-pelo-meu-pai/>> Acesso: 12/06/2018

²⁰ <<https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/critica-de-tv/2018/02/malhacao-viva-a-diferenca-faz-importante-abordagem-da-homofobia>> Acesso: 14/06/2018

²¹ <<https://natelinha.uol.com.br/colunas/coluna-do-sandro/2018/01/14/historia-de-samuel-em-o-outro-lado-do-paraiso-reflete-o-preconceito-que-a-tematica-gay-enfrenta-nas-novelas-113559.php>> Acesso: 14/06/2018

²² <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2018/03/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-lgbts-no-mundo-confirma-relatorio>> Acesso: 14/06/2018

²³ Na verdade, em duas outras ocasiões houveram beijos entre meninas. A personagem Lica também foi a responsável pelas duas ocasiões, mas os beijos, que foram apenas “por se beijar”, foram categorizados como *queerbaiting* apenas, pois não tiveram nenhuma narrativa ou desdobramento.

²⁴ O que se torna mais importante ainda, se pararmos para pensar no histórico de casais lésbicos na televisão brasileira, os quais muitas vezes sofreram com o preconceito do público, como, por exemplo, em Babilônia (2015) e Torre de Babel (1998).

²⁵ <<https://capricho.abril.com.br/famosos/o-final-do-casal-limantha-de-malhacao-deixou-todo-mundo-abalado/>>
Acesso: 14/06/2018

²⁶ <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/malhacao-mostrou-hoje-seu-primeiro-beijo-lesbico/>>
Acesso: 14/06/2018

²⁷ <<http://www.afterellen.com/tv/553189-limantha-rocking-brazilian-tv>> Acesso: 14/06/2018

Breve Biografia: Mestra em Multimeios pelo PPG Multimeios da Universidade Estadual de Campinas.

E-mail: livsrocha@gmail.com.



Novas tecnologias e múltiplas linguagens na formação docente

MÁRCIA MARIA E SILVA

Resumo:

O presente trabalho analisa a disciplina Comunicação e Linguagem I do curso de Pedagogia/UFF, considerando a contribuição das novas tecnologias de informação e comunicação na articulação teoria-prática docente, conteúdo-forma implicada nos procedimentos didáticos para a formação humana. Dialogamos com Volochínov (2013) sobre linguagem e discurso. Candau & Leite (2007), e Geraldini (2010) contribuem no debate sobre a organização e realização da aula. Pretto (2011), Lemos (2004), Castells (2005) Sodré (2012) e Santaella (2012, 2013) contribuem para a reflexão sobre novas tecnologias, educação e sociedade. Esperamos que os processos formativos para a docência estejam abertos a múltiplas interações horizontalizadas, que abram caminhos imprevisíveis, encontrem diferentes soluções e pontos de partida, que se disponibilizem a outras ordenações, criativas, vivas, que permitam outros fluxos, que favoreçam a produção e circulação de diferentes saberes.

Palavras-chave: Tecnologias digitais; Múltiplas linguagens; Processos discursivos; Cibercultura; Práticas pedagógicas.

1. Introdução

Objetivamos, no presente trabalho, compartilhar e analisar o programa da disciplina Comunicação e Linguagem I, oferecida pela Faculdade de Educação da UFF para estudantes do curso de Pedagogia, considerando, de um campo mais amplo de temas, aspectos relativos a novas tecnologias de informação e comunicação virtual. Espaço-tempo de produção de conhecimento e de integração social, as redes sociais fazem circular sentidos e significados, princípios morais, julgamentos, verdades e mentiras, podendo constituir-se como instrumento de dominação e alienação.

Para Volochínov (2013, p.155), “com a linguagem se criam e se formam sistemas ideológicos. A ciência, a arte, a moral, o direito, e, ao mesmo tempo, a linguagem criam e formam a consciência de cada homem”. Tomadas como ambiências de existência humana, as redes sociais são um campo fértil para estudo da sociedade, seus saberes, seus conflitos, seus sistemas de controle das vontades.

Analisar o caráter educacional na comunicação virtual, seus conteúdos, suas estratégias, e recursos didáticos para o ensino-aprendizagem da docência exige problematizar sua função social, pedagógica, política, ética e estética. Identificar os diferentes modos de interlocução e produção discursiva nesses ambientes de formação docente nos permitirá identificar algumas apropriações desse espaço-tempo de form(ação) docente.

Para tal, primeiramente apresentaremos um breve histórico da configuração geral da disciplina nos três últimos semestres (2017 e 2018) - (objetivos, justificativa, temas, abordagem metodológica, principais teóricos estudados). Em seguida, trataremos da proposta de estudo e monitoria, vinculada à disciplina, sobre novas tecnologias e múltiplas linguagens, buscando dar visibilidade ao caráter teórico-prático implicado nas estratégias que pretendemos que fossem compreendidas como conteúdos, operando com o que Candau & Leite (2007, p.739) chamaram de meta-aula, isto é, buscando fazer com que o formato das aulas pudesse “se constituir em si como conteúdo” do curso. Na terceira e última parte do desenvolvimento, apresentaremos registros avaliativos de estudantes, produzidos ao final do primeiro semestre de 2018, incluindo impressões sobre o uso de ambientes virtuais como recurso didático.

2. Comunicação e Linguagem

Comunicação e Linguagem I é uma disciplina oferecida para o 6º período da Pedagogia, como obrigatória; e, como optativa, para outras licenciaturas. Múltiplas linguagens, processos discursivos, cibercultura, práticas pedagógicas bancárias e dialógicas, pensamento e linguagem são alguns dos pontos da ementa. Entre os temas desenvolvidos, nos três últimos semestres (2017-2018), estão: comunicação humana, concepções de linguagem, linguagens verbais e não verbais; escola, corpo, discurso e poder; cultura popular; imaginação e criação na infância; ciberespaço, mídias e educação; e aula como acontecimento.

Organizamos a disciplina a partir de aulas expositivas, seminários, debates presenciais e virtuais¹, exibição de vídeos, análise de gêneros discursivos de diferentes esferas de comunicação, inclusive jornalística e literária. Como critérios de avaliação, estabelecemos: leitura dos textos solicitados pela disciplina; participação nos debates; auto-organização em grupo (escolha de um tema entre cinco sugeridos) para realização de um seminário²; e escrita autoral, na forma de artigo ou ensaio, em grupo ou individual, sobre tema abordado no seminário escolhido.

Tornar a abordagem metodológica da disciplina material de estudo no curso tem sido uma opção. Para tal a autoavaliação e avaliação dos alunos, da professora e da disciplina vêm sendo realizada desde o primeiro semestre de 2017. Sob o direcionamento da ementa, observamos, nas estruturas discursivas, as enunciações que configuraram disputas de poder, seja no discurso jornalístico dentro e fora das redes sociais de comunicação, seja no discurso entre pais e filhos, seja na literatura, seja entre professores e alunos, entre vizinhos ou advindos dos setores jurídicos (DJIK, 2015) da sociedade, entre tantos outros.

Na disciplina, Volochínov³ (2013), Djik (2015), Charaudeau (2015) têm sido interlocutores no debate sobre linguagem, imagem, discurso e poder. Para tratar de novas tecnologias, múltiplas linguagens e educação trabalhamos com pesquisas de Hoffmann (2016), Setton (2010) e Castells (2005), entre outras.

3. Novas tecnologias e múltiplas linguagens na educação básica: um projeto de formação docente

No que diz respeito aos recursos tecnológicos virtuais, no segundo semestre de 2017, o compartilhamento de textos, o registro de informações e a tentativa de realização de debates virtuais decorrentes (ou provocadores) das discussões em aula se deram pela plataforma “Conexão/IDUFF”⁴. Essa via de comunicação se sustentou de maneira precária, devido a limitações do sistema Conexão UFF, à restrição do tempo de acesso ao ambiente para alguns, indisponibilidade de acesso a um computador de mesa e à internet, entre outros aspectos.

No primeiro semestre de 2018, buscando facilitar o acesso ao cronograma, conteúdos, textos, orientações, a qualquer tempo, fosse do celular, tablet, notebook ou computador de mesa, o material da disciplina foi disponibilizado na Sala de Aula Google. Pela primeira vez, por sugestão de alguns estudantes, formamos um grupo no whatsapp para agilizar a atualização de informações direta ou indiretamente relacionadas ao cronograma.

Nossas expectativas eram: 1. criar um banco de textos da disciplina, dar acesso (sem distorções ou ruídos) a informações, cronogramas, formação de grupos de trabalho; 2. favorecer interlocução assíncrona virtual extensiva (não substitutiva) ao trabalho presencial nas aulas; 3. ter um local para submissão (e alocação) de trabalhos acadêmicos, de modo que fosse desnecessária a entrega de trabalhos impressos⁵. 4. comentar os trabalhos em processo de elaboração e ao final do curso; 5. oportunizar e problematizar experiências de escrita acadêmica em ambientes virtuais; 6. criar possibilidades de escrita argumentativa com base nas postagens dos estudantes; 7. comparar produções escritas em diferentes ambientes virtuais (whatsapp, Sala de aula Google, e-mail etc).

A partir de abril de 2018 passamos a ter a contribuição de um ex-aluno da disciplina, como monitor. Segundo ele, a disciplina se mostrou como uma espécie de divisor de águas. Havia encontrado uma via de investigação que interligasse seus interesses específicos pelo mundo virtual e as questões voltadas para educação escolar. Seu trabalho final na disciplina, versou sobre cibercultura, redes sociais e discurso jornalístico. Citando Lemos (2004) e Castells (2005) o estudante teceu a seguinte reflexão no seminário e no trabalho final:

Para entendermos a cibercultura devemos ter primeiramente a noção de que ela é uma consequência da globalização desenfreada que o mundo veio passando durante o último século, o brasileiro está a um click de distância de informações provenientes da China, ou pode facilmente fazer uma compra de eletrônicos em alguma loja online Norte Americana, ou seja, o mundo está completamente conectado, e as informações correm na rede como água.

[...] redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada integrando novos nós desde que consigam comunicar-se

dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de Comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto, altamente dinâmico, suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio (CASTELLS, 2005, p.498).

A cibercultura pode então consistir nessa mistura de culturas todas reunidas em um ambiente em comum: a internet. Lá o mundo toma uma outra dimensão e tudo se torna mais próximo e possível, pode-se ter contato com qualquer um em qualquer canto do mundo com sinal de internet. Temos o mundo inteiro se reunindo, criando culturas completamente possíveis pelo advento da internet, já que a comunicação é peça central e indispensável se formos pensar em cibercultura. Esta acaba por criar um novo espaço de comunicação, que dispensa a interação física, fazendo com que a comunicação por texto e imagens se torne o suficiente para a criação de interações sociais sólidas dentro da internet.

A cibercultura contemporânea é fruto de influências mútuas, de trabalho cooperativo, de criação e de livre circulação de informação através dos novos dispositivos eletrônicos e telemáticos (LEMOS, 2004, p.16).

Podemos perceber que a cibercultura não existe por si só e sim é um resultado de diversas interações entre pessoas conectadas na internet, sendo assim ela é toda baseada na comunicação interpessoal em diversas partes do globo, a livre circulação de informação e criação das mesmas são instrumentos exclusivos desse espaço de comunicação, já que a tela do computador proporciona essas interações de forma muito mais eficaz do que se pode ter em uma interação física entre pessoas.

Mas não para por aí, as interações online são extremamente dinâmicas e trazem consigo uma carga muito grande no que diz respeito à sua capacidade de divulgação. Por isso devemos prestar atenção na disseminação de informações na internet e fora dela. O que acontece na internet não fica apenas na internet. O que acontece na rede é instável e capaz de atingir facilmente o “mundo real”. Dessa forma é necessário entender o impacto que a internet tem atualmente na vida real, suas propriedades benéficas e sua alta capacidade destrutiva. As interações na rede causaram uma reconfiguração cultural no mundo exterior à internet, já que a disseminação de informações é algo que acaba por chegar no mundo externo facilmente, e a partir disso as informações se espalham não só apenas pela internet, mas de forma oral, nos jornais, na televisão e a partir daí não há mais volta, a informação “se perdeu” e agora não é mais propriedade de ninguém.

A facilidade na propagação de informações, apesar de aproximar o mundo e facilitar a interação entre as pessoas também tem seu lado maléfico, da mesma forma que uma informação interessante, sobre ciência, filosofia, uma notícia, um vídeo engraçado, etc. pode se espalhar, uma coisa ruim, como a exposição de fotos íntimas, informações pessoais de alguém, notícias falsas, discurso de ódio, dentre outras coisas maléficas também se espalham de forma fácil, e isso é prejudicial para a vítima de um acontecimento desses (ALVES, 2017, p. 1-3).

O estudante de Pedagogia⁶, do lugar de pesquisador das próprias práticas interativas virtuais e de outros, teceu considerações sobre o ciberespaço, chamando a atenção para as potencialidades e os riscos da comunicação virtual, podendo o ciberespaço contribuir tanto para emancipar, ampliando as possibilidades de expressão e interação humana como para violar direitos e gerar discursos de ódio e desrespeito à dignidade humana.

Aprovado pelo Programa de Monitoria, passou a atuar pelo projeto “Novas tecnologias e múltiplas linguagens na educação básica”, que foi idealizado em decorrência da manifestação de interesse de vários estudantes pelo tema:

O projeto objetiva, sob a perspectiva de linguagem bakhtiniana, favorecer a formação do estudante-monitor para elaboração e realização de atividades relativas aos conteúdos da disciplina Comunicação e Linguagem I (obrigatória para P1 e A1),

que será oferecida nos dois semestres de 2018. Considerando o interesse de muitos alunos em aprofundar o debate sobre os modos de produção discursiva nas diferentes redes sociais, que organizam e quase sempre conduzem muitas interações comunicativas de crianças e jovens dentro e fora da escola, a monitoria tem muito a contribuir para a formação do leitor-autor crítico. Além disso, a disciplina favorece a identificação e problematização de diferentes linguagens verbais e não verbais a partir das quais o sujeito se constitui e produz cultura. A monitoria viabiliza o apoio aos estudantes para produção de seminários e textos, em diferentes gêneros, sobre temas concernentes a diferentes linguagens na escola (plástica, cinematográfica, jornalística, fotográfica, teatral, literária, musical) e a decorrentes estudos sobre discurso, cultura, educação, docência, ensino da língua materna, entre outros, considerando novas tecnologias de informação e comunicação (Edital N° 01/2017).

Sob nossa orientação e acompanhamento, como atribuições do monitor, destacamos: estudo da bibliografia indicada na disciplina, apoio aos alunos para o estudo dos textos, elaboração de seminários e produção de textos, coparticipação na organização e dinamização de ambientes virtuais de comunicação para compartilhamento de textos e atividades pertinentes aos objetivos da disciplina, coparticipação na definição de estratégias didáticas que tornem o estudo dos conteúdos inovador, instigante e consequente, observação do processo de avaliação dos seminários e trabalhos escritos pelos estudantes, realização de registros e autoavaliação de suas ações como monitor.

Nos estudos sobre cibercultura e ciberespaço, buscamos o debate sobre hibridizações, diferentes lógicas nos modos de produção de conhecimento, diferentes educações etc. Pretto (2011) contribui na reflexão sobre a aceleração dos tempos de realização da vida e circulação de informações, trata da velocidade com que novas tecnologias digitais móveis se tornam usuais.

Surgem novos modelos de televisão, celulares, novas redes de relacionamento, mudanças nas formas de interação verbal oral ou escrita, perspectiva de rede e pensar coletivo, mudanças nos meios e modos de criação (livros produzidos a partir de escritas em blogs, produção de vídeos por crianças e jovens com o uso do celular), diferentes linguagens e produções discursivas nos ambientes virtuais de comunicação (posts, curtidas, cutucadas, emoticons, memes), aumento dos meios de acesso a informações (Facebook, sites e blogs jornalísticos), aumento do número de fake news, de estratégias de controle e captação do público-alvo virtual...

(...) essa juventude é, não resta a menor dúvida, uma juventude que produz mais, que escreve mais e se manifesta publicamente. Ao assim fazer, produz novos textos em diversos contextos que nos impõe repensar os próprios processos de alfabetização. Além disso, cresce de forma vertiginosa o uso das imagens em movimento. Os sítios de publicação de vídeo, sendo o Youtube o exemplo mais visível, mas não o único, vêm mexendo radicalmente não só com o universo juvenil, mas, também, com o mundo adulto. Pesquisas indicam que cresce de forma vertiginosa a produção através dos sítios colaborativos, espaços onde todos passam a ser escritores e "jornalistas" e, por conta disso, esses blogues e microblogues com textos, sons e imagens, transformaram-se num enorme fenômeno contemporâneo (PRETTO, 2011, p.106).

Sodré (2012) considera que os projetos educacionais precisam estar atentos à “tecnologização do mundo” e às “injunções do mercado global”. Afirma, por outro lado, que as mesmas tecnologias podem ser “poderosas ferramentas formativas”. No prefácio do livro Reinventando a Educação, de

Sodré (2012) Leonardo Boff destaca das reflexões do estudioso da área da cultura e da comunicação, que

(...) a educação demanda iniciar criativamente as pessoas na realidade do mundo e no jogo da vida onde se realiza a convivência humana (...) O que agrava todo o processo educativo, hoje de dimensões globais e no contexto das diversidades culturais é a vigência do pensamento único (SODRÉ, 2012, p.2-3).

Não ignoramos a necessária reflexão e ação contra o risco do pensamento único. Estamos atentos a pesquisas que tratam de processos de espetacularização de vidas privadas, de estímulo à erotização da infância dentre outros apelos midiáticos que conformam os interesses do mercado entre consumidores infantis. Exemplo disso é o aumento expressivo de crianças youtubers, sob o aval de responsáveis legais, o que parece demonstrar uma espécie de cegueira em relação aos riscos a que levam práticas que alimentam o mercado virtual, sem atentar para dimensões de cuidado e educação necessárias à formação humana, à saúde emocional.

Freitas (2018) compartilhou no seu *blog* a matéria “Infância digital: o perigo de desconexão com a vida”. Trata dos perigos do uso precoce e excessivo de tecnologias entre as crianças⁷. O alto número de linhas de celulares em operação (242,1 milhões) para 208,2 milhões de brasileiros indica que já fazem integralmente parte da vida das pessoas. Isso nos leva a pensar na revolução social provocada por essas novas tecnologias:

Os vários gadgets [dispositivos eletrônicos] tornaram-se uma extensão das mãos das crianças. Dedinhos cada vez menores deslizam pelas telas touchscreen e pelas teclas dos computadores, notebooks e controles remotos da TV.

Quais os efeitos da iniciação precoce ao mundo digital para a saúde física e psíquica das crianças? Quais as influências que essas tecnologias exercem no comportamento infantil durante a fase de formação e desenvolvimento? Quais os impactos das mudanças sociais para a cultura da infância? (...)

Segundo o estudo americano *Zero to Eight: Children’s Media Use in America de 2013*, publicado pelo Common Sense Media, que desenvolve estudos sobre o impacto da mídia e das novas tecnologias sobre as crianças, entre 2011 e 2013, o acesso a mídias móveis pelas crianças americanas estourou. Neste período, o número de crianças menores de 8 anos com acesso a tablets quintuplicou pulando de 8% para 40%. Em 2013, 38% das crianças com menos de 2 anos utilizavam um gadget, ante 10% em 2011. Entre 2 a 4 anos a taxa subiu de 39% para 80% e entre 5 e 8 anos, de 52% para 83%.

As pesquisas demonstram que crianças e adolescentes têm acesso cada vez mais cedo ao mundo tecnológico e permanecem conectadas por mais tempo. Trata-se de um fenômeno global⁸ (MACHADO, 2017).

Qual o perfil das crianças nas escolas brasileiras, considerando essa forte penetração da tecnologia em sua vida tão cedo? Entre os problemas detectados encontramos: dificuldade de concentração, distúrbios do sono, obesidade, alterações da visão, riscos auditivos, disfunções posturais e articulares, dificuldades de socialização, atraso de aprendizagem, agressividade, *bullying*, radiação e dependência.

Sendo a formação para a docência um eixo importante da Faculdade de Educação, a disciplina Comunicação e Linguagem I toma para si essa reflexão, colocando-se em diálogo com temas que emergem como centrais no debate sobre educação e sociedade. Estamos também nos perguntando sobre o perfil do estudante de Pedagogia hoje. Estamos reconhecendo que mudanças são impulsionadas também pela ampliação dos usos das novas tecnologias de comunicação e informação? Como respondemos a esses novos contornos?

No campo das tecnologias da informação e comunicação, torna-se necessário intensificar a apropriação das TICs enquanto elementos de cultura, e não apenas como aparatos tecnológicos (muitas vezes presentes nas escolas por pressão da indústria!) que ilustram ou facilitam os processos escolares. Ou seja, temos que afastar definitivamente a perspectiva instrumental da introdução das TICs na escola (...) (PRETTO, 201, p.110).

Compreendemos necessária a problematização sobre a contribuição das novas tecnologias de informação e comunicação para uma articulação consistente entre teoria e prática docente, conteúdo e forma do trabalho didático pelo reconhecimento de que novos modos de ler o mundo e as palavras estão se configurando e impulsionando outras juventudes e infâncias. Santaella (2012) procura explicar esse processo de transformação ao identificar quatro tipos de leitor (contemplativo, movente, imersivo e ubíquo)⁹ que transformam continuamente o ciberespaço no qual transitamos e produzimos conhecimentos cotidianamente, trazendo consequências profundas para a educação

4. Perspectivas e limites das novas tecnologias digitais na formação docente

Passamos a discorrer sobre os impactos desse debate na disciplina quando, na perspectiva de uma meta-aula (CANDAU & LEITE, 2007), o tema se propõe a ser uma estratégia didática. Na turma 1, trinta e cinco alunos se inscreveram. Frequentaram trinta e dois. Seis atividades foram propostas na sala Google. Quatro eram questões de leitura e análise de textos a serem debatidos ou já discutidos em aula, com espaço de postagem aberto à visualização e interação de todos. Dois trabalhos eram para postagem privada de arquivo de texto produzido pelos estudantes: Um relativo a dois textos-base para um dos seminários; e o outro era o trabalho final da disciplina. Na atividade 1, somente uma aluna fez postagem. A atividade 2 recebeu oito postagens. A atividade 3 teve sete postagens. A atividade 4 recebeu onze postagens. A atividade 5 recebeu dezesseis postagens. Três estudantes preferiram enviar o trabalho final por *e-mail*.

Na turma 2, trinta alunos se inscreveram. Vinte e sete frequentaram. Quatro atividades foram propostas. Três eram questões de leitura e análise de vídeo ou textos a serem debatidos em aula ou já discutidos, com espaço de postagem aberto à visualização e interação de todos. A quarta atividade foi o trabalho final com indicação para postagem privada de arquivo de texto. A atividade 1 recebeu uma postagem. Na atividade 2, tivemos três postagens. Na atividade 3, duas postagens. Dois estudantes preferiram enviar o trabalho final por *e-mail*.

Apesar de o número de postagens ter aumentado na Turma 1, ao longo do período letivo, não concluímos que tivesse sido por reconhecimento das possibilidades de diálogo e análise das produções

discursivas a partir dos temas debatidos em aula. Na Turma 2, ficou mais evidente a opção por manter o ambiente virtual como um banco de textos da disciplina. Por se tratar de um curso presencial, assim argumentaram alguns, os recursos virtuais não foram tão bem acolhidos.

Alguns não tiveram acesso aos textos e às orientações, devido à baixa capacidade da internet privada e/ou do aparelho celular. Alguns revelaram não ter acesso a computadores de mesa para o desenvolvimento das atividades escritas. Houve quem sugerisse o uso do *Facebook* como ambiente virtual da disciplina. Alguns estranharam a solicitação de escrita acadêmica nesse espaço. Alguns pareciam preferir ler ou produzir em linguagem mais descolada, mais livre, menos formal.

Notamos pouca adesão à interlocução virtual. Transcrevemos abaixo duas propostas de debate. Aqueles que postaram seus comentários não se guiaram pelas orientações. Preferiram comentários mais livres sobre o texto.

A)

Comente a reflexão do autor sobre o abuso de poder identificado nos grupos por ele pesquisados a partir da análise crítica dos discursos. Evite falar dos mesmos grupos até que todos tenham sido comentados aqui. Trate do poder no discurso considerando:

1. conversa entre pais e filhos; 2. conversa entre mulheres e homens; 3. fala racista; 4. diálogo institucional; 5. entrevista de emprego; 6. discurso médico-paciente; 7. discurso nos tribunais; 8. discurso organizacional; 9. discurso político; 10. textos institucionais; 11. discurso da mídia: textos jornalísticos e produção de notícias; 12. livros didáticos.

B)

I. O texto de Volochínov é composto de sete partes. Explique 1 conceito estudado no referido texto.

II. Apresente um breve relato de uma situação de interação verbal no cotidiano escolar. Analise essa situação com base no texto.

III. Observe quais conceitos já foram postados para não repetir a explicação a não ser que você queira complementá-la ou corrigi-la.

Reconhecemos limitações das plataformas para realização de fóruns de discussão, tanto o Conexão IDUFF quanto o Sala de Aula Google, embora este último apresentasse mais recursos. A exigência do uso do *e-mail* id.uff provocou incômodo àqueles para quem esse provedor não era usual. Nós nos questionávamos quanto à validade das estratégias adotadas. Tensões relativas ao discurso da falta de tempo para assistir às aulas, para ler os textos e “ainda” para fazer ou postar trabalhos na plataforma modificaram a proposta inicial e o andamento das atividades. Segundo alguns, o ambiente virtual trouxe sobrecarga ao trabalho discente. Consideraram esses que mais horas de trabalho estariam sendo exigidas, devido às propostas de interlocução virtual.

Ao final do curso, em julho de 2018, após todos os seminários apresentados e depois de grande parte dos trabalhos escritos terem sido avaliados com devolutivas (comentários)¹⁰ para cada grupo pela plataforma, solicitamos que respondessem a algumas questões de uma ficha de avaliação da disciplina. Destacamos abaixo dois itens relativos ao ambiente virtual: 1. Quais seriam as suas considerações

Anais do VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano

sobre a plataforma *online* Sala de Aula Google? Entregar os trabalhos por ela é uma boa ideia? Você teve uma experiência boa? O que mudaria? 2. Considerando que você é um(a) aluno(a) trabalhador, como essa plataforma virtual poderia ajudar na sua vida acadêmica?

Na tabela abaixo, destacamos alguns pontos que nos ajudam a compreender o ponto de vista dos estudantes do primeiro semestre de 2018, além de nos oferecerem subsídios para reconfigurar objetivos e estratégias. As categorias indicadas na tabela foram extraídas dos registros avaliativos dos alunos. Listamos as opiniões e mostramos quantitativamente as reincidências em cada turma.

Na Turma 1, dezoito estudantes, dos dezoito presentes, preencheram a ficha de avaliação. Na Turma 2, dos quinze presentes, doze estudantes responderam.

| Observações das Turmas 1 e 2 (1º semestre de 2018) | T1 | T2 |
|--|-----------|-----------|
| A plataforma limita o acesso ao material da disciplina/problemas de acesso. | 3 | 1 |
| Usar a plataforma parece uma extensão de 30h para 60h. | 1 | x |
| Considera que o <i>Facebook</i> é mais fácil de acessar. | 1 | x |
| A Sala de Aula Google é mais organizada que o grupo do <i>Facebook</i> . | 1 | x |
| Falta domínio para uso ferramentas da plataforma. | 1 | x |
| A entrega de trabalhos pela plataforma é positiva. | 8 | x |
| A plataforma deveria ser usada apenas para compartilhamento de PDF. | 1 | x |
| Os trabalhos e diálogos virtuais devem ser complementares à aula. | 2 | x |
| Usar a plataforma é uma boa estratégia. | 14 | 6 |
| Usar a plataforma é uma boa estratégia desde que dialogue com o horário disponível dos alunos. | x | 1 |
| A plataforma virtual não é eficiente. | 1 | 2 |
| Deve haver rodízio e disponibilidade de tempo para atividades na sala de informática. | 2 | 1 |
| O monitor pode criar tarefas e exposições de conteúdo <i>online</i> . | 1 | x |
| Prefere perguntas mais simples pela plataforma para introduzir o diálogo. | 1 | x |
| Prefere entrega de trabalhos via e-mail. | x | 1 |
| O tempo é curto para a realização das atividades na plataforma. | x | 1 |
| Prefere que o material seja disponibilizado por meio físico (impresso) e também virtual para escolha do estudante. | x | 2 |

Os dados mostram um reconhecimento de que o uso do ambiente virtual na disciplina foi uma boa escolha. A maioria dos presentes aprovou sua validade, ainda que seu uso tivesse se restringido a consultas ao material ou a orientações de estudo. Houve críticas relacionadas ao aparente aumento da

carga horária de estudo. Talvez tenha se manifestado um receio de que a disciplina fosse fragilizar sua configuração presencial e dirigir-se na contramão dos princípios do curso de Pedagogia.

Essa reação nos faz refletir sobre como se organizam para estudar. O tempo de estudo dos textos se inclui obrigatoriamente nessas 30 horas? Quanto tempo de estudo fora da sala de aula é necessário para cursar uma disciplina? Sabemos que a leitura de um texto exige tempo para que o leitor se aproprie do seu conteúdo. É comum e recomendável que sejam feitas marcações de partes consideradas relevantes ou que geraram dúvidas. Além disso, anotações sobre o lido ajudam na organização e apreensão dos conceitos. Esse processo de estudo, anterior ao tempo-espaço da aula, nos parece fazer parte das práticas discentes mais comuns. Por que a orientação virtual de leitura (proposição de pontos de análise) pode representar sobrecarga? Essa estratégia não seria, ao contrário, uma ajuda, um suporte, um apoio ao estudo? Haveria efeitos distintos e complementares se essa orientação de leitura se desse antes ou depois da apresentação e discussão do texto em aula? Questões que nos pareceriam ter respostas óbvias, dada a nossa trajetória como leitores e pesquisadores formadores, apontam provavelmente para outros perfis de leitores, outros tempos-espaços de estudo. Diferentes infâncias e juventudes?

De toda maneira, todos os grupos trabalharam efetivamente para a apresentação criativa dos trabalhos orais e escritos. Consideraram todos os textos muito importantes para sua formação. Houve quem verbalizasse que cursar Comunicação e Linguagem I representou um divisor de águas em sua vida pessoal e profissional, dada a boa qualidade dos textos e a efetiva impregnação das ideias discutidas, em seu cotidiano, alterando sua visão de mundo e sua compreensão da importância dos estudos da linguagem no trabalho docente.

Refletindo sobre a continuidade ou não do uso da Sala de aula Google ou de outro ambiente virtual e também sobre o nosso interesse em continuar buscando estratégias que permitam problematizar as produções discursivas no ciberespaço, identificando relações de poder, abuso de poder, dentre outros pontos previstos e já apresentados sobre o programa, o monitor manifestou-se a favor da manutenção da organização virtual da disciplina e do aperfeiçoamento das estratégias didáticas, a fim de que avancemos nos objetivos propostos

5. Considerações finais

Este trabalho se propôs a uma reflexão sobre a disciplina Comunicação e Linguagem I, sua contribuição para o debate sobre novas tecnologias e múltiplas linguagens e suas implicações na formação docente. Mais do que uma abordagem sobre estratégias didáticas, buscamos iniciar um diálogo a respeito de seu papel para a compreensão das infâncias e juventudes em seus distintos modos de ler, estudar, interagir, argumentar, produzir cultura, viver a docência e a discência. Interessa-nos a qualificação do profissional “como dirigente orgânico”, que “tenha uma prática social voltada para a intervenção superadora da realidade histórica e que seja comprometida com os anseios de uma sociedade mais justa e humana” (PPC¹¹, 2012, p. 6). Nesse sentido, cabe a nos evitar riscos de que, a título de inovação pedagógica ou tecnológica, as práticas formativas acabem ganhando contornos

alienantes, automatizados, meramente instrumentais. Para questionar a lógica do pensamento único denunciada por Sodré (2012), compreendemos ser importante estudar o tema criticamente, identificando entraves e possibilidades.

A disciplina em questão trabalha com diferentes temas, dentre eles, novas tecnologias de informação e comunicação. Instigados pelo GT1 “Mídia e discursos narrativos: informar, educar, entreter” nos debruçamos sobre a questão proposta no VII Seminário de Pesquisas em Mídia e Cotidiano: “Qual a relação entre informação e formação, quando buscamos, nas mídias, recursos e linguagens com objetivos educacionais?” Fomos levados a pensar em alguns aspectos que configuram uma crise na educação básica. Reconhecemos uma baixa valorização da diversidade cultural dos alunos, uma padronização e verticalização das práticas escolares sob a lógica da produção industrial. Encontramos currículos lineares, fechados a outras temporalidades e espacialidades, a outros modos de organização do trabalho docente, sendo mais voltados ao burocrático, ao controle dos corpos e das atitudes, ao pensamento único.

Esperamos que a escola e os processos formativos para a docência estejam abertos a múltiplas possibilidades interativas horizontalizadas, que abram caminhos imprevisíveis e busquem diferentes soluções e pontos de partida, que se disponibilizem a outras ordenações, fluxos, culturas, que sejam plurais, criativos, vivos, que favoreçam a produção e circulação de diferentes saberes. Os aspectos pedagógicos, políticos, éticos e estéticos e a função social da ação docente mostram-se nessas escolhas cotidianas. Buscamos, na disciplina, dar atenção à seleção dos teóricos com os quais dialogamos, aos modos de ler e compartilhar ideias, circulares e plurais, à definição e ocupação dos espaços físicos e virtuais de comunicação, à integridade ao lidar com diferenças culturais, sociais, linguísticas, à sensibilidade para viver as aulas como acontecimentos singulares, histórica e culturalmente contextualizados, à opção por viabilizar o protagonismo discente, aos conhecimentos técnico/tecnológicos.

Assim, esperamos contribuir significativamente para o debate sobre o papel das tecnologias digitais de informação e comunicação e a formação do formador na sociedade contemporânea. Este trabalho representa uma proposta de diálogo sobre educação e formação docente entre áreas diferentes e complementares, como são a Educação e a Comunicação.

6. Referências bibliográficas

ALVES, W.da C. **Cibercultura, redes sociais e discurso jornalístico**. Trabalho final da disciplina Comunicação e Linguagem I. Niterói: UFF, dez, 2017.

CANDAU V. M., LEITE M. S. **A didática na perspectiva multi/intercultural em ação: construindo uma proposta**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, nº 132, set./dez, 2007.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**, v.1. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CHARAUDEAU P. **Imagem, mídia e política: construção, efeitos de sentido, dramatização e ética.** MENDES, Emília (coord.); MACHADO, Ida Lúcia; LIMA, Helcira; LYSARDO-DIAS, Dylia (org.). Imagem e discurso. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

DIJK, Teun A. **Van. Discurso e poder.** São Paulo: Contexto, 2015.

FEUFF. Projeto Pedagógico Curricular (PPC). Coordenação do Curso de Graduação em Pedagogia – Niterói, 2012.

FREITAS, L. C. de. **Infância: uso precoce e excessivo da tecnologia.** Disponível em <<https://avaliacaoeducacional.com/2018/04/18/infancia-uso-precoce-e-excessivo-da-tecnologia/>>.

Último acesso em julho de 2018.

GERALDI, J. W. **A Aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro & João, 2010.

LEMOS, André. **Cibercultura, cultura e identidade: em direção a uma “Cultura Copyleft”?** **Contemporânea.** Revista de Comunicação e Cultura, v. 2, n. 2, p.9-22, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3416/2486>>. Último acesso em julho de 2018.

MACHADO, A. L. 2017. **Infância digital – o perigo da desconexão com a vida.** Disponível em <<http://www.educandotudomuda.com.br/infancia-digital-o-perigo-da-desconexao-com-vida/>>. Último acesso em julho de 2018.

PRETTO, N. de L. **O desafio de educar na era digital: educações.** Revista Portuguesa de Educação, vol. 24, nº 1, p. 95-118, 2011. Universidade do Minho, Braga, Portugal.

SANTAELLA, L. **Palestra com Lúcia Santaella (PUC-SP).** Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas (SIIMI 2012). Goiânia/GO: UFG, 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NOLkoHluIzk>. Último acesso em julho de 2018.

_____. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação.** São Paulo: Paulus, 2013.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação.** São Paulo: Contexto, 2010.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VOLOCHINOV, V. N. **A Construção da enunciação e outros ensaios.** São Carlos: Pedro & João, 2013.

Notas

¹ Os debates virtuais não aconteceram como proposto. Alguns alunos consideraram essa estratégia inadequada para um curso presencial.

² Disponibilizamos mais de um texto-base sobre cada tema de modo que mais grupos pudessem abordar o mesmo tema, sem necessariamente repetir as informações. Além disso, dado o caráter teórico-prático proposto num contexto de formação docente, cada grupo foi convidado a buscar múltiplas linguagens e movimentos para a abordagem do tema na turma.

³ Volochínov faz parte do círculo de Bakhtin, referências importantes na disciplina.

⁴ O Programa de Inovação e Assistência Curricular (PROIAC) nos informou sobre a plataforma, através das oficinas pedagógicas para docentes realizadas início do segundo semestre de 2017, o que nos instigou a incluí-la como recurso didático.

⁵ Em 2017.2, os trabalhos das duas turmas foram recebidos por e-mail e as devolutivas a eles foram enviadas também por e-mail. Apesar de o sistema de revisão do *word* facilitar os comentários, o conjunto de trabalhos ficou ainda um tanto disperso, já que não abrimos uma caixa específica para reuni-los no *gmail* ou no *drive*.

⁶ Tem formação parcial em História pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), no município de São Paulo. Já trabalhou como produtor de conteúdo de *sites* e de memes. do lugar de pesquisador das próprias práticas interativas virtuais, entre outras

⁷ <https://avaliacaoeducacional.com/2018/04/18/infancia-uso-precoce-e-excessivo-da-tecnologia/>

⁸ <http://www.educandotudomuda.com.br/infancia-digital-o-perigo-da-desconexao-com-vida/>

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=NOLkoHluIxx>

¹⁰ Os comentários sobre o trabalho final foram muito bem aceitos pelos estudantes. Tiveram como objetivo orientar revisões, indicar pontos significativos do texto. Revisões também foram feitas em trabalhos em andamento, quando solicitado, de modo a que se sentissem mais confiantes para a escrita acadêmica.

¹¹ Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia.

Discurso midiático *versus* discurso organizacional: sobreposição de narrativas

MARINA SILVA BRAUNA(UCB)

Resumo

A partir do pressuposto de que o discurso midiático tende a sobrepor o discurso da organização durante uma crise organizacional, este estudo discute a aparente influência do discurso midiático no processo informacional dos públicos envolvidos na crise. Também se discute aqui a verossimilhança que o discurso midiático aparenta ter em contrapartida ao descrédito atribuído ao discurso organizacional durante a crise. Por ter provocado a crise, a organização perde sua credibilidade e o discurso organizacional sua eficiência informacional. Este estudo, assim, propõe discutir a influência do discurso midiático em detrimento do discurso organizacional em relação a uma crise organizacional. Parte-se do pressuposto de que a imprensa e a organização (ambas interessadas na crise) produzem as suas respectivas narrativas e discursos, a fim de atender às suas próprias demandas: moldar a percepção dos públicos envolvidos na crise a respeito da postura da organização.

Palavras-chave: Discurso organizacional; discurso midiático; narrativas; crise; Samarco.

1. Introdução

Antes de iniciar a discussão, faz-se necessário pontuar a origem deste artigo: um recorte teórico da monografia intitulada: *O discurso organizacional em crises: uma análise do caso Samarco*, de mesma autoria.

O trabalho de origem teve como objetivo identificar se houve transformações no discurso organizacional da Samarco, ao longo da crise decorrente do rompimento da Barragem do Fundão, e quais foram essas transformações. Para isso, foram reunidas as noções de organização, comunicação organizacional e comunicação integrada, tendo em vista que a organização é um produtor de sentidos consciente e que a comunicação é um elemento essencial na construção e produção da realidade organizacional.

Os desdobramentos da pesquisa realizada para a monografia citada acima, permitiram destacar o seguinte questionamento: a aparente tendência de o discurso midiático ter mais influência no processo informacional dos públicos envolvidos na crise do que a própria organização que provocou a crise. Assim, propõe-se aqui, refletir sobre a possível sobreposição do discurso midiático ao discurso organizacional em relação a uma crise. E, ainda, discutir o aspecto de verossimilhança que o discurso midiático aparenta ter em contrapartida ao descrédito atribuído ao discurso organizacional durante a crise.

Neste trabalho, parte-se do pressuposto de que a imprensa e a organização (ambas interessadas na crise) produzem as suas respectivas narrativas e discursos, a fim de atender às suas próprias demandas: moldar a percepção dos públicos envolvidos na crise a respeito da postura da organização (GONÇALVES, 2011).

Para compreender o processo de sobreposição, faz-se necessário entender a noção de discurso. Em função da origem deste trabalho e do caráter organizacional desta reflexão, predomina aqui a concepção de discurso organizacional, visto que a crise é o objeto das narrativas em questão.

Na esfera organizacional, Halliday (2009, p. 32 apud ANDRADE, 2016, p. 32) caracteriza o discurso como um “conjunto de práticas linguísticas, semânticas e retóricas das pessoas jurídicas”. Classificando-o “como ação e como recurso, tão importante quanto os econômicos, tecnológicos e humanos. Além disso, ele agrega valor na medida em que contribui para aumentar o poder da organização entre seus interlocutores”.

De modo mais específico e prático, o discurso é a essência da fala, a mensagem, o sentido, mas, ao mesmo tempo, discurso também é a forma, o texto, a imagem, o formato, as cores, o conteúdo, a palavra escolhida. Em síntese, o emissor discurso expressa o que ele é, o que faz como faz e para quem faz (HALLIDAY, 2009 apud ANDRADE, 2016).

Contudo, o discurso não é somente o que a organização fala conscientemente. Discurso também é o que ela transmite, mesmo que não seja de forma intencional. É o que está implícito na mensagem propagada. “Através do discurso organizacional procuram, no fundo, modelar a forma como as pessoas percebem a organização” (GONÇALVES, 2011, p. 86).

Há inúmeras maneiras de expressar o discurso, mas em geral, a organização o faz pela comunicação escrita ou falada. Halliday (2009 apud ANDRADE, 2016, p. 32) diz que o discurso se manifesta nos “textos produzidos pelas organizações – difundidos seja por meio de fala, seja por escrito [...]”.

Iasbeck (2007), por sua vez, entende o discurso como:

Organização e produção de informação em linguagens, com o fim de explicitar e caracterizar intenções, desejos, crenças e convicções, modos de ser e atuar no mundo, enfim, como um conjunto organizado de textos. (IASBECK, 2007, p. 88).

Entre os propósitos do discurso está a legitimação da organização frente à sociedade, de maneira que ela tenha meios para fazer circular dentro e fora de si mesma, onde quer que tenha influência, as informações que julga necessárias para crescer e cumprir o que se propõe a fazer.

A organização busca, por meio da comunicação, obter o que Gonçalves (2011) chama de direito de existir. Segundo a autora, as organizações se perpetuam quando correspondem às expectativas do meio em que estão inseridas e dos seus respectivos públicos. A comunicação é a via de legitimação que permite a organização ganhar confiança e respeito.

O mesmo pode ser dito a respeito da imprensa, enquanto produtora de narrativas e meio de interpretação da realidade e propagação dessas interpretações. A imprensa, semelhante à organização, precisa ater-se a veracidade dos fatos para manter seu direito de existir. A credibilidade da imprensa, seja ela uma entidade social ou um veículo de comunicação unicamente, precisa ser preservada. Enquanto este elemento for mantido, a imprensa (o veículo, a noção de mídia e imprensa de um determinado local ou grupo midiático) terá o direito de existir.

O discurso oferece aos públicos ligados à organização ou à imprensa os elementos necessários para que eles possam criar, a partir de suas experiências cotidianas, as impressões e as percepções que, ao longo do tempo, vão aproximando a organização e a imprensa dos públicos de interesse.

A partir das noções acima, compreende-se discurso como "um processo de produção narrativa que objetiva legitimar a organização e propor um novo sentido à atividade humana." (SANTOS, 2014, p. 2). Logo, a organização é:

[...] assim, legitimada e produtora de legitimação. Sua legitimação é buscada junto à sociedade através dos relatos que ela propaga. Isto é, essas narrativas são portadoras de um discurso de legitimação, que busca instituir os ideais organizacionais, tendências de consumo ou de cultura e comportamento de maneira implícita (SANTOS, 2014, p. 2).

Considera-se, ainda, neste trabalho, que os emissores do discurso são fontes de informação classificadas em níveis de influência: fontes primárias e secundárias. Neste sentido, a organização é a fonte primária de informação a respeito da crise (tendo uma vez provocado a crise), e a imprensa é a fonte secundária, visto que ela produz um discurso a respeito da crise e não a partir dela (FORNI, 2013).

No caso da organização, o posto de fonte primária de informação sempre lhe pertence, exceto quando ela perde a credibilidade e seu discurso, a força. Nesta situação, eventualmente pode aparecer

outra fonte de informação que discursar sobre a organização. Em outras palavras, quando não está em crise e o seu discurso segue confiável, a organização discursa sobre si mesmo, informando seus públicos sobre seus assuntos de interesse. Porém, quando a organização entra em crise e esta crise vira pauta para a imprensa, o discurso da organização é destituído de credibilidade e a imprensa assume o posto de fonte primária a respeito da crise e da organização.

Ainda tratando do discurso organizacional, vale destacar a adaptabilidade do discurso ao momento. Em tempos de paz, por assim dizer, a organização tem outras preocupações. Em geral, ela está focada em mostrar as melhores práticas que realizou e os melhores resultados alcançados, além de expor quão boa organização ela é para os seus diversos públicos.

Ao comunicar publicamente, a organização está se contando ao mundo, em um processo que tem por único objetivo adquirir legitimidade. Em uma série de relatos falados e escritos, a organização propaga sua essência, ambições, práticas, objetivos e cultura, seja de forma explícita (pelo que ela quer mostrar) ou implícita (o que de fato ela mostra). Logo, o discurso organizacional tem, entre outras funções, a responsabilidade de viabilizar a publicização do que a organização é (identidade), de como ela é percebida pela sociedade (imagem) e a interpretação que a sociedade faz desta imagem (reputação) (GONÇALVES, 2011).

Este mesmo processo acontece durante a crise. A organização só muda o foco e o assunto em questão, mas de igual modo, ela tenta mostrar o que está fazendo durante a crise, de que forma está tentando contornar os erros cometidos e por que ela ainda deve ser objeto de interesse de seus públicos.

Para sobreviver à crise, a organização procura adaptar seu discurso a fim de preservar a legitimidade que vinha conquistando até a eclosão da crise e, por meio de relatos escritos e falados, tenta remediar a situação, restabelecer o equilíbrio organizacional e voltar à normalidade.

Nesse meio tempo, a crise em questão (com cobertura midiática) já é conhecimento da imprensa. E a mídia começa emitir discursos a respeito da crise e da organização que provocou a crise. Por não estar envolvida diretamente na crise e por ser fonte primária de informação em outros contextos, a imprensa é tomada como fonte primária em inúmeras situações.

Neste sentido, entende-se que embora a organização seja a fonte primária de informação, o discurso ou a narrativa da imprensa (fonte secundária) sobre a crise em curso tende a ter mais influência no processo informacional dos públicos envolvidos na crise (ARGENTI, 2014). Esta influência pode ter origem no alcance social e territorial/geográfico, entendimento este que reforça a noção de onipresença da imprensa e, por que não, de onipotência, visto sua capacidade de enfraquecer o discurso da organização em crise a tal ponto, que a versão da organização sobre os eventos seja tomada como menos verdade ou, às vezes, como mentira, pelos públicos (CHRISTOFOLETTI; LAUX, 2008).

A fim de entender esta sobreposição de discursos, usa-se aqui a crise da mineradora Samarco como objeto de estudo. Questiona-se como e por que o discurso que a imprensa emitiu sobre a crise da

Samarco teve mais influência sobre o desenrolar da crise do que os discursos emitidos pela própria organização. Parte-se da hipótese de que a audiência tende a tomar por verdade as informações emitidas pela imprensa, ao invés de tomar por verdade as informações que são emitidas pela organização, em razão da credibilidade que imprensa goza no processo informacional (CHRISTOFOLETTI; LAUX, 2008).

A depender do seu porte, importância e influência na sociedade em que está inserida, a organização atrai a atenção da mídia e dos veículos de comunicação. As grandes organizações tendem a ter mais espaço na mídia do que as menores, mas, em vias de regra, sempre que possível a mídia pauta acontecimentos envolvendo as corporações. Silva Neto (2010) fala sobre o interesse da mídia nas organizações:

Para atender e conquistar audiências, a mídia conta com veículos segmentados nos âmbitos local, nacional e internacional e, por meio de entrevistas, artigos e reportagens, faz ampla cobertura sobre os produtos, serviços, resultados, investimentos, ações, fusões, tecnologia, acidentes, erros e acertos das empresas (SILVA NETO, 2010, p. 2).

Para a organização, a mídia tem igual ou maior importância. Os veículos de comunicação são um dos meios pelos quais a organização se conecta com os seus demais públicos. Argenti (2014) diz que por meio da mídia, públicos como investidores, funcionários, clientes e membros da sociedade recebem informações e desenvolvem suas percepções a respeito da organização.

A mídia, contudo, adquire uma importância especial para a organização, pois ela não é apenas um canal, mas também um público estratégico da organização, em função da influência que exerce sobre os demais públicos e, ainda, sobre a construção e a manutenção da imagem e da reputação.

Forni (2015) alerta, entretanto, que nem tudo são flores na relação entre a mídia e a organização. O autor destaca que a cobertura midiática pode ser positiva ou negativa e ter efeitos diretos sobre a imagem e a reputação. Forni (2015, p. 178) diz que, em tempos de crise, a mídia se interessa pela organização porque “fatos inusitados [...] despertam o interesse da audiência”.

Silva Neto (2010), por sua vez, destaca quando e como a cobertura midiática costuma mudar em relação às organizações:

A opinião pública oscila com relação às empresas. É positiva quando elas investem, geram empregos, lançam novos produtos e agem com responsabilidade social; é negativa quando a mídia divulga notícias a respeito da má qualidade dos produtos, falhas e acidentes graves nas operações ou sobre comportamentos irresponsáveis de seus representantes. Tal dualidade gera oportunidades e problemas para o mundo empresarial (SILVA NETO, 2010, p.3).

Argenti (2014, p. 187) procura justificar o interesse da mídia em noticiar os erros das organizações. De acordo com o autor, a mídia tem uma tendência a valorizar a tragédia e a desgraça. Em geral, “quanto pior a notícia sobre uma empresa ou um CEO, maiores as chances de ela se tornar um grande furo e atrair a atenção da mídia (e do público), mesmo que por pouco tempo”.

Embora seja negada veementemente, a regra que vale nas redações é a seguinte: notícia boa é notícia ruim, aquela sobre os assuntos mais indigestos e trágicos possíveis, em geral, rendem matérias

sem fim, séries de reportagens, com direito a infográficos de páginas inteiras, especiais em revistas, capas dos jornais impressos, destaques nas páginas iniciais dos portais de notícias e blocos inteiros nos noticiários televisivos (VILLAS, 2015).

Forni (2015) afirma que, em tempos de crise, sob os holofotes da mídia, a comunicação: “[...] passa a ser um componente decisivo nas crises. A empresa que consegue se comunicar bem e amedidar a simpatia da imprensa para sua causa, mesmo em situações negativas, pode mitigar os efeitos deletérios das crises. (FORNI, 2015, p.182)”.

Em tempos de crise, a cobertura midiática é um agravante. A crise que antes estava contida a um espaço, ganha visibilidade. O problema cresce e a solução fica cada vez mais distante. Em crise, a organização vira pauta e as menções negativas na mídia expõem as fragilidades da organização. Remediar essa exposição por meio da gestão do relacionamento com a mídia pode contribuir para a remediação da crise.

A partir do momento em que a imprensa abre espaço para a organização, benefícios podem ser extraídos de tal exposição. No processo de produção da notícia, em que a imprensa encontra valores-notícias interessantes, a organização torna-se um nicho rico de fontes e informações úteis para a imprensa.

Torquato (1991, p. 214), por exemplo, afirma que a “empresa é uma ótima fonte de comunicação para os jornalistas”. Pela imprensa, a organização tem a oportunidade de se expressar, ganhar espaço, reforçar a comunicação estabelecida entre ela e seus públicos, conquistar outros públicos, ampliar sua influência e credibilidade. Ainda pela cobertura midiática, a organização pode interferir na opinião pública a seu respeito.

O bom relacionamento com a imprensa, embora não seja uma garantia de sucesso, pode ser um ponto a favor durante a crise. Uma comunicação bem-sucedida, em tempos de crise, é valiosa para a recuperação da imagem e reputação da organização.

Além disso, entende-se que a organização é vista por uma ótica negativa sempre que provoca um evento negativo (SILVA NETO, 2010). Logo, as informações veiculadas pela imprensa têm mais semblante de verdade do que qualquer relato expresso pela organização que, durante a crise, perde a sua credibilidade e tende a ser vista como vilã. As narrativas sobre a crise, independente de quem as narra, influenciam as percepções e impressões que os públicos ligados à organização e à imprensa têm a respeito do evento negativo (GONÇALVES, 2011).

O intuito é tentar discutir porque o discurso da imprensa sobre um evento negativo (a crise) tende a sobrepor o discurso da própria organização, que provocou a crise. Além disso, é objetivo de busca entender porque o discurso da imprensa carrega um semblante verossímil, enquanto o discurso da organização sobre o evento negativo é recebido pela audiência de forma negativa.

Aplicando estas noções ao objeto de estudo, a mineradora Samarco, percebe-se que os discursos da imprensa sobre a crise da Samarco foram absorvidos pela audiência com mais facilidade do que os

discursos emitidos pela mineradora. Além disso, as narrativas midiáticas sobre a crise da Samarco tiveram mais efeito sobre o desenrolar da crise e a manutenção dessas percepções e impressões.

No caso da Samarco, acredita-se que o discurso da imprensa sobre a crise tenha sobreposto o discurso da Samarco em função da pouca visibilidade que a organização dispunha na grande imprensa antes da crise, decorrente do rompimento da barragem, em novembro de 2015. Até o rompimento da barragem, a mineradora gozava de visibilidade apenas no setor da mineração e nos veículos especializados no assunto. A mineradora mantinha bons relacionamentos com os públicos que tinha. Mas esteve tão focada em firmar essas relações, que se esqueceu de ampliar seus horizontes e conquistar novos públicos.

Durante a coleta de dados, viu-se que a mineradora estava acostumada a lidar apenas com a imprensa especializada, voltada para o ramo da mineração. Encontramos pouquíssimas referências à mineradora em veículos que não fossem exclusivos deste setor e veículos de comunicação locais, com menor raio de circulação. Com o rompimento da barragem, a mineradora foi obrigada a se relacionar com a grande mídia. Partimos do pressuposto de que a Samarco poderia ter investido em um relacionamento com veículos maiores, com circulação mais ampla, resultando em uma exposição maior. A mineradora era desconhecida por boa parte dos grandes veículos de comunicação.

Esse desconhecimento abriu espaço para que a imprensa colocasse em evidência apenas as falhas da mineradora. A mídia foi assediada e parcial na cobertura do ocorrido. Pecados foram escrachados e ações de remediação foram omitidas. O próprio ex-CEO da Samarco, Ricardo Vescovi, reconheceu isso ao afirmar que as críticas feitas pela imprensa são esperadas e válidas. Mas são “críticas vindas de uma sociedade e de uma mídia que não conhecem a mineradora. [Ninguém] deve esperar apoio amplo e imediato de pessoas que não conhecem a Samarco” (SAMARCO, 2015).

Pela falta de interação com o público em geral e com a grande mídia, a mineradora ficou sujeita ao descrédito. Não importou quão responsável e sustentável a Samarco tenha sido ao longo do tempo. Os acertos não divulgados foram engolidos pelos erros midiáticos.

Em função disso, quando o rompimento ocorreu, a Samarco tornou-se conhecida pelo público em geral, majoritariamente, pelos relatos que a imprensa divulgou a respeito da mineradora. Por esta razão, muito do que se sabe sobre a organização vem basicamente da imprensa. E mesmo depois do rompimento e da exposição da Samarco, as fontes secundárias sobre o assunto ainda foram as mais usadas.

Em pesquisa simples no navegador Google Chrome, realizada nesta pesquisa, percebe-se que há pouquíssimas menções à mineradora na grande mídia antes do rompimento. Para mensurar a quantidade de menções feitas à mineradora em veículos de comunicação, foi feita uma consulta usando um navegador (Google Chrome) e algumas ferramentas de busca disponíveis do próprio programa (CAMBOIM; BEZERRA; GUIMARÃES, 2015).

Foi pesquisada a palavra “Samarco”, na categoria “Notícias”, entre os dias 01/01/2014 a 04/11/2015 (dia anterior ao rompimento). A partir desta pesquisa, foi identificado que dos 12

resultados de pesquisa, na primeira e na segunda página, apenas três veículos de grande circulação mencionam a Samarco: O Globo, Reuters Brasil e Valor Econômico. Já na página três, somente dois veículos fazem menção a mineradora: O Globo e o Diário do Comércio. Percebe-se que só depois do rompimento a Samarco entrou na pauta dos grandes veículos.

Apesar de ser pouco conhecida pelo público em geral, a mineradora gozava de credibilidade e prestígio entre clientes, acionistas, moradores e colaboradores. Mas a boa imagem e a boa reputação da Samarco foram desfeitas após o rompimento. Além disso, a crise provocou uma infinidade de problemas e efeitos.

Até o rompimento da barragem, a mineradora Samarco tinha visibilidade apenas na mídia especializada no ramo da mineração. Em nossa pesquisa, vimos que há pouquíssimas menções à mineradora na grande mídia que, depois do rompimento, colocou a Samarco no topo das publicações noticiosas.

Para mensurar a quantidade de menções feitas à mineradora em veículos de comunicação, nós fizemos uma pesquisa simples usando um navegador (Google Chrome) e algumas ferramentas de busca disponíveis do próprio programa.

Foi pesquisada a palavra “Samarco”, na categoria “Notícias”, entre os dias 01/01/2014 a 04/11/2015 (dia anterior ao rompimento), conforme imagem abaixo:

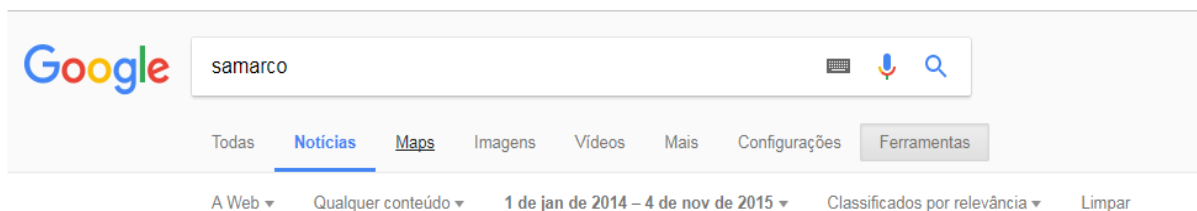


Figura 7 – Menções à Samarco em sites noticiosos – Ferramentas de busca no navegador Google Chrome.

A partir desta pesquisa, identificou-se que dos 12 resultados de pesquisa, na primeira e na segunda página, apenas três veículos de grande circulação mencionam a Samarco: O Globo, Reuters Brasil e Valor Econômico. Já na página três, somente dois veículos fazem menção a mineradora: O Globo e o Diário do Comércio.

Até o rompimento da barragem, a mineradora gozava de visibilidade apenas no setor da mineração e nos veículos especializados no assunto. Em função disso, quando o rompimento ocorreu, a Samarco tornou-se conhecida pelo público em geral, majoritariamente, pelos relatos que a imprensa divulgou a respeito da mineradora.

Assim, muito do que se sabe sobre a organização vem basicamente da imprensa. E mesmo depois do rompimento e da exposição da Samarco, as fontes secundárias sobre o assunto ainda são as mais usadas.

Neste cenário, foi feito um contraponto entre o que a mineradora diz e o que a imprensa diz sobre os assuntos pertinentes ao rompimento da barragem. A intenção foi destacar as incongruências/variações entre as versões da mídia e da Samarco e apresentar as diferentes visões sobre o fato (o rompimento), a fim de tornar clara a interpretação deste trabalho e contribuir para a clarificação sobre o assunto. Na tentativa de mostrar que os efeitos da cobertura midiática sobre a crise ao apontar que as informações veiculadas podem ter mais peso e semblante de verdade do que qualquer relato expresso pela organização que, durante a crise, perde a sua credibilidade e tende a ser vista como vilã.

2. Referências bibliográficas

ARGENTI, Paul A. **Comunicação empresarial: a construção da identidade, imagem e reputação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

CAMBOIM, Luiza Goés; BEZERRA, Emy Porto; GUIMARÃES, Ítalo José Bastos. Pesquisando na internet: uma análise sobre metodologias utilizadas em dissertações do PPGCI-UFPB. v. 11, n. 2, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/hqpWUR>. Acesso em: 10 jun 2017. CHRISTOFOLETTI, Rogério; LAUX, Ana Paula França. **Confiabilidade, credibilidade e reputação: no jornalismo e na blogosfera, 2008**. Disponível em: <https://goo.gl/pkiRwb>. Acesso em: 15 fev 2017.

FORNI, João José. **Gestão de crises e comunicação: o que gestores e profissionais de comunicação precisam saber para enfrentar crises corporativas**. São Paulo: Atlas, 2013.

GONÇALVES, Gisela. Narrativas de defesa e culpa nos discursos organizacionais. In: PALÁCIOS, Annamaria Jatobá; SERRA, Paulo (orgs). **Pragmática, comunicação publicitária e marketing**. Covilhã: Labcom books, 2011. P. 85-100. Disponível em: <https://goo.gl/3HTEWu>. Acesso em: 03/07/2017.

SILVA NETO, Belmiro Ribeiro da. **Comunicação corporativa e reputação: construção e defesa da imagem favorável**. São Paulo: Saraiva, 2010.

Breve Biografia

Marina Silva Brauna, graduanda em Jornalismo pela Universidade Católica de Brasília.

E-mail: marina.brauna@gmail.com.



Literacia Midiática: o Facebook como meio de conhecimento

MICHELLE OLIVEIRA VALLE

Resumo:

A Era Digital trouxe mudanças à vida da sociedade, quebrou paradigmas comunicacionais e hábitos de consumo. Como parte dessa transformação, as redes sociais ganharam o mundo. Em ritmo crescente, pessoas e organizações valem-se de recursos disponíveis no - ou acessáveis a partir do - ambiente digital para resolver questões de seu interesse. Isto exige a mobilização de competências para procurar e trocar informações, e também para interagir com outras pessoas nesses ambientes. Assim, neste artigo, a partir de revisão de literatura, propõe uma reflexão sobre a plataforma Facebook- acerca de literacia midiática, à luz de espaço público.

Palavras-chave: Midiatização; Facebook; Literacia Midiática.

1. Introdução

A Internet transformou as relações interpessoais e projetou a comunicação a um patamar tecnológico que está induzindo a sociedade a se reorganizar no mundo virtual (LÉVY, 2000). Vivemos em um momento de grandes transformações. O costume e as rotinas pessoais sofreram inúmeras modificações. A Era Digital trouxe mudanças à vida da sociedade, quebrou paradigmas comunicacionais e hábitos de consumo. Como parte dessa transformação, as redes sociais ganharam o mundo. Dados da Internet no Brasil em 2017, a partir do estudo da We Are Social e HootSuite, apontam 139 milhões de internautas ativos, com mais de 68% destes, conectados a redes sociais.

Com larga vantagem, o Facebook tem a preferência nacional em redes sociais. A abundância das novas tecnologias, das mídias sociais e da difusão de conteúdos de toda natureza em nosso cotidiano promove o desenvolvimento de ferramentas cada vez mais interativas com público. Este, por sua vez, há tempo abandonou a ideia de consumo passivo, estático e vertical. Conforme aponta Thompson (1998), a recepção não deve ser compreendida a partir da ideia de passividade. Ao contrário, o autor propõe que a recepção seja entendida como uma atividade, situada num contexto histórico e social, é um processo rotineiro e que os sujeitos se apropriam das mensagens, ressignificando-as.

A revolução digital trouxe consigo uma transformação no comportamento do receptor. A cultura participativa é o grande fenômeno que vem alterando todos os processos que envolvem a comunicação. O Facebook configura como principal meio de divulgação/informação social, econômica, política e cultural.

E, seguindo esse rastro, cada vez mais as tecnologias digitais exigem que os indivíduos possuam uma variedade de habilidades técnicas, cognitivas e sociais para acessar, analisar, avaliar, criar e agir/atuam. Esse conjunto de competências afeta o processo de construção e afirmação do ser humano e sua capacidade de pensar e agir em um espaço público. A literacia midiática potencializa o nível de consciência quanto às mensagens na rede e a criatividade ao retransmiti-las.

Na contemporaneidade, refletir sobre cidadania implica um debate amplo sobre como o cidadão utiliza a tecnologia para participar da vida política, por exemplo. No país, ainda com alto índice de

desigualdade social, praticamente metade da população utiliza o ciberespaço para consumir ou trocar informações. Conforme aponta o estudo realizado pela Presidência da República para medir os hábitos de consumo de mídia da população, 48% dos brasileiros têm acesso à Internet (BRASIL, 2014).

Nesta proposta de artigo, considera-se que a literacia midiática para a informação de qualidade constitui uma importante fonte de orientação para a vida cotidiana e o Facebook como ferramenta de conhecimento e propagação de ideias. Nesse trabalho discutiremos os reflexos do Facebook como espaço de informação e de auxílio a literacia midiática, à luz de espaço público.

2. Literacia Midiática como poder simbólico

A primeira questão que se debate ao introduzir o tema da Literacia Midiática é exatamente a nomenclatura e os conceitos envolvidos. Calcando-se na forma nominal inglesa literacy, literacia traz de imediato à mente não o que se entende por letra, mas o que se propõe como literatura, isto é, um conjunto de produções de linguagem que, neste caso, confunde-se à utilização de recursos linguísticos para fins estéticos e artísticos. Este conceito se estende e aplica a questões e situações que, mesmo tomando-as como referência de base, excedem proposições tradicionais de escrita/leitura. O que se pretende é, em situação de imersão em ambiência digital, adquirir- seja no domínio da escrita, seja na expressão oral, seja ainda na esfera do audiovisual- competências necessárias para a interação apta no plano imediato da vida familiar, bem como sociocultural e profissional.

A literacia midiática constrói-se sobre as bases da literacia tradicional, oferecendo, porém, novas disposições e maneiras inéditas de ler e escrever. Em plano psicossocial, cultural e político, a literacia midiática proporciona empoderamento, incentivando as pessoas ao exercício do pensamento crítico. Tornam-se, assim, cidadãos participantes e ativos, bem como comunicadores efetivos. A sensibilidade dado ao empoderamento e a consciência crítica, aumenta o poder de intervenção, aumentando assim o capital social.

Cada vez mais as tecnologias digitais permeiam as atividades humanas, exigindo que os indivíduos possuam uma variedade de habilidades técnicas, cognitivas e sociais para acessar, analisar, avaliar, criar e agir/atuam. Esse conjunto de competências (ou a não posse desse conjunto de competências) afeta o processo de construção e afirmação do ser humano e sua capacidade de pensar e agir em um espaço público. A posse (ou não) de literacia mediática é fator de inclusão/exclusão social, causa de diferenciação e motor de desigualdade. A “capacidade reivindicativa, o aumento do espírito crítico, a propensão em aderir a causas políticas e sociais é muito maior naqueles que conseguem utilizar corretamente as suas competências de literacia” (REIS, 1997, p.9). A Unesco (2005), em termos gerais, define a literacia como uma

Habilidade para identificar, entender, interpretar, criar, comunicar e utilizar computadores, como também o uso de materiais impressos e escritos, associados a contextos em mutação. A Literacia envolve uma atitude contínua de aprendizagem ao permitir que os indivíduos alcancem seus objetivos, desenvolvam conhecimento e potencial para participar ativamente na comunidade e na sociedade como um todo. (UNESCO, 2005, p. 9).

Propõe-se, então, a refletir a literacia midiática como capital social. Um conceito central nesta reflexão é o conceito de poder simbólico cunhado pelo sociólogo francês Bourdieu. Pierre Bourdieu (2010) propôs uma teoria social que buscava superar a dicotomia indivíduo/estrutura, porém ele ainda enxergava o sujeito como alguém relativamente passivo, à mercê do “campo” social, na qual a estrutura social desempenhava um papel central nas escolhas individuais. Independente do “campo” que atue, o indivíduo é visto por Bourdieu como um sujeito com uma autonomia limitada pelo habitus que condiciona a sua ação. Além disso, o próprio “poder simbólico” atuante no “campo” “só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2010, p.12).

Se Bourdieu (2010) aponta um grande poder concentrado nos campos simbólicos, por outro lado, a partir da perspectiva estruturalista construtivista, o autor acredita que é possível que se encontrem espaços de interferência na ação dos sujeitos. Disso decorre a disputa entre campos *versus* habitus. Podemos entender nesse artigo campos como sendo o Facebook e habitus como sendo os usuários dessa rede.

Campo, como definição, seria um espaço de relações entre grupos com distintos posicionamentos sociais, espaço de disputa e jogo de poder. A sociedade é composta por vários campos, vários espaços dotados de relativa autonomia, mas regidos por regras próprias. E habitus como:

Habitus é concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. (BOURDIEU, 2010, p.15)

Torna-se importante destacar que o habitus se apresenta na forma individual (hábito primário) e na forma social, retratada como grupo ou classe. Bourdieu (2010) chama a atenção para que seja estudada como ocorre a sua estruturação, através das instituições de socialização dos agentes. Ora, se o habitus é formado durante toda a socialização do indivíduo, desde seu relacionamento familiar, passando pela religião e trabalho, e, se existe um habitus individual, interiorizado, que é trazido por todos que ali estão, então o Facebook também contribui para a reprodução do que pensam seus atores.

O Facebook potencializa a interatividade e facilita o processo de reprodução-absorção. A interatividade da rede é fator basilar, “pois possibilita o aprendizado colaborativo, o diálogo, a negociação social e construtiva coletiva de conhecimento” (ALLEGRETTI ET AL,2012, p. 56).

Anthony Giddens (2009) também não nega o poder desempenhado pela estrutura sobre o agente, pois, para ele, as estruturas sociais possuem capacidade de interferir em certas questões na vida do ator social. Nesse caso, o Facebook interferindo sobre o usuário. Mas, para além dessas questões, o autor também enxerga o indivíduo com mais liberdade e atuante na construção da sua ação social a partir da ideia de reflexividade.

(...) Os atores são sempre reflexivos e podem alterar seu comportamento a qualquer momento, o que produz um fluxo constante de mudança social, que acarreta a definição de sua proposta como teoria da “estruturação”, ou seja, como teoria de um processo contínuo. (DOMINGUES, 2008, p. 64).

Apesar da possibilidade reflexiva que os atores têm, não implica que eles possuam um conhecimento articulável discursivamente sobre suas práticas e sobre as regras que regem seus processos interativos- literacia midiática.

Articulando tal discussão da modernidade com a mídia, Thompson (2002) traduz o poder simbólico como a “capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações e crenças dos outros e de criar acontecimentos, através da produção e transmissão de formas simbólicas” (THOMPSON, 2002, p.131). Observa ainda que aqueles que almejam conquistar poder político ou exercê-lo de maneira durável e efetiva precisam utilizar o poder simbólico a fim de cultivar e sustentar a crença na legitimidade. Thompson considera a atividade simbólica como uma característica penetrante da vida social e a recepção um processo de apropriação dos bens simbólicos, afirmando que os receptores percebem e trabalham o material recebido, apropriam-se destes bens simbólicos, muitas vezes ressignificando-as a partir de interações com outros indivíduos e repertório pessoal.

A importância da mediação se torna mais visível se articulada a outras práticas sociais que levem em consideração comportamentos e indivíduos. De acordo com Braga (2012, p.32), “uma mediação corresponde a um processo em que um elemento é intercalado entre sujeitos e/ou ações diversas organizando as relações entre estes”. Para esse autor, a ideia de mediação está ligada à percepção da realidade de uma não pura, mas integrada a elementos psicológicos, sociais e culturais, o que compreende a integração e a associação de mediação e mediação- processo esse que possui foco mútuo entre o emissor e o receptor.

Segundo Braga (2012), na contemporaneidade, a mediação é um processo de criação e recriação de circuitos, que se articula a processos de escrita, a processos orais e a processos tecnológicos, e deste modo, caracterizam a dita interação. Para ele, a prática social é permeada por circuitos, relatando que cada setor integra uma diversidade de circuitos, “com a mediação crescente, os campos sociais, que antes podiam interagir com outros campos segundo processos marcados por suas próprias lógicas e por negociações mais ou menos específicas de fronteiras, são crescentemente atravessadas por circuitos diversos”. (BRAGA, 2012, p. 44). Assim, a mediação é hoje a principal mediação de todos os processos sociais, e daí advém sua importância e constante avanço dentro da sociedade, já que ela opera em diversos setores de prática social produzindo efeitos e consequências diferentes em cada um destes setores.

Sourbati (2009) relaciona a sociabilidade digital baseada na literacia mediática com a noção de capital social. Entendemos que, quanto maior o nível de compreensão e conhecimento, maior o capital social de uma pessoa. De acordo com Ellison *et al* (2014), pesquisas têm demonstrado a existência de uma relação entre o uso do Facebook e o aumento dos níveis de capital social. O capital social é constituído dos valores negociados e embebidos na estrutura dos grupos sociais (Coleman, 1988;

Putnam, 2000; Bourdieu, 1983). Refere-se, assim, aos valores associados ao fazer parte de redes sociais. Nesse sentido, Coleman (1988) argumenta que toda a ação social é motivada pelos interesses individuais no capital social. Ou seja, os atores participam de grupos e redes porque percebem valores constituídos nessas ações, que são acessíveis a eles.

A cibercultura, amparada nas tecnologias sociais, inclui a concepção de que o indivíduo não é apenas um leitor, mas um participante, envolvido com os recursos que encontra, apto não só para consumir informação, mas para compartilhá-la, adicionar seu próprio pensamento, incorporar sua perspectiva, incluir ligações entre esta e outros conteúdos.

Potter (2001) aponta a literacia midiática atrelada a três elementos centrais: (1) como parte de um continuum (desenvolve-se em etapas); (2) multidimensional (inclui todos os tipos de informação desde a cognitiva ou factual, emocional, estética e moral); e (3) está ligada a interpretações do mundo por meio das mensagens midiáticas enquanto construção social da realidade. Entretanto, Miyake (apud ZACCHETTI, 2005, p.53) esclarece que ser competente midiaticamente confere a “convergência de conhecimentos, habilidades e atitudes mobilizados em relação ao uso e compreensão dos meios e processos de comunicação de massa, que ocorre em estados avançados de desenvolvimento da sociedade”. Nessa ordem de pensamento, a Literacia Midiática potencializa o nível de consciência ao conteúdo transmitido pelas mensagens para a interação e comunicação, com os próximos e com os outros. Trata-se, então, da inclusão do sujeito na sociedade através de diferentes ambientes ou grupos sociais, sendo um pré-requisito essencial para uma cidadania ativa e plena.

Desta forma, partindo do pressuposto da cultura participativa, o Facebook, como canal de comunicação, ganha outras reflexões em relação a palco de conhecimento, disseminação de ideias e pensamento crítico.

3. Características do Facebook

Os sites de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão na Internet. Definidos por Boyd & Ellison (2007), citados por Recuero (2009), como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. Os sites de redes sociais (SRS) são softwares sociais com aplicação para a comunicação entre atores.

Há pessoas que utilizam o Facebook como meio de trabalho, outras enxergam o site como simples meio de conversar com os amigos. Os sites de redes sociais permitem aos atores sociais estar mais conectados. Criando valores. A visibilidade ao se ter mais “amigos” no Facebook é um valor considerada para Recuero como:

um valor porque proporciona que os nós sejam mais visíveis na rede. Com isso, um determinado nó pode amplificar os valores que são obtidos através dessas conexões, tais como o suporte social e as informações. Quanto mais conectado está o nó, maiores as chances de que ele receba determinados tipos de informação que estão circulando na rede e de obter suporte social quando solicitar. Assim, a visibilidade está conectada ao capital social relacional. (RECUERO, 2009, p. 106)

Outro valor associado aos sites de redes sociais é a reputação. Valor relacionado com as informações recebidas pelos atores sociais sobre o comportamento dos demais e o uso dessas informações no sentido de decidir como se comportarão. A reputação “implica três elementos: o “eu” e o “outro” e a relação entre ambos.” É considerado o fato de quem somos, sobre como pensamos, formando uma imagem sobre o autor.

Outro valor constituído no Facebook é a popularidade. Por haver meios de visibilidade da audiência por meio das conexões e as referências a um indivíduo, o valor é maior quando o ator tiver altos números. Se relacionando com o fator influência. Por último, o valor referente a autoridade. Esse é o valor que mede a efetiva influência de um ator com relação à sua rede, juntamente com a percepção dos demais atores da reputação dele. Um nó é tão mais influente quanto mais suas postagens forem compartilhadas nas redes sociais, ou também quanto mais se comentar sobre o assunto abordado pelo nó influente.

Quanto à difusão da informação é uma das características principais da internet. O surgimento da Internet proporcionou que as pessoas pudessem difundir as informações de forma mais rápida e mais interativa. Tal mudança criou novos canais e, ao mesmo tempo, uma pluralidade de novas informações circulando nos grupos sociais. Juntamente com essa complexificação, o aparecimento de ferramentas de publicação pessoal (RECUERO, 2009, p. 114). As informações circulam nas redes sociais, devido aos aspectos dinâmicos e das interações dos autores, alcançando grandes proporções tanto *on-line*, como *off-line*. O conteúdo das mensagens está diretamente ligado ao tipo de capital social.

Ao se tratar de redes sociais, são envolvidos atores sociais, percepções e interesses particulares, perspectivas e sentimentos. Uma relação entre o que se quer publicar e o que as conexões pensam sobre o que se diz. Desta forma, o capital social que engloba a audiência em se comentar, ao publicar, ao compartilhar e até mesmo em ser “amigo” é envolto pelas informações em detrimento do capital social.

Segundo Recuero (2009), a difusão da informação em redes sociais na Internet geralmente está ligada a dois tipos de capital social: o relacional e o cognitivo. O capital social relacional é o que faz estreitar os laços sociais, aumentando a afinidade, de forma a aproximar os atores. Exemplos de capital social relacional são os dados que devemos fornecer para se cadastrar em um site. Esses dados fornecidos pelo próprio autor, aproxima o site do usuário. Espalhando a informação dos dados pela internet.

O capital social cognitivo é designado as mensagens trocadas nas redes sociais que possuem maior potencial de informação, de notoriedade. Essa classificação é propícia para as informações que se propagam de maneira mais abrangente, diferente do capital social relacional que tem foco primário nos laços fortes. O cognitivo difunde sobre diversos grupos, atingindo os laços fracos como foco, sendo mais espaçado os nós.

Essas características são arcabouços para disseminar conhecimento no Facebook para maior escala de pessoas e aumentando, assim, o poder simbólico.

3. Conclusão

As competências midiáticas são caracterizadas como a convergência de conhecimentos, habilidades e atitudes que possibilitam agir adequadamente em ambientes digitais. Com a disponibilidade dos recursos e dinâmica do Facebook, articulando-os para a produção de significado e conhecimento, o cidadão com literacia midiática consegue maior compreensão das verdadeiras dimensões da vida social e política. Além disso, tende a se comprometer com o exame crítico de temas emergentes, avaliando sua relevância e conseguindo contribuir com o crescimento vigoroso de uma sociedade mais justa e solidária. Ao saber como funciona a rede e ter discernimento sobre temas contribuem para o juízo crítico, perícia na obtenção de acesso, partilha de saberes, capacidade de tomar decisões. O conceito de literacia midiática é, portanto, um conceito complexo, multidisciplinar e em movimento, pois está inserido em aptidão a apreender as novas tecnologias que não param de surgir.

O capital social desenvolvido com o auxílio da plataforma retroalimenta o desenvolvimento de competências, no sentido de que as pessoas podem mobilizar a rede social (amigos, parentes, colegas) como fonte de conhecimento. A rede social também exerce um papel encorajador na incorporação de novas tecnologias, incentivando o desenvolvimento de competências. Por outro lado, uma falta de conhecimento apropriado dentro do Facebook pode ser considerada como uma barreira ao acesso, a interpretação, ao conhecimento, a criatividade.

O conteúdo desse trabalho teve como objetivo maior suscitar a discussão sobre a importância do desenvolvimento de competências midiáticas para que se possa participar ativamente das ações desenvolvidas em ambientes virtuais. Estas discussões podem se disseminar pelas próprias redes, destacadas nesse estudo, para que se crie um comportamento mais consciente dos usuários, como forma de aprimoramento no uso dos recursos tecnológicos e se tornem cidadãos mais críticos.

4. Referências bibliográficas

ÁVILA, P. (2008). **A Literacia dos Adultos – Competências-chave na Sociedade do Conhecimento**. Oeiras, Celta.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus Campos Sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JÚNIOR, Jeder; e JACKS, Nilda (orgs.). **Mediação e Mdiatização**. Livro Compós 2012. Salvador: EDUFBA, p. 31-52, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 2010

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLEMAN, J. **Foundations of Social Theory**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990.

DOMINGUES, José Maurício. **Teorias sociológicas no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

FERRÉS Y PRATS, Joan. **Las pantallas y el cérebro emocional**. Barcelona: Romanya Valls, 2014.

Internet e Digital - Dados Brasil 2017. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/thiconoriz/internet-e-digital-dados-brasil-2017>> Acesso em: 20/08/2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação / tradução Susana Alexandria**. – 2a ed. – São Paulo : Aleph, 2009.

KIRKPATRICK, David. **O Efeito Facebook: os bastidores da empresa que conecta o mundo**. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011

LOPES, P. (2011a), “Educação para os media nas sociedades multimidiáticas”.cies e-working paper n.º 108/2011, pp. 1-30.

POTTER, W. J. (2001), **Theory of Media Literacy: A Cognitive Approach**, Thousand Oaks, Sage.

PRIMO, Alex. **Interação Mútua e Interação Reativa: Uma proposta de Estudo**, Trabalho apresentado no XXI Congresso da Intercom em setembro de 1998. Recife, PE . Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/431/000309299.pdf?sequence=1> > Acesso em: 20/08/2017

RECUERO, Raquel. **Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo**. Ecompos, Internet, v. 4, n. Dez 2005, 2005. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/com_virtuais.pdf> Acesso em: 20/08/2017

SOURBATI, M. **Media Literacy and Universal Access in Europe**.Information Society. v. 2, n. 4, 248-254, 2009.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

UNESCO (1982), **Grünwald Declaration on Media Education**.

ZACCHETTI, M. (2011), “Literacia mediática: uma abordagem europeia”, comunicação apresentada ao Congresso Literacia, Media e Cidadania, Braga.

Breve biografia

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

E-mail: chellevalle@hotmail.com.



Intimidade compartilhada: discursos, práticas e resistências cotidianas ao assédio da indústria de alta tecnologia e das mídias digitais

RAFAEL TORRES SOBREIRA

Resumo

O artigo aborda a questão da privacidade do consumidor das mídias locativas sob a ótica do usuário, hipossuficiente diante do mercado: de que forma o bombardeio de estímulos proporcionados pela indústria modifica ou não a forma como o consumidor lida com a própria intimidade e sua abertura ao mercado e à “sociedade” online no cotidiano.

Palavras-chave: mídia; cotidiano; tecnologia; privacidade; mídias digitais

1. Introdução

Em 2017, grandes empresas de alta tecnologia recorreram a Suprema Corte dos EUA para dificultar o acesso pelo governo a dados sensíveis dos usuários de telefonia móvel. Amazon, Apple, Google, Facebook, Twitter - e outras - apresentaram um relatório em agosto, interferindo numa disputa sobre a possibilidade de obtenção de dados de cidadãos pela polícia sem a necessidade de mandado judicial. Com possíveis implicações para cerca de 95% dos americanos, o fato assumiu uma relevância dramática com a entrada das gigantes do Silicon Valley na contenda, transformando um processo criminal em um caso de direitos civis e proteção à privacidade individual.

Através do relatório as companhias se uniram em um *amicus curiae* que dá suporte a Timothy Carpenter, um acusado de cometer assaltos cujas provas teriam sido colhidas através de dados obtidos em seu smartphone, sem o devido mandado judicial. As empresas argumentam que "dados não relacionados ao conteúdo" – como a localização, por exemplo - devem ser protegidos pela Constituição, considerando sua coleta cada vez numerosa por dispositivos digitais (dentre os quais os próprios smartphones e outras mídias que se utilizam de dispositivos geolocalizadores), dados esses que por sua vez alimentam os bancos de dados das grandes organizações que dependem cada vez mais da internet para a geração de seus lucros. Assim, segundo as empresas, seriam necessárias maiores proteções à privacidade, de acordo com a lei.

O caso, a ser decidido em 2018, pode redefinir a forma como as empresas de tecnologia e comunicação lidam com os dados pessoais dos indivíduos e também influenciar o futuro dos dispositivos conectados a internet: seguindo os EUA, outros países do globo poderiam sujeitar à vigilância governamental os seus cidadãos de forma direta ou indireta através de um controle potencial da tecnologia locativa utilizada pelas mídias digitais (presente em bens de consumo que vão de smartphones a eletrodomésticos e automóveis).

Assim, a internet das coisas teria seu apelo determinado pela predisposição dos cidadãos em terem suas vidas potencialmente observadas pelo Estado. Essa predisposição, entretanto, é diretamente influenciada pela agenda mercadológica atual, que por sua vez orienta os indivíduos consumidores à manutenção indireta dos seus ganhos em detrimento do esvaziamento direto dos interesses cidadãos: produtos oferecidos por empresas como o Google e Facebook, por exemplo, atuam no sentido de um

controle cada vez maior de dados privados dos usuários numa vantagem cada vez mais evidente a elas e menos a eles.

O artigo aborda a questão da privacidade do consumidor das mídias locativas sob a ótica do usuário, hipossuficiente diante do mercado: de que forma o bombardeio de estímulos proporcionados pela indústria e o assédio das gigantes digitais modificam ou não a forma como o consumidor lida com a própria intimidade e sua abertura ao mercado e à sociedade online no cotidiano.

Num mundo onde os indivíduos encontram-se em desvantagem junto às organizações e ao Estado na defesa de seus dados, e no qual o capitalismo introduziu novas formas de administrar o ciberespaço, que surgiu como ambiente de expressão regulados criatividade, o presente trabalho aborda os resultados de uma pesquisa exploratória sobre privacidade online realizada recentemente por mim, e que revela uma oposição entre discursos e práticas dos usuários na proteção da vida privada na rede

Tais distinções revelam uma preocupação do consumidor com a utilização ilegal de seus dados, porém não há um exercício efetivo por parte da maioria dos indivíduos de medidas protetivas que diminuam ou atenuem os danos de terem seus dados disponibilizados ao capital. Por sua vez, se tal preocupação é legítima, há em contrapartida um descuido com a apropriação e difusão de dados pessoais – marcando o antagonismo de papéis (sob a perspectiva de Goffman) entre o indivíduo que se posiciona e o que efetivamente utiliza as mídias locativas.

Tal antagonismo revela a atuação de determinados fundamentos de uma sociologia do cotidiano. Se Kosik ressalta a necessidade de sobrevivência dependente fomentada pelo capital, os espaços digitais exigem cotidianamente um pragmatismo do consumidor para lidar com a ultraexposição às mídias digitais; consumidores da informática buscam resguardar-se intimamente através do que Michel de Certeau chamou de “astúcias” e “trampolinagens” na defesa da privacidade, nas quais a transfigurações de certos papéis vividos no mundo “físico” em outros no mundo virtual são elas mesmas, maneiras do usuário assimilar a manipulação de uma tecnologia recente e de se adaptar a ela – integrando-se a uma comunidade virtual que se estabelece diante da força irresistível do capitalismo apresentado pela indústria digital.

Essas astúcias, na probabilidade (também cotidiana) da incapacidade do usuário singular de dobrar o mercado, fazendo-lhe valer de pequenas resistências, ao interpretar, num sentido mesmo de apresentação, diferentes papéis: ora mais expostos, ora mais resguardados, mas sempre sujeito às análises algorítmicas do mercado.

O artigo apresenta a discrepância entre discursos e práticas não como fruto da inépcia da pessoa que habita os espaços virtualizados, mas como uma das formas de sua persistência na defesa da própria intimidade. Ele é parte de um trabalho maior, relacionado à minha dissertação no Programa de Pós-Graduação em mídia e Cotidiano da universidade Federal Fluminense, onde abordo a questão da privacidade online sob a ótica do usuário.

2. A pesquisa

Esse ponto de vista demonstra, através dos resultados parciais obtidos até o momento, em pesquisa realizada com mais de 4.000 pessoas, que a maior parte dos usuários das mídias locativas no Brasil (recorte adotado por mim para o estudo)– declara uma importância considerável à própria intimidade – questões recentes acerca da possibilidade da apropriação de dados de maneira desautorizada parecem mobilizar o consumidor de dispositivos eletrônicos e tecnologias online a defender, ao menos em sua fala, a sua privacidade.

Entretanto, além da própria atuação da indústria, o usuário lida, ainda, com sua própria relação com os ambientes online: as redes sociais são prolíficas em informações particulares fornecidas gratuitamente pelos seus utilizadores – não é, ainda, da natureza deste texto aprofundar-se nos mecanismos de utilização das tecnologias dispositivas e das redes sociais, mas, de forma a ser desenvolvida posteriormente, apresentar o antagonismo entre discursos e práticas dos usuários que revelam os conflitos entre o ambiente material e espiritual do indivíduo numa sociedade dividida em classes e pautada pela divisão do trabalho.

Mesmo que a pesquisa exploratória não reflita com fidedignidade a realidade, a amostragem de 4.059 usuários de internet e tecnologias locativas mostra que a hiperexposição possibilitada pela internet altera práticas e representações comuns, expressando fenômenos e ao mesmo tempo escondendo-os.

São, ainda, conflitos que revelam estratégias e táticas (Certeau, 1998), expondo as capacidades individuais, habilidades, paixões e ideologias dos indivíduos no correr da sua vida cotidiana, que

(..) é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. (...) É a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. (HELLER, 2000, p.17)

2.1. A experiência cotidiana da privacidade: do liberalismo à internet

No cotidiano revela-se, então, que a incompatibilidade entre o que se diz e o que se faz, ao menos em relação às práticas de uso das mídias móveis (smartphones, tablets, etc) pode revelar mais uma prevenção pelo usuário, das práticas mercadológicas no processo de criação de uma nova realidade concreta, do que simplesmente uma subordinação alienada ao capital, de maneira que a demonstração de pudores quando à intimidade em oposição ao que se demonstra nas redes sociais se trata de uma forma de repúdio às práticas da indústria e uma espécie de sinal de alerta ao mercado do que pode ou não ser exposto/apropriado pelas organizações.

2.2. O privado liberal

Se, sob a égide do materialismo, a fragmentação da vida individual é baseada na divisão social em classes e na hierarquia de posições sociais, quem determina as condições sociais sente-se mais à vontade para determinar as regras da sociedade (Marx), restando ao indivíduo viver a realidade através de uma apreensão fenomênica de forma superficial (dada a impossibilidade de compreensão da

essência das coisas), de modo que a privacidade constituída ao longo de quase três séculos de liberalismo seja para o consumidor ordinário de tecnologia mais o resultado de um ambiente cotidiano comum construído sobre o compartilhamento dos modos de viver absorvidos pelas comunidades ao longo da construção e constituição da sociedade burguesa.

A importância atribuída a intimidade foi fomentada pelo capitalismo liberal, que desde o seu início defendia a liberdade individual – que consistia na não intervenção do Estado/terceiros nas questões privadas. De todo modo, o ambiente material no qual foi sedimentado o valor da vida privada nos últimos 250 anos¹ foi formado por uma atmosfera comum resultante da regularidade e imediatismo do cotidiano liberal que penetrou, ainda citando Kosik, “na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural” (1976, p.11); sem me aprofundar na distinção sobre forma fenomênica da intimidade e sua compreensão real, esta “pseudoconcreticidade” atribuidora de valor à liberdade individual transformou-a num dos pilares básicos da sociedade capitalista, ainda que o seu exercício dependa de fatores diversos em um cenário marxista de conflito de classes.

Se por um lado, a construção dessa realidade capitalista que atribuiu relevância à individualidade, alçou a proteção à privacidade ao status de corolária da defesa da propriedade; por sua vez, o seu exercício de fato sempre esteve vinculado às hierarquias sociais: não raros foram os períodos em que direta ou indiretamente o Estado ou o mercado – ou ambos, associados – interferiram na seara privada dos indivíduos no sentido de garantir a ordem de determinados grupos hegemônicos². Dessa forma, a vida privada no sentido liberal é sedimentada em uma realidade superficial: embora institucionalizada, individualmente a sua realização depende das posições sociais as quais está vinculada³, o que revela duas das características da vida cotidiana encontradas em Heller (2000), a heterogeneidade e hierarquia: esta em decorrência das diferentes estruturas econômico-sociais, e aquela em função de seu conteúdo e significação ou importância dos tipos de atividade humana. Isso pode estar relacionado às distintas posições assumidas em nossa sociedade diante da supressão de sua intimidade pelas tecnologias digitais-online: as estruturas sociais tem tido dificuldade de acompanhar a velocidade de mudança das estruturas econômicas de modo a fazer com que as gerações nascidas até 1995⁴ experimentem certa dificuldade em vivenciar um cotidiano mobilizado pelas novas hierarquias e posições sociais do atual capitalismo, que depende cada vez mais da tecnologia, apropriação de informações e onde a internet possui um papel fundamental na fluidez dos capitais e na manutenção das hegemonias mercadológicas⁵. Essa dificuldade se traduz numa incompatibilidade entre discurso e prática a respeito do pudor individual diante do assédio das tecnologias digitais a privacidade.

3. “Big Data”

A possibilidade de existência de um computador pessoal foi concebida em na década de 40 por Vannervar Bush⁶, onde o autor vislumbrava uma máquina capaz de armazenar e recuperar informações pessoais, estreitando os vínculos entre homem e máquina. Com o ingresso das

tecnologias informáticas no mundo contemporâneo, as idéias de Bush se materializaram na era do computador pessoal, sobretudo a partir da década de 70, enquanto paralelamente a internet deixava de ficar restrita aos círculos militares para ganhar os lares civis a partir, principalmente, da década de 1990, com a chamada revolução digital. Com a difusão da internet em meados dos anos 90 a impessoalidade maquínica que caracterizava o computador pessoal foi substituída por novas dinâmicas que envolvem novos tipos de interação, protagonizados pelos usuários. A interação proporcionada pela tecnologia também fora antecipada por outro autor, Mark Weiser, há mais de 25 anos atrás em seu clássico artigo para a *Scientific American*, *The Computer for the 21st Century* (1991): para o norte-americano, computadores (e respectivamente as tecnologias informáticas) possuíam uma tendência à integração ao mundo em geral, em oposição à fragmentação espaço-temporal proporcionada pela realidade virtual⁷, em voga a partir da proliferação dos computadores pessoais, em meados da década de 80.

Weiser antecipou um futuro no qual a realidade seria permeada de tecnologias que se integrariam ao cotidiano até que fossem indistinguíveis do mesmo. Profecia que pode ser comprovada numa pesquisa realizada por mim previamente trabalho na qual quase 100% da amostragem revelou possuir smartphones, corroborando com a teoria da integração tecnológica e revelando que por trás dos interesses das grandes provedoras de tecnologia e conteúdo digital – com destaque para as anteriormente citadas Amazon, Apple, Google, Samsung e Facebook – existe um considerável número de oportunidades de negócios baseados na comunicação online que até o momento não demonstra sinais de esgotamento – sobretudo baseado no Big Data, termo que em tecnologia da informação se relaciona com um grande conjunto de dados armazenados e que, no contexto deste trabalho são obtidos de formas nem sempre claras pelo mercado digital.

4. A questão da privacidade

A questão da privacidade online assume extrema importância no contexto descrito; nesse sentido, os questionamentos do estudo em formação não envolvem as formas de apropriação de dados dos consumidores das mídias digitais (com a invasão de privacidade possibilitada pelos dispositivos geolocalizadores) – embora tais formas sejam abordadas superficialmente, a título de conhecimento, assim como as estratégias mercadológicas para a apropriação das informações privadas, mas as formas como as novas tecnologias locativas afetam a experiência do usuário com reflexos no cotidiano do consumidor, o que permite a distância entre discursos adotados e medidas de proteção assumidas pelo usuário das mídias locativas. Mas essa divergência não se trata de demagogia, mas de uma tática (Certeau, 1998) de sobrevivência cotidiana, num cenário no qual o indivíduo ordinário, incapaz de confrontar o poder do mercado de maneira direta assume uma representação no intuito de fortalecer as lutas sociais pela proteção da intimidade, ora flertando com a indústria, ora com o estado, mas principalmente com a autopreservação. Trata-se de uma diferença estratégica entre discursos e práticas de autoproteção dos seus dados pessoais.

4.1. Representações online como prática de resistência a indústria: uma estratégia de adaptação do consumidor ao novo ambiente compartilhado das redes

O comportamento do indivíduo muda ao passar dos tempos; o desenvolvimento social influencia e é influenciado por estas transformações, de modo que as estruturas econômico-sociais modificam as hierarquias que compõem o cotidiano: hoje a integração humana e as redes sociais ocupam um lugar de destaque nas relações humanas; a noção de redes sociais, porém, é anterior à internet, considerando que as dinâmicas humanas compunham-se previamente à institucionalização dos ambientes em rede.

As redes sociais ampliaram as novas formas de conexão, aumentando a ressonância das relações sociais e fomentando novos comportamentos: não apenas as redes sociais contribuem para novas formas de representação – sites comerciais, fóruns de relacionamento, ambientes colaborativos, são algumas das opções nas quais o usuário das tecnologias digitais encontrar possibilidades de interação, sendo devidamente acompanhadas pelo mercado, que acompanha a criação e desenvolvimento das tecnologias. As Redes Sociais são anteriores a criação da internet, considerando as dinâmicas humanas de interação: elas apenas ampliaram mecanismos de conexão existentes.

A ubiquidade⁸ apresentada pelo atual estágio das mídias informáticas e geolocalizadoras – captaneadas, sobretudo, pelo smartphone e pela comunicação baseada na internet permitem que os ambientes digitais sejam um meio de promoção pessoal, divulgação, reprodução, circulação e venda mercadorias e não encontra equiparação na forma de integração com seu consumidor em relação às outras mídias tradicionais. As redes sociais dinamizaram os processos comunicativos e complexificaram os agentes envolvidos nas trocas de informação de modo a se tornarem de difícil compreensão junto aos próprios usuários, que nem sempre tem a certeza de quem estão se relacionando – abrindo espaço a uma interferência cada vez maior do mercado.

5. A representação como estratégia de adaptação

Segundo Goffman (2009):

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. (GOFFMAN, 2009, p.11)

Um desses meios de categorização na atualidade é representado pela capacidade da tecnologia estabelecer inferências sobre o usuário através da relação de algoritmos apreendidos na experiência online.

Os primeiros anos da microinformática, marcados pela impessoalidade, foram substituídos pela atual tecnologia geo-referenciada que altera escalas de tempo e espaço e coloca os usuários em permanente interação. As mídias locativas fornecem um considerável contingente dos “rastros” deixados pelos usuários em suas experiências online, através das tecnologias dispositivas. O

compartilhamento de informações de maneira deliberada ou não por parte do usuário fornece à indústria um arsenal de conhecimentos acerca de hábitos e rotinas pessoais.

Apesar da autoexposição realizada pelo usuário no ambiente online (considera-se, como exemplo, a apresentação em redes sociais, aplicativos, etc, através do uso massivo das redes sociais no Brasil, onde 97,8% das pessoas que possuem smartphones acessam o Facebook, uma das redes mais conhecidas) -, outra forma de obtenção de dados dos consumidores de dispositivos eletrônicos se dá através da coleta de informações através das mídias geolocalizadoras, presentes em bens de consumo que vão de smartphones a eletrodomésticos e automóveis, de maneira mais discreta: 78,5% dos entrevistados acreditam que terceiros, como empresas, por exemplo, podem se apropriar dos seus dados online.

Soa incoerente que, no mesmo universo pesquisado, 88,2% da população atribua uma importância à privacidade que varia de razoável a imprescindível, mas somente 47% alterem alguma configuração dispositiva em função de tal importância, ou seja, quase a metade da população, somente, altere alguma configuração para materializar sua necessidade de proteção.

Sustento a posição de representação do usuário a partir de Goffman (2009, p.25) no sentido de que “quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles”. Considero uma representação por considerar que a distância entre o que é dito e efetivamente executado pelo consumidor das mídias digitais que se utilizam de tecnologias móveis se devam mais a sua adaptação aos ambientes virtuais do que a uma prática hipócrita: trata-se de uma reação do indivíduo à sua posição de hipossuficiência diante de uma indústria em constante mudança, de modo que o mesmo realiza uma performance virtual que não necessariamente corresponde ao que se esconde por trás da máscara, como maneira não fornecer – ao menos não de maneira deliberada – um excesso de informações pessoais a quem não consegue identificar em seus círculos sociais.

6. Conclusão

A performance é materializada numa dada importância atribuída à própria intimidade pelo consumidor que não corresponde a ações efetivas, como por exemplo, leituras de termos de uso, atenção à políticas de privacidade, reconfigurações dispositivas ou mesmo utilização de redes sociais. Como analisa Goffman, o ator social escolhe habilmente o seu palco e sua peça, embora nem sempre mantenha a coerência da vida nos palcos reais e virtuais, o que deveria ser o seu principal objetivo.

Proponho num primeiro momento a ser comprovado ou refutado no correr da pesquisa que, antes de incompetência, é uma estratégia de construção de um papel, híbrido, pode ser convenientemente desempenhado nos palcos da vida real e do mundo virtual, visto que as plateias de ambos os palcos podem ser muito diferentes entre si. Tal estratégia, ainda, no meu entendimento, pode ser válida quando os espectadores são seres humanos incapazes de decifrar todas as nuances que envolvem esse espetáculo da contradição individual, mas para máquinas que analisam um número

considerável de informações em tempo hábil, em algum momento essa proposta de defesa da privacidade vai cair em desuso.

7. Referências bibliográficas

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

GOFFMAN, Erwing. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2000.

KOSÍK, Karel. **Dialética do Concreto**. Paz & Terra, 2002.

MALINI, Fábio. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Fábio Malini e Henrique Antoun. Porto Alegre: Sulina, 2013.

Notas

¹Considerando de forma aproximada a primeira publicação da obra de Adam Smith, “Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações” (1776), marco do liberalismo.

²Os Estados de exceção ao longo da idade contemporânea apresentam, por exemplo, flagrantes violações aos direitos individuais.

³No Brasil, o caso do morador de rua Rafael Braga Vieira, preso em 20 de junho de 2013 por portar um frasco de desinfetante no auge das manifestações políticas ocorridas no país naquele ano ilustram de forma didática que as lutas pelo exercício das garantias individuais dependem, sobretudo, das capacidades de enfrentamento do indivíduo de acordo com a sua localização na hierarquia de posições sociais. G1: *Ex-morador de rua preso em protesto de 2013 é condenado a 11 anos de prisão por tráfico*. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/ex-morador-de-rua-presos-em-protesto-de-2013-e-condenado-a-11-anos-de-prisao-por-trafico.ghtml>. Acesso em 10/06/2018.

⁴Dos *baby boomers* do pós-guerra aos *millennials* pré-século XXI, considerados neste estudo como as gerações nascidas na era analógica ou na transição da era analógica para a era digital, quando as gigantes online como AOL, Yahoo e Google começavam a ganhar terreno no mercado.

⁵Neste ano de 2018 pela primeira vez o estudo Global 500 de marcas mais valiosas do mundo, realizado pela consultoria Brand Finance, as cinco primeiras posições foram alcançadas por empresas de tecnologia: Amazon (US\$ 150,811 bilhões), Apple (US\$ 146,311 bilhões), Google (US\$ 120,911 bilhões), Samsung (US\$ 92,289 bilhões) e Facebook (US\$ 89,684). A Facebook, acusada pouco após a divulgação da lista de vazamento de dados, subiu quatro posições no ranking em relação ao ano anterior. Época Negócios: **Confira quais são as marcas mais valiosas do mundo**. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Marketing/noticia/2018/02/confira-quais-sao-marcas-mais-valiosas-do-mundo.html>. Acesso em 09/07/2018.

⁶No ensaio “*As we may think*” (Como podemos pensar, em tradução livre) publicado originalmente em 1945 Bush antevia muitas características do que viria a ser chamada de “sociedade da informação”. Disponível em: [http://worrydream.com/refs/Bush%20-%20As%20We%20May%20Think%20\(Life%20Magazine%209-10-1945\).pdf](http://worrydream.com/refs/Bush%20-%20As%20We%20May%20Think%20(Life%20Magazine%209-10-1945).pdf). Acesso em 10/07/2018.

⁷Cujo marco inicial, o romance *Neuromancer* (1984), de William Gibson indicava que o futuro apresentaria a separação entre um mundo físico e um virtual proporcionado pela tecnologia da informação baseada em silício, e cuja concepção alcançou grande apelo ao imaginário popular, principalmente nas décadas de 80 e 90.

⁸Computação ubíqua ou computação pervasiva é um termo usado para descrever a onipresença da informática no cotidiano das pessoas. A ubiquidade informática foi apresentada por Mark Weiser (1991).

Breve biografia

Bacharel em Direito e Arquivologia, com complementação em Empreendedorismo e Inovação (UFF/RJ), graduando em Estudos de Mídia (UFF/RJ) e mestrando em Mídia e Cotidiano pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC UFF/RJ).

E-mail: rafaelsobreira@id.uff.br

Kids React To Metallica: **Uma análise sob a perspectiva de Mídia e Cotidiano.** RODRIGO MORAES BITTENCOURT SCISINIO ALONSO

Resumo

Este artigo propõe algumas reflexões sobre a construção e reafirmação de significados relacionados ao *Heavy Metal* partir do vídeo “*How Kids React to Metallica*” ou “*Reações das Crianças ao Metallica*”. O vídeo mostra como certos estigmas e preconceitos já estão inseridos no imaginário infantil, ao mesmo tempo que propõe uma abordagem diferenciada das mídias de massa, criando a possibilidade de mostrar o *Heavy Metal* como um gênero musical acessível a qualquer idade. Para isso, adotamos alguns pressupostos teórico-metodológicos de Agnes Heller (1970), Mafesolli (1995), Kellner (2001) e Lévy (1999). Seguindo uma postura crítica, saliento que este trabalho não pretende generalizar resultados, mas detectar tendências e vislumbrar possibilidades em um determinado contexto com base em uma amostra de elementos discursivos e visuais utilizados no corpus. Investigaremos portanto, o tipo de informação fixada na produção de sentido, em nível verbal e visual.

Palavras-chave: HeavyMetal; Mídia; Cotidiano.



1. Introdução

Este artigo propõe algumas reflexões sobre a construção e reafirmação de significados relacionados a este gênero do Rock, especificamente, o *Heavy Metal* partir de uma série chamada “*Kids React*” do canal do YouTube *Fine Brothers Entertainment*. O corpus de análise abrangerá o vídeo lançado em 8 de setembro de 2016 que viralizou na internet com mais de 2 milhões de acessos em poucos dias e hoje acumula quase 8,9 milhões de visualizações, chamado “*Kids React to Metallica*” ou “*Reações das Crianças ao Metallica*”. Este vídeo mostra como certos estigmas e

preconceitos já estão inseridos no imaginário infantil, ao mesmo tempo que propõe, quase didaticamente, como uma abordagem diferenciada das mídias de massa pode tornar o *Heavy Metal* um gênero musical acessível até para as crianças. Para isso, adotamos alguns pressupostos teórico-metodológicos como o formismo de Michel Maffesoli (1995) e as discussões de Agnes Heller (1970) sobre o preconceito. Após este aporte teórico sobre o cotidiano, apresentaremos algumas questões sobre a relevância desta discussão que entrelaçam o *Heavy Metal* e o cotidiano, assim como a sua relação com a mídia. Afim de estabelecermos um parâmetro comparativo, faremos um breve contraponto com a forma na qual a mídia de massa, cuja lógica cada vez mais atual dentro do contexto das empresas de comunicação em tempos de globalização, utiliza o *Heavy Metal* em suas narrativas, e como ela também produz e reproduz significados sobre o este gênero musical.

Assim relacionaremos os principais elementos que influenciam seus discursos sobre este gênero musical e o papel das mídias alternativas segundo Douglas Kellner (2001) inserido no contexto do ciberespaço de acordo com Pierre Lévy (1999). Feito isso, explicaremos as origens do termo *Heavy Metal*, seguido do contexto histórico do surgimento deste gênero musical, e alguns de seus principais símbolos e ideologias, relacionando-os com as possíveis origens de certos estigmas, além de apresentar a problematização dos preconceitos sobre o gênero musical e seus possíveis desdobramentos. Em seguida, apresentaremos o canal *Fine Brothers* do YouTube e o seu contexto no ciberespaço. Nesse sentido, mostraremos aspectos como o surgimento do canal; quantidade de vídeos lançados; idade e gênero das crianças participantes e descrever aspectos gráficos e textuais utilizados no vídeo. A ideia inicial seria inserir neste trabalho a transcrições dos diálogos entre o narrador e as crianças, mas o limite de páginas não nos permite. De forma que destacaremos algumas das respostas das crianças afim de termos um fio condutor e, a partir dessas informações, poderemos acompanhar como é feita a construção da narrativa do vídeo. A proposta é demonstrar que uma abordagem diferenciada sobre este gênero musical, além de estar inserida num contexto de educação musical, pode possibilitar um modo diferenciado de compreender o *Heavy Metal*, livre de estigmas e preconceitos. Seguindo uma postura crítica, saliento que este trabalho não pretende generalizar resultados, mas, detectar tendências e vislumbrar possibilidades em um determinado contexto com base em uma amostra de elementos discursivos e visuais utilizados no corpus.

2. A Busca das Formas Sociais de Maffesoli:

Os estudos do cotidiano ganham destaque à medida que podem ser usados como ferramentas metodológicas para a leitura do imaginário social construído por cada comunidade ou grupo social. No atual contexto em que as verdades prontas não oferecem respostas plausíveis, Michel Maffesoli situa sua abordagem no campo das efervescências da vida diária, de onde surge o novo estilo de análise fundado na estética. O formismo, no entender do autor, é uma corrente eficaz para dar conta da sociologia do cotidiano. O termo formismo é proposto por Maffesoli (2007, p.109) para fazer referência a “certo enquadramento que permite pôr em relevo características da vida social sem

deformá-la em demasia”. A forma é capaz de alcançar as aparências do social que seriam eliminadas em uma análise puramente objetiva ou racional. Em seu entendimento, o conceito exclui, porque enquadra e impõe normas e padrões, enquanto a forma agrega.

O cotidiano é uma forma (anti-racionalizada) teatralizada e superficial, cujo estudo demanda compreender o jogo das formas sociais aí presentes. As formas nas quais os fenômenos sociais aparecem e se enquadram dão a simbologia e a significação do mundo fenomênico; são a matéria-prima de como o mundo se dá a conhecer. (MAFFESOLI apud TEDESCO, 2003, p.124)

Na visão do autor, o cotidiano não se constitui como um objeto, mas como uma forma. O formismo foge ao positivismo, que por tentar discriminar e delimitar, não consegue dar conta da multiplicidade de valores e sentidos da realidade. Pela sua vitalidade e fluidez, se opõe a toda tentativa de enquadramento. Para esta corrente, os acontecimentos sociais só existem porque estão inseridos dentro de uma forma, que precisa ser levada em consideração antes da investigação do objeto. A perspectiva formista prioriza os aspectos que estão à margem do centro da razão, relegados ao esquecimento.

O formalismo conceitual se empenha em conferir sentido a tudo que se observa; assim, dá razões e submete à razão – ao passo que o formismo se contenta em delinear grandes configurações que englobam, sem os reduzir, valores plurais e às vezes antagônicos da vida corrente (MAFFESOLI, 2007, p.117).

Em suma, o formismo se resume ao seguinte entendimento: “não é o que um objeto social é, senão a maneira pela qual se apresenta, que pode guiar a investigação” (2007, p. 125). A forma pode ser revelada tanto a partir das personalidades, celebridades como também do indivíduo comum. A partir de uma razão sensível, o senso comum e o homem comum são valorizados. Desta forma, retratar o cotidiano do *Heavy Metal* seja por meio do contexto midiático, ou da apresentação de suas simbologias, será de onde poderemos extrair as especificidades dessa cultura. Dentro do nosso espectro comparativo, a forma pela qual o *Heavy Metal* é apresentado neste vídeo da série *Kids React*, se torna uma forma que ao mesmo tempo se utiliza do senso comum para extrair dele os preconceitos e os estereótipos, mas também mostrar aspectos não mostrados pela mídia massiva em seus produtos audiovisuais.

Ao utilizar o cotidiano como aporte teórico para os estudos da mídia, por meio da corrente formista proposta por Michel Maffesoli, torna-se possível ampliar os horizontes e as fronteiras do estudo proposto, longe do maniqueísmo e das definições genéricas e conclusivas. Propõe-se expandir as possibilidades de análise, sem partir da existência de um *a priori*, permitindo que se descubra a profundidade contida na aparência, no qual o cotidiano é o ponto de partida e chegada, formas para entender a realidade da vida.

3. Agnes Heller e o Preconceito:

Os precipitados pensamentos e as ações espontâneas, imediatistas e não refletidas que dominam o cotidiano orientam relações sociais baseadas em preconceitos. Neste pequeno estudo, pretendemos

refletir mesmo que de forma incipiente, sobre a vida cotidiana e os preconceitos, apesar de ser este um tema complexo. Heller (1970) aponta que o sistema de preconceitos é provocado pelas integrações sociais em que vivem os homens, e sobretudo pelas classes sociais. Ela considera que o homem na sua cotidianidade manifesta todos os aspectos de sua individualidade e de sua personalidade e portanto são colocados “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias e ideologias. O homem, na sua vida cotidiana, é atuante e fluidor, ativo e receptivo, no entanto não tem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos e assim sendo não pode aguçá-los em toda sua intensidade.

Dentre as características presentes na vida cotidiana, podemos apontar a espontaneidade, o pragmatismo (unidade de pensamento e ação), o probabilismo, a imitação, o economicismo, os precedentes, os juízos provisórios e a ultrageneralização. Sendo este último o processo em que generalizamos de forma indiscriminada, atitudes e conceitos baseados em assumirmos estereótipos predefinidos. Podemos ressaltar que, restrito à sua vida cotidiana, o ser humano convive cercado por comportamentos e pensamentos imediatos, que por sua vez são reconhecidos e representantes do seu caráter de elevação do particular individual no convívio com a sociedade e nas suas necessidades de satisfação pessoal.

Crer em preconceitos é cômodo porque nos protege de conflitos, porque confirma nossas ações anteriores. Mas, muitas vezes, o mecanismo é também indireto: Nossa vida, que não pode alcançar seu objetivo em sua verdadeira atividade humano-genérica, consegue então um ‘sentido’ pleno no preconceito. (HELLER, 1970, p. 48).

Na formulação de julgamentos diferenciados dos seus valores, o homem promove a si próprio desconsiderando ou desconhecendo outras formas de pensamento e comportamento. Nesse sentido, predomina em si a conformidade e passividade perante situações que lhe são colocadas, diminuindo assim sua liberdade relativa perante o ato de escolha. Heller aponta que essa conformidade...

[...] converte-se em conformismo quando o indivíduo não aproveita as possibilidades de sua sociedade, caso em que as motivações da conformidade da vida cotidiana penetram nas formas não cotidianas das atividades, sobretudo nas decisões morais e políticas, fazendo com que essas percam o seu caráter de decisões individuais. (HELLER, 1970, p. 45)

Consideramos que a reprodução da sociedade (o não-cotidiano) não se estabelece como mero veículo de manutenção da ordem vigente, mas como um processo contraditório que visualiza a produção do novo a partir das contradições inerentes à reprodução do já existente. Em virtude à não reflexão sobre pensamentos e comportamentos, o preconceito encontra espaço para sua manifestação como verdade absoluta perante os olhos da sociedade, e os conhecimentos e idéias historicamente construídos deixam de ser utilizados a serviço da maioria dos seres humanos. Concordamos com Heller quando ela diz que suspender esse cotidiano significa conceituar, conscientizar os seres humanos quanto à aparência dos fenômenos, para que encontrem a essência do que acontece nesta realidade (cultural, política, socioeconômica).

4. Relevância da Discussão:

Os clichês e os estereótipos reforçados pelas mídias de massa, hoje estão se diluindo em torno das novas possibilidades de interação cultural fornecidas pela internet. Através do ciberespaço, grupos se organizam e modificam sua dinâmica de interação com entre si e com a sociedade. Em relação ao *Heavy Metal*, por exemplo, passei minha adolescência recebendo uma carga de informações sobre este gênero musical e todo o entorno deste meio social, carregado de distorções. Hoje, passados algumas décadas, afirmo que minha experiência encontrou sim algumas delas mas, ao mesmo tempo um cenário diferente daquele que me fora antecipado. Por estar inserido nesta cultura há pelo menos duas décadas, penso ser necessário que estejamos atentos afim de que esses pensamentos equivocados não sejam passados adiante para as novas gerações. Através das interações, sejam elas reais ou virtuais acredito ser possível atenuar ou quem sabe, mudar este quadro.

A música, num contexto que acompanhe processos reflexivos, conscientes e valorizadores, não se engaja restritamente num processo cotidiano de reprodução do indivíduo e das relações sociais de dominação, mas sim uma fuga dela. O *Heavy Metal* é música dos excluídos, dos *outsiders*, daqueles que não se encaixam. Assim como o rock, ela acolhe os desprovidos dos padrões impostos pela sociedade. O *Heavy Metal* reúne todos os meninos estranhos em um único lugar. Com isso, a formação de grupos inicia-se quando os indivíduos se aproximam e se unem pelos mesmos gostos e experiências. O papel dos meios de comunicação de massa na disseminação de valores é direcionado para a normatização de modelos-padrão de sociedade e indivíduo. Nesse sentido, os indivíduos que são indiferentes aos padrões de normalidade e valores impostos não são consideravelmente reconhecidos e devidamente respeitados. São estigmatizados como incapazes e, conseqüentemente, serão excluídos e discriminados no campo do trabalho e convívio social. Os valorizados padrões estéticos, culturais, socioeconômicos, políticos e ideológicos que se inserem no modelo de sociedade capitalista são difundidos, comercializados e segmentarizados para o sustento da estrutura dessa sociedade. Na direção oposta a isso, cresce a importância das mídias alternativas, como veremos mais adiante.

5. O *Heavy Metal* e o Cotidiano:

De acordo com Ian Christie (2010), o *Heavy Metal* é um gênero musical cuja história data desde o final dos anos 1960 e construiu uma materialidade mais pesada e transformada em expressão estética e artística em maior grau principalmente a partir do início dos anos 1980. Possui significados que evocam uma série de imagens, tanto das suas características musicais quanto estéticas, como as guitarras distorcidas, as camisas pretas e as figuras de caveiras. O cotidiano desses personagens, por vezes é reduzido a exemplos de clichês como a espetacularização da morte, música barulhenta e gritaria. Essas imagens usadas repetidamente acabam sendo socialmente reconhecidas e consagradas, e direcionam os comportamentos e as atitudes em relação ao *Heavy Metal* e aos chamados metaleiros,

dirigindo inclusive o olhar e a fala da mídia que estabelecem uma forma de dizer e ver este gênero musical. Em consequência disso, o gênero é considerado por muitos como música relacionada a temas obscuros, como o satanismo. Desta forma, consideramos urgente a necessidade de se representar a realidade do Heavy Metal, através de abordagens diferentes daquelas produzidas pela mídia de massa. Assim, aqueles que não conhecem o cotidiano deste gênero musical terão a oportunidade de desfazer alguns juízos e perceber que esta música não é simplesmente gritaria e barulho. Segundo Leão (1997), o *Heavy Metal*, antes de música, é atitude, um estilo de vida e filosofia. Funciona como um espaço em que os jovens partilham sentimentos, frente às incertezas do cotidiano familiar e dos espaços normativos da sociedade. Janotti Jr. (2004), afirma que o gênero musical não apenas criou uma expressão que estava longe do alcance da autoridade do mundo adulto, mas senão que o primeiro passo está na rebeldia, que boa parte dos jovens adotou no período pós-guerra do Vietnã.

As reflexões teóricas que estamos fazendo seguiram o caminho do “Formismo”, teoria do cotidiano proposta por Maffesoli, que valoriza as formas sociais. Por meio destas formas é possível ultrapassar os modelos prontos e fixos e buscar a profunda aparência da vida cotidiana, uma vez que não se parte de nenhum conceito apriorístico. A partir do momento em que reconhecemos os modos de agir e pensar do outro, estamos reconhecendo a complexidade da vida cotidiana que se configura como uma teia de significados na qual o indivíduo, por meio do seu imaginário social, atua como peça-chave do campo do cotidiano. Os costumes, as crenças, os dizeres de um determinado povo ou grupo social, o que falam, a maneira de falar, as atitudes em determinadas circunstâncias, as astúcias do dia a dia se tornam fonte de um conhecimento próprio, o qual defende Maffesoli:

Nunca é demais insistir na nobreza da vida cotidiana. Pode-se dizer que é a partir do “ordinário” que é elaborado o conhecimento do social. É conveniente insistir nisso, pois, por um lado, tal como um ponto cego, trata-se de um domínio que era estranhamente ignorado pelos intelectuais, e por outro, esse cotidiano parece ser uma das principais características do estilo estético do qual nos ocupamos aqui. (MAFFESOLI, 1995, p.63).

Na visão do autor, o estilo cotidiano é atravessado pelo aleatório, com ênfase nos jogos da aparência e nos aspectos imateriais da existência que, de uma forma paradoxal, são identificados pela operação das imagens e da linguagem. Ele acredita que “a vida cotidiana é um bom revelador do estilo da época, pois destaca muito bem como a existência é determinada pelo sentido coletivo” (1995, p. 65) podendo este dar forma e sentido ao conjunto da sociedade. O emocional e as experiências vividas tornam-se fatores essenciais para a formação de um grupo, de acordo com Maffesoli. Dessa forma, pessoas de espaços geográficos distintos podem se unir para formar laços sociais fortes e a emoção compartilhada é uma das maneiras de agrupar essas pessoas. Neste sentido, podemos afirmar que agrupar pessoas é uma especialidade do *Heavy Metal*, sendo um dos fatores que o torna tão interessante no sentido social. Nos festivais reúnem-se pessoas de diferentes partes do mundo que compartilham o espaço geográfico para participar de uma mesma cultura. Indivíduos de diversos países do mundo, com suas peculiaridades culturais, abandonam seus espaços para se integrarem à grande cultura *Heavy Metal*, unidos pelos comportamentos e gosto musical.

6. O *Heavy Metal* e a Mídia:

No mundo da vida cotidiana, a comunicação exerce um papel fundamental na organização social, por meio da interação entre os sujeitos e pela troca de significados. O processo comunicativo é essencial para a existência de qualquer relação social. Nele os fenômenos subjacentes nas diversas situações cotidianas são abordados como objetos das narrativas ao se utilizarem do cotidiano como fonte permanente de informação. Sendo assim, modificam e reconstróem a realidade. É a partir dos enunciados narrativos que somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras, em uma ordem e perspectiva, num desenrolar lógico e cronológico. Esse processo narrativo do cotidiano surge impregnado de elementos provenientes do imaginário, da estocagem e da memória cultural coletiva e mistura-se com a realidade dos fatos reproduzidos. Dessa maneira, o discurso midiático passa a servir de parâmetro para o indivíduo no processo de construção social da realidade, uma vez que a sua interação com o outro, na vida cotidiana, é permanentemente afetada pelo acesso e participação nos acervos sociais de conhecimento disponíveis, sendo a mídia um destes acervos.

O contexto atual dos meios de comunicação de massa sugere práticas que andem em compasso com a ideologia globalizante vigente. Assim, é possível constatar exemplos que demonstram ser a qualidade das informações veiculadas, inversamente proporcional aos índices de audiência. Em verdade, o que observamos é uma substituição do discurso noticioso por uma espécie de discurso que tem a pretensão de homogeneizar identidades. Este discurso é estereotipado e mercadológico, a-histórico e sem aprofundamento e por isso, é desprovido de elementos que levem seus receptores à reflexão. As mídias de massa, como os canais abertos de televisão, estão dentro da lógica das empresas de comunicação em tempos de globalização. Visam o maior índice de audiência possível, e têm como objetivo final o lucro. Toda programação veiculada, além de entreter, tem como meta os interesses financeiros da emissora. Douglas Kellner (2001) contempla em suas investigações as mais diversas produções midiáticas procurando elucidar tendências dominantes e de resistência, vislumbrar perspectivas históricas e também analisar a forma como os meios de comunicação agem com vistas a influenciar a identidade dos indivíduos. Em sua perspectiva, podemos observar que os meios de comunicação massivos consistem em uma espécie de palco pelo qual desfilam informações sobre os mais variados agentes sociais ao redor do mundo. As diversas formas de cultura veiculadas pela mídia induzem os indivíduos a identificarem-se com as ideologias, posições, representações sociais e políticas dominantes, conectados pelos prazeres proporcionados pelo consumo. A cultura da mídia e do consumo atuam de mãos dadas no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes. “A cultura da mídia não aborda apenas os grandes momentos da vida comum, mas proporciona também material ainda mais farto para as fantasias e sonhos, modelando o pensamento, o comportamento e as identidades.” (KELLNER, 2004, p.02). Entretanto, enxergamos que para uma mudança neste cenário, é necessário que os estudos culturais possam ser transformados em instrumento de mudança social, principalmente através das

oportunidades criadas pelas novas formas midiáticas da internet, como posiciona Lévy: “O crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem”. (LÉVY, 1999, p. 11).

Esta reconfiguração proporciona novas possibilidades de interação que, por sua vez, fomenta o desenvolvimento de culturas já existentes, ocasionando em um processo que Lévy descreve como cibercultura, que é “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem, juntamente, com o crescimento do ciberespaço” (1999, p. 17). Dessa maneira, torna-se oportuno que o pensamento científico reflita sobre a construção de significações dos acontecimentos cotidianos reportados pelas mídias sobre este gênero musical, e tente contribuir para que se construa um novo olhar. Para isso é preciso ir além de modelos midiáticos já conhecidos como sinônimo de verdade. Existem outros discursos que podem ajudar o receptor a entender os fatos sociais, permitindo que se descubra a profundidade contida na aparência, e então analisar o discurso em construção. Este papel está sendo construído através de outras mídias, como os canais de YouTube, onde os indivíduos e grupos sociais as legitimam como meio para recriarem o seu espaço social e as suas práticas comunicacionais entre o próprio grupo e também com a sociedade em geral.

A técnica não é a responsável pelo sucesso, mas sim aqueles que conceberam, executaram e usaram determinados instrumentos. Neste caso, a qualidade do processo de apropriação (ou seja, no fundo, a qualidade das relações humanas) em geral é mais importante do que as particularidades sistêmicas das ferramentas, supondo que os dois aspectos sejam separáveis (LÉVY, 1999, p. 28).

A partir desse olhar é possível percebermos que novas narrativas relacionadas ao *Heavy Metal* estão sendo construídas sobretudo para o público do ciberespaço. Com isso criam-se possibilidades de conhecer culturas que não passam pelo fluxo principal de informações e, desta forma, não mais contribuirmos com a cristalização de estigmas e preconceitos.

7. O *Heavy Metal*: Contexto Histórico e Simbologias

O *Rock n' Roll* uniu diversas pessoas em microgrupos para discutir os valores impostos pela sociedade através da música. Suas temáticas mobilizaram diversos músicos e artistas que, através de suas obras, atitudes e vestimentas, atraíram multidões para os festivais e shows. O jornalista e músico Ian Christie, no seu livro *Heavy Metal: A História Completa* (2010), explica que o movimento do *Heavy Metal* surgiu num contexto de “decadência” do rock devido a acontecimentos emblemáticos como o fim do *The Beatles* e as mortes de *Jimi Hendrix*, *Janis Joplin* e *Jim Morrison*. O rock passou por uma crise, acompanhando a desregulamentação do sistema monetário internacional e uma crise petrolífera, nas décadas de 1960 e 1970, que afligiu vários setores comerciais no mundo, deixando muitos trabalhadores desempregados. Os músicos da banda *Black Sabbath* surgiram sob esse contexto de crise na cidade de Birmingham, na Inglaterra, e compuseram sobre essa realidade. Assim, a cultura

de determinadas sociedades próximas a locais bucólicos e altamente industriais, sem nenhum divertimento influenciou diretamente as músicas e a maneira como as pessoas passam a agir e utilizar um visual que não é considerado tradicional.

Segundo Christie, a palavra “Heavy” era uma gíria *hippie* utilizada para descrever uma disposição mais potente de qualquer coisa. A palavra “Metal”, por sua vez, refere-se a uma força temática de contestação e uma vitalidade inquebrável.

Heavy Metal era um termo militar do século XIX, usado para referir-se ao poder de fogo de uma arma e, na química, para designar recém-descobertos elementos de alta densidade molecular. Quando John Kay, compositor de “Born to be Wild”, do Steppenwolf, citava “*heavy metal thunder*”, em 1968, ele estava apenas se referindo ao barulho das motocicletas; sem o Black Sabbath, a expressão seria apenas um acidente poético, a profecia vazia contida no texto escrito por milhares de macacos brincando em máquinas de escrever, tentando escrever a Bíblia.[...]. (CHRISTE, 2010, p. 23).

Um dos grandes símbolos utilizados pelo referido gênero musical é o “*Devil Horns*” (Chifres do Diabo), popularizado pelo cantor Ronald James Padavona (Dio), que consiste fechar uma das mãos mantendo o dedo indicador e o dedo mínimo estendidos. Dio afirmou em entrevista para o site Metal-Rules.com porque utilizou o símbolo:

Duvido muito que eu tenha sido o primeiro a fazer isso. É como dizer que eu inventei a roda. Tenho certeza de que alguém já tinha feito isso antes. Acho que você deveria dizer que eu o popularizei. Eu o usei tanto e tantas vezes que se tornou minha marca registrada. Mas foi[...] eu estava no Sabbath nessa época. Era um símbolo que eu achava que refletia aquilo que a banda deveria representar. Mas não é o símbolo do demônio como se estivéssemos aqui com ele. É um símbolo italiano que aprendi com minha avó e que se chamava “Malocchio”. Serve para afastar o mau-olhado ou para fazer o mau-olhado, dependendo de como você o faz. Mas eu nunca diria que eu tenho crédito por ter sido o primeiro a fazer isso. Mas eu o usei tanto que acabou se tornando um tipo de símbolo do rock’n’roll. (<http://whiplash.net/materias/curiosidades/081578dio.html#ixzz2VqQn3Bow>)

A suposta referência ao diabo é uma espécie de rotulação que, auxiliou na referência cultural das bandas. Cabe lembrar que de fato existem bandas que atendem aos estigmas preconceituosos estabelecidos pela sociedade, tais como o satanismo, machismo e o fascismo, mas estas não representam a totalidade do gênero. A imagem proporcionada por essas bandas, por ser impactante para a sociedade, e impulsionada pela mídia, acaba se tornando a representação estereotipada do *Heavy Metal*. Além da relevância musical e grande número de adeptos, esse gênero musical trouxe consigo uma forma diferente de vestimenta aos fãs, cuja característica é fácil de reconhecer: camisetas pretas com as logomarcas das bandas, jaquetas e calças feitas com jeans ou couro, correntes, *spikes* (espinhos acoplados às roupas e acessórios), tatuagens, maquiagem, cabelos compridos – tudo para contestar o pensamento tradicional. Esse visual é um reflexo da forma de agir e pensar dos simpatizantes do *Heavy Metal*, *outheadbangers*, e chama a atenção devido à excentricidade, sendo muitas vezes alvo de preconceito e identificados por palavras que possuem uma conotação negativa na sociedade. Esse problema, assim como outros de natureza semelhante em diferentes campos da

sociedade, existe devido ao desconhecimento das bases e da ideologia do grupo em questão. Por isso é importante conhecer quais são seus símbolos, o que significam e por quê este grupo procura manter-se fiel à sua ideologia. A música, juntamente com a sua expressão e sua ideologia, são frutos do relacionamento entre o homem e a sociedade em que vive. Nessa perspectiva é que buscamos uma visão mais ampla sobre o estilo musical ou a cultura do *Heavy Metal*, reconhecendo a importância em desmistificar as visões distorcidas, percebidas e difundidas na sociedade.

8. How Kids React to *Metallica*

O FBE ou *Fine Brothers Entertainment* é um canal do YouTube com quase 16 milhões de inscritos e mais de 5 bilhões de visualizações. Foi criado em 4 de junho de 2007. Além da série chamada *React*, que faz parte do corpus deste trabalho, o canal produz outras séries, programas de comédia e animações. Para a internet sua produção é de 5 novos vídeos por semana. De acordo com o canal, a série de vídeos *React*, categorizada como “*Non Script*” ou sem-roteiro, inclui versões para crianças, adolescentes, adultos e melhor idade, e possui milhões de visualizações por episódio. Os vídeos são frequentemente classificados como principais atrações no ciberespaço, e ganhadores de prêmios como o *Daytime Emmy Awards*, *IAWTV Awards*, *Streamy Awards* e *Webby Awards*. A ideia da série *React* é um grupo de pessoas que reagem a vídeos virais, tendências, videogames, trailers de filmes ou vídeos de música. A franquia foi lançada com a estréia no YouTube do *Kids React* em outubro de 2010. Durante os anos de 2010 até setembro de 2016 ela mostrava crianças de 4 a 14 anos, passando a idades de 7 a 13 a partir de setembro de 2016, e 7 a 11 a partir de outubro de 2016. Atualmente, o canal utiliza um grupo de 35 crianças, sendo 21 meninas e 15 meninos que se alternam nos episódios. É possível perceber também entre esse grupo uma variedade étnica, o que demonstra alguma preocupação do canal com a diversidade cultural.

O vídeo *How Kids React to Metallica* mostra a reação das crianças ao assistirem pela primeira vez um videoclipe da banda de Heavy Metal *Metallica*, que na época havia sido recém-lançado. À princípio, sem nenhuma explanação prévia, o propósito é verificar as primeiras impressões das crianças sobre o que vêem e escutam. Os nomes e idades das crianças vão aparecendo em grafismos na tela na medida que são mostradas suas reações. O vídeo começa com o título do vídeo sendo escrito em giz em um quadro-negro, e anunciado em coro com as vozes das crianças ao fundo. Começa então o videoclipe da música *Hardwired*, do último disco da banda *Metallica*, lançado em novembro de 2016. Uma imagem em preto e branco mostra a mão tatuada do vocalista executando o ritmo da música na guitarra. Neste primeiro momento acontece a apresentação das crianças participantes, mostrando apenas a reação de algumas delas ao videoclipe através de expressões faciais. A primeira criança a reagir é Jacob de 9 anos. As crianças aparecem em um cenário de sala de aula. É possível ver ao fundo uma prateleira com livros e lápis coloridos, além de um desenho exposto na parede, enfatizando o cenário escolar e o contexto educativo. Jacob parece espantado e de olhos arregalados em direção a tela do computador. Em seguida, Evan de 11 anos observa a imagem de um dos músicos

balançando a cabeça e pergunta: “O que é isso!?”. Tyler também de 11 anos tenta imitar o som que ouve e se agita com a música. Kelis de 10 anos, a primeira menina a aparecer diz: “É tão agressivo”. Anita, também de 10 anos, balança a cabeça e faz o símbolo dos chifres. Morgan A. uma menina de 13 anos questiona se em algum momento vai haver letras na música. Em seguida, Jackson de 12 anos, e depois Alex, da mesma idade descrevem o que vêem: “Essa banda está tipo gritando”. Nesta primeira etapa destacamos comentários como: “Isso não faz nenhum sentido!”; “Eu não acho que isso poderia



ser classificado como música.”; “Eu não entendo nada que eles estão dizendo.”; “Deus, isso não acaba nunca!”; “É difícil acreditar que as pessoas de fato escutam isso. É só gritaria.”.

A segunda parte do vídeo é chamada “*Question Time!*” ou “Momento das Perguntas!”. Nesta etapa, agora com a interferência do narrador, as crianças são questionadas se elas conhecem a banda que acabaram de escutar e em seguida o narrador apresenta algumas informações sobre o grupo. Neste momento são mostradas aos espectadores informações sobre a história da banda através dos grafismos na tela:

A partir da interferência do narrador, podemos observar comentários mais receptivos por parte das crianças: “Já ouvir falar deles na TV e meu pai tem umas camisas.”; “Já vi a *Kylie Jenner* usando uma camisa, mas nunca ouvi a música deles”. Dadas as primeiras impressões, o narrador explica que o tipo de música que eles acabaram de ouvir é chamada de *Heavy Metal* e questiona se eles gostaram do que assistiram. Algumas das crianças dizem que gostaram, que acharam diferente e outras que não gostaram: “Não. Porque não faz nenhum sentido pra mim”. Antes de uma segunda rodada de perguntas para as crianças, o narrador mostra uma foto da banda. E pergunta qual a impressão das crianças: “Eles parecem uns malucos.”; “Eles têm um jeito meio esquisitão.”; “Com certeza eles passam a ideia de serem um grupo de *Heavy Metal*.”; “Eles parecem estar sentados em um banco na prisão, porque eles acabaram de roubar uma loja”.

Na próxima etapa o narrador pergunta a opinião das crianças sobre o fato da banda, mesmo depois de mais de 30 anos de carreira, ainda estarem criando música pesada: “Eles ainda tocam até hoje?! Maneiro!”; “É muito legal! Eles estão vivendo os sonhos deles!”; “Muito legal mesmo que eles ainda estejam dedicados em fazer isso.”; “Eu acho que eles realmente amam a música.”. Na sequência,

o narrador apresenta novos dados sobre a banda para as crianças: “*Metallica* é considerado por muitas pessoas como sendo a mais importante banda de *Heavy Metal* de todos os tempos. E muitas das bandas de rock da atualidade afirmam que o *Metallica* foi uma de suas maiores influências.”: “Que legal!”; “Como eu não conheci esses caras antes?!”. Depois disso, são colocadas as músicas que são consideradas “clássicos” do *Metallica* para as crianças escutarem. Nesta parte, as crianças apenas escutam as músicas através de fones de ouvido. Os nomes e as datas de lançamento das músicas vão aparecendo na tela: “Ok, não é tão ruim.”; “É uma batida intensa. A bateria e a guitarra.”; “Eu não gosto desse som. Essa música é tão ruim.”; “É bem legal, com certeza!”; “É isso que eles fazem em todas as músicas? Eles só gritam?”; “Eu não entendo como as pessoas gostam disso.”. A terceira música escolhida para as crianças escutarem é *Enter Sandman*, umas das músicas mais conhecidas da banda: “Eu já ouvi essa!”; “Gostei dessa!”; “Soa assustadora e legal ao mesmo tempo.”; “Essa não é ruim com certeza.”; “É bastante intensa.”; “Maneiríssima!”.

Em sua última interrupção, o narrador pergunta às crianças: “Finalmente após escutarem mais músicas do *Metallica*, o que vocês acham que pode ter feito essa banda tão bem sucedida por tanto tempo tocando este tipo de música?”: “Com certeza eles têm muita experiência. Estão fazendo isso por 30 anos. Eu gostei disso”; “É algo diferente, tipo quando você liga o rádio... é só *Justin Bieber* e coisas do tipo. Mas quando escuta esses barulhos estranhos, você quer saber o que é aquilo.”; “Definitivamente as letras não são o tipo de coisa que você escuta todos os dias. E isso é o que os torna especiais. As batidas são ótimas, as guitarras, a bateria e os vocais.. eles se juntam e se transformam em algo especial.”. O vídeo termina em uma tela dividida com muitas informações como: botões para se inscrever no canal; links para outros vídeos; e as crianças agradecendo os espectadores por terem assistido o vídeo.

Após assistirmos o vídeo, podemos perceber que a música também ocupa um lugar indiscutível no campo do simbólico e do discurso. Desta maneira as relações que se estabelecem entre as imagens, palavras (significantes) com as significações (significados) constituem cargas simbólicas não aparentes das representações. No caso do vídeo, as crianças, mesmo leigas no assunto puderam traduzir suas percepções em respostas emocionais. Aquele que conhece e sabe identificar os códigos da linguagem musical, possivelmente trará outras interpretações. Assim, caminhamos com a ideia de que a abordagem de clichês ligados ao *Rock n` Roll* como as drogas, a morte e a religião deixam de lado o principal, que é a música. A adoção dessas práticas generalistas tem o objetivo único e exclusivo de entreter o público passivo, cativo de determinadas programações. Nesse sentido, a importância de uma banda e da sua música acabam sendo colocadas em cheque pela tipo de abordagem. Já neste tipo de narrativa produzida e veiculada através de mídias alternativas, como por exemplo os canais de YouTube, atualizam uma realidade social.

9. Conclusões

É na mídia de massa que, atualmente, encontramos a forma dominante de cultura. Através de um véu sedutor que combina o verbal com o visual, a cultura de parte considerável dos veículos tradicionais de comunicação consiste em divulgar determinados padrões, normas e regras, sugerir o que é bom e o que é ruim, o que é certo e o que é errado; fornecer símbolos, mitos e estereótipos através de representações que modelam uma visão de mundo de acordo com a ideologia vigente. O *Heavy Metal* foi usado aqui apenas como um exemplo deste processo. De forma sucinta, é possível afirmar que o *Heavy Metal* é mais que um gênero musical, é um processo social e não pode ser compreendido por uma visão generalizante. Esse estilo é também sinônimo de música altamente técnica, arte, e história. O cotidiano nos dá a margem para entender como as formas sociais constroem a realidade com a qual operamos, extraindo dele a perspectiva de traçar novos horizontes de sentido ao compreender as aparências como fenômenos sociais dotados de riqueza e significado. A busca por esse novo olhar deve ser a meta, a preocupação de todo pesquisador, de todo ser humano. Nesse caminho, torna-se necessário perceber as estratégias discursivas postas em funcionamento na mídia e pela mídia. Ao que parece, descontextualizar faz parte do contexto. O uso de clichês e estereótipos explicitam a exploração de informações secundárias e espetaculares tornando a tônica superficial e baseada nas generalizações.

É justamente neste contexto que sublinhamos a importância das mídias alternativas com suas construções que fogem aos tradicionais discursos massivos. E o que seriam essas construções alternativas? Nada mais do que veicular informações básicas com mais seriedade e responsabilidade. O vídeo *How Kids React to Metallica* é um exemplo de narrativa construída dentro desse contexto. Uma visão diferenciada pode e produzirá uma reação diversificada daquela esperada e programada pelas mídias tradicionais. As mídias alternativas assumem o papel de não reproduzir o modelo propagado pelas mídias convencionais. No caso da série *Kids React* há a preocupação de estabelecer uma conexão positiva entre as crianças naquele momento do primeiro contato com a música e o vídeo que elas estão assistindo. O *Heavy Metal*, ao incorporar as novas possibilidades fornecidas pela internet à sua realidade, e ser incorporado por essas novas formas midiáticas, está transformando as próprias relações comunicacionais existentes e já legitimadas nesse grupo sócio-cultural específico. Como foi possível observar, esse estudo teve como eixo identificar e interpretar os preconceitos referentes ao *Heavy Metal*, relacionando-os com o vídeo “*How Kids React to Metallica*”. Através do uso deste produto audiovisual, foi possível identificar que os pré-conceitos já estão presentes desde a infância, e mostrar como uma abordagem educativa e diferenciada, baseada em ressaltar os aspectos positivos de determinado objeto, no nosso caso, o gênero musical *Heavy Metal*, pode contribuir para uma prática consciente e compromissada com a mudança de comportamento e educação musical.

Referências bibliográficas:

CHRISTE, Ian. *Heavy Metal: A História Completa*. São Paulo: Arx, Saraiva, 2010

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 43-110.

JANOTTI JR, Jeder. *Heavy metal com dendê: rock pesado e mídia em tempos de globalização*.

Rio de Janeiro: E-paper serviços, 2004.

KELLNER, D. *A cultura da mídia*. São Paulo: EDUSC, 2001

KELLNER, D. *A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo*. Líbero – Ano VI – vol6 nº11, 2004

LEÃO, Tom. *Heavy metal: guitarras em fúria*. São Paulo: Editora 34, 1997.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. SP: Ed. 34, 1999.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed, 1995.

MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

TEDESCO, João Carlos. *Paradigmas do cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social*. Passo Fundo: UPF, 2003.

WALL, Mick. *Metallica: a biografia*. São Paulo: Globo, 2012.

Sites acessados:

www.metallica.com

<https://www.youtube.com/watch?v=N4pj7RByIeA>

finebrosent.com

Breve biografia

Rodrigo Moraes B. S. Alonso, mestrando do PPG Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense.

E-mail: rodrigomoraes431@gmail.com.



Jovens, cultura digital e cultura letrada

SÉRGIO LUIZ ALVES DA ROCHA

Resumo

Desde a difusão do livro a partir da invenção da imprensa, a lógica estruturadora deste artefato cultural, modelou as características da instituição escolar. Se a difusão do livro impresso nos legou um determinado modelo de escola, as novas modalidades de comunicação impactam a instituição escolar e as suas práticas. Buscamos identificar de que modo os alunos apropriam-se dos conteúdos e atividades escolares através da mediação das novas tecnologias de comunicação e informação; de que modo os conteúdos e práticas escolares são ressignificadas a partir das mediações destas novas tecnologias de comunicação; quais os usos e sentidos construídos pelos alunos, quais as modificações em curso nestas apropriações, entre outras questões, entre outras questões.

Palavras-chave: Juventude; Cultura Digital, Cultura Letrada; Escola

1. Introdução

Um tema caro à sociologia da educação é o da relação entre a escola, como instituição social, e a sociedade mais ampla. Esta relação pode ser pensada de diferentes modos. Pensando em duas posições mais simples e polares, de um lado, as práticas escolares podem ser concebidas como mero reflexo do que ocorre na sociedade mais ampla. Por outro, às práticas escolares pode ser concedida tamanha autonomia que elas, por si só, poderiam modificar a sociedade. Se a instituição escolar é parte da sociedade mais ampla, ocorre entre elas uma dinâmica de inter-relação. Neste sentido, escola e sociedade influenciam-se mutuamente.

Mas não podemos negar que, como uma instituição social, a escola possui uma grande capacidade de resistir às mudanças que ocorrem na sociedade mais ampla¹.

Nos interessa pensar nas modificações que ocorreram nas últimas décadas com o desenvolvimento e uso das tecnologias digitais de comunicação e informação e as possíveis alterações nos processos de ensino-aprendizagem levados a efeito pela escola.

Para efeitos comparativos, podemos pensar no que ocorreu com as práticas escolares a partir da difusão da cultura impressa, com a conseqüente valorização do livro – e paralela desvalorização da imagem. Com ele todo o processo de memorização tornou-se desnecessário e, com ele, todas as práticas associadas a este modelo que implicavam maior centralidade do professor.

Nas palavras de Martín-Barbero, com o surgimento da imprensa constitui-se uma cultura do texto, que estruturou uma forma específica de “(...) *comunicação exclusiva entre os adultos, instaurando uma marcada segregação entre adultos e crianças (...)*” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.55). A cultura do texto instituiu uma série de dicotomias: das identidades, das etapas da aprendizagem, dos dispositivos de controle social da informação.

A questão então é: se a instituição escolar tem as suas práticas constituídas a partir de tais transformações, seria possível supor, que as modificações nos processos e nas técnicas de

comunicação que ocorrem nos dias de hoje, tornam necessária uma reavaliação do papel da escola e uma reflexão sobre as possíveis modificações nas práticas levadas a efeito em seu interior.

Redes telemáticas disponibilizam o acesso a uma multiplicidade de informações. Permitem uma conexão constante, mesmo que os interlocutores estejam fisicamente distantes. Uma das características da modernidade proposta por Guiddens que se refere à separação entre o tempo e o espaço, o que produz um estímulo das “(...) relações com outros ausentes, localmente distantes de qualquer situação dada de interação face a face” (GUIDDENS, 1991, p 29). A ubiquidade faz com que um número cada vez maior de pessoas possam estar conectado todo o tempo, com a informação ao alcance de sua tela privada, que deixou de ser mera extensão do corpo.

Neste texto, apresentamos algumas reflexões que fazem parte de um projeto de pesquisa que busca entender de que modo os jovens utilizam as diferentes tecnologias da comunicação e informação para relacionar-se com o universo escolar, bem como mapear as possíveis alterações e hibridizações entre as antigas e as novas práticas relacionadas ao universo do saber escolar. Nossa preocupação é a de analisar especificamente a relação dos jovens com as tecnologias de informação e de comunicação na sua interface com as demandas que a eles são feitas pela instituição escolar.

Entender quais são as mudanças que estão em curso na forma de apreensão dos conteúdos e atividades escolares pesquisando as diferentes maneiras através dos quais os jovens interagem com essas tecnologias e a elas atribuem significado é o nosso objetivo.

É uma pesquisa que se encontra em fase de realização. Até agora foram aplicados questionários nas três escolas que compõem nosso universo de análise. Na segunda etapa será feita a realização de entrevistas.

2. Algumas indicações Teórico-Metodológicas

Como já afirmamos anteriormente, se a invenção do livro impresso revolucionou a forma de aprendizado no século XVI, tornando, por exemplo, desnecessárias a memorização e a dependência do professor como fonte única de informação, parece razoável supor que estes novos meios de comunicação também afetam os modos de relacionar-se com as práticas/saberes escolares.

O objeto cultural livro definiu ao longo do tempo a identidade da escola, na medida em que as práticas associadas a este objeto cultural foram responsáveis pela constituição das características da instituição escolar. Por esta razão, a própria concepção do que é leitura ainda se encontra atrelada a este suporte. Historicamente, a instituição escolar, diante de modificações na sociedade mais ampla, produziu, de maneira geral, um discurso que desqualificavam novas formas de produção de informação em prol do livro.

Negando a possibilidade de pensar a leitura como prática mais ampla, presente em diferentes suportes e com características distintas (CHARTIER, 1998, 2001, 2002, 2003, 2004, 2007) daquela da leitura contemplativa (SANTAELLA, 2004), ela impedia a reflexão sobre as possíveis modificações em curso proporcionadas pela relação com os novos suportes.

Podemos acompanhar este processo, por exemplo, com a disseminação dos conteúdos televisivos e sua relação com as audiências jovens. Com a televisão ocupando o tempo livre dos jovens, a escola construiu um discurso que tendia a analisá-la como grande inimiga dos processos educativos formais, na medida em que afastava os jovens da cultura letrada, disponibilizando uma comunicação mais “simples” e “ingênua” fundamentada no uso das imagens (MACHADO, 2001).

Tempos depois assistiríamos ao surgimento e a difusão dos computadores de uso pessoal. À medida que seu uso tornava-se mais popular, houve uma tentativa de interpretação similar àquela desenvolvida em relação à televisão. A crítica, aqui, centrava-se novamente na oposição entre a imagem – passível de manipulação, não permitindo o uso da reflexão crítica – e os conteúdos escritos/impressos – símbolo de estruturação do *logos*.

Mas, muito rapidamente o computador passou a estar associado às redes telemáticas, conectando cada vez mais os seus usuários. Isso o diferenciou cada vez mais da televisão². O computador passou a utilizar cada vez mais conteúdos cujos materiais apresentavam-se na forma de escrita digital. Assim, a leitura e a escrita, fundamentos da prática escolar, assentadas na cultura letrada, estavam presentes, ainda que na sua forma digital, nesta nova tela.

Junto com os computadores vieram também os *players* digitais, as câmeras e os telefones celulares e, mais recentemente, o *tablets* e os *smartphones*. Toda esta proliferação de artefatos tecnológicos que passaram a fazer parte do cotidiano de nossos jovens motivou e ainda motiva grande preocupação por parte dos professores, na medida em que seu uso, de maneira geral, ainda é visto como sendo concorrente com as habilidades necessárias ao bom rendimento escolar e da dinâmica da instituição escolar.

Estas concepções, baseadas muitas vezes em uma série de opiniões que não são sustentadas por observações mais sistemáticas, impedem o reconhecimento dos modos pelos quais se efetivam as apropriações destes artefatos tecnológicos pelos jovens. Não se percebe de que modo, neste processo, se efetiva a incorporação de objetos, usos e práticas (CERTEAU, 2004) naqueles aspectos relacionados às demandas da instituição escolar.

De que modo estas trocas ocorrem? O que tem de positivo? Quais os possíveis aspectos negativos? Os alunos comentam com seus professores essas práticas? Como os alunos avaliam tais práticas e sua relação com aquilo que a escola a eles demanda? Quais as variáveis que modificam a apropriação destas tecnologias? Estas são algumas questões mais gerais que precisam ser conhecidas, divulgadas e debatidas.

Um dos principais representantes dos Estudos Culturais Latino-Americanos, Martín-Barbero, afirma que vivemos hoje um “descentramento” do saber que leva o livro e a escola a conviverem com novas formas de expressão e aprendizagem (MARTÍN-BARBERO, 2014).

Nessa mesma perspectiva, Canclini destaca outra dimensão da mesma questão ao refletir sobre o consumo da cultura de massa e sua relação com a escola. O consumo dos artefatos da cultura de massa permitem o reconhecimento e aceitação para aqueles que, imersos nessa cultura e que

compartilham os mesmos significados. Desse modo, consumir pode não ser necessariamente reproduzir, visto que essa prática pode estar associada às condições culturais de um grupo social que cria processos de construção de identidade na produção de sentidos que estabelece com os objetos consumidos.

Ao mesmo tempo, para o autor, neste processo:

(...) a escola vê reduzir-se sua influência: primeiro a mídia de massas e, recentemente, a comunicação digital e eletrônica multiplicando espaços e circuitos de acesso aos saberes e à formação cultural. (...) Os jovens adquirem nas telas extracurriculares uma formação mais ampla em que conhecimento e entretenimento se combinam. Também se aprende a ler e a ser espectador sendo telespectador e internauta. (CANCLINI, 2008, p.24).

Para Canclini existe a necessidade de nos interrogarmos sobre de que modo os jovens se relacionam com estes artefatos culturais para entender quais são as mutações que estão em curso. Um olhar que veja no consumo destes artefatos a sua dimensão de produção de sentidos e não de simples domesticação ou de reprodução. Esta posição, que tem sido valorizada ao longo da realização deste projeto de pesquisa, implica também em reconhecer o papel ativo e o protagonismo dos jovens, não reduzindo a juventude a uma simples etapa no processo que conduz à idade adulta, mas como um momento da vida que possui características próprias.

À essas reflexões, devemos acrescentar o reconhecimento de que o livro deve ser pensado como uma tecnologia. Neste sentido, encontramos importantes reflexões que nos são proporcionadas por Roger Chartier em vários de seus trabalhos (CHARTIER, 1994, 2001, 2002, 2003, 2004, 2007). Nelas, o autor, produz um conjunto de análises que desnaturalizam as concepções sobre o livro, a escrita e a leitura, fundamentos da escola moderna, chamando atenção para a importância de se analisar o artefato livro e as práticas de leitura e escrita a partir de uma perspectiva histórica e do ponto de vista das práticas concretas. O recurso à história permite uma visão complexa e adequada do passado e, como consequência, uma aproximação mais inventiva e imaginativa com o futuro (CHARTIER, 2001, p.20).

De acordo com o autor, aquilo que chamamos de livro, ou leitura, por exemplo, prática naturalizada pela escola, não significam a mesma coisa em épocas diferentes. Em relação ao papel do livro, é preciso considerar o contexto de sua consolidação como suporte material privilegiado da escrita, sendo fundamental entender as transformações provocadas pela substituição do *volumen* pelo *códex* e, posteriormente, a importância da produção tipográfica que substituiu a dos escribas. Esta última, possibilitando uma multiplicação do escrito, constituiu-se em elemento primordial à compreensão de algumas características da modernidade (CHARTIER, 2003, p.29-36). Vivemos agora uma profunda transformação, com a combinação do *códex* com os diferentes tipos de telas, mesmo no interior do espaço escolar (CHARTIER, 1998, 2002, 2003).

As reflexões de Chartier, ao pensar o livro e as práticas que a ele estão relacionadas a partir da perspectiva histórica, nos permitem relativizar a importância e o significado destas práticas. Neste

mesmo processo elas nos permitem olhar para os novos suportes e as práticas que os acompanham de modo a constituir um olhar menos fatalista e mais instigador.

3. A pesquisa

A partir desse conjunto de reflexões estamos desenvolvendo uma pesquisa que situa no campo de debates sobre as relações entre a juventude, as tecnologias da comunicação e da informação e a educação escolar. Avaliamos, a partir da perspectiva de teórica proposta por Certeau (2004), a dimensão dos usos. Privilegiar as “maneiras de fazer” que constituem “as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 2008, p.41).

Para desenvolvê-la escolhemos três escolas. A primeira é o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia - IFRJ, campus Rio de Janeiro, situado no bairro da Tijuca, zona metropolitana do município do Rio de Janeiro. Nela são oferecidos através de seleção pública, vagas para cursos técnicos, graduação, pós-graduação e pós-médio e educação de jovens e adultos. A segunda escola é o Colégio Estadual Presidente Dutra, localizado nas proximidades da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), no município de Seropédica, que oferece o ensino médio regular e o curso de formação de professores. Também no entorno da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no mesmo município de Seropédica, a última instituição é Colégio de Aplicação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CTUR). O CTUR oferece cursos técnicos e também o ensino regular. Assim, temos duas escolas a rede federal de ensino e uma escola da rede estadual do Rio de Janeiro.

Em todas as três escolas nosso universo foi constituído por jovens que estavam cursando o ensino médio técnico ou o ensino médio regular.

A escolha de três escolas de diferentes redes se faz em função de analisarmos as possíveis diferenças entre os usos dos alunos. Sarlo (2013), ao criticar a ideia de que o uso da tecnologia produz uma espécie de universalidade de usos, comenta que, no que diz respeito aos *videogames*, falamos de um público predominantemente masculino, relativizando o “otimismo tecnológico” (SARLO, 2013, p.146) que postula um processo homogêneo e mecânico na relação dos jovens com as tecnologias.

As reflexões da autora são importantes para que, partindo dos usos, relativizemos uma concepção meramente técnica da relação dos jovens com as tecnologias da informação e da comunicação. Não basta pensar no acesso aos meios técnicos é preciso apreender também de que modo esses meios são apropriados de modo diferente, por diferentes jovens, quais são as potencialidades e os pontos fracos desta relação.

A partir desta crítica à universalização, podemos refletir também sobre as condições e características do ser jovem. Neste sentido não cabe compreender a juventude como categoria absoluta, pois “(...) as juventudes são tomadas como uma categoria social transversalizada pelas categorias de gênero, de classe social, de etnia e de geração, dentre outras variáveis (DAYRELL,

MOREIRA E STENGEL, 2010, p.12). Tal postura teórico metodológica nos permite perceber as diferentes formas do ser jovem na contemporaneidade.

No interior das escolas nossa preferência foi por alunos que estejam em seu segundo ano de ensino. Isto possibilita aferir junto aos alunos se sua entrada na escola produziu alguma alteração nos modos de relacionamento com as tecnologias de comunicação e informação em relação às etapas anteriores de sua escolarização.

Para aferir estas questões estamos utilizando metodologias de cunho quantitativo e qualitativo. As questões a serem aferidas pelos métodos quantitativos referem-se aos indicadores de consumo dos jovens e seu uso das tecnologias. Dados técnicos relativos aos equipamentos utilizados, o tipo de acesso à internet, mapeamento do tempo e dos locais de uso, bem como das finalidades. Um levantamento dos programas mais utilizados, das redes sociais de que fazem parte e do tempo que gastam em cada uma delas também será realizado. Também tentamos mapear a relação dos alunos com a leitura entendida nos termos da história cultural como prática ampla, realizada em diferentes suportes.

A partir da tabulação dos dados desta etapa inicial da pesquisa estabelecemos contatos com aqueles que desejassem fazer parte da etapa seguinte, uma etapa mais qualitativa através da realização de entrevistas com os alunos e da observação mais sistemática do cotidiano escolar.

Até o presente momento foram aplicados os instrumentos de coleta de dados nas três escolas. Em cada escola foram aplicados 60 questionários, totalizando um universo de aproximadamente 180 alunos na etapa quantitativa da pesquisa. Aplicamos 30 questionários aos alunos que estavam cursando a primeira série. No caso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, que funciona em períodos semestrais, os questionários foram aplicados aos alunos do primeiro e segundo períodos. Aplicamos também mais 30 questionários aos alunos da terceira série. No caso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro estes foram aplicados aos alunos dos 5º e 6º períodos que corresponderiam a terceira série.

Mesmo durante a etapa de cunho mais quantitativo foi possível fazer algumas observações interessantes.

Primeiro, é perceptível a receptividade dos jovens para participar desta etapa da pesquisa. De modo geral, a quase totalidade dos participantes demonstrou muita vontade de falar um pouco sobre si, sobre as suas práticas. Em alguns momentos ficou claro o sentimento de importância que o momento da pesquisa, ao dispor a ouvi-los, lhes proporcionou. Em alguns momentos mesmo, foram produzidas falas que deixavam claro até uma certa surpresa com a possibilidade de apresentar as suas opiniões.

Isto poderia indicar a pouca importância que as instituições em geral, e a escolares em particular, atribuem ao que os alunos pensam. Definidos como protagonistas em vários documentos oficiais, os jovens ainda parecem ser muito pouco ouvidos nas instituições escolares e muito menos participam da efetiva condução daquilo que ocorre entre os muros das escolas.

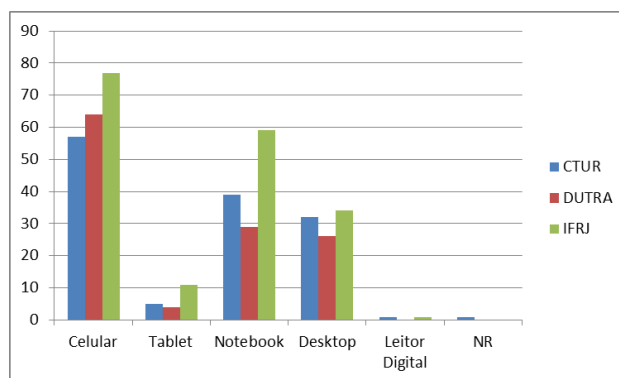
A aplicação do questionário, feita em alguns momentos a um conjunto de alunos e alunas ao simultaneamente e em um mesmo espaço, deixou clara a importância da sociabilidade juvenil. Ao responder, na totalidade dos casos em que isto foi feito de forma não individual, as questões motivavam um debate mais ou menos acalorado, uma conversação sobre os temas relacionados às questões, fazendo que as respostas nunca fossem dadas dentro da perspectiva do leitor mais contemplativo, mas sim, construídas no contexto de uma leitura mais ruidosa, coletiva, solidária, própria a este tipo de sociabilidade jovem.

Ainda foi possível perceber uma diferença entre os alunos da rede federal e da rede estadual em relação a autonomia para lidar com o entendimento das questões. Na escola estadual na qual o questionário foi aplicado os alunos da primeira série apresentaram um elevado grau de demanda em relação ao significado das questões, o que não ocorreu, pelo menos não do mesmo modo e com a mesma intensidade, entre os alunos dos primeiros, do segundo período e do primeiro ano da rede federal.

Embora neste caso específico a demanda em si não seja um dado objetivo que nos permita relacioná-la diretamente ao não entendimento das questões – assim como a sua ausência não indicaria que as questões foram de fato entendidas – sua maior presença entre os alunos da rede pública estadual parece indicar uma postura muito menos autônoma por parte destes alunos que se percebem como tendo dificuldades.

Em relação aos dados tabulados, apresentaremos a seguir um recorte do conjunto de questões presentes nos questionários.

Gráfico 1 – Aparelho que usa para estudar em casa



Fonte: Dados da pesquisa

Observamos que nas três escolas o celular é o artefato digital mais utilizado para a realização das atividades escolares. Os notebooks e os desktops ocupam respectivamente a segunda e a terceira posições. A complexidade dos modernos aparelhos celulares – *smartphones* – juntamente com a sua mobilidade permitem explicar esta maior presença entre os jovens. Ao mesmo tempo, resta saber se há diferentes usos para diferentes artefatos culturais digitais³.

De todo o modo, o celular na figura dos modernos *smartphones*, possibilita que tenhamos junto de nós, de nosso corpo, uma grande capacidade de processamento e uso de serviços computacionais (computação móvel). Ao mesmo tempo, o ambiente à nossa volta possui cada vez mais outros artefatos culturais que estão nele distribuídos sem que nós, os usuários, tenhamos consciência disso. Estes artefatos também processam informações (computação pervasiva). Juntando estas duas características, a computação móvel e computação pervasiva, teríamos a computação ubíqua. Nossos aparelhos, celular, por exemplo, passam a interagir com o ambiente e o ambiente pode interagir com o nosso celular (SANTAELA, 2014, p. 17).

A ubiquidade produz novas modificações sobre o processo de acesso a informação, potencializando o descentramento do saber. É possível a qualquer hora e a qualquer lugar buscarmos todo e qualquer tipo de informação. Não é um processo programado, sistemático, mas ocorre de modo não ordenado e muitas vezes em meio a outros estímulos sensoriais.

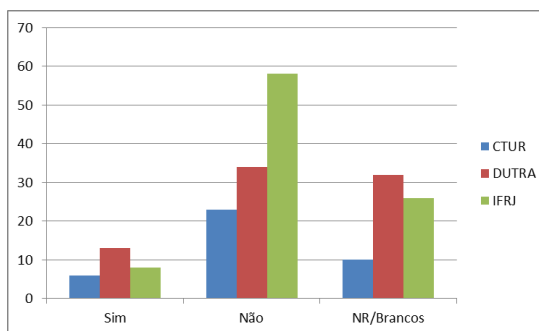
Isso ocorre quando nossos jovens alunos “*dão um Google*”, quando tem de ler as mensagens de texto no celular no meio da rua, enquanto caminham. Com a ubiquidade desenvolve-se outra forma de “atenção”, uma atenção mais fugidia e pontual. Cabe discutir de que modo conectar estas práticas com aquelas exigidas pela construção do saber, até hoje associadas e uma temporalidade mais lenta e a uma maior concentração.

Ao longo da realização da pesquisa outro dado que chamou a nossa atenção foi o total de alunos que não possuíam página de conteúdo autoral (Gráfico 2). Juntamente com a pergunta sobre a frequência das postagens de imagens (Gráfico 3) e de textos nas redes e de criação de memes nas redes sociais (que não estão aqui representadas) indicaram algo bem diferente da ideia do jovem que fica o tempo todo ligado às redes sociais produzindo postagens e conteúdos.

Embora as redes possibilitem a produção de conteúdo autoral há que se verificar com maior precisão as razões pelas quais em nosso universo de pesquisa um número significativo de jovens não tem um perfil de produtores ou em que medida esta participação pode se dar através de outros canais não mapeados pelo instrumento de coleta de dados.

Na verdade este é um tema de extrema relevância, pois sabemos que as redes telemáticas tem um enorme potencial para um tipo de comunicação diferente da tradicional comunicação de massa. De modo simplificado, esta última tem como uma de suas características principais um tipo de comunicação centrada em um polo emissor, que difunde conteúdos para uma grande contingente de indivíduos, ou um público. As redes telemáticas possibilitam um tipo de ampliação das instâncias produtoras, entretanto, isto não é um dado a ser naturalizado.

Gráfico 2 – Possui uma página de conteúdo autoral, canal, etc.



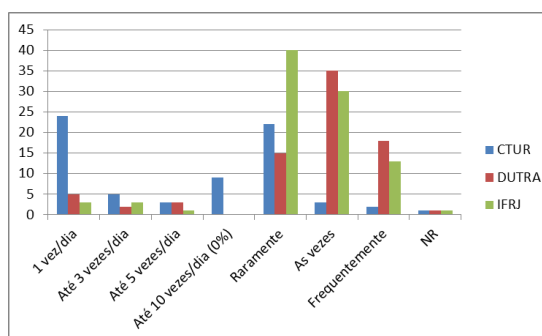
Fonte: Dados da pesquisa

Mas percebemos que este potencial não parece ser utilizado pelos jovens de nossa pesquisa. Ao que parece, eles publicam em suas redes sociais majoritariamente conteúdos que foram produzidos por outros. Resta avaliar ao longo das entrevistas quais são os critérios usados para escolher aquilo que será reproduzido.

Por outro lado, ao observar as frequências das postagens, também notamos que a presença nas redes não parece ser tão intensa quanto se supõe. Mesmo considerando as postagens de imagens, que seriam as que exigiriam pouca avaliação antes de sua reprodução, encontramos um uso bem parcimonioso das postagens por parte dos jovens de nossas três escolas.

Mais uma vez estes dados não são aqui trazidos para questionar a relação intensa dos jovens com as tecnologias. Entretanto, ainda que esta relação ocorra com muita intensidade, nos parece que ela não justifica a imagem que o senso comum associa quando relaciona os termos juventude e tecnologia.

Gráfico 3 – Frequência das postagens de imagens.

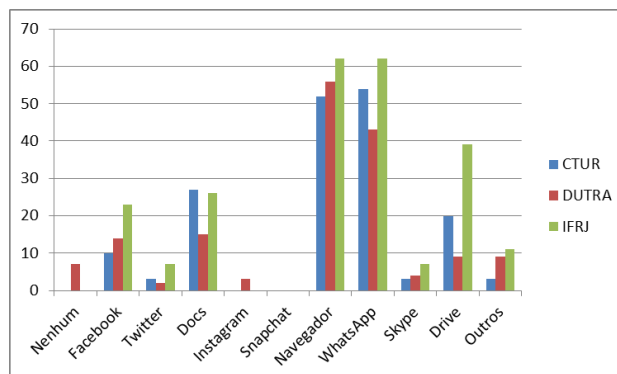


Fonte: Dados da pesquisa

Daí mais uma vez reforçamos a necessidade de estudos cujo foco sejam os usos efetivos feitos pelos jovens a partir da observação das práticas por eles levadas à efeito. Assim, será possível superar esta visão de senso comum que tem um cunho moralizante e se agrega à relação da escola com o jovem, feitas a partir desta concepção.

Por fim, quando perguntados sobre os aplicativos mais presentes nos seus celulares e que são usados para a realização das atividades escolares os jovens das três escolas elegeram o navegador e Whatsapp como os mais utilizados.

Gráfico 4 – Aplicativos utilizados para realização das atividades escolares



Fonte: Dados da pesquisa

O navegador se inclui na perspectiva que antes apontamos relativa ao acesso imediato a informação. Qualquer dúvida pode ser rapidamente respondida através do acesso ao sistema de buscas. Mesmo quando outros aplicativos são usados, a primeira tentativa é de uso do navegador para buscar a informação. Quando perguntamos aos jovens de que modo eles usavam estes aplicativos, muitos citam a realização de pesquisa como motivação⁴.

Por outro lado, o Whatsapp tornou-se uma plataforma de comunicação ágil para a comunicação entre as pessoas. Na dinâmica das atividades escolares ele é usado tanto para manter-se informado sobre o que acontece ou deve acontecer na escola como também para organizar grupo de trabalhos e até mesmo estudar resolvendo exercícios. Percebemos, assim, que as demandas da escola continuam sendo respondidas mesmo fora do espaço escolar, na medida que é possível esta comunicação contínuo entre os jovens.

4. Considerações finais

Ainda que aqui tenhamos apresentado um determinado recorte dos dados da pesquisa eles nos permitem já refletir sobre um conjunto de suposições muito presentes nas discussões que associam a juventude e as tecnologias. Estes dados foram recolhidos sem a pretensão de que eles pudessem ter uma dimensão de representatividade estatística da população estudada.

Nossa maior foi com a obtenção de informações que nos permitissem conhecer melhor o perfil desses alunos em termos de determinados aspectos e, a partir deles, poder elencar elementos para nortear a realização das entrevistas. Nelas poderemos explorar com maior acuidade a dimensão dos usos e dos significados.

Mas, como ficou claro ao longo do texto, o que mais nos chamou a atenção foi perceber a necessidade de que existam mais pesquisas que abordam os jovens nos seus fazeres. Há toda uma

suposição sobre os modos pelos quais os jovens usam os artefatos digitais. Tais suposições só servem a um discurso moralizador e pouco elucidativo, que obscurece nossa compreensão daquilo que os jovens são e do que efetivamente fazem com estas tecnologias.

Não importa aqui discutir se tais exemplos encontrados ao longo de nossa pesquisa são ou não representativos. No interessa perceber que existem jovens que sabem se relacionar com as tecnologias de maneira mais propositiva. E se alguns conseguem é sinal de que outros também podem fazer o mesmo. Esta é a certeza que nos anima a seguir pesquisando e acreditando. A certeza de que outros modos de uso são possíveis e de que a realidade não é tão dura como às vezes pensamos.

5. Referências bibliográficas

CANCLINI, N.G. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1 – as artes de fazer**. 10. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **Formas e sentido: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

_____. (2004). **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP.

_____. **Inscrever e apagar. Cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)** São Paulo: UNESP, 2007.

DAYRELL, J., Moreira, M.I.C. & Stengel, M (Orgs.). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

GUIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

MACHADO, A. **O quarto incoclastmo**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2001.

MARTIN-BABERO, J. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2004.

_____. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTAELLA, L. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulos, 2004.

_____. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Papyrus, 2013.

SARLO, B. **Cenas da vida pós-moderna**. 5ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

¹O que pode ter aspectos positivos. Mas esta é uma discussão que não caberia nos limites do presente texto.

²Na verdade, uma determinada visão sobre a televisão que a interpretava apenas como um meio de comunicação que operava por imagens, desconsiderando, por exemplo, o papel da oralidade nas produções televisivas.

³Uma questão sempre presente é a de superar uma visão que chamaríamos de materialista sobre as tecnologias. Superar a materialidade e pensar que ela própria é um componente cultural. Neste sentido não falamos dos aparelhos em sua fisicalidade apenas, embora seu aspecto físico também importe. O formato material do celular proporciona a base para determinados usos que não seriam possíveis de serem instituídos com um desktop por exemplo. Mas o que nos importa aqui é chamar a atenção para os aspectos imateriais que se cruzam nesta materialidade, sejam os usos a que se prestam, sejam os conteúdos que neles circulam.

⁴Cabe a observação de que nem sempre os jovens avaliam de modo positivo este acesso imediato, discursando sobre alguns problemas que dele decorrentes.

Breve biografia

Doutor em Educação ProPEd/UERJ, professor do IFRJ.

E-mail: sergio.rocha@ifrj.edu.br



A construção narrativa no mundo do entretenimento: a revista “Intervalo” enquanto porta-voz dos produtos midiáticos dos anos 1960

TALITA SOUZA MAGNOLO

Resumo

Este trabalho tem como principal objetivo analisar, através da metodologia de Análise Crítica da Narrativa, proposta por Luiz Gonzaga Motta, como a revista “Intervalo” da editora Abril se comportou como porta-voz e disseminadora da programação televisiva da década de 1960. Além disso, busca-se entender como o semanário contribuiu para a construção de um novo público leitor, já que foi a primeira revista a falar exclusivamente sobre televisão no Brasil e construiu a relação com seus leitores através de suas seções fixas. Esta pesquisa será embasada em autores como Marialva Barbosa (2010), Alexandre Bergamo (2010), Luiz Gonzaga Motta (2013) e Marcos Napolitano (2001). É importante ressaltar que a recuperação da história da revista, bem como o entendimento de seu posicionamento editorial e principais características de produção foi possível através da realização de entrevistas – embasadas na metodologia da História Oral de Paul Thompson (1992) - com ex-funcionários da “Intervalo”.

Palavras-chave: Revista “Intervalo”; televisão; narrativas; entretenimento; produtos midiáticos.

1. Introdução

Este artigo propõe a recuperação da história da revista “Intervalo”, a primeira publicação brasileira a tratar exclusivamente de televisão e trazer a programação televisiva completa de todas as emissoras do país. Busca-se entender como foi a criação e o desenvolvimento dos programas televisivos e como, através de suas páginas, o semanário da editora Abril conseguiu não só contribuir para a criação de um novo público leitor, mas também elaborar construções narrativas sobre programas, artistas, cantores e apresentadores da TV. É objetivo deste trabalho identificar, através da metodologia de Análise Crítica da Narrativa, proposta pelo professor Luiz Gonzaga Motta, as

estratégias textuais, estéticas e imagéticas adotadas pela revista para falar sobre os produtos midiáticos que estavam em alta, mas também construir uma relação com seus leitores através das seções fixas do impresso.

Sob uma perspectiva cultural, buscaremos entender como a lógica de produção de conteúdo do semanário da editora Abril precisou ser repensada com o desenvolvimento da TV, durante a década de 1960, e como isso refletiu na cobertura jornalística desta nova indústria do entretenimento que estava se formando. Os anos 1960 representam uma época de grande efervescência cultural, social e política para o Brasil. Embora muito estudada, são raras as pesquisas que tentam compreender a lógica de produção de informação e as modificações que aconteceram em outros meios com o advento da TV no país. Além disso, as pesquisas sobre a revista “Intervalo” são consideradas inéditas no meio acadêmico, existindo atualmente pouquíssimas referências e estudos sobre o semanário¹.

Esperamos, com este trabalho, comprovar que a revista “Intervalo” divulgou massivamente as novidades da TV, bem como astros, celebridades e a programação televisiva de forma estratégica – feita através de reportagens, fotografias ou criação de seções fixas – comportando-se, assim, como porta-voz dos novos produtos midiáticos da TV. Para este artigo, levaremos em conta a relação que a revista construiu com a televisão, desde a propagação de um discurso similar ao que era transmitido pelas emissoras, até a inovação na forma de realizar uma cobertura jornalística dos produtos midiáticos.

2. A revista “Intervalo” e a programação televisiva

A revista “Intervalo” é considerada uma das mais importantes publicações especializadas que surgiram entre as décadas de 1960 e 1970, pois valorizou na íntegra assuntos e temas sobre televisão em todo Brasil. Muito atento ao mercado dos meios de comunicação nacional e internacional, a inspiração de Victor Civita para o lançamento da “Intervalo” veio dos Estados Unidos, de uma das revistas mais famosas da época: a “TV Guide”, uma publicação de formato pequeno², que continha todas as programações televisivas, cobrindo o continente norte-americano de costa a costa e todas as emissoras de TV. Essa forma de comunicar a programação e deixar o telespectador informado para que ele pudesse acompanhar os programas, filmes e seriados prediletos atraiu os olhos de Victor Civita, que quis replicar essa ideia no Brasil, através da “Intervalo”. Mais do que trazer a programação, “Intervalo” surgiu com o intuito de tratar de uma forma jornalística os assuntos que estavam em alta na televisão:

Então a ideia era assim: a televisão estava ficando forte, estava começando a acontecer novela e tal, vamos fazer uma revista. Ela cobria televisão, [...], tinha muito os artistas, entrevista com os artistas, não tinha fofoca tipo “fulano está com fulano”, não tinha nada disso. Era uma tentativa, digamos assim, de fazer um jornalismo em cima de televisão. E, aí, começa-se a descobrir uma coisa interessante, que é assim: quando uma novela está fazendo sucesso, quem vai para a capa não é o artista, é o personagem né, você quer a identificação da leitora direta com o personagem que ela vai ver de noite, [...] (CORRÊA, 2017).

O semanário chegava às bancas toda quinta-feira. Inicialmente sua proposta era cobrir a programação televisiva de todo Brasil³ – Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba e Salvador – e trazer reportagens também relacionadas com os programas, shows, telenovelas, entre outros, além de notícias e muitas fotografias. Lançada oficialmente no dia 10 de janeiro de 1962, em formato pequeno⁴, a revista “Intervalo” trouxe, uma semana antes, a publicação número zero, feita pela equipe da editora Abril com o intuito de divulgar a revista para possíveis marcas – isso iria garantir a publicidade e, conseqüentemente, a sobrevivência da revista – e para as emissoras de rádio e TV da época. Em uma espécie de carta de saudação aos leitores, Victor Civita, apresenta seu mais novo empreendimento:

Eis Intervalo: A partir de quinta-feira, 10 de janeiro, você encontrará nesta nova revista da Editôra Abril tudo que sempre quis saber sobre televisão. Semanalmente, a começar do próximo número, INTERVALO⁵ conterá também uma seção completa de 32 páginas com informações detalhadíssimas sobre todos os programas que você não deve deixar de assistir. Serão informações colhidas “em cima da hora”, para que você possa ver televisão por prazer e não por hábito. Nós os editores da CLAUDIA, QUATRO RODAS, MANEQUIM, CAPRICHOS e outras grandes revistas brasileiras, já gostamos muito de INTERVALO. Temos certeza de que você também gostará (INTERVALO, 1962, Nº 0, p.2).

A revista destinava-se para amantes de televisão. De acordo com Jaime Figuerola (2017), um dos primeiros funcionários do Departamento de Arte da “Intervalo” que trabalhou na revista entre 1963 e 1966, a revista era para as pessoas que tinham o aparelho de TV em casa, e que usavam a revista para se manterem informadas sobre a programação. Para aqueles que não tinham TV, era a opção para ver o que aconteceu durante a semana e uma forma fácil e barata⁶ de ter o contato visual com seus artistas e cantores prediletos⁷. Já para Laís de Castro (2017) – repórter de “Intervalo” entre 1967 e 1968 – o público-alvo eram as tietes, as fãs que iam desde jovens adolescentes até senhoras, já que a revista tratava de conteúdos ecléticos, para todas as idades – desde a música considerada brega, até os movimentos mais vanguardistas e demais programas da televisão. Ágata Messina (2017) – redatora e editora de texto entre 1969 e 1972 – acredita que a revista tratava os assuntos de TV de forma mais popularesca e, portanto, se direcionava a uma classe mais baixa:

Na verdade, era uma revista que se dirigia a classe C, né? Quem comprava para ver a programação, às vezes nem olhava o resto, era mais ou menos isso. Classe B, também. Era uma classe que queria saber da vida dos artistas, entendeu, coisa que realmente pra quem lê o “Estadão”, pra quem lia o “Jornal do Brasil” não interessava, mas para a dona de casa interessava, a estudante, a menina de 13, 14, 15 anos interessava, enfim (MESSINA, 2017).

Apesar de possuir diversas seções temáticas, conteúdos diversos e fotografias, o foco era divulgar seu maior diferencial: a programação televisiva. Bergamo (2010) afirma que os anos 1960 representaram para a TV brasileira um momento-chave, já que foi nesse período que várias práticas televisivas foram criadas e consolidadas, assim como outras foram abandonadas ou profundamente transformadas, em outras palavras, a programação televisiva era novidade. É neste momento, inclusive, que o aparelho de televisão deixa de ser “artigo de luxo” para se popularizar – embora no

final dos anos 1960 a quantidade⁸ ainda fosse reduzida e se concentrasse no Rio de Janeiro e São Paulo, era um número crescente a ponto de atrair a atenção dos profissionais de publicidade. As mudanças que aconteceram nesta época deixam claro que a televisão passou a ter um público diferente daquele do rádio, teatro ou do cinema.

A “grade de programação das emissoras é aquilo que, de certa maneira, materializa a noção que esses profissionais têm de seu público. O “como fazer televisão”, com isso, é indissociável da elaboração de uma certa rotina pensada a partir desse público. É na década de 1960 que a televisão começa a definir uma “forma” – expressa, entre outras coisas, por meio dessa “grade” – para si mesma em função disso. Na década seguinte uma modificação significativa acontecerá com a televisão e com a noção que ela tem de seu público. Contudo, a noção de público elaborada nos anos 1960 servirá de base – e, com isso, de “molde” – para a sua redefinição posterior (BERGAMO, 2010, p.60).

Tanto os programas de televisão quanto as publicidades que circularam naquela época constituíram a ideia de que o aparelho de TV era “parte integrante da rotina de uma família”, ou seja, trazia a imagem de que a televisão vinha para substituir o rádio. Bergamo (2010) ainda destaca que, em função disso, a programação passou a ser pensada, nos anos 1960, a partir da gradativa adaptação à rotina familiar e, especialmente, a partir de uma divisão de horários que buscava um melhor enquadramento entre o trabalho e o lazer.

A consolidação de uma grade de programação com base na divisão entre o trabalho e o lazer dos membros da família e os desenvolvimentos feitos nos instrumentos de aferição da audiência da televisão, a partir dos anos 1970, são, talvez, os melhores exemplos de desdobramento e das implicações dessa ideia. No caso dos instrumentos de aferição da audiência, eles seguiram essa direção específica: sondagem dos horários e da rotina familiar perante a televisão, levando em conta que as famílias de classes sociais diferentes têm também rotinas diferentes. Dessas pesquisas resultou a montagem de uma “grade de programação” que pudesse ser a “representação” dessa rotina (BERGAMO, 2010, p.64).

Junto com a ebulição da programação televisiva, a “Intervalo” foi se construindo e se adaptando à nova realidade dos meios de comunicação de massa. É fato que, como qualquer outro veículo de comunicação, a revista noticiava o que acontecia, trazia artistas que estavam fazendo sucesso com as primeiras telenovelas, cantores que surgiram naquele período graças aos mais variados programas musicais, bem como os festivais de MPB que, durante os anos 1960, ganharam força e um público cativo, tanto a plateia que acompanhava nos auditórios, como os telespectadores que se reuniam em casa para assistir pela TV.

Pode-se afirmar que o desenvolvimento da TV provocou diversas mudanças e aperfeiçoamentos técnicos, originando uma nova forma de comunicar e falar sobre o que acontecia nos meios de comunicação. O impacto para as revistas que falavam de televisão na época foi muito grande, porque, ao passo em que a TV era novidade no Brasil, trabalhar, escrever sobre TV e realizar coberturas de programas também foi uma significativa novidade. Adalberto Cornavaca – Departamento de Arte entre 1963 e 1967 – participou da primeira edição da “Intervalo” e afirma que conseguiu sentir de perto todos os impactos e mudanças que foram necessários para a produção de uma revista que falava exclusivamente sobre televisão.

Dessa mudança, nasceu uma nova forma de pensar o jornalismo de televisão, entretanto, os concorrentes também perceberam o quanto era importante trazer para suas páginas informações sobre a programação diária, fotos e reportagens. A regra que valia era publicar o que o público mais gostava de ver nas telas da TV. A fotografia foi importante porque, dessa forma, as fãs conseguiam guardar a imagem de seu ídolo – coisa que antes não acontecia no rádio, por exemplo, onde as fãs só tinham contato com seus ídolos através da voz. Corrêa (2017) afirma ser importante ressaltar que, ao longo das décadas de 1960 e 1970, a televisão se modificou: os programas musicais, que eram os favoritos no início dos anos 1960, deram lugar às telenovelas e aos programas humorísticos e, a partir da década de 1970, noticiários ganharam mais espaço. Toda essa mudança esteve refletida nas páginas da “Intervalo” que passou, durante sua existência, por três fases, buscando se adaptar às mudanças de postura do mercado consumidor e do que era transmitido pela televisão.

3. As seções fixas

A revista contava com algumas seções fixas⁹, entre elas, “Intervalo para conversa”, que era uma página com trechos de cartas enviadas pelos leitores. As cartas geralmente traziam elogios à revista e também perguntas sobre algum ator/ atriz, cantor/cantora. A revista tinha como política responder aos seus leitores conforme exemplo abaixo:

Nunca deixamos de ler INTERVALO; por isso, fazemos um apêlo: que seja publicada num dos próximos números uma capa com o ídolo do iê-iê-iê francês Johnny Hallyday. MARIA HELENA PAZ BARBOSA, NEIDE CAMPOS SALES, MARIZA BATISTA, MARIA MENDONÇA – RIO DE JANEIRO, GB. **Muito obrigado por tanta atenção e carinho com a nossa revista. Quanto à capa, anotamos o pedido de vocês. Enquanto isso, contentem-se com esta fotozinha do Jhonny** (INTERVALO, 1967, p.24).

Outras vezes traziam comentários sobre algum acontecimento recente. No exemplo abaixo o leitor comenta sobre o “III Festival de MPB” que havia acontecido semanas antes, e sobre o posicionamento de alguns movimentos musicais durante a competição musical da TV Record:

Vejam vocês, como essa turma da **música engajada** é enrolada. Para eles, só a música que fazem é válida, nada mais. O iê-iê-iê, então é um **lixo**. Por isso, gostei um bocado da vaia que levaram alguns dêsses **engajados de araque**, nos festivais da Record e do Rio de Janeiro. O público, mais uma vez, e felizmente, mostrou que não tem preferência por gêneros, mas sim pela boa música. E, cá entre nós, houve uma coisa boa, mas muito droga também, que passou por **obra de arte, novos rumos**, sei lá mais o quê. Portanto, deixo para os **engajados** uma sonora vaia e para a música boa, venha de onde vier, o meu caloroso aplauso. SÉRGIO MACHADO COSTA – SÃO PAULO, SP (INTERVALO, 1967, p.24).

Além da seção de carta dos leitores, a revista trazia ainda “O que elês disseram”, que funcionava de acordo com a lógica da carta do leitor, só que eram falas dos artistas com relação a um determinado programa, acontecimento, astro da TV: “NARA LEÃO: Ainda bem que convidei Caetano Veloso para ser galã do filme que estou fazendo com meu marido, antes da onda do Festival. Senão, iam dizer que eu estava me aproveitando do cartaz dêle.”. Outra seção que trazia muitas informações era “Jornal da

TV”, que informava sobre todos os programas, de todas as emissoras do Brasil, também em forma de pequenas notas e com alguns destaques de acordo com o que foi mais visto ou comentado ao longo da semana, por exemplo: “As vaias no final do **Festival** da Record foram tantas que os concorrentes, pouco antes de entrar em cena, apupavam uns aos outros, **pra ir acostumando**, segundo explicam.”, ou traziam notas com caráter mais informativo, conforme trecho a seguir:

Muitas modificações na direção das nossas emissoras: Carlos Manga teria assinado com a TV Bandeirantes, que por sua vez perderia Antonio Seabra para o Canal 4. Gilberto Martins não ficaria no 13 sem Antonio e iria embora também. Antonio assumiria o pôsto de Abel Guimarães na TV Tupi. Finalmente, J. Silvestre assumiria na Bandeirantes um cargo da direção. Pelo menos estava assim alguns dias atrás (INTERVALO, 1967, p.45).

A revista não tinha proposta de se posicionar politicamente, porém, isso não significa que ela se mantinha completamente imparcial com relação ao mundo da TV. Em sua seção “Bola Branca, Bola Preta”, a revista fazia pequenas ressalvas tanto positivas (Bola Branca) como negativas (Bola Preta) com relação ao que acontecia na televisão:

BRANCA para a transmissão direta pelo Canal 5, do **II Festival Internacional da Canção** do Rio de Janeiro. PRETA para o diretor de TV das lutas-livres do Canal 9. Sempre que acontece algo interessante no ringue, êle está focalizando o público, e sempre que acontece algo interessante na platéia, está focalizando no ringue. BRANCA para a tentativa de Aberlado Figueiredo no seu programa **Jovem Beco**, de fazer algo nôvo no gênero juventude. Pena que esteja prêso a sofisticações superadas. PRETA para Hebe Camargo e seu programa, pela falta de idéias novas e pelo desinterêsse das entrevistas: mesmo contando com gente interessante, nunca são bem aproveitadas pela entrevistadora. PRETA para a gozação que o cantor Luiz Wanderley no programa do Sílvio Santos fêz com o episódio de Sérgio Ricardo no **Festival da Record**. Foi falta de gôsto e de ética profissional (INTERVALO, 1967, p.45).

A seção “Confidencial”, segundo Graça (2017), era uma das mais polêmicas da revista, que tinha como principal proposta revelar informações, fofocas e segredos que até então eram mantidos em sigilo. Mantendo a identidade com as outras seções, esta também trazia assuntos relacionados a artistas, cantores, diretores, emissoras de TV e acontecimentos da semana. Os textos eram apresentados em pequenas notas, com uma diferença, porém: as notas que a revista considerava mais importantes vinham em letra maiúscula, conseqüentemente, ganhando mais destaque na página, como o trecho abaixo:

O CANTOR E COMPOSITOR TOMMY STANDEN, AUTOR DE A **VARANDA**, PRETENDIA INCREVER-SE NO FESTIVAL PAULISTA COM ESTA MARCHA-RANCHO, PARA SER DEFENDIDA POR RONNIE VON. **DESISTIU NA ÚLTIMA HORA, PORQUE ESTA MÚSICA INCLUI GUITARRAS ELÉTRICAS NO ARRANJO**. ÊLE TEVE MÊDO DE SER DESCLASSIFICADO: NÃO SABIA QUE **ALEGRIA, ALEGRIA**, DE CAETANO VELOSO, USAVA A MESMA FÓRMULA. MAS FICOU FELIZ: O DISCO ESTÁ VENDENDO MUITO BEM. (INTERVALO, 1967, p.48).

A seção intitulada “Intervalo Musical” trazia letras de músicas. As músicas eram variadas e tinha letras nacionais e internacionais. Nesta edição, por exemplo, a revista trouxe as músicas “Samba de Maria”, de Vinicius de Moraes e Jair Rodrigues, “Windy”, do grupo The Association, “Yesterday Man”, de Teddy Lee, “Te amo”, de Wanderléa, “Avisé à Maria”, do grupo MPB-4, “Meu vestidinho”, de Marthinha, “É tão fácil dizer”, de Marcos Roberto, “Olha o que você me fez”, do conjunto The Golden Boys, “Ontem e Hoje”, de Giane e “O Pic-nic”, de Wanderley Cardoso. De acordo com Graça (2017), as seções que ditavam os assuntos da semana seguinte eram “Os 10 de maior audiência”, que trazia os 10 programas mais vistos, de acordo com a pesquisa realizada pelo IBOPE; e “Discos mais vendidos”, que trazia os compactos simples, compactos duplos e *long-playings* mais vendidos, também de acordo com a pesquisa do IBOPE.

4. Análise crítica da narrativa

A metodologia de Análise Crítica da Narrativa proposta por Motta (2013) é um conjunto de procedimentos que pretendem compreender de maneira crítica o desempenho do narrador e do destinatário na situação e contexto de comunicação, entendendo que o texto é o ponto de partida para a análise. Vale ressaltar que as narrativas só existem em contexto para cumprir algumas finalidades sociais e culturais e não podem ser analisadas de forma isolada, pois podem perder seu objeto determinante. As narrativas são, de acordo com o autor, dispositivos argumentativos produtores de significados e sua estrutura obedece aos interesses de quem narra, no caso de nossa análise, aos interesses da revista e seu respectivo posicionamento mercadológico e editorial.

A análise da narrativa delinea um processo rumo ao significado, configurando um tipo de relação, ou seja, não há significado sem algum tipo de troca. Não podemos ignorar, assim, as relações culturais que se estabelecem no ato narrativo, desde o começo. Por serem relações argumentativas, as narrativas “se estabelecem por causa da cultura, da convivência entre seres vivos com interesses, desejos, vontades, e sob os constrangimentos e as condições sociais de hierarquia e de poder” (MOTTA, 2013, p.121). O autor propõe uma técnica hermenêutica, isto é, uma técnica de interpretação dos discursos a respeito de uma realidade constituída de fenômenos concretos e abstratos. Essa interpretação irá permitir identificar a mensagem construída pelo narrador e sua intenção. Nossa intenção é entender como, através das seções fixas, a revista construiu uma relação narrativa com seu leitor e, além disso, apresentou seus personagens, estruturou seu conteúdo, chegando no clímax de sua história e desfechos.

A análise pragmática proposta por Motta (2013) dentro do processo de comunicação narrativa requer que o texto seja interpretado como ponto de referência de alguém que elaborou estrategicamente sua expressão narrativa para levar seu interlocutor a interpretar o relato conforme sua intenção. O autor afirma que, na análise pragmática, deve-se partir do pressuposto de que em qualquer forma de comunicação existe um “contrato implícito” entre o narrador e o leitor, pelo qual o narrador tenta garantir a adesão de seu interlocutor ao seu ato de fala.

Motta (2013) explica que o primeiro procedimento de análise é separar as “instâncias narrativas”, são elas: plano da expressão, que está relacionado ao discurso e linguagem; plano da estória, que diz respeito ao conteúdo e plano da metanarrativa. Dito isso, a primeira instância narrativa apresentada por Motta (2013) é o plano da expressão. Motta (2013) propõe que este plano seja voltado para a linguagem, que valoriza a superfície do texto, pelo qual o enunciado narrativo é elaborado por quem narra, podendo ser esta narrativa visual, verbal, gestual, sonora ou multimodal. Para o autor, este é o plano do discurso propriamente dito, ou da maneira como o narrador dá a conhecer ao seu receptor a realidade que quer evocar e que vai pautar a estória. Para nossa análise, este plano terá significativa importância pois a retórica e estratégias escritas são recursos estratégicos amplamente utilizados pela revista.

De acordo com Motta (2013), é no plano da expressão que a análise pode identificar os usos estratégicos da linguagem para produzir determinados efeitos de sentido, tipos de comoção, medo, riso, entre outros. A segunda instância narrativa apresentada por Motta (2013, p.137) é o plano da estória. Segundo o autor, este plano “eleva-se acima, e de forma relativamente autônoma, do plano da expressão”. É o plano virtual da estória projetada em nossa mente, pelos recursos de linguagem que foram utilizados por quem está narrando. É o plano virtual da significação, onde a realidade é evocada pelo texto narrativo, por meio de sequências de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens, que estruturam o enredo.

Neste plano, procuramos investigar a lógica narrativa e até onde as intencionalidades do narrador se manifestam, desde ações isoladas, seus encadeamentos em sequências, episódios e a composição do enredo. Ainda será importante considerar tanto a caracterização das personagens como sua funcionalidade dentro da estória. Ainda neste plano, identificaremos os conflitos principais e secundários, os principais enfrentamentos entre protagonistas e antagonistas, entre outros. Por fim, Motta (2013) apresenta a última instância narrativa, o plano da metanarrativa:

Plano da metanarrativa (fábula, tema de fundo, modelos de mundo): é o plano da estrutura profunda, relativamente mais abstrato e evasivo, que evoca imaginários culturais. Plano em que temas ou motivos de fundo ético ou moral integram ações da estória em uma estrutura compositiva cultural pré-textual, de caráter antropológico. [...] São situações éticas fundamentais, plasmadas por narrador no momento em que ele se põe a narrar (MOTTA, 2013, p.138).

Neste artigo, utilizamos as seções fixas presentes na cobertura do Festival de MPB de 1967, da TV Record. A revista “Intervalo” fez uma cobertura que perdurou por seis semanas. É importante ressaltar, que não só o semanário da Abril fez uma grande cobertura, mas também outras publicações, que conseguiram construir uma narrativa sobre o festival, trazendo matérias e fotos sobre as eliminatórias, as canções que estavam na competição, fofocas sobre os cantores e júri, e, tudo isso, para que no momento da cobertura da grande final do festival os leitores estivessem intimamente ligados ao que estava acontecendo e já tivessem, inclusive, seus preferidos. Vale ainda ressaltar, que não somente a revista narrou o festival, mas o festival, por si só, foi um empreendimento da TV

Record¹⁰. Deste modo, ainda podemos aferir que os meios de comunicação, em especial as revistas, se comportaram como disseminadoras de um projeto já existente por parte da produção e direção da emissora.

Tabela 1 – Apresentação, contextualização e análise das instâncias narrativas nas seções fixas da revista “Intervalo”

| Instâncias Narrativas | Principal característica | Nas seções fixas da revista “Intervalo” |
|--|--|---|
| <p style="text-align: center;">Plano da Expressão (ou discurso)</p> | <p>É o plano da linguagem e do texto, através do qual o enunciado narrativo é construído pelo narrador. É o modo como o narrador dá a conhecer ao leitor a realidade que quer evocar, que vai plasmar a estória. Cabe ainda observar a presença de metáforas, comparações, exclamações, interrogações, plano de enquadramento das fotos, retórica, recursos visuais, entre outros.</p> | <p>Ao contrário das reportagens da revista, as seções fixas não traziam recursos visuais, como por exemplo, a utilização de fotografias, porém todas as seções eram delimitadas, possuíam seu próprio logo e usavam uma linguagem informal, como se fosse uma conversa entre amigos.</p> |
| <p style="text-align: center;">Plano da Estória</p> | <p>É o plano virtual da estória projetada em nossa mente, pelos recursos de linguagem que foram utilizados pelo narrador. Dá significação a uma realidade que é evocada pelo texto narrativo através de sequências de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens, estruturando uma intriga (enredo ou trama).</p> | <p>As seções fixas da revista, apesar de tratarem de assuntos distintos, sempre trouxeram uma cronologia, fosse na seção de fofocas ou carta de leitores, todas as informações dialogavam com o restante das reportagens e também com os acontecimentos da semana.</p> <p>É válido ressaltar a aparição massiva de certos personagens e a ausência de outros que não tinham espaço nas seções fixas.</p> |
| <p style="text-align: center;">Plano da metanarrativa</p> | <p>É o plano da estrutura profunda, relativamente mais abstrato e evasivo, que evoca imaginários culturais e onde temas de fundo ético ou moral integram ações da estória em uma estrutura compositiva cultural. São situações éticas fundamentais, plasmadas pelo narrador no momento em que ele se põe a narrar.</p> | <p>Questão ética: os personagens que apareciam ali, não tinham ciência prévia do ia ser colocado, portanto, uma fofoca negativa, claramente poderia interferir na imagem de determinado artista</p> <p>Moral da estória: Mesmo sendo construída em muitas partes, a narrativa principal que circunda todas as seções fixas é: a revista valoriza o bom, aquele que faz sucesso, cuja música está em alta e acusa o mal, aquele que contradiz os bons costumes e valores conservadores, canta mal, entre outros.</p> |

O entendimento e análise iniciais das “instâncias narrativas” elencadas por Motta (2013) auxiliarão, a seguir, principalmente, para melhor compreensão dos movimentos e categorias

narrativas. Temos como principal objetivo compreender como, através de suas seções fixas, a revista “Intervalo” narrou o Festival de MPB de 1967, e assim entender as estratégias de construção da narrativa utilizadas durante a cobertura jornalística feita pelo semanário. Motta (2013) elenca sete movimentos que permitem um estudo das narrativas de forma empírica.

Tabela 2: Explicação, exemplificação e análises dos movimentos elencados por Motta (2013).

| Os movimentos elencados por Motta | Categoria Narrativa | Efeitos de sentido | Nas seções fixas da revista “Intervalo” |
|--|----------------------------------|--|--|
| 1º movimento: Compreender a intriga como síntese heterogênea | Enredo | Uma estória só pode ter seus desdobramentos analisados quando se conhece o enredo integral pelo qual ela se estrutura | Conforme identificado na tabela anterior, a revista se preocupou em apresentar, através de pequenas reportagens, mas principalmente através das seções fixas as eliminatórias do festival, músicas selecionadas, cobertura do dia da competição e desfechos sobre os cantores. |
| | Pontos de ataque | Ações que podem modificar a estória. São momentos chave que podem ser absorvidos ou não pelo analista | Em diversos momentos como aconteceu seção de carta dos leitores e também na seção “Confidencial”, a aparição de um possível vilão: Sérgio Ricardo e seu violão voador |
| 2º movimento: Compreender a lógica do paradigma narrativo | Projeto dramático | Deixa claras no enredo as estratégias e intenções do narrador, conferindo dentro da narrativa objetos carregados de outras significações | - Fofocas sobre o júri e sobre os conflitos protagonizados por alguns cantores - Episódio de Sérgio Ricardo - Desfecho: o final feliz e a moral da estória |
| | Dêiticos espaço-temporais | Avaliação da precisão de datas e tempos. Pode ser considerada uma estratégia argumentativa do narrador | A revista era semanal e, portanto, tinha a precisão das datas e do local onde aconteceu o festival (Teatro Paramount) |
| 3º movimento: Deixar surgirem novos personagens | Script | Representação dramática de nossas vidas. É o acúmulo de memórias, vivências e influências | Quando se fala algo com propriedade: isso fica mais evidente na seção “O que eles disseram” |
| 4º movimento: | | Reconstituição das situações colocadas em | A revista, de maneira estratégica, elencou frames do festival para serem noticiados |

| | | | |
|---|--|--|--|
| Permitir ao conflito dramático se revelar | Frame | determinadas narrativas. Os “frames” são os momentos em que o narrador se coloca dentro da estória. | durante a cobertura e reconstituiu determinados acontecimentos de acordo com essa seleção |
| 5º movimento: Personagem: metamorfose da pessoa à persona | A centralidade do personagem | As personagens criam dentro de suas narrativas conflitos, enredos, bandidos e mocinhos para preencher de significados a versão da própria história. | A revista elencou personagens para contar a sua versão da história do festival e eles aparecem nas diferentes seções fixas de acordo com a estratégia narrativa. |
| 6º movimento: As estratégias argumentativas | Representação da realidade ou efeitos de real | As narrativas realistas tencionam ser verdadeiras reivindicando uma fidelidade ao real e prezando pelo racional. | Utilização de depoimentos e falas dos cantores e jurados do festival. |
| | Estratégias de produção de efeitos estéticos | Dão às narrativas características que as tornam de natureza dramática e retórica tão rica quanto a arte | Diagramação das seções fixas: possuem logo próprio, eram destacadas através de um título ou arte gráfica. |
| 7º movimento: Permitir o afloramento das metanarrativas | Princípios éticos | Toda narrativa, fictícia, jornalística ou fática se constrói “contra um fundo ético e moral”, ou seja, toda narrativa é baseada em um pano de fundo seguindo a ordem ética e moral | Questões – sociais, políticas e culturais – anteriores à narrativa do festival que fizeram com que houvesse uma seleção do que seria noticiado |
| | Moral da história | Toda narrativa está amparada por questões culturais e ideológicas que inspiram nossas histórias. | A vitória de Edu Lobo e Marília Medalha mostra ainda a tradição vencendo a inovação. Sensação de premiar aqueles que condizem com os aspectos conservadores. |

5. Considerações Finais

É preciso ressaltar que a narrativa construída pela revista “Intervalo” estava amparada em técnicas da indústria do entretenimento da época, desde a criação de suspense através das fofocas, passando pelo aguçamento da curiosidade de seus leitores, através de pequenas notas, que só depois virariam reportagens, até a construção e supervalorização de alguns personagens. Além disso, o semanário conseguiu elaborar conflitos e dramatizar algumas situações, que construíram e fortaleceram o aspecto de narratividade da estória contada.

Após o entendimento do contexto histórico, social, político e cultural em que a revista “Intervalo” estava inserida, algumas reportagens e questões passaram a fazer mais sentido. Por exemplo, de acordo com Motta (2013), as narrativas jornalísticas têm como objetivo causar a ruptura de algum conceito presente no imaginário de seu leitor que está, aparentemente, estável. Trazer, em suas seções fixas, informações sobre “Os Mutantes”, os “Beat Boys” – que fugiam ao conceito da “pura MPB” – e, até mesmo, sobre Sérgio Ricardo, são tentativas de quebrar alguns destes conceitos ancorados em fundos morais pré-determinados e propor questões que avancem no verdadeiro conflito da estória.

Ao longo da análise pudemos observar que a narrativa construída pelo semanário dialogou de maneira muito direta com o que foi transmitido pela TV. Houve uma tentativa de trazer para as páginas da revista toda dramaticidade, personagens e, por que não, as imagens que foram televisionadas, em forma de fotografias. Mantendo seu posicionamento de entretenimento, a revista não menciona, em suas reportagens, a existência de uma ditadura militar e, em nenhum momento, é feita menção à repressão, aos cantores que foram desclassificados pelos censores, que avaliavam as músicas passando a impressão de que se vivia em plena democracia.

Deve-se ressaltar aqui, como a História Oral forneceu ferramentas importantes, para reconstrução desse período, detalhes que não estão em documentos escritos e também, como a Análise Crítica da Narrativa ajudou a compreender os mecanismos ocultos do texto, que nos revelou as estratégias narrativas, que passavam como naturais, mas, que na verdade, foram construídas. A originalidade da cobertura realizada pela revista “Intervalo”, que não somente fez uma grande cobertura jornalística de um evento midiático, mas também inovou na forma de se construir narrativamente histórias nas revistas brasileiras daquele período. Esta inovação passou pela criação de conflitos e o aproveitamento massivo de seções fixas, que deram voz à visão crítica da revista – “Bola Branca, Bola Preta” –, aos leitores – “Intervalo para conversa” – e aos artistas – “O que eles disseram”. É importante lembrar que a predominância do público leitor da revista era feminina e isso também ditou a forma de como escrevia sobre os cantores e artistas que participaram do Festival, mas também de como, em alguns momentos, utilizou-se das fórmulas melodramáticas para prender a atenção de suas leitoras.

6. Referências bibliográficas

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil 1800-1900**. Rio de Janeiro: Maud X, 2010.

BERGAMO, Alexandre. A reconfiguração do público. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. *História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, Laís de. **Depoimento**. Entrevistadora: Talita Souza Magnolo. São Paulo. 13 de maio de 2017.

CORNAVACA, Adalberto. **Depoimento**. Entrevistadora: Talita Souza Magnolo. Vinhedo, São Paulo. 11 de maio de 2017.

CORRÊA, Thomaz Souto. **Depoimento**. Entrevistadora: Talita Souza Magnolo. São Paulo. 23 de fevereiro de 2017.

FIGUEROLA, Jaime. **Depoimento**. Entrevistadora: Talita Souza Magnolo. São Paulo. 10 de maio de 2017.

MESSINA, Ágata. **Depoimento**. Entrevistadora: Talita Souza Magnolo. Rio de Janeiro. 16 de março de 2017.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Editora UnB. Brasília, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. **Seguindo a canção – engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969)**. São Paulo: Editora Annablume. 2001.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – História Oral**. Editora Paz e Terra: São Paulo, 1992.

Notas

¹Em 2018, defendi, na Universidade Federal de Juiz de Fora, a minha dissertação de mestrado cujo título é “A construção narrativa do Festival de MPB de 1967 nas páginas da revista “Intervalo””. Este foi o primeiro trabalho que trouxe a recuperação da história do semanário através de entrevistas com ex-funcionários da editora Abril. Além disso, já produzi alguns artigos que falam sobre a revista “Intervalo”, que foram publicados em congressos nacionais e internacionais. O trabalho mais recente sobre a revista, intitulado “A cobertura do III Festival de MPB pela revista Intervalo: a ruptura musical e a liberdade de expressão” foi apresentado em fevereiro deste ano, na Tulane University, em Nova Orleans.

²A revista tinha 19 centímetros de altura por 14,5 centímetros de largura.

³ A disseminação da programação televisiva de todas as emissoras de TV do país foi um avanço muito importante, porque naquela época ainda não existiam as redes de televisão igual temos atualmente. Cada região transmitia programas diferentes em horários diferentes. De acordo com Laís de Castro (2017), na época em que não existia o VT, era mais difícil ainda porque “eles transmitiam aqui em São Paulo, depois viajavam, iam gravar lá no Rio o mesmo programa, com as mesmas pessoas.”. Uma vez que surge o VT, essa lógica ficou um pouco mais fácil, mesmo assim, os programas eram transmitidos em horários diferentes. A proposta da “Intervalo” era cobrir todo o território nacional e informar todas as regiões sobre suas programações

⁴ A revista tinha 18,5 centímetros de altura por 14 centímetros de largura.

⁵ O uso de caixa alta, negrito e sublinhados durante as citações de parte das matérias e outros textos da revista “Intervalo” respeitarão a diagramação original, pois entendemos que o uso de destaque em algumas frases ou palavras tem como objetivo chamar a atenção do leitor.

⁶ No formato menor, o preço variava entre NCr\$ 0,35 e NCr\$ 0,40. Quando cresce de tamanho, ela passa a ser vendida entre NCr\$ 1,00 e NCr\$ 1,20 e, por fim, quando muda para “Intervalo 2000”, ela é vendida por Cr\$ 2,00

⁷A princípio não achávamos que a revista teria um público que não tivesse o aparelho de TV em casa, porém, ao longo das entrevistas, pudemos observar a questão dos “televizinhos”, ou seja, normalmente, as pessoas de poder aquisitivo baixo assistiam nas casas de vizinhos ou parentes.

⁸ Em 1950, havia apenas 2 aparelhos televisores, em 1955, esse número vai para 170. Nos anos 1960 houve um crescimento nesta quantidade, atingindo 760 e depois, em 1965, 2.202 aparelhos. Na década de 1970, o número duplica, chegando à impressionante marca de 4.931 televisores. Para saber mais, ver José Mário Ortiz Ramos e Silvia Helena Simões Borelli em “A telenovela diária”, em Renato Ortiz, Silvia Helena Simões Borelli e José Mario Ortiz Ramos: “Telenovela: história e produção”, São Paulo, Brasiliense, 1989, p.55

⁹ Os exemplos das seções fixas, apresentados nesta pesquisa são da edição 252 (novembro de 1967).

¹⁰ Para saber mais: MAGNOLO, Talita Souza; PERNISA, Carlos Júnior. **A construção de uma narrativa a partir do Festival de Música da TV Record em 1967**. In: ALCAR SUDESTE, 2016, Niterói. **Anais eletrônicos**: <http://www.historiadamidiasudeste.com/anais.html>, Niterói: UFF, 2016.

Breve biografia

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora e membro do grupo de pesquisa (CNPQ) “Comunicação, Cidade e Memória.

E-mail: talita.magnolo@yahoo.com.br.

